



LISA KLEYPAS

Uma família explosiva.
Uma atração condenada.
Um sedutor...

Implacável

ASA



Ficha Técnica

Título: IMPLACÁVEL

Título original: COLD-HEARTED RAKE

Autor: Lisa Kleypas

Tradução: Ana Álvares

Revisão: Catarina Sacramento

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da capa: Ilona Wellmann/Trevillion Images

Fotografia da autora: Danielle Barnum Photography

ISBN: 9789892343853

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Lisa Kleypas

© 2019, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leva.com

www.leva.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

A Carrie Feron, a minha maravilhosa e talentosa editora:

Obrigada por tornares os meus sonhos realidade!

Com amor,

L.K.

LISA KLEYPAS

IMPLACÁVEL

*Naquele silêncio eletrizante, nervo a nervo,
o autocontrole de Devon começou a fraquejar.*

Sem se aperceber, inclinara-se lentamente na direção de Kathleen até ela se ver obrigada a inclinar-se contra a secretária e a agarrar-se aos braços dele para manter o equilíbrio. Devon esperava que ela protestasse.

Mas ela limitava-se a contemplá-lo como se estivesse hipnotizada, com a respiração entrecortada. As mãos dela começaram a hesitar nos seus braços. Sentia o assombro dela, a força da relutante atração que sentia por ele.

Vagamente consciente de que esgotava a sua réstia de autocontrole, obrigou-se a endireitar-se e levantar as mãos da secretária. Fez menção de se afastar, mas Kathleen, ainda agarrada aos seus braços e de olhar algo perdido, acompanhou-o. Deus... Seria assim, então? O corpo dela a seguir o seu sem esforço, enquanto ele a erguia e preenchia...

Cada batida do seu coração o aproximava mais dela.

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra

Agosto de 1875

— **Q**ue diabo! Tenho de ficar com a vida arruinada só porque um primo de quem nunca gostei caiu de um cavalo? — disparou Devon Ravenel com ar sombrio.

— O Theo não caiu — replicou Weston, o irmão mais novo. — Foi atirado do cavalo.

— É óbvio que o animal o considerava tão insuportável quanto eu.

Devon começou a percorrer a sala de visitas em passos breves e inquietos.

— Eu próprio lhe trataria da saúde, se ele não o tivesse feito por mim.

West dirigiu-lhe um olhar divertido e exasperado.

— Como podes queixar-te, quando acabas de herdar um condado que inclui uma propriedade no Hampshire, terras em Norfolk, uma casa em Londres...

— Tudo em morgadio. Perdoa a minha falta de entusiasmo por terra e propriedades que nunca serão minhas e que não posso vender.

— Poderás desfazer o morgadio, dependendo de como foi instituído. Se assim for, será possível vender tudo e arrumar o assunto.

— Assim queira Deus.

Devon fitou com repulsa uma mancha de bolor alojada a um canto.

— Não se pode esperar que viva num sítio destes. Está num estado deplorável.

Era a primeira vez que um e outro pisavam Eversby Priory, solar ancestral que fora construído sobre as ruínas de uma residência e uma igreja monásticas. Até àquele momento, Devon e West tinham visto apenas aquela

sala e o vestíbulo, os dois compartimentos que mais deveriam impressionar as visitas. Os tapetes estavam puídos, a mobília gasta e os ornamentos de gesso das paredes vacilantes e rachados, o que não augurava nada de bom quanto ao estado do resto da casa.

– É necessário remodelá-la – admitiu West.

– É necessário demoli-la.

– Não está assim tão mal...

West parou subitamente, com um grito, ao sentir um pé afundar-se no tapete. Deu um salto para trás e observou o ligeiro desnível.

– Que diabo...?

Devon baixou-se e levantou o canto do tapete, revelando um buraco carcomido no chão. Abanando a cabeça, voltou a pousá-lo e aproximou-se de uma janela composta por vidraças em forma de diamante. O chumbo que as unia estava corroído e os encaixes e dobradiças cheios de ferrugem.

– Porque não fazem as reparações necessárias? – perguntou West.

– Falta de dinheiro, evidentemente.

– Como é possível? A propriedade possui quase oito mil hectares. Com tantos rendeiros, as produções anuais...

– A exploração agrícola deixou de ser rentável.

– No Hampshire?

Devon dirigiu-lhe um olhar sombrio e olhou pela janela.

– Em todo o lado.

Observou a paisagem do Hampshire, verde e bucólica, dividida por sebes perfeitas, de um verde carregado, agora em flor. Para lá dos alegres ninhos de casas rústicas, das vastas e férteis extensões de rocha calcária e das ancestrais florestas, porém, procedia-se ao assentamento de milhares de quilómetros de linhas férreas, abrindo alas à ofensiva de máquinas locomotivas e vagões. Por toda a Inglaterra, despontavam fábricas e povoações de operários como flores na primavera. Industriais. A pouca sorte de Devon ditara a herança daquele título exatamente quando a maré industrial começava a varrer as tradições aristocráticas e a instituir novos modos de vida.

– Como é que sabes? – inquiriu o irmão.

– *Toda a gente* sabe, West. Os preços dos cereais caíram a pique. Quando

foi a última vez que leste o *Times*? Tens prestado alguma atenção às conversas que circulam no clube e nas tabernas?

– Não, quando tratam de agricultura – foi a réplica obstinada de West, que se sentou pesadamente, esfregando as têmporas. – Não gosto disto. Julgava que tínhamos combinado não falar seriamente sobre coisa nenhuma.

– Estou a tentar. Mas a morte e a pobreza têm o condão de tirar a ligeireza às coisas. – Encostando a testa ao vidro, Devon retomou com ar taciturno: – Sempre vivi uma vida confortável sem despendir um único dia de trabalho honesto. Agora tenho *responsabilidades* – pronunciou a última palavra como se fosse um palavrão.

– Eu ajudo-te a pensar em formas de as evitar.

West enfiou a mão num dos bolsos interiores do casaco e retirou uma garrafa prateada. Abriu-a e bebeu um longo trago.

Devon arqueou as sobrancelhas.

– Não é um pouco cedo para isso? Ao meio-dia estás de rastos.

– Sim, mas só se começar a beber agora – confirmou West, dando um novo trago.

O hábito da autoindulgência, cogitou Devon com preocupação, estava a ganhar terreno junto do irmão mais novo. West era um homem alto e bem-parecido de vinte e quatro anos, dono de uma inteligência sagaz cuja utilização limitava ao máximo. No último ano, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas fortes conferira um tom rosado ao seu rosto e arredondara-lhe as linhas do pescoço e da cintura. Embora Devon fizesse questão de jamais se imiscuir na vida dele, perguntou-se se deveria mencionar aquela falta de moderação. Não. West dispensaria a advertência não solicitada.

Depois de devolver a pequena garrafa ao bolso interior, West juntou as mãos em torre e fitou o irmão.

– Tens de obter capital e de gerar um herdeiro. Uma esposa rica solucionaria ambos os problemas.

Devon empalideceu.

– Sabes que nunca me casarei.

Conhecia as suas limitações: não estava destinado ao papel de marido ou de pai. Pensar em repetir a fantochada da sua infância, só que, desta feita, reclamando para si o papel de progenitor indiferente e cruel, deixava-o com os cabelos em pé.

- Quando eu morrer – prosseguiu –, serás tu o meu sucessor.
- Acreditas verdadeiramente que viverei mais tempo do que tu? – devolveu West. – Com todos os meus vícios?
- Tenho tantos como tu.
- Certo. Mas eu sou mais entusiasta.

Devon não conseguiu conter uma gargalhada irónica.

Ninguém poderia ter previsto que os dois irmãos, oriundos de um ramo afastado da família Ravenel, seriam os últimos de uma linhagem que remontava à conquista normanda. Por infelicidade, os Ravenel sempre tinham sido demasiado arrebatados e impulsivos. Cediam a todas as tentações, entregavam-se a todos os pecados e desdenhavam todas as virtudes, o que, por regra, conduzia a uma morte prematura e carente de descendência.

Naquele momento, restavam apenas eles os dois.

Embora Devon e West tivessem bom berço, não faziam parte da aristocracia, esse mundo tão restrito em que as camadas mais elevadas se revelavam impenetráveis até para grande parte da nobreza. Devon pouco conhecia das complexas regras e rituais que distinguiam os aristocratas dos homens comuns. Tinha perfeita consciência, porém, de que Eversby não representava uma fortuna inesperada mas sim uma armadilha. O rendimento que proporcionava deixara de ser suficiente para a manter. Devoraria o seu modesto rendimento anual, iria esmagá-lo e, por fim, acabaria com o irmão.

– Que os Ravenel encontrem o seu fim – declarou Devon. – Somos más reses e sempre fomos assim. Quem irá importar-se com o fim do condado?

– Os criados e rendeiros poderão não gostar de perder as casas e a fonte de rendimento – replicou secamente West.

– Que vão para o inferno. Digo-te já o que temos a fazer. Primeiro, digo à viúva e às irmãs para fazerem as malas; não tenho serventia para elas.

– Devon... – interpelou o irmão com voz desajustada.

– Depois, encontro uma forma de desfazer o morgadio, divido a propriedade e vendo-a por lotes. Se tal não for possível, despojo a casa de todos os valores, desmantelo-a e vendo a pedra...

– *Devon* – insistiu o irmão, indicando um vulto pequeno e esguio de mulher, com o rosto coberto por um véu negro, parado na porta aberta.

A viúva de Theo.

Tratava-se da filha de Lord Carbery, par do reino irlandês, dono de uma coudelaria localizada em Glengarrif. Casara-se com Theo uns míseros três dias antes da morte deste. Uma tal tragédia, ocorrida no encalço de um acontecimento por norma feliz, devia ter sido um choque cruel. Como um dos últimos elementos de uma família cada vez mais reduzida, Devon concluía que seria oportuno enviar-lhe uma carta de condolências. Mas, por qualquer motivo, o pensamento não se convertera em ação, limitando-se a permanecer na sua mente como uma contrariedade irrelevante.

Talvez tivesse tido a iniciativa de apresentar as suas condolências, se não desprezasse tanto o primo. A vida favorecera Theo de tantas maneiras, atribuindo-lhe riqueza, privilégios e atrativos, mas, em vez de agradecer a sua boa sorte, este mostrara-se sempre presunçoso e altivo. Um tiranete. Uma vez que Devon não era homem de ignorar insultos ou provocações, sempre que estavam juntos, acabava por se guerrear com o primo. Declarar que sentia pena de não voltar a vê-lo seria uma falsidade completa.

Quanto à viúva, não havia porque ter dó dela. Era jovem, não tinha filhos e usufruía dos bens dotais assegurados pelo falecido marido, o que lhe propiciaria um novo casamento. Embora a sua beleza fosse louvada, era impossível constató-la, pois um véu pesado e negro ocultava-a numa cortina de luto. Uma coisa era certa: após o que acabava de ouvir, desprezá-lo-ia com certeza.

Devon não queria saber.

À vénia de Devon e West, a viúva respondeu com uma cortesia meramente formal.

– Seja bem-vindo, senhor. Assim como Mr. Ravenel. Apresentarei o inventário da casa assim que possível, para poderem efetuar um saque organizado. – A sua voz era refinada e as sílabas sincopadas gélidas de aversão.

Devon observou atentamente a entrada dela na sala. Tinha uma silhueta demasiado esguia para o seu gosto, um pau de virar tripas, por baixo das pesadas roupas de luto. Havia, contudo, algo de fascinante nos seus movimentos controlados, uma volubilidade subtil contida naquele comedimento.

– As minhas condolências pela sua perda – disse ele.

– As minhas felicitações pelo seu ganho.

Devon franziu o sobrolho.

– Garanto-lhe que nunca cobicei o título do seu marido.

– É verdade – disse West. – Desde que saímos de Londres que não para de se queixar.

Devon fulminou o irmão com o olhar.

– Sims, o mordomo, está à disposição para lhes mostrar a casa e os jardins quando for conveniente – comentou a viúva. – Visto que, tal como declarou, não tenho qualquer utilidade, irei retirar-me para os meus aposentos e começar a fazer as malas.

– Lady Trenear – interrompeu Devon em tom decidido –, não começámos da melhor forma. Peço desculpa se a ofendi.

– Não se dê ao trabalho, senhor. Não esperava de si outro tipo de comentário. – Prosseguiu sem dar a Devon a oportunidade de intervir: – Posso perguntar quanto tempo tencionam ficar em Eversby Priory?

– Duas noites, prevejo. Hoje ao jantar, talvez possamos falar sobre...

– Receio que eu e as minhas cunhadas não possamos jantar convosco. A dor ainda nos consome e não nos será possível estar presentes.

– Condessa...

Ignorando-o, a mulher abandonou a sala sem mais palavras. Sem lhe apresentar sequer uma cortesia.

Perplexo e indignado, Devon ficou a olhar para a porta aberta com olhos semicerrados. As mulheres jamais o tratavam com semelhante desdém. Sentiu-se começar a ferver, ameaçando perder as estribeiras. Que diabo! Como é que a mulher o responsabilizava pela situação, quando ele não tivera qualquer voto na matéria?

– O que é que eu fiz para merecer aquilo? – inquiriu.

– Além de afirmar que ias expulsá-la e destruir-lhe a casa? – replicou West com um esgar.

– Eu desculpei-me!

– Nunca te desculpes com uma mulher. Estarás apenas a confirmar o teu erro, o que as exalta ainda mais.

Devon não se permitiria tolerar a insolência da condessa que, além do mais, tinha o dever de lhe oferecer o seu auxílio e não de lhe atirar culpas à cara. Viúva ou não, estava prestes a aprender uma lição mais do que necessária.

– Vou falar com ela – anunciou com ar sombrio.

Pousando as pernas sobre o estofado do sofá, West esticou-se e colocou uma almofada por baixo da cabeça.

– Acorda-me quando tiveres terminado.

Devon saiu da sala de visitas no encalço da viúva com passadas compridas e ágeis. Ela já ia ao fundo do corredor, o vestido e o véu enfunados como velas de um barco pirata a toda a velocidade.

– Espere – chamou bruscamente. – Não estava a falar a sério.

– Ai isso é que estava – reagiu ela, parando e voltando-se para o encarar. – Pretende destruir esta casa, que é também o legado da sua família, por puro egoísmo.

Devon deteve-se à frente dela, com os punhos cerrados.

– Ouça lá – disse, friamente –, a minha vida tem sido administrar um apartamento, uma cozinheira, um criado pessoal e um cavalo. E agora querem que me torne responsável de uma propriedade com mais de duzentos rendeiros, que, além do mais, está condenada à extinção. Julgo que isto merece alguma consideração. Para não dizer compaixão.

– Pobrezinho. Como deve ser inconveniente e extenuante ter de pensar nas necessidades de outras pessoas.

Com esta delicadeza, fez menção de partir. Contudo, detivera-se junto de um nicho arredondado, na parede, destinado à exibição de estatuária ou peças de arte em pedestais.

Estava encurralada. Com lentidão, Devon apoiou uma mão de cada lado do nicho, impossibilitando-lhe a saída. Ouviu-a sustar a respiração e, embora não se orgulhasse disso, agradava-lhe tê-la enervado.

– Deixe-me passar – disse ela.

Ele não se mexeu, mantendo-a prisioneira.

– Primeiro diga-me o seu nome.

– Porquê? Jamais lhe daria permissão para o utilizar.

Exasperado, Devon observou o vulto tapado.

– Já lhe ocorreu que a cooperação nos será mais proveitosa do que a hostilidade?

– Acabo de perder o meu marido e a minha casa. O que poderei ter a

ganhar, senhor?

– Talvez deva descobri-lo antes de decidir fazer de mim um inimigo.

– Já antes de pisar esta casa era o inimigo.

Devon esforçou-se para lhe distinguir o rosto através do véu.

– Tem de usar esse maldito pano na cabeça? É como conversar com um abajur.

– Chama-se véu de luto e, sim, devo usá-lo na presença de visitas.

– Não sou nenhuma visita. Sou seu primo.

– Por afinidade.

Contemplando-a, Devon reparou que começava a acalmar-se. Como era pequena... Frágil e rápida com uma andorinha encurralada. Suavizou o tom de voz.

– Vá, não seja teimosa. Não é necessário tapar o rosto na minha presença, a não ser que esteja literalmente a chorar e, nesse caso, serei eu a insistir para que se resguarde. Não suporto ver uma mulher a chorar...

– Porque, no fundo, é um coração de manteiga? – sibilou ela em tom sarcástico.

Ocorreu, dolorosamente, a Devon uma memória distante, que há anos não se permitia recordar. Tentou ignorá-la, mas a sua mente persistia teimosamente em reter uma imagem de si próprio, um rapazinho de cinco ou seis anos, sentado junto à porta fechada do quarto de vestir da mãe, agitado pelos sons de lágrimas que ouvia do outro lado. Não sabia o que a fizera chorar, mas adivinhava que fosse uma aventura desditosa, à semelhança de tantas outras. A mãe fora uma mulher de reputada beleza à qual uma única noite bastava para entregar o seu coração ou o ver partido, o que acontecia com alguma frequência. O pai, esgotado pelos caprichos dela e impelido pelos seus próprios demónios, raramente estava em casa. Devon recordava a sufocante sensação de impotência de a ouvir soluçar sem ter como a alcançar. Resignara-se a passar-lhe lenços por baixo da porta, implorando-lhe incansavelmente que a abrisse, que lhe dissesse o que se passava.

Dev, és um querido, dissera a mãe fungando. Como qualquer rapazinho. Mas depois cresceis e tornais-vos egoístas e cruéis. Nascestes para partir o coração às mulheres.

Eu não, mamã, gritara ele, alarmado. Prometo que não.

Em resposta ouvira um soluço descrente, como se tivesse dito uma tolice.

Claro que sim, amorzinho. Sem qualquer esforço.

A cena repetira-se noutras ocasiões, mas era aquela que Devon recordava mais vividamente.

O tempo dera razão à mãe. Ou, pelo menos, era frequente acusarem-no de partir corações. Ele, porém, comunicava sempre que não tinha qualquer intenção de se casar. Nem mesmo quando se apaixonava fazia semelhante promessa. Não via razão para isso, pois promessas levava-as o vento. Tendo vivido a dor que as pessoas, mesmo apaixonadas, eram capazes de se infligir mutuamente, não tinha o menor desejo de fazer aquilo a ninguém.

Voltou a concentrar-se na mulher que tinha à sua frente.

– Não sou nenhum coração de manteiga – disse, respondendo à interrogação dela. – Na minha opinião, as lágrimas de uma mulher são manipuladoras ou, pior ainda, nada cativantes.

– Você é o homem mais desprezível que já conheci – declarou ela com convicção.

Devon achou graça à sua forma de pronunciar cada palavra, como se as disparasse de um arco.

– Quantos homens conheceu?

– Suficientes para reconhecer um homem perverso quando o vejo.

– Duvido que consiga ver grande coisa com esse véu – provocou, esticando a mão para tocar na musselina negra. – Não o usa por gosto, seguramente.

– Por sinal, até uso.

– Porque lhe oculta o rosto quando chora – disse Devon, mais como uma afirmação do que uma pergunta.

– Eu nunca choro.

Perplexo, Devon perguntou-se se teria ouvido corretamente.

– Quer dizer, desde o acidente do seu marido?

– Nem mesmo nessa altura.

Que tipo de mulher faria semelhante afirmação, mesmo que fosse verdade? Devon agarrou na ponta do véu e começou a levantá-lo.

– Não se afaste – ordenou, afastando o tecido crepe por cima do adorno que

o segurava. – Não, esteja quieta. Vamos olhar um para o outro e tentar manter uma conversa civilizada. Valha-me Deus, tem pano suficiente para equipar um navio mercante...

Devon fez silêncio quando o rosto ficou a descoberto, cravando o olhar em olhos cor de âmbar que se afunilavam nos cantos como os de um felino. Susteve a respiração, momentaneamente incapaz de qualquer pensamento, enquanto todo o seu ser tentava absorver a imagem dela.

Nunca vira nada igual.

Era mais jovem do que esperara, tinha a tez clara e um cabelo acobreado que os ganchos não pareciam ser capazes de domar. As maçãs do rosto amplas e elevadas e o maxilar fino conferiam-lhe uma triangularidade felina e singular. Tinha os lábios tão carnudos que, mesmo quando os apertava com força, como fazia naquele momento, continuavam cheios. Embora não fosse convencionalmente bela, era tão original que a questão da beleza nem sequer se colocava.

O vestido de luto era elegante e cingia-lhe o corpo desde o pescoço às ancas, multiplicando-se, então, numa série de pregas complexas. Um homem só podia adivinhar que corpo de mulher se esconderia por baixo de todas aquelas intrincadas costuras e folhos. Até as mãos e os pulsos dela se encontravam tapados por luvas negras. Além do rosto, só se via um pouco do pescoço, no ponto em que a gola alta se abria. Notava-se o movimento vulnerável da garganta, naquele sítio tão privado e tão macio, ao qual bastaria um homem encostar os lábios para sentir o ritmo do seu coração.

Quis começar por ali, por lhe beijar o pescoço, enquanto a despia de todos aqueles envoltórios, até a ouvir arquejar, movendo-se, inquieta, debaixo de si. Se ela fosse outra mulher e aquele encontro tivesse ocorrido em quaisquer outras circunstâncias, Devon tê-la-ia seduzido sem hesitar. Constatando que de nada serviria continuar ali especado, procurou, entre os seus lascivos e confusos pensamentos, que lhe ocorresse algo convencional, algo coerente para comentar.

Para sua surpresa, foi ela quem quebrou o silêncio.

– Chamo-me Kathleen.

Um nome irlandês.

– Porque não tem sotaque?

– Mandaram-me em criança para Inglaterra, para viver com amigos da família, em Leominster.

– Porquê?

Uma ruga alojou-se entre as sobrancelhas perfeitas da jovem.

– Os meus pais estavam sempre muito ocupados com os cavalos. Passavam vários meses no Egito, todos os anos, dedicados à compra de puros-sangues árabes para a coudelaria. Eu era... um estorvo. Lord e Lady Berwick, amigos dos meus pais, também criadores de cavalos, ofereceram-se para ficar comigo e me criar com as duas filhas.

– Os seus pais ainda vivem na Irlanda?

– A minha mãe faleceu, mas o meu pai continua lá.

A jovem ficou de olhar distante, com os pensamentos noutra lugar.

– Mandou-me o *Asad* como presente de casamento.

– *Asad* – repetiu Devon, confuso.

Kathleen, que voltara a olhar para ele, pareceu ficar perturbada e completamente pálida.

Foi então que Devon compreendeu.

– O cavalo que derrubou o Theo – devolveu suavemente.

– Não foi culpa do *Asad*. Estava tão mal treinado que o meu pai voltou a comprá-lo ao homem que lho adquirira inicialmente.

– Porque é que lhe ofereceu um cavalo difícil?

– Lord Berwick costumava deixar-me ajudá-lo a desbastar os potros.

Devon observou demoradamente o corpo delicado da jovem.

– É pequena como uma andorinha.

– Não é com força bruta que se doma um cavalo árabe. São uma raça sensível. Necessitam de discernimento e de perícia.

Duas coisas que Theo não tinha em abundância. Que estupidez arriscar assim a vida, além de um animal valioso.

– Foi para se divertir? – perguntou Devon, incapaz de se conter. – Estava a tentar exhibir-se?

Uma emoção dilacerante faiscou naqueles olhos luminosos, mas rapidamente se viu extinta.

– Estava obcecado. Não foi possível dissuadi-lo.

Um Ravenel no seu melhor.

Se alguém ousasse contradizer Theo ou recusar-lhe alguma coisa, desencadeava uma explosão de fúria. Porventura Kathleen julgara-se capaz de o controlar, ou que o tempo se encarregaria de lhe suavizar o temperamento. Mas não tinha como saber que o génio de um Ravenel se sobrepõe ao próprio instinto de autopreservação. Devon gostaria de poder considerar-se superior a este fenómeno, mas sucumbira-lhe já mais do que uma vez no passado, vendo-se atirado para um abismo vulcânico de fúria incandescente. A sensação era, invariavelmente, gloriosa, até ter de enfrentar as consequências.

Kathleen cruzou os braços sobre o peito com força, agarrando os cotovelos com as mãos pequenas.

– Há pessoas que dizem que devia abater o *Asad* por causa do acidente. Mas seria cruel e injusto puni-lo por algo que não foi sua culpa.

– Colocou a hipótese de o vender?

– Não o desejo. Mas, mesmo que o fizesse, teria de voltar a treiná-lo.

Devon duvidou do bom senso de permitir que Kathleen se aproximasse de um cavalo que acabara de matar o seu marido, mesmo inadvertidamente. Em todo o caso, ela dificilmente permaneceria em Eversby Priory tempo suficiente para fazer progressos com o cavalo árabe.

Aquela, porém, não seria a altura indicada para o fazer notar.

– Gostaria de visitar a propriedade – declarou Devon. – Acompanha-me?

Kathleen recuou ligeiramente, parecendo perturbada.

– Pedirei ao jardineiro-chefe que o acompanhe.

– Preferia que a Kathleen me acompanhasse. Fez uma pausa e perguntou, contundente: – Não tem medo de mim, pois não?

A jovem franziu as sobrancelhas.

– Claro que não.

– Então venha comigo.

Ignorando o braço que ele lhe estendia, Kathleen olhou-o com desconfiança.

– Convidamos o seu irmão?

– Está a dormir – devolveu ele, abanando a cabeça.

– A esta hora do dia? Está doente?

– Não. Tem os horários de um gato. Longas horas de sono interrompidas por breves períodos de cuidados pessoais.

Embora a expressão de Kathleen não denotasse qualquer alteração, Devon notou um sorriso quase impercetível a aflorar-lhe aos lábios.

– Vamos, então – murmurou ela, passando junto a ele para assumir a dianteira, descendo o corredor em passo enérgico, ao que ele a seguiu sem hesitar.

CAPÍTULO 2

Depois de passar apenas alguns minutos na companhia de Devon Ravenel, Kathleen não tinha a mínima dúvida de que todos os rumores comprometedores que ouvira acerca dele eram acertados. Era um valdevinos egoísta. Um libertino grosseiro e asqueroso.

Era atraente... tinha de o admitir. Embora não da mesma forma que Theo, que fora abençoado com os traços refinados e o cabelo dourado de um jovem apolo. Devon Ravenel era um homem moreno de expressão audaz e dissoluta, temperada por um cinismo que em tudo refletia os seus vinte e oito anos. Kathleen sentia um pequeno sobressalto sempre que deparava com os seus olhos, um azul intempestivo como um mar de inverno, as íris, magnéticas, orladas por uma linha quase negra. Estava bem barbeado, mas uma sombra que nem a lâmina mais afiada conseguiria eliminar cobria-lhe a metade inferior do rosto.

Parecia exatamente o tipo de homem sobre o qual Lady Berwick, que a criara, a advertira: *Vais encontrar homens que te cobiçarão, querida. Homens sem escrúpulos, que utilizam o seu carisma, mentiras e artes de conquistadores para arruinar jovens inocentes, obcecados com a sua própria satisfação. Quando te vires na presença de semelhantes patifes, foge sem hesitar.*

Mas como sei que um homem é um canalha?, perguntara Kathleen.

Pelo brilho maldoso do seu olhar e a facilidade com que emprega o seu encanto. A sua presença pode provocar sensações algo alarmantes. Um homem assim possui uma presença física particular... um certo «instinto animal», como costumava chamar-lhe a minha mãe. Compreendes, Kathleen?

Creio que sim, garantira ela, embora, na altura, não compreendesse.

Naquele momento, porém, sabia exatamente a que se referia Lady Berwick.

O homem que caminhava ao seu lado possuía «instinto animal» em abundância.

– Pelo que vi até agora, seria de longe mais sensato chegar um fósforo a este monte de madeira carcomida do que tentar fazer reparações.

Kathleen arregalou os olhos.

– Eversby Priory é histórica. Tem quatrocentos anos.

– A canalização também, suponho.

– A canalização é adequada – replicou ela, defensivamente.

Devon arqueou uma sobrancelha.

– O bastante para eu tomar um banho de duche?

– Um banho de duche não – admitiu Kathleen após um momento de hesitação.

– Um banho convencional, então? Perfeito. Em que espécie de moderno alguidar me deixarei demolhar esta noite? Numa selha enferrujada?

Para seu pesar, Kathleen sentiu os lábios estremecer com os inícios de um sorriso, que conseguiu dominar, respondendo com altiva dignidade:

– Numa banheira portátil.

– Não existem banheiras de ferro fundido nos quartos de banho?

– Não existem quartos de banho. A banheira será colocada no seu quarto de vestir e retirada depois de se banhar.

– Há água canalizada? Em algum sítio da casa?

– Na cozinha e nas cavalariças.

– Mas existem latrinas na mansão, com certeza.

Ela reagiu com um olhar de reprovação à escolha de um tema tão indelicado.

– Se não é demasiado delicada para treinar cavalos – assinalou ele –, que não são animais nada decorosos no desempenho das suas funções fisiológicas, será certamente capaz de me comunicar o número de latrinas existentes na propriedade.

Ela corou, obrigando-se a corresponder à pergunta.

– Nenhuma. Usamos penicos à noite e uma casa de banho exterior durante o dia.

Ele dirigiu-lhe um olhar de incredulidade, parecendo genuinamente indignado com tal informação.

– *Nenhuma?* Noutros tempos, esta foi umas das propriedades mais prósperas de Inglaterra. Por que raio é que nunca se instalou canalização apropriada?

– O Theo dizia que, segundo o pai, não havia razão para tal quando dispunham de tantos criados.

– Claro. E logo uma tarefa tão agradável, andar escada acima, escada abaixo com baldes pesadíssimos, cheios de água. Para não falar nos penicos. Como devem agradecer os criados, que ninguém os tenha privado de semelhante diversão.

– O seu sarcasmo é injustificado – declarou ela. – Não foi uma decisão minha.

Prosseguiram por um caminho serpenteante ladeado por teixos e pereiras ornamentais, sem que Devon se cansasse de escarnecer.

Um par de patifes, era a descrição que Theo fazia de Devon e do seu irmão mais novo. *Evitam os bons círculos, preferindo associar-se a gente sem valor*, dizia-lhe. *São clientes habituais das tavernas de East End e de casas de má fama. A educação que tiveram foi um desperdício. Na verdade, o Weston deixou Oxford prematuramente porque não queria lá permanecer sem o Devon.*

Kathleen concluía que, embora Theo não sentisse particular apreço por nenhum daqueles primos distantes, nutria uma aversão particular por Devon.

Que reviravolta do destino, ser esse mesmo homem a tomar o seu lugar!

– Porque se casou com o Theo? – perguntou Devon, surpreendendo-a. – Foi um casamento por amor?

Ela franziu ligeiramente o sobrolho.

– Preferia que falássemos de assuntos banais.

– Os assuntos banais são insuportavelmente entediantes.

– Seja como for, é esperado de um homem da sua posição que os domine.

– O Theo dominava? – reagiu ele, com malícia.

– Sim.

– Nunca o vi demonstrar tal habilidade – protestou Devon. Possivelmente

estava demasiado ocupado a evitar os golpes dele para reparar.

– Creio que é seguro dizer que você e o Theo não traziam ao de cima o que um e outro tinham de melhor.

– Não. Assemelhávamo-nos demasiado nos nossos defeitos. –Com uma entoação trocista, Devon acrescentou: – E, ao que tudo indica, não me assiste nenhuma das suas virtudes.

Kathleen permaneceu em silêncio, descansando o olhar na profusão de hidrângeas brancas, gerânios e penstemons de altas hastes. Antes do casamento, acreditara ter o conhecimento completo dos defeitos e virtudes de Theo. Durante os seis meses em que ele a cortejara, e dos esponsais, tinham ido juntos a bailes e festas e saído em passeios de carruagem e a cavalo. Theo mostrara-se sempre encantador. Embora amigos a tivessem avisado do temperamento infame dos Ravenel, ela estava demasiado enamorada para lhes dar ouvidos. Além do mais, os constrangimentos do noivado, como as visitas constantemente vigiadas e as saídas limitadas, tinham-lhe vedado o entendimento da verdadeira natureza de Theo. Foi demasiado tarde que Kathleen aceitou a um facto fundamental da existência: só vivendo ao lado de um homem é que o conhecemos verdadeiramente.

– Fale-me das irmãs dele – ouviu a voz de Devon. – São três, se bem me recordo. Todas solteiras?

– Sim, senhor.

A mais velha das Ravenel, Helen, tinha vinte e um anos. As gémeas, Cassandra e Pandora, tinham dezanove. Nem Theo nem o pai tinham acautelado as raparigas nos seus testamentos. Não era tarefa fácil para uma jovem de sangue azul desprovida de dote atrair um pretendente adequado. E o novo conde não tinha qualquer obrigação legal de atender às necessidades das jovens.

– Alguma das raparigas foi apresentada à sociedade?

Kathleen abanou a cabeça.

– Têm estado de luto mais ou menos constante há quatro anos. A mãe foi a primeira a falecer, depois o conde. Estava previsto debutarem este ano, mas agora...

A sua voz esmoreceu.

Devon deteve-se junto de um canteiro de flores, o que a obrigou a parar ao seu lado.

– Jovens de condição nobre sem rendimentos nem dotes – comentou –, a quem não é próprio trabalhar e tão pouco desposar um homem do povo. Depois de passarem anos isoladas no campo, provavelmente são do mais enfadonho que há.

– Não são nada enfadonhas! Na verdade...

Kathleen foi interrompida por um grito agudo.

– *Socorro!* Estou a ser atacada por animais ferozes! Tenham piedade, rafeiros selvagens! – Era uma voz jovem de mulher que evidenciava convincente aflição.

Reagindo imediatamente, Devon correu a toda a velocidade e entrou pelo portão aberto de um jardim murado. Uma rapariga de vestido preto revirava-se na relva delimitada por filas de flores enquanto dois *spaniels* tricolores saltavam para cima dela repetidamente. O jovem reduziu a velocidade quando os gritos se transformaram em frenéticas gargalhadas.

Ao seu lado, sem fôlego, Kathleen explicou:

– São as gémeas. Estão só a brincar.

– Com um raio! – murmurou Devon, estacando repentinamente. Uma nuvem de pó cobriu-lhe os pés.

– *Para trás*, canídeos escanzelados! – ordenou Cassandra com altivez de pirata, esquivando-se e defendendo-se com um ramo à laia de espada. – Caso contrário, corto-vos em dois e dou-vos de comer aos tubarões! – Com isto, partiu o ramo sobre o joelho com ar desafiador. – Busquem, seus trapalhões! – ordenou, atirando os dois pedaços para longe no relvado.

Os *spaniels* foram atrás dos paus latindo alegremente.

Erguendo-se sobre os cotovelos, Pandora, a rapariga que estava deitada no chão, estendeu uma mão sobre os olhos para olhar para os visitantes.

– Viva, marinheiros de água doce! – saudou, animada.

Nenhuma das raparigas trazia toucas nem luvas. Faltava o punho a uma das mangas de Pandora e um folho rasgado pendia languidamente da camisa de Cassandra.

– Meninas, onde estão os vossos véus? – perguntou Kathleen, com leve censura.

Pandora afastou uma madeixa de cabelo dos olhos.

– Transformei o meu numa rede de pesca e usámos o da Cassandra para

lavar bagas.

As graciosas gémeas estavam tão deslumbrantes, com a luz do sol a animar-lhes o cabelo despenteado, que não poderia ser mais acertado o batismo com nomes de deusas gregas. Havia algo indómito e alegremente feroz naquele desalinho de rostos corados.

Cassandra e Pandora estavam privadas da convivência mundana há demasiado tempo. Intimamente, Kathleen considerava uma pena que o afeto de Lord e Lady Trenear se tivesse concentrado quase exclusivamente em Theo, o único filho, cujo nascimento garantira a continuidade da família e do condado. Albergando a esperança de um segundo herdeiro, viram a chegada de três filhas indesejadas como igual número de catástrofes. Fora fácil para os progenitores desiludidos descuidar Helen, que era sossegada e obediente. Quanto às ingovernáveis gémeas, ficaram entregues a si próprias.

Kathleen aproximou-se de Pandora e ajudou-a a levantar-se, sacudindo diligentemente as folhas e a erva que se agarravam à saia da rapariga.

– Meu anjo, esta manhã recordei-vos que tínhamos visitas – retomou, procurando, sem sucesso, sacudir também um punhado de pelos. – Esperava que encontrassem uma ocupação sossegada. Como ler, por exemplo...

– Já lemos os livros todos da biblioteca – afirmou Pandora. – Três vezes.

Cassandra aproximou-se delas com os esganiçados *spaniels* no seu encalço.

– É o conde? – perguntou a Devon.

Ele inclinou-se para fazer uma festa aos cães, mas logo se endireitou, olhando-a com seriedade.

– Sim, lamento. Não existem palavras que exprimam o quanto desejava que o vosso irmão estivesse vivo.

– Pobre Theo – devolveu Pandora. – Estava sempre em aventuras imprudentes e nunca lhe acontecia nada. Julgávamos todos que era invencível.

Foi em tom pensativo que Cassandra acrescentou:

– O Theo também julgava.

– Senhor – interveio Kathleen –, gostaria de lhe apresentar Lady Cassandra e Lady Pandora.

Devon observou atentamente as gémeas, que mais pareciam duas desalinhas fadas do bosque. Cassandra, com os seus cabelos loiros, grandes

olhos azuis e boca em forma de arco de cupido, poderia ser considerada a mais bela das duas. Pandora, por seu lado, era uma morena esguia de formas comedidas e rosto mais anguloso.

– Nunca o vi – declarou Pandora, enquanto os cães saltitavam à volta deles.

– Na verdade, já viu – devolveu ele. – Numa reunião de família, em Norfolk. Era demasiado pequena para se lembrar.

– Conhecia o Theo? – perguntou Cassandra.

– Um pouco.

– Gostava dele? – continuou ela, surpreendendo-o.

– Receio que não – declarou ele. – Disputámo-nos em mais do que uma ocasião.

– Os rapazes entretêm-se assim – afirmou Pandora.

– Não passam de rufias e desmiolados – corroborou Cassandra. Reparando que, embora inadvertidamente, insultara Devon, dirigiu a este um olhar furtivo: – Exceto o senhor.

– No meu caso, temo que a descrição não seja desajustada – retorquiu ele com um sorriso descontraído.

– O temperamento dos Ravenel – comentou Pandora assentindo sabiamente e rematando num sussurro teatral: – Nós também o temos.

– A Helen, a nossa irmã mais velha, é a única que não o tem – acrescentou Cassandra.

– É imune a provocações – declarou Pandora. – Fartamo-nos de tentar, mas nada funciona.

– Senhor – interpelou Kathleen –, continuamos até às estufas?

– Claro.

– Podemos acompanhá-los? – pediu Cassandra.

– Não, querida – declarou esta, abanando a cabeça. – Creio que será melhor entrarem para se arranjarem e trocarem de vestido.

– Vai ser maravilhoso, termos companhia nova para jantar! – exclamou Pandora. – Especialmente alguém que acaba de chegar da cidade. Quero saber todas as notícias de Londres.

Devon dirigiu a Kathleen um olhar inquiridor. Esta respondeu diretamente

às gémeas.

– Já expliquei a Lord Trenear que estamos em luto rigoroso e que, por isso, jantaremos separadamente.

A afirmação foi recebida com um chorrilho de reclamações.

– Mas, Kathleen... Tem sido tão aborrecido não termos visitas...

– Portamo-nos exemplarmente bem, prometo...

– São nossos primos!

– Que mal poderá fazer?

Kathleen sentiu algum pesar, pois sabia que as raparigas estavam ansiosas por algum tipo de distração. Aquele homem, porém, tencionava expulsá-las do único lar que elas tinham conhecido. E o irmão, Weston, ao que parecia, já estava meio bêbedo. Dois estroinas como aqueles não eram companhia apropriada para duas raparigas inocentes, especialmente quando não era certo que estas se mostrassem comedidas. Não augurava nada de bom.

– Receio que não – repetiu, com firmeza. – Deixaremos o conde e o irmão jantarem descansados.

– Mas, Kathleen – suplicou Cassandra –, há tanto tempo que não nos divertimos.

– Claro que não – declarou Kathleen, suportando o sentimento de culpa. – Não é expectável as pessoas divertirem-se quando estão de luto.

As gémeas fizeram silêncio, fitando-a com uma expressão hostil.

Devon baixou a tensão perguntando a Cassandra em tom animado:

– Podemos desembarcar, comandante?

– Podem – foi a resposta imediata. – Pode descer pela prancha com a rapariga.

Kathleen franziu o sobrolho.

– Faz-me o favor de não te referires a mim como «rapariga», Cassandra.

– É melhor do que «rato fedorento» – disse Pandora –, termo que eu teria privilegiado.

Com um olhar de repreensão, Kathleen regressou ao caminho de cascalho, com Devon ao seu lado.

– Então? – perguntou passado um momento. – Não vai criticar-me,

também?

– Não consigo pensar em nada pior do que «rato fedorento».

Kathleen não conseguiu evitar um sorriso pesaroso.

– Admito. Não parece justo pedir a duas jovens cheias de vida que suportem mais um ano de reclusão, quando já vão no quarto. Não sei muito bem como ter mão nelas. Ninguém sabe.

– Nunca tiveram precetora?

– Tanto quanto compreendo tiveram várias, mas nenhuma permaneceu mais do que alguns meses.

– É assim tão difícil encontrar uma precetora adequada?

– Desconfio que as precetoras teriam boas capacidades. O problema está em ensinar boas maneiras a raparigas que não têm a menor motivação para aprenderem a comportar-se.

– E Lady Helen? Tem necessidade de uma educação semelhante?

– Não, teve a vantagem de contar com precetoras e aulas separadas. E tem uma natureza muito mais afável.

Aproximaram-se de uma fila de quatro estufas compartimentadas que cintilavam à luz do final da tarde.

– Se as raparigas preferem andar à solta nos jardins a ficar sentadas numa casa sem alegria – principiou Devon –, não vejo que mal possa fazer. A bem dizer, que razão há para tapar as janelas com panos negros? Porque não tirá-los e deixar entrar o sol?

Kathleen abanou a cabeça.

– Seria um escândalo retirar tão cedo os panos de luto.

– Aqui?

– O Hampshire não é o fim da civilização, senhor.

– Ainda assim, quem se oporia?

– Eu. Não posso desonrar a memória do Theo dessa forma.

– Por amor de Deus, como poderá ele saber? Não ajuda ninguém, incluindo o meu falecido primo, mergulhar na tristeza uma casa inteira. Não acredito sequer que ele o desejasse.

– Não o conhecia o suficiente para avaliar a sua vontade – retorquiu

Kathleen. – E, em todo o caso, não podemos ignorar as regras.

– E se as regras não nos servirem? E se nos fizerem mais mal do que bem?

– Só porque o senhor não compreende uma coisa ou não concorda com ela, não significa que esta não tenha mérito.

– Com certeza. Mas não pode negar que algumas tradições foram inventadas por idiotas.

– Não desejo discutir este assunto – atalhou Kathleen, apressando o passo.

– Os duelos, por exemplo – continuou Devon, igualando o ritmo dela com facilidade. – Os sacrifícios humanos. A poligamia... Tenho a certeza de que lamenta termos perdido esta tradição.

– Suponho que tivesse dez mulheres, se pudesse.

– Seria suficientemente infeliz com uma. As restantes nove seriam redundantes.

Kathleen lançou-lhe um olhar de incredulidade.

– Sou *viúva*, senhor. Não sabe manter uma conversa adequada com uma mulher na minha condição?

A julgar pela expressão dele, era evidente que não.

– Que tipo de conversa se mantém com mulheres viúvas? – perguntou.

– Nada que possa ser considerado triste, escandaloso ou de humor duvidoso.

– Então, não me resta nada que dizer.

– Graças a Deus – replicou ela, com fervor, ao que ele sorriu.

– Por quantos hectares se estendem os jardins? – perguntou, enfiando as mãos nos bolsos das calças e olhando atentamente à sua volta.

– Aproximadamente oito.

– E as estufas, o que contêm?

– Cultivo de laranjas, cultivo de vinhas, zonas de pessegueiros, palmeiras, fetos e flores... E esta é de orquídeas – anunciou, abrindo a porta da primeira estufa, ao que Devon a seguiu.

Foram envolvidos pelo perfume das orquídeas, pelo ar rico em aromas cítricos e baunilha. Jane, a mãe de Theo, entregara-se à sua paixão por flores exóticas cultivando orquídeas raras do mundo inteiro. A temperatura de verão

era mantida na estufa durante todo o ano por meio de uma caldeira contígua.

Assim que entraram, Kathleen avistou o vulto esguio de Helen entre os corredores. Desde que a mãe, a condessa, falecera, Helen encarregara-se de cuidar das bromélias espalhadas por duzentos vasos. Era tão difícil discernir as necessidades das exigentes plantas que só algum do pessoal da jardinagem estava capacitado para a ajudar.

Ao ver os visitantes, Helen segurou no véu que recolhera sobre as costas e começou a puxá-lo sobre o rosto.

– Não te incomodes – disse Kathleen secamente. – Lord Trenear manifestou-se contrário aos véus de luto.

Sensível às preferências dos outros, Helen soltou o véu de imediato. Pousou, então, uma pequena chaleira, cheia de água fervida arrefecida e aproximou-se dos dois. Embora não possuísse a beleza robusta e sadia das irmãs mais novas, Helen era cativante à sua maneira, como o plácido resplendor da Lua. Tinha a pele muito branca e o cabelo loiro de um tom claríssimo.

Kathleen considerava interessante que, embora Lord e Lady Trenear tivessem dado aos filhos nomes de figuras da mitologia grega, Helen era a única a quem fora atribuído o nome de um mortal. Mas não deixava de ser adequado pois numa família de personalidades excessivas, Helen era a mais acessível.

– Perdoe ter interrompido a sua tarefa – disse Devon a Helen assim que foram apresentados.

O comentário foi recebido com um sorriso hesitante.

– Que ideia, senhor. Estava apenas a observar as orquídeas para me certificar de que nada lhes falta.

– Como é que sabe o que lhes falta? – perguntou Devon.

– Vejo pela cor das folhas, ou o estado das pétalas... Procuro sinais de afídeos e tripes e tento recordar que variedades preferem o solo húmido e quais gostam dele mais seco.

– Poderia mostrar-mas? – pediu Devon.

Helen assentiu e guiou-o pelos corredores, assinalando alguns espécimes específicos.

– São todas da coleção da minha mãe. Uma das suas preferidas era a *Peristeria elata* – explicou, mostrando uma flor da cor do marfim branco. – A

parte central da flor parece uma pomba minúscula, está a ver? E esta... é a *Dendrobium aemulum*, cujas pétalas parecem penas. – Com ar tímido e travesso, Helen olhou na direção de Kathleen e comentou: – A minha cunhada não gosta de orquídeas.

– Desprezo-as – afirmou Kathleen, franzindo o nariz. – São plantas sovinas, que exigem muita atenção e demoram uma eternidade a florir. E algumas cheiram a botas velhas e a carne rançosa.

– Não são as minhas preferidas – admitiu Helen. – Mas espero vir a gostar delas. Por vezes, para uma coisa ser adorável é preciso aprender a gostar dela.

– Eu discordo – declarou Kathleen. – Por mais que aprendas a gostar daquela branca e carnuda ali do canto...

– A *Dressleria* – acrescentou, solícita, Helen.

– Pois. Mesmo que venhas a perder-te de amores por ela, continuará a cheirar a botas velhas.

Helen sorriu e continuou a conduzir Devon pelo corredor, explicando que a temperatura da estufa era mantida por uma caldeira contígua à estufa e por um tanque de água da chuva.

A curiosidade com que Devon observava Helen causou um arrepio a Kathleen. Este e o irmão assemelhavam-se em tudo aos libertinos sem valores dos velhos romances de costumes. Encantadores por fora, trapaceiros e cruéis por dentro. Quanto mais cedo ela conseguisse afastar as irmãs Ravenel da propriedade, melhor.

Havia decidido já utilizar a anuidade proveniente dos bens assegurados pelo seu falecido esposo para tirar as três raparigas de Eversby Priory. Não era uma quantia avultada, mas seria suficiente para as sustentar, caso fosse complementada por algum rendimento proveniente de ocupações adequadas, tais como a costura. Procuraria uma pequena casa de campo onde pudessem viver todas juntas ou talvez arrendasse aposentos numa casa privada.

Por muitas dificuldades que pudessem enfrentar, qualquer coisa seria preferível a deixar três raparigas inocentes à mercê de Devon Ravenel.

CAPÍTULO 3

Ao final da tarde, Devon e West jantaram no dilapidado esplendor da sala de jantar. A qualidade da refeição, que consistiu numa sopa fria de pepino, faisão assado acompanhado de laranjas e pudins com crosta de pão, superou grandemente as suas expectativas.

– Solicitei ao administrador que me abrisse a adega para dar uma vista de olhos à coleção de vinhos – comentou West. – Está esplendidamente abastecida. Entre o vinho comum, existem pelo menos dez variedades de champanhe importado, vinte *cabernets*, pelo menos o mesmo número de bordéus e uma grande quantidade de *brandy* francês.

– Se beber o suficiente, pode ser que não repare que a casa está a desmoronar-se à nossa volta.

– Não existem sinais evidentes de fragilidade nos alicerces. Não detetei paredes fora de prumo nem fendas visíveis na pedra, por onde passei até agora.

Devon olhou-o com alguma surpresa.

– Para um homem que raramente se apresenta completamente sóbrio, reparaste em muita coisa.

– Reparei? – exclamou West, parecendo abalado. – Perdoa-me. Pareço ter ficado lúcido sem contar. – Pegou no copo de vinho. – Eversby Priory é uma das melhores propriedades para caça em toda a Inglaterra. Amanhã talvez possamos caçar tetrazes.

– Esplêndido! – reagiu Devon. – Adoraria começar o dia a matar alguma coisa.

– Depois encontramo-nos com o administrador e o advogado e vemos o que fazer com este lugar. – West olhou-o com expectativa. – Ainda não me

disseste o que aconteceu esta tarde, quando foste passear com Lady Trenear.

Devon encolheu os ombros com ar irritado.

– Não aconteceu nada.

Depois de o apresentar a Helen, Kathleen mostrara-se brusca e fria durante o resto da visita às estufas. Quando se despediram, ela tinha o ar aliviado de alguém que concluía um dever desagradável.

– Passou o tempo todo com o véu? – indagou West.

– Não.

– Como é que ela é?

Devon dirigiu-lhe um olhar trocista.

– E o que importa isso?

– Estou curioso. O Theo teve por onde escolher. Não se teria casado com uma mulher feia.

Devon concentrou-se no copo de vinho, revolvendo-o até o *vintage* cintilar com a força de rubis negros. Não parecia existir uma forma adequada de a descrever. Podia dizer que tinha o cabelo ruivo e os olhos de um castanho dourado que se estreitavam nos cantos como os de um gato. Podia descrever a tez clara e o tom rosado que lhe aflorava à superfície como o nascer do Sol no inverno. Os movimentos ágeis do seu corpo, a sua graciosidade atlética, constrangida pelo espartilho, pelas rendas, pelas camadas de tecido. Mas nada disto explicava o fascínio que ela exercia sobre ele... A sensação de que, por alguma razão, ela tinha o poder de despertar um sentimento completamente novo dentro dele, se quisesse tentar.

– Se uma pessoa se cingisse à sua aparência – principiou Devon –, não seria desagradável dormir com ela, suponho. Mas possui um temperamento feroz. Vou escorraçá-la da propriedade assim que possível.

– E as irmãs do Theo? O que será feito delas?

– Lady Helen poderia trabalhar como precetora, julgo eu. Só que mulher nenhuma na posse das suas faculdades contrataria uma rapariga assim.

– É bela?

Devon olhou-o com hostilidade.

– Mantém-te longe dela, West. Muito longe. Não a procures, não fales com ela, nem sequer olhes para ela. O mesmo se aplica às gémeas.

– Porque não?

– São raparigas inocentes.

West lançou-lhe um olhar cáustico.

– São flores assim tão frágeis que não possam tolerar uns minutos da minha companhia?

– «Frágeis» não seria a minha escolha de palavra. As gémeas passaram anos à solta na propriedade como um par de raposas. Não sabem o que é o convívio social e apresentam-se numa disposição algo selvagem. Sabe Deus o que será de fazer com elas.

– Será de lamentar, se forem lançadas no mundo sem a proteção de um homem.

– Isso não me diz respeito.

Devon estendeu a mão para a garrafa de vinho e encheu novamente o copo, tentando não pensar no que seria feito delas. O mundo não era dócil para com jovens inocentes.

– Eram responsabilidade do Theo. Não minha.

– Creio que é esta a parte da peça em que aparece um nobre herói para salvar o dia, resgatar as damas e pôr tudo no seu lugar – comentou West, em tom meditativo.

Devon apertou o canto dos olhos com os dedos.

– A verdade, West, é que eu não poderia nunca salvar esta maldita casa, nem as donzelas em apuros, mesmo que o desejasse. Nunca fui um herói nem tenho qualquer desejo de o ser.

*

– ...visto que o falecido conde não deixou herdeiro varão legítimo – recitou o advogado da família, na manhã seguinte –, e segundo a norma legal que rege as obrigações perpétuas, que torna o vínculo do morgadio nulo por afastamento de parentesco, o acordo perde a validade.

No silêncio expectante que encheu o escritório, Devon levantou os olhos do monte de contratos de arrendamento, escrituras e livros de contas. Estava reunido com o administrador e o advogado, Mr. Totthill e Mr. Fogg,

respetivamente, nenhum dos quais parecia ter menos de noventa anos.

– O que significa isso? – perguntou.

– Que pode dispor da propriedade como entender, senhor – explicou Fogg, ajustando os *pince-nez* e fitando-o com uma expressão erudita. – Neste momento, não está sujeito a qualquer morgadio.

Devon olhou imediatamente para o irmão, que aguardava ao canto em pose descontraída. Trocaram olhares de alívio. *Graças a Deus*. Podia vender a propriedade em parcelas ou por inteiro, pagar a dívida e prosseguir o seu caminho sem mais obrigações.

– Será uma honra ajudá-lo a restabelecer o morgadio, senhor – declarou Fogg.

– Tal não será necessário.

Tanto o administrador como o advogado se mostraram inquietos perante a réplica de Devon.

– Senhor – insistiu Totthill –, posso garantir-lhe a competência de Mr. Fogg nestes assuntos. Por duas vezes assistiu ao restabelecimento do morgadio dos Ravenel.

– Não duvido da sua competência – declarou Devon, reclinando-se na poltrona e esticando os pés sobre a secretária. – Não desejo, porém, ver-me limitado por um morgadio, já que pretendo vender a propriedade.

A declaração foi recebida com um silêncio escandalizado.

– Que parte? – atreveu-se a perguntar Totthill.

– Toda, incluindo a casa.

Horrorizados, os dois homens irromperam num coro de protestos. Eversby Priory era património histórico, conquistado à custa do serviço e do sacrifício dos seus antepassados... Devon não teria qualquer hipótese de respeitabilidade se não conservasse um pequeno quinhão que fosse das terras... Não pretenderia seguramente a desgraça dos seus descendentes, ao deixar-lhes um título desprovido de propriedades.

Exasperado, Devon ordenou com um gesto o silêncio dos dois.

– Uma tentativa de preservação de Eversby Priory envolveria um esforço muito superior ao seu valor – anunciou, perentório. – Homem nenhum na posse da sua razão chegaria a uma conclusão diferente. Quanto à minha descendência, não chegará a existir, pois não tenho qualquer intenção de me

casar.

O administrador lançou um olhar suplicante a West.

– Mr. Ravenel, não pode apoiar o seu irmão nesta loucura.

West estendeu as mãos como se fossem os pratos de uma balança, comparando pesos invisíveis.

– De um lado, perspectiva-se uma vida inteira de responsabilidade, de dívida e de trabalho árduo. Do outro, liberdade e prazer. Haverá realmente uma escolha?

Antes de os idosos poderem responder, Devon falou energicamente:

– A decisão está tomada. Para começar, quero uma lista dos investimentos, escrituras e participações, assim como o inventário completo de todos os objetos da casa de Londres e da propriedade. E isto inclui quadros, tapeçarias, tapetes, mobiliário, peças de bronze, de mármore, prataria e tudo o que existe nas estufas, nas cavalariças e na cocheira.

– Deseja uma estimativa dos animais existentes, senhor? – perguntou Totthill, inexpressivo.

– Naturalmente.

– O meu cavalo não – anunciou uma voz recém-chegada.

Os quatro homens voltaram-se para a porta, onde Kathleen se apresentava com rígida altivez. Cravara em Devon um olhar cheio de aversão.

– O cavalo árabe pertence-me.

Todos se levantaram exceto Devon, que permaneceu sentado diante da secretária.

– Entra, alguma vez, nalgum lugar, da forma adequada – interpelou secamente –, ou é hábito seu ignorar as regras da boa educação e aparecer sempre de surpresa?

– Quero apenas deixar bem claro que deve retirar o meu cavalo da repartição de despojos.

– Lady Trenear – interveio Mr. Fogg. – Lamento informar que, no dia do seu casamento, renunciou a todos os direitos sobre os seus bens móveis.

Kathleen semicerrou os olhos.

– Tenho direito a manter as minhas arras e todos os bens que trouxe para o casamento.

– Tem direito a manter as suas arras – acedeu Totthill –, mas não os seus bens. – A lei é bastante complexa nesta área. Garanto-lhe que nenhum tribunal de Inglaterra considerará uma mulher casada como uma entidade legal independente. O cavalo pertencia ao seu marido, e agora pertence a Lord Trenear.

O rosto de Kathleen ficou branco como cal e, depois, vermelho.

– Lord Trenear desfaz a propriedade como um chagal desfaz uma carcaça apodrecida. Por que razão lhe é concedido um cavalo que o meu pai me deu a mim?

Furioso por Kathleen lhe mostrar tão pouca deferência diante dos presentes, Devon levantou-se, aproximando-se dela em passos largos. Kathleen, honra lhe seja feita, não retrocedeu, embora a sua estatura fosse metade da dele.

– Vá para o diabo! – exclamou. – Nada disto é culpa minha.

– Claro que é. Procura uma desculpa para vender Eversby Priory porque não quer aceitar um desafio.

– Um desafio pressupõe alguma esperança de sucesso. Trata-se de um desastre. A lista de credores é mais comprida do que o meu braço, os cofres estão vazios e os rendimentos anuais foram reduzidos a metade.

– Não acredito em si. Planeia a venda da propriedade para saldar dívidas pessoais que nada têm que ver com Eversby Priory.

Devon apertou mãos desejosas de destruir alguma coisa até ver a sua sede de sangue saciada pelo som de objetos estilhaçados. Nunca se vira perante uma situação como aquela e não havia ninguém a quem solicitar conselho, nenhum parente aristocrático benevolente nem um amigo experiente da nobreza. E aquela mulher não fazia mais nada senão acusá-lo e insultá-lo.

– Não tinha qualquer dívida – protestou – até herdar esta embrulhada. Deus me dê paciência... O idiota do seu marido nunca lhe falou de nenhum dos problemas da propriedade? Era completamente ignorante de quanto a situação era calamitosa, quando se casou com ele? Pouco importa... Alguém tem de enfrentar a realidade e, Deus nos ajude, esse alguém pareço ser eu. – Virou-lhe as costas e voltou para a secretária. – A sua presença não é desejada – disse, sem se virar. – Trate de sair.

– Eversby Priory sobreviveu a quatrocentos anos de revoluções e guerras – ouviu-a dizer, com desprezo. – E agora bastará um homem libertino e egoísta para a deixar em ruínas.

Como se recaísse sobre ele a culpa da situação da propriedade. Como se só ele fosse responsável pelo seu declínio. Ao diabo com ela!

Com grande esforço, Devon reprimiu a sua indignação. Esticou as pernas num gesto deliberado de indolência e olhou para o irmão.

– West, temos a certeza de que o primo Theo faleceu na sequência de uma queda? – perguntou com frieza. – Parece muito mais provável ter morrido congelado no leito conjugal.

West, que não resistia a uma boa dose de sarcasmo, abafou uma risada.

Quanto a Totthill e Fogg, nem levantaram os olhos.

Kathleen saiu do escritório batendo a porta com tal violência que esta tremeu nos gonzos.

– Irmão – interpelou West, com pretensa censura –, foi indigno de ti.

– Nada é indigno de mim – replicou Devon, sem pestanejar. – Sabe-lo bem.

Após a partida de Totthill e Fogg, Devon deixou-se ficar à secretária durante um bom bocado, a cismar. Abriu um livro de contas e folheou-o sem assimilar nada. Mal reparou quando West se ausentou do escritório, entre bocejos e reclamações. Sentindo-se abafado, alargou o nó da gravata por meio de alguns puxões impacientes e desapertou o colarinho.

Céus, que vontade tinha de estar no seu apartamento de Londres, onde tudo era cuidado, confortável e familiar. Se Theo continuasse a ser o conde e ele simplesmente a ovelha negra da família... teria saído para o seu passeio matinal no percurso equestre do Hyde Park após o que o mais certo teria sido deleitar-se com uma boa refeição no seu clube. Mais tarde ter-se-ia encontrado com amigos para assistir a um combate de boxe ou uma corrida de cavalos, ir ao teatro e entreter-se atrás de mulheres de vida fácil. Sem responsabilidades, sem fontes de preocupação.

Sem nada a perder.

No céu, um rouco troar fez eco do seu ânimo taciturno. Olhou para a janela com uma expressão feroz. O ar carregado de chuva vindo do mar assentara sobre as colinas, obscurecendo o céu em tons de luto. Esperava-os uma valente tempestade.

– Senhor.

Uma pancada tímida na ombreira da porta chamou a sua atenção.

Levantou-se ao reconhecer Helen.

– Lady Helen – saudou, com uma expressão que denotava o seu esforço de parecer agradável.

– Lamento incomodá-lo.

– Entre.

Helen avançou cautelosamente. O seu olhar procurou a janela antes de se fixar nele.

– Obrigada, senhor. Vim dizer-lhe que... com a tempestade a avançar tão rapidamente... gostaria de enviar um laçao à procura de Kathleen.

Devon franziu o sobrolho. Desconhecia que Kathleen se tivesse ausentado.

– Onde está ela?

– Foi visitar o reideiro do outro lado da colina. Levou um cesto com caldo e vinho de sabugueiro para Mrs. Lufton, que está a recuperar de febre pós-parto. Perguntei-lhe se podia acompanhá-la, mas ela insistiu em ir sozinha. Disse que precisava de estar só.

Helen apertava de tal forma os dedos entrelaçados que estes ficaram brancos.

– Já devia ter voltado, mas o tempo mudou tão depressa que tenho medo de que seja apanhada na tempestade.

Não havia no mundo nada que alegrasse mais Devon do que ver Kathleen encharcada e coberta de lama. Teve de se conter para não esfregar as mãos de uma alegria perversa.

– Não é necessário enviar um laçao – devolveu tranquilamente. – Tenho a certeza de que Lady Treneer terá o bom senso de permanecer na quinta até parar de chover.

– Certo, mas... as colinas estarão cobertas de lama.

Melhor ainda. Kathleen atravessando penosamente a terra encharcada. Devon esforçou-se por manter uma expressão séria quando por dentro explodia de júbilo. Dirigiu-se para a janela. Ainda sem sinais de chuva, mas as nuvens negras impregnavam o céu como tinta derramada sobre pergaminho.

– Aguardemos um pouco mais. Pode chegar a qualquer momento.

Relâmpagos cruzaram o firmamento: três feixes de luz fulminantes acompanhados por uma série de estrondos que mais pareciam vidraças a estilhaçarem-se.

Helen aproximou-se dele.

– Senhor, sei que trocou algumas palavras com a minha cunhada...

– Trocar algumas palavras implicaria a existência de um debate civilizado – interrompeu Devon. – Se tivesse durado muito mais, ter-nos-íamos desfeito um ao outro em pedaços.

Uma ruga marcou a fronte macia de Helen.

– Encontram-se ambos em circunstâncias difíceis. Por vezes, isso faz com que as pessoas digam coisas impensadas. Contudo, se o conde e a Kathleen conseguissem pôr de lado as suas divergências...

– Lady Helen...

– Chame-me prima.

– Prima, evitará muitos aborrecimentos futuros se aprender a ver as pessoas tal como são, e não como deseja que elas sejam.

Helen fez um sorriso ténue.

– É o que faço.

– Se isso fosse verdade, compreenderia que Lady Trenear e eu estamos corretos na nossa avaliação mútua. Eu sou um canalha e ela uma mulher sem coração em tudo capaz de zelar por si própria.

Os olhos de Helen, perfeitas pedras da lua azul-prateadas, arregalaram-se de preocupação.

– Senhor, tive oportunidade de ficar a conhecer a Kathleen muito bem durante a provação do luto pelo meu irmão...

– Duvido que a provação seja muita, no caso dela – interrompeu bruscamente Devon. – Ela própria admitiu não ter derramado uma única lágrima pela morte do seu irmão.

Helen pestanejou.

– Ela disse-lhe isso? Mas explicou porquê?

Devon negou com a cabeça.

– Não devo ser eu a relatar a história de outrem – declarou Helen, com

expressão inquieta.

Dissimulando a imediata curiosidade, Devon encolheu os ombros com ar indiferente.

– Não se ocupe com isso, então. A opinião que tenho dela não mudará.

Tal como esperava, a demonstração de indiferença foi o incentivo necessário para Helen falar.

– Caso o ajude a compreender a Kathleen um pouco melhor – principiou ela, hesitante –, poderei talvez explicar-lhe algo. Nesse caso... jura pela sua honra mantê-lo em segredo?

– Claro – devolveu prontamente Devon. Como não tinha honra, nunca hesitava em comprometê-la com promessas.

Helen dirigiu-se para uma das janelas. Os relâmpagos cindiam o céu, iluminando a sua fisionomia delicada de um branco-azulado.

– Como não via a Kathleen chorar após o acidente do Theo, julguei que procuraria resguardar as suas emoções. O luto é diferente de pessoa para pessoa. Mas, uma noite, quando estávamos as duas sentadas na sala de visitas a costurar, vi que espetara uma agulha no dedo... e que não reagia. Era como se nem sequer tivesse sentido. Ficou sentada a ver a gota de sangue a avolumar-se sobre a pele e fui eu quem não conseguiu suportar mais. Enrolei-lhe um lenço no dedo e perguntei o que se passava. Ela mostrou-se envergonhada e confusa... Disse que nunca chorava, mas que julgava que, pelo menos, deveria ser capaz de derramar alguma lágrima pelo Theo.

Helen fez uma pausa, dedicando-se a retirar da parede uma lasca de tinta solta.

– Continue – murmurou Devon.

Helen pousou meticulosamente o despojo no parapeito da janela e pegou numa nova lasca, como se retirasse crostas de uma ferida quase cicatrizada.

– Perguntei-lhe se se recordava de alguma vez ter chorado. Ela respondeu que sim, em criança, no dia em que partira da Irlanda. Os pais tinham-lhe dito que viajariam todos juntos para Inglaterra num vapor de três mastros. Foram até às docas e fingiram embarcar, mas, quando subiu para a prancha de embarque, pela mão da ama, a Kathleen reparou que os pais não as seguiam. A mãe disse-lhe que ela iria ficar com pessoas muito bondosas, em Inglaterra, e que mandariam buscá-la quando não tivessem de viajar para o estrangeiro com tanta frequência. A Kathleen ficou desesperada mas os pais deram meia-

volta e partiram e ela foi arrastada pela ama para bordo do navio. – Olhando-o de soslaio, concluiu: – Tinha apenas cinco anos.

Devon praguejou baixinho e apoiou as palmas das mãos na secretária, fitando o vazio enquanto Helen prosseguia.

– Quando a levaram para o camarote, a Kathleen passou horas a chorar e soluçar até a ama, muito irritada, ameaçar: *Se insistes em continuar a armar escândalo, eu vou-me embora e tu ficas sozinha no mundo sem teres ninguém que cuide de ti. Os teus pais mandaram-te embora porque és um empecilho.* – Helen fez uma pausa. – A Kathleen acalmou-se imediatamente. Recebeu as palavras da ama como uma advertência para nunca mais chorar; era o preço da sobrevivência.

– Os pais chegaram a ir buscá-la?

Helen abanou a cabeça.

– Receio que esta tenha sido a última vez que a Kathleen viu a mãe. Alguns anos depois, Lady Carbery sucumbiu à malária durante uma viagem de regresso do Egito. Quando Kathleen soube da morte da mãe, sentiu duramente a sua perda, mas não teve o alívio das lágrimas. Com a morte do Theo passou-se a mesma coisa.

A chuva batia com tanta força nas vidraças que se diriam moedas a cair do céu.

– Bem vê que a Kathleen não é uma mulher sem coração – murmurou Helen. – Sente a dor profundamente... só que não consegue demonstrá-lo.

Devon hesitava entre agradecer-lhe as revelações ou amaldiçoá-la. Não desejava sentir qualquer compaixão por Kathleen. Mas a rejeição por parte dos pais em tão tenra idade só poderia ter sido devastadora. Compreendia perfeitamente o desejo de evitar memórias e emoções dolorosas... A necessidade imperiosa de manter certas portas bem fechadas.

– Lord e Lady Berwick tratavam-na bem? – perguntou bruscamente.

– Julgo que sim. Fala deles com carinho. – Helen fez uma pausa. – A família era muito rigorosa. Havia muitas regras que eram aplicadas com severidade. Parecia existir uma valorização excessiva do autocontrolo. – Sorriu distraidamente. – A única exceção são cavalos... São todos loucos pelos animais. Na noite imediatamente anterior ao casamento da Kathleen, durante o jantar, embarcaram numa conversa entusiasta sobre *pedigrees* e treino equestre e dissertavam sobre a fragrância das cavaliças como se falassem do perfume mais fino... entretiveram-se assim durante quase uma

hora. O Theo divertia-se, mas não sem aborrecimento, creio. Sentia-se, de alguma forma, posto de parte, já que não comungava da mesma paixão pelo tema.

Refreando uma observação acerca da falta de interesse do primo por qualquer tema que não fosse ele próprio, Devon espreitou pela janela.

A tempestade instalara-se por cima da colina rochosa, zona de pasto, e a chuva torrencial varria os caminhos de rocha calcária inundando as zonas mais baixas. Naquele momento, imaginar Kathleen sozinha no meio da tempestade, longe de aprazível, revelava-se intolerável.

Praguejando entre dentes, Devon levantou-se energicamente da secretária.

– Se me dá licença, Lady Helen...

– Vai mandar um laçao à procura da Kathleen? – perguntou Helen, esperançosa.

– Não. Eu próprio irei buscá-la.

Helen pareceu aliviada.

– Obrigada, senhor. Que gentil da sua parte!

– Não é gentileza – anunciou Devon a caminho da porta. – Só o faço pela oportunidade de a ver atolada em lama até aos tornozelos.

*

Kathleen avançava com passo enérgico pelo caminho de terra que serpenteava entre uma sebe abandonada e um antigo bosque de carvalhos. Os sons da floresta anunciavam a aproximação da tempestade, nos pássaros e animais que procuravam abrigo e nas folhas que caíam em movimentos lentos. Um trovão ribombou com uma força avassaladora.

Aproximando mais o xaile do corpo, pensou em regressar à quinta dos Lufton. Tinha absoluta certeza de que lhe dariam abrigo. Mas já estava a meio do caminho entre a quinta do rendeiro e a propriedade.

De repente, as comportas do céu pareceram abrir-se e a chuva começou a fustigar violentamente o chão, transformando o caminho em poças de lama. Por uma aberta na sebe, Kathleen deixou o caminho para enveredar pela extensão inclinada de um velho pasto. Para lá das colinas ondulantes, o solo de rocha calcária estava misturado com argila, um composto rico e pegajoso

que lhe dificultaria penosamente o trajeto.

Devia ter atentado aos primeiros sinais de mudança do tempo; teria sido mais sensato adiar a visita a Mrs. Lufton até ao dia seguinte. Mas o confronto com Devon perturbara-a e toldara-lhe o raciocínio. Agora, após conversar com Mrs. Lufton, a fúria dissipara-se o suficiente para lhe permitir ver a situação com mais clareza.

No tempo que passara sentada à mesinha de cabeceira de Mrs. Lufton, Kathleen perguntara-lhe pela sua saúde e pela saúde da filha recém-nascida, mas a conversa acabara por se concentrar na quinta. Mrs. Lufton admitira que havia muito tempo, mais do que alguém conseguia recordar, que os Ravenel não faziam melhoramentos nas suas propriedades. Por outro lado, as condições dos contratos de arrendamento desencorajavam os rendeiros de levar a cabo alterações por sua própria conta. Mrs. Lufton ouvira dizer que alguns rendeiros de outras propriedades tinham adotado práticas agrícolas mais avançadas, mas nas terras de Eversby Priory tudo permanecia como há cem anos.

Tudo o que a mulher lhe relatara confirmara o que Devon lhe dissera inicialmente.

Porque é que Theo não lhe explicara as dificuldades financeiras da propriedade? Dissera-lhe, sim, que a casa fora negligenciada porque ninguém queria alterar a decoração feita pela falecida matriarca. Prometera-lhe, porém, que se veria encarregada de encomendar seda, damasco e papel francês para as paredes, ornamentos de estuque e tinta, assim como cortinados de veludo, tapetes e mobília novos. Iriam renovar as cavalariças e instalar os equipamentos mais modernos para os cavalos.

Theo contara-lhe um conto de fadas e ela, fascinada, escolhera acreditar nele. Mas nada daquilo era verdade. Ele sabia que ela acabaria por descobrir que não podiam dar-se a nenhum dos luxos que ele lhe prometera... Como esperaria ele que Kathleen reagisse?

Nunca saberia a resposta. Theo falecera e o seu casamento terminara ainda antes de começar. A única escolha era esquecer o passado e dar um novo rumo à sua vida.

Mas, primeiro, havia que enfrentar a desconfortável evidência de não ter sido justa para com Devon. Certo, era um canalha arrogante, mas tinha todo o direito de decidir o destino de Eversby Priory. A propriedade agora era dele. Kathleen falara sem conhecimento de causa e comportara-se como uma víbora, portanto teria de se desculpar, mesmo sabendo que ele lhe atiraria à

cara cada uma das palavras ditas.

Abatida, Kathleen avançou penosamente pela erva alagada. A água entrava-lhe pelas viras e costuras dos sapatos, ensopando-lhe as meias. O véu de viúva, que ela dobrara para trás das costas, estava encharcado e pesado. O odor a anilina, utilizada na coloração das roupas de luto, tornava-se especialmente intenso com a humidade. Devia ter trocado o véu, já que era uma peça de interior, por uma touca, em vez de sair de forma impulsiva. Pelos vistos, não era melhor do que as gémeas: que belo exemplo dava, a correr de um lado para o outro como uma louca.

Deu um salto quando um relâmpago rasgou o céu intempestivo. Sentiu a pulsação acelerar e agarrou no vestido para se lançar numa corrida veloz pelo campo. A terra amolecera e os saltos dos sapatos afundavam-se a cada passada. A chuva jorrava em chicotadas violentas, que vergavam as flores-de-merenda azuis e as centáureas até as suas cores vivas se misturarem com a erva. O terreno argiloso que se estendia para lá do campo estaria transformado em lama quando o alcançasse.

Surgiu um novo relâmpago, seguido de um som tão explosivo que Kathleen estremeceu e tapou os ouvidos. Reparando que deixara cair o xaile, voltou-se para tentar localizá-lo, protegendo os olhos com uma mão. O monte de lâ disforme jazia no chão, a vários metros de si.

– Bolas! – exclamou, voltando para o resgatar.

Estacou, com um grito abafado, quando viu uma enorme mancha negra a avançar na sua direção, tão rápido que não lhe dava hipóteses de fugir. Voltou-se, instintivamente, protegendo a cabeça com as mãos. Ensurdecida pelo som dos trovões e pela pulsação que lhe latejava nos ouvidos, aguardou, trémula, o que viria a seguir. Constatando que, aparentemente, nenhum desastre a vitimara, endireitou-se e limpou o rosto molhado com a manga.

Um enorme vulto agigantava-se à sua frente. Um homem, montado num cavalo de carga preto e robusto. Era Devon, compreendeu com perplexidade. Ela não conseguia dizer palavra, nem que disso dependesse a sua vida. Ele não estava vestido para montar – nem sequer calçara luvas! Mais espantoso ainda, trazia um chapéu de feltro de copa baixa, como se o tivesse açambarcado a alguém na pressa de partir.

– Lady Helen pediu que a viesse buscar – gritou Devon, com uma expressão insondável. – Pode regressar comigo a cavalo ou podemos ficar a discutir ao abrigo da tempestade até algum relâmpago nos acertar. Pessoalmente, prefiro a última opção. Seria mil vezes melhor do que enfrentar

os livros-mestres que ainda tenho de analisar.

Kathleen ficou a olhar para ele, atónita e desorientada.

Em termos práticos, poderia montar o mesmo cavalo que Devon até à propriedade. O animal, corpulento e dócil, estaria mais do que à altura da tarefa. Mas, quando tentou imaginar... Os seus corpos a tocarem-se... Os braços dele à sua volta...

Não. Não suportaria estar assim próxima de nenhum homem. A simples possibilidade a arrepiava.

– Não... Não posso ir consigo.

Embora tentasse falar com determinação, a voz saiu-lhe queixosa e hesitante. A chuva escorria-lhe pelo rosto e pequenas gotas molhavam-lhe os lábios.

Devon entreabriu a boca como se pretendesse dar uma réplica mordaz. Ao perscrutar o vulto encharcado, porém, a expressão do seu rosto suavizou-se.

– Então fique com o cavalo, que eu regresso a pé.

Estupefacta, Kathleen olhava para ele sem dizer nada.

– Não – reagiu, por fim. – Mas... Obrigada. Por favor, deve regressar.

– Vamos ambos a pé – voltou ele, impaciente –, ou vamos ambos a cavalo. Mas não a deixarei.

– Ficarei perfeitamente...

O estrondo ensurdecador de um novo trovão silenciou-a e fê-la estremecer.

– Deixe-me levá-la para casa.

O tom de voz de Devon era pragmático, como se estivessem numa sala de estar e não no meio de uma violenta tempestade de fim de verão. Não sabendo como, percebera que suavizar a sua abordagem era a melhor forma de a influenciar.

O cavalo abanou a cabeça e bateu com uma pata no chão.

Teria de regressar a cavalo com ele, constatou, com desespero. Não havia alternativa.

– Primeiro, tenho algo a dizer-lhe – comunicou, ansiosa, cruzando os braços.

Devon arqueou as sobrancelhas, com uma expressão de frieza.

Kathleen engoliu em seco e, então, as palavras saíram de rajada:

– O que disse há pouco no escritório foi indelicado e contrário à verdade e peço desculpa por isso. Procedi muito mal e irei retificá-lo junto de Mr. Totthill e Mr. Fogg. E do seu irmão.

O semblante dele mudou e um dos cantos da boca curvou-se na insinuação de um sorriso que provocou o caos nos batimentos cardíacos de Kathleen.

– Não se incomode em lhes falar disso. Os três chamar-me-ão algo bem pior antes de isto terminar.

– Mesmo assim, não foi justo da minha parte...

– Está esquecido. Venha, a tempestade está a piorar.

– Devo ir buscar o meu xaile.

Devon seguiu o seu olhar até ao tecido amontoado, ao longe.

– Refere-se àquilo? Santo Deus, deixe-o lá.

– Não posso...

– Está arruinado. Eu compro-lhe outro.

– Não poderia aceitar que me oferecesse algo tão pessoal. Além do mais, não poderá permitir-se despesas extraordinárias, agora que tem Eversby Priory.

Um sorriso anulou-lhe a expressão sombria.

– Dar-lhe-ei outro. Tanto quanto me é dado entender, as pessoas com o meu nível de dívidas nunca se preocupam em economizar.

Encostando-se ao fundo da sela, estendeu-lhe uma mão. A sua figura era larga e esguia contra o céu revoltado, o rosto anguloso envolto em penumbra.

Kathleen lançou-lhe um olhar duvidoso; pediria força considerável, erguê-la assim montado.

– Não vai deixar-me cair? – perguntou, insegura.

Devon pareceu ofendido.

– Não sou nenhum franganote.

– O meu vestido está pesado e molhado...

– Dê-me a sua mão.

Kathleen aproximou-se, sentindo-se agarrar por uma mão quente. Um

arrepio de nervosismo percorreu-lhe o corpo.

Não tocava em nenhum homem desde a morte de Theo. Lord Berwick comparecera ao funeral e, no fim, oferecera-lhe um abraço desajeitado, mas ela optara por lhe estender a mão enluvada.

– Não posso – sussurrara-lhe, ao que Lord Berwick anuíra, compreensivo. Embora fosse um homem amável, raramente se dava a demonstrações de afeto. Lady Berwick também era assim. Uma mulher benevolente mas contida, que fizera por ensinar às filhas e a Kathleen o valor do autocontrole. *Domina as tuas emoções*, aconselhava sempre, *ou elas dominam-te a ti*.

Um fio de chuva gelado escorreu pela manga de Kathleen em brusco contraste com o calor da mão de Devon, o que a fez estremecer.

O cavalo, fustigado pela chuva e pelo vento, aguardava pacientemente.

– Quero que salte – ouviu Devon dizer – e eu seguro-a até conseguir encontrar o estribo com o pé esquerdo. Não tente passar a perna para o lado de lá. Limite-se a montar como se estivesse numa sela amazona.

– Quando devo saltar?

– Agora seria conveniente – respondeu ele com secura.

Reunindo forças, Kathleen saltou do chão com todo o vigor que as suas pernas permitiam. Devon aproveitou o balanço e ergueu-a com espantosa facilidade. Ela nem sequer teve de se apoiar no estribo pois aterrou perfeitamente na sela com a perna direita dobrada. Sobressaltada, tentou manter o equilíbrio, mas Devon, que a segurava com o braço esquerdo, tratara já de proporcionar apoio seguro.

– Apanhei-a. Sente-se... tranquila.

Ela ficou muito quieta ao sentir os músculos fortes que a seguravam com firmeza, o hálito quente dele no seu pescoço.

– É para pensar duas vezes antes de ir carregada com cestos à casa de vizinhos convalescentes – disse ele. – Espero que tenha consciência de que as pessoas egoístas estão a salvo, em casa, completamente secas.

– Porque veio procurar-me? – conseguiu perguntar Kathleen, tentando dominar as pequenas réplicas que continuavam a reverberar pelo seu corpo.

– Lady Helen estava preocupada.

Uma vez seguro de que estava bem sentada, Devon deu um puxão no toucado e atirou-o para o chão.

– Lamento – disse, antes que ela protestasse. – Mas essa tinta fede como o chão de uma taverna de East End. Força, passe a perna para o outro lado da sela.

– Não consigo. Está presa no vestido.

O volumoso cavalo agitou-se debaixo deles. Incapaz de encontrar apoio firme na sela macia e deslizante, Kathleen, com gestos desajeitados, agarrou acidentalmente na coxa de Devon, dura como pedra. Abafando um grito, tirou a mão. Por mais que inspirasse, o ar parecia faltar-lhe permanentemente.

Transferindo momentaneamente as rédeas para a mão esquerda, Devon tirou o chapéu de feltro e colocou-o sobre a cabeça de Kathleen. Depois, começou a arranjar os múltiplos saiotes para ela poder esticar a perna, de modo a passá-la sobre a cernelha do cavalo.

Na infância, cavalgara a dois com as filhas dos Berwick, quando saíam para passear de pônei. Mas não havia comparação possível com a sensação daquele físico poderoso de homem atrás de si, cujas pernas acompanhavam as suas. Exceto a crina do cavalo, não tinha nada a que se agarrar, nem rédeas ou estribos.

Devon incitou o cavalo ao meio galope, andamento que, num cavalo árabe ou puro-sangue, era impecavelmente suave e fluído. Num cavalo de carga de peito largo, cujas pernas estavam mais afastadas do centro de gravidade, porém, o andamento a três tempos era mais breve e redondo. Kathleen percebeu imediatamente que Devon era um cavaleiro exímio, que acompanhava perfeitamente o cavalo, com o qual comunicava por meio de sinais explícitos. Esforçou-se por seguir o movimento ondulante do cânter, mas não era de todo como cavalgar sozinha e, para sua vergonha, deu por si a balançar na sela como uma novata.

O braço de Devon cingiu-se mais.

– Tranquila. Não a deixo cair.

– Mas eu não tenho nada ond...

– Relaxe.

Sentindo a facilidade com que ele mantinha o centro do peso combinado dos dois, Kathleen tentou soltar os músculos tensos, ficando com as costas perfeitamente apoiadas no peito dele. Então, como por magia, entrou no movimento do cavalo. Deixando-se embalar pela cadência, sentiu uma estranha satisfação ao notar que os seus corpos se moviam sobre o cavalo em perfeita sintonia.

A mão de Devon estava aberta sobre o seu ventre, mantendo-a segura. Pese embora a quantidade de tecido do vestido, sentia a flexão rítmica da robusta musculatura das coxas dele. Uma ânsia doce e insuportável começou a preencher-lhe o peito, intensificando-se lentamente até rezear que algo explodisse dentro dela.

Quando iniciaram a subida, Devon pôs o cavalo a passo e inclinou-se para a frente, de modo a distribuir mais peso pelas patas dianteiras do animal. Vendo-se obrigada a inclinar-se, Kathleen agarrou na crina áspera e escura do cavalo. Ouviu a voz de Devon, abafada por uma chuva de trovões. Voltando-se para melhor o ouvir, sentiu a textura irresistível da sua barba incipiente ao roçar o rosto no dele, o que lhe provocou cócegas na garganta, como se acabasse de enfiar os dentes num favo de mel.

– Estamos quase a chegar – repetiu Devon, aquecendo-lhe a pele molhada com a respiração quente.

Subiram a colina e dirigiram-se a meio galope até às cavalariças, um edifício de dois andares construído em tijolo cor de ameixa, com entradas em arco e pilares de pedras de formas geométricas. Um dos lados da estrutura alojava dez cavalos de sela e o outro dez cavalos de tiro. As cavalariças dispunham também de uma sala para selas e uma sala para arreios, outra para os demais equipamentos, um palheiro para forragem, uma cocheira e aposentos para os cavaleiros.

Comparadas com a mansão de Eversby Priory, as cavalariças estavam em muito melhor estado, o que se devia, sem dúvida, à influência do mestre cavaleiro, Mr. Bloom, um robusto cavaleiro do Yorkshire de suíças brancas e cintilantes olhos azuis. O que Bloom não tinha em altura sobrava-lhe em força e as suas mãos eram tão largas e possantes que esmagava nozes com os dedos. Cavaleiro nenhuma fora alguma vez gerida com padrões mais elevados: o chão estava sempre escrupulosamente limpo e todos os equipamentos reluzentes. Os cavalos que estavam a cuidado de Bloom viviam melhor do que a maior parte das pessoas. Kathleen conhecera o mestre cavaleiro cerca de duas semanas antes do acidente de Theo e gostara imediatamente dele. Bloom ouvira falar na coudelaria de Carbery Park e na excecional linhagem de cavalos árabes que o pai de Kathleen desenvolvera. Mostrara-se encantado por acolher *Asad* nas cavalariças dos Ravenel.

Após o acidente de Theo, Mr. Bloom apoiara a decisão de Kathleen de impedir o abate de *Asad*, apesar dos clamores dos amigos e conhecidos de Theo. Bloom compreendera que a imprudência de Theo contribuíra para a tragédia. *Um cavaleiro não deve nunca aproximar-se da sua montada*

enraivecido, dissera em privado a Kathleen, num pranto pela morte de Theo. Conhecia-o desde miúdo e ensinara-o a montar. *Especialmente um cavalo árabe. Disse a Lord Trenear que se entrava numa batalha com o Asad ia deixá-lo doido. Via-se que sua senhoria estava num dos seus assomos. Disse-lhe que havia dúzias de cavalos melhores para ele montar naquele dia. Ele não me ouviu, mas eu não deixo de me culpar.*

Kathleen não conseguira voltar às cavaliariças desde a morte de Theo. Não considerava *Asad* culpado pelo que acontecera, de todo; antes receava o que pudesse sentir quando o visse. Falhara com ele, assim como falhara com Theo, e desconhecia quando, ou como, conseguiria pacificar-se.

Ao perceber que atravessavam o arco principal das cavaliariças, Kathleen fechou brevemente os olhos e sentiu uma pedra de gelo no estômago. Fechou os lábios com força e conseguiu manter o silêncio. Sentia, a cada respiração, o cheiro familiar dos cavalos, das camas e das comidas deles, os odores reconfortantes da sua infância.

Devon fez estacar o cavalo e desmontou primeiro, ao mesmo tempo que dois cavaliariços acorriam solícitos.

– Demorem-se mais a tratar-lhe das patas, rapazes – instruiu a voz cordial de Mr. Bloom. – Este tipo de tempo traz candidíases. – Olhou para Kathleen e logo a sua postura se alterou. – Senhora. Que bom voltar a vê-la por cá.

Os seus olhares encontraram-se. Kathleen previra deparar com um brilho acusador no olhar dele, depois da forma como evitara as cavaliariças e abandonara *Asad*, mas viu apenas simpatia e preocupação. Fez um sorriso trémulo.

– É bom vê-lo, Mr. Bloom.

Ao desmontar, foi com surpresa que verificou que Devon a auxiliava, segurando-lhe a cintura para lhe facilitar a descida. Ela voltou-se para ele e Devon tirou-lhe o chapéu da cabeça com um gesto cuidadoso.

Estendendo-o ao mestre cavaliariço, anunciou:

– Obrigado por me emprestar o chapéu, Mr. Bloom.

– Graças a Deus que encontrou Lady Trenear no meio daquela enxurrada. – Reparando que o olhar de Kathleen vagueava pelas boxes, avançou, com cuidado: – O *Asad* está são como um pero, senhora. Nestas semanas, foi o cavalo mais bem-comportado de todo o estábulo. Ia alegrá-lo receber uma palavrinha sua.

Kathleen sentiu o coração aos saltos. O chão da estrebaria pareceu mexer-se por baixo dos seus pés. Assentiu num sobressalto.

– Suponho que possa ir vê-lo.

Para seu espanto, sentiu a mão de Devon no seu rosto, incitando-a a erguê-lo. Ele estava todo molhado, as pestanas pingavam e o cabelo ensopado brilhava.

– Talvez mais tarde – disse a Mr. Bloom, não deixando de fitar Kathleen. – Não queremos que Lady Trenear apanhe uma constipação.

– Claro que não – apressou-se a anuir Bloom.

Kathleen engoliu em seco e desviou o olhar. Tremia por dentro, ameaçada por uma onda de pânico.

– Quero vê-lo – sussurrou.

Sem dizer nada, Devon seguiu-a ao longo da fileira de boxes. Ouviu as indicações que Mr. Bloom lançava aos moços sobre o cuidado do cavalo de carga.

– Toca a mexer, rapazes! Deem uma boa esfregadela ao cavalo, e ração quente.

O mestre cavaliário mantinha uma atmosfera de trabalho para a deixar mais confortável.

Asad aguardava numa das boxes do fundo, alerta à aproximação de Kathleen. Levantou a cabeça e as orelhas espetaram-se ao reconhecê-la. Tratava-se de um macho castrado de estrutura compacta e possantes quartos traseiros, uma configuração elegante que lhe conferia simultaneamente velocidade e resistência. O seu pelo castanho de tão clarinho era quase doirado e a crina e a cauda eram muito loiras.

– Olá, rapaz! – exclamou Kathleen com ternura, estendendo a mão com a palma virada para cima. *Asad* cheirou a mão e saudou-a com um relinchar amistoso. Aproximou-se da porta da boxe baixando a cabeça e Kathleen afagou-lhe o focinho e a testa. O animal reagiu com pura alegria, resfolegando gentilmente e aproximando mais o focinho.

– Não devia ter esperado tanto para te visitar – disse Kathleen, cheia de remorsos, inclinando-se desajeitadamente para beijar o cavalo no espaço entre os olhos. Sentiu-o morder delicadamente o seu ombro, com um meio sorriso de prazer. Então, afastando a cabeça do animal, esfregou-lhe o pescoço acetinado tal como sabia que ele gostava. – Pobrezinho. Não devia

ter-te deixado tão só – confessou, enrolando os dedos na crina claríssima.

Asad apoiou a cabeça no seu ombro. O gesto de confiança deu-lhe um nó na garganta e Kathleen gemeu.

– Não foi culpa tua – sussurrou. – Foi minha. Desculpa. Não sabes como o lamento.

Sentia a garganta dolorosamente apertada. Por muito que engolissem em seco, não conseguia desfazer o lancinante nó. Sentia-se sem ar. Os seus braços deslizaram do pescoço de *Asad* e deu meia-volta. Aflita, cambaleante, esbarrou contra a dura muralha do peito de Devon.

Ele agarrou-a pelos cotovelos, segurando-a.

– O que se passa?

A batida frenética do seu coração mal a deixou ouvir a voz dele.

Kathleen abanou a cabeça, esforçando-se por não sentir, por não ceder. Dentro do peito, um aperto férreo ameaçava parar-lhe o coração.

– Diga-me – incitou Devon, sacudindo-a suavemente mas com determinação.

Não lhe saíam as palavras. Apenas um suspiro descarnado que se multiplicou em soluços incipientes. A pressão que sentia na garganta desapareceu subitamente e os seus olhos encheram-se de fogo líquido. Cega de desespero, empurrou Devon. *Por favor, meu Deus...* Estava a perder o controlo nas circunstâncias mais humilhantes que podia imaginar, diante da última pessoa no mundo que desejava ter como testemunha.

Sentiu o braço de Devon fechando-se, com força, sobre os seus ombros, conduzindo-a ao longo da fileira de boxes, alheio aos seus esforços para se libertar.

– Senhor? – perguntou Mr. Bloom, ligeiramente alarmado. – De que precisa a rapariga?

– De privacidade – replicou secamente Devon. – Para onde posso levá-la?

– Para a sala das selas – indicou o mestre cavaleiro, apontando para a entrada em arco que se abria depois das boxes.

Devon conduziu, quase em braços, Kathleen, que avançava aos tropeções, parecendo não ter noção de si, até ao compartimento desprovido de janelas e completamente revestido de madeira. Segurou-a, repetindo pacientemente o nome dela. Quanto mais ela se debatia, mais ele a atraía a si, até que acabou

encostada ao peito dele, completamente destroçada. A tentativa de conter os sons que lhe saíam da garganta e a faziam estremecer só os exacerbava.

– Está em segurança – ouviu-o dizer. – Fique tranquila... Está segura. Eu não a deixo.

Percebeu vagamente que ela deixara de tentar escapar e que se encostava mais a ele, procurando esconder-se. Dilacerada por soluços que não lhe permitiam pensar ou respirar, tinha os braços à volta dele e o rosto encostado ao seu pescoço. A emoção invadia-a como um dilúvio, impossível de dominar. Sentir tanto de uma só vez assemelhava-se a algum tipo de loucura.

O corpete apertava-a desumanamente, como um animal que tentasse esmagá-la com mandíbulas impiedosas. Fraquejou, os joelhos cederam... O seu corpo curvou-se num colapso lento, mas sentiu-se agarrada e erguida por braços fortes. Era-lhe impossível recuperar a sua força, controlar o que quer que fosse. Não tinha outra opção senão render-se, deixar-se dissolver nas convidativas e acolhedoras sombras.

CAPÍTULO 4

Após sabe-se lá quanto tempo, sentiu-se regressar pouco a pouco a si. Mexeu-se ao ouvir palavras sussurradas e passos em retirada. A chuva batia incessante no telhado. Com irritação, voltou o rosto para o outro lado, desejosa de atrasar o acordar. Algo macio e quente pousou levemente no seu rosto e a sensação despertou-lhe os sentidos.

Sentia o corpo pesado mas relaxado, a cabeça confortavelmente apoiada. Estava firmemente encostada a uma superfície sólida que subia e descia a um ritmo regular. Ao respirar, inalava um odor de cavalos e couro, e de algo fresco, como vetiver. Tinha a confusa impressão de que seria de manhã... o que não parecia totalmente certo...

Recordou a tempestade e ficou tensa.

Um murmúrio rouco fez-lhe cócegas na orelha.

– Está segura. Descanse apoiada em mim.

Abriu imediatamente os olhos.

– O que...? – principiou em voz vacilante, pestanejando. – Onde...? Oh!

Deparou com dois olhos azul-escuros sentindo no peito um pequeno sobressalto, não inteiramente desconfortável, ao descobrir-se nos braços de Devon. Estavam ambos no chão da sala das selas, em cima dos tapetes e cobertores dos cavalos. Era o sítio mais quente e seco das cavalariças, localizado perto das boxes para maior facilidade de acesso. Pela claraboia a luz do dia iluminava as fileiras de porta-selas fixos a paredes de pinho brancas; a chuva escorria sobre o vidro projetando sombras esguias no interior.

Decidindo que não se achava de todo preparada para se confrontar com a total desadequação do seu comportamento, Kathleen fechou novamente os

olhos. Mas, sentindo um prurido nas pálpebras inchadas, procurou esfregá-las, com gestos desajeitados.

Devon agarrou-lhe suavemente num dos pulsos, afastando-o.

– Não faça isso. Só vai piorar – disse, entregando-lhe um pano macio, daqueles que se utilizam para polir os arreios. – Está limpo. O mestre cavaleiro trouxe-o há poucos minutos.

– Ele... ? Quer dizer... Espero não ter estado... assim? – comentou ela, quase sem voz.

– Quer dizer, nos meus braços? – perguntou ele, com voz divertida. – Receio que sim.

Um gemido de desconforto fez-lhe estremecer os lábios.

– O que não deve ter pensado...

– Nada em absoluto. Na verdade, disse que só lhe faria bem deitar tudo cá para fora.

Humilhada, Kathleen secou os olhos e assoou o nariz.

Devon deslizou-lhe a mão por entre o cabelo desalinhado, acariciando-lhe suavemente a cabeça com as pontas dos dedos como se ela fosse um gato. Era violentamente indecoroso ele tocar-lhe daquela forma, mas dava-lhe um prazer tão intenso que não conseguiu opor-se.

– Diga-me o que aconteceu – incitou ele, com suavidade.

Kathleen sentiu-se completamente vazia, o corpo inerte como um saco de farinha sem conteúdo. O simples esforço de abanar a cabeça era extenuante.

A mão apaziguadora de Devon continuava a afagar-lhe o cabelo.

Estava demasiado exausta para lho negar.

– Foi culpa minha – ouviu-se dizer, enquanto um fio de lágrimas quentes descia do canto do olho até aos cabelos, desaparecendo. – Sou a razão pela qual o Theo morreu.

Devon permaneceu em silêncio, aguardando pacientemente que ela continuasse.

As palavras, envergonhadas, precipitaram-se da boca de Kathleen.

– Eu incitei-o a fazê-lo. Tínhamos estado a discutir. Se me tivesse comportado como devia, se tivesse sido compreensiva em vez de mesquinha, o Theo ainda estaria vivo. Eu tinha planeado montar o *Asad* naquela manhã,

mas o Theo queria que eu ficasse para o domar com ele e eu disse que não o faria, com ele no estado em que estava. Depois o Theo disse que ia andar a cavalo comigo, mas eu disse-lhe... – Um soluço desgarrado travou-a, mas Kathleen, resoluta, prosseguiu: – Eu disse que ele não conseguiria acompanhar-me. Na noite anterior tinha bebido e ainda não estava recuperado.

Devon traçou-lhe o fio de água com o dedo numa carícia.

– Então ele decidiu provar-lhe que estava errada – comentou, passado um instante.

Kathleen assentiu, com os lábios trémulos.

– Saiu a correr para as cavalariças, meio bêbedo e furioso – prosseguiu Devon – e insistiu em montar um cavalo que provavelmente, mesmo sóbrio, não conseguia controlar.

O rosto delicado de Kathleen evidenciou extrema tensão.

– Porque eu não fui capaz de o convencer, como qualquer boa esposa faria.

– Espere – disse Devon, quando se escapou um novo soluço. – Não, não comece outra vez. Fique tranquila. Respire fundo.

Retirando a mão do cabelo dela, sentou-a mais alto no seu colo até estarem quase de frente. Pegou num pano limpo e secou-lhe os olhos e o rosto como se se tratasse de uma criança.

– Vamos analisar racionalmente a situação – propôs. – Primeiro, quanto a essa coisa de conseguir convencer o Theo... Um marido não é um cavalo pronto a amestrar. O meu primo era um homem feito, dono do seu próprio destino. Escolheu correr um risco estúpido e pagou o preço.

– Sim... Mas tinha estado a beber...

– Também isso foi escolha dele.

Kathleen ficou perplexa com a forma prática e sem cerimónias com que ele tratava o assunto. Contara que ele a culpasse, mais até do que ela própria o fazia, se tal era possível. Ninguém podia negar a sua culpabilidade; era demasiado óbvia.

– Foi culpa minha – insistiu. – O Theo não era senhor de si quando estava irritado. Perdia o discernimento. Eu devia ter procurado uma forma de o acalmar e, em vez disso, levei-o ao limite.

– Não era responsabilidade sua salvar o Theo dele próprio. Quando decidia

comportar-se como um idiota, ninguém conseguia impedi-lo.

– Mas, repare, não foi nenhuma *decisão*. O Theo não podia evitar que eu o enfurecesse.

Devon contorceu os lábios como se ela tivesse dito algo ridículo.

– Claro que podia.

– Como é que sabe?

– Eu sou um Ravenel. Tenho o mesmo mau feitio. Sempre que me deixo sucumbir, sei perfeitamente o que estou a fazer.

Ela abanou a cabeça, recusando-se a ser tranquilizada.

– Não ouviu a forma como lhe falei. Fui sarcástica e nada gentil... Oh... Devia ter visto a cara dele...

– Tenho a certeza de que foi uma autêntica bruxa. Contudo, um punhado de palavras afiadas não são razão suficiente para o Theo se lançar numa birra suicida.

Detendo-se para ponderar as palavras dele, Kathleen reparou com perplexidade que havia enfiado os dedos nas madeixas rebeldes de Devon e que tinha os braços à volta do pescoço dele. Quando é que aquilo acontecera? Corando furiosamente, retirou as mãos com brusquidão.

– Não tem compaixão pelo Theo porque não gostava dele – afirmou, constrangida –, mas...

– Também não decidi ainda se gosto ou não de si. O que não altera a forma como vejo a situação.

Kathleen fitou-o com perplexidade. De alguma forma, aquela apreciação fria e racional era mais reconfortante do que qualquer compaixão.

– Vieram buscar-me a correr, depois do acidente – continuou ela, sem pensar. – O Theo estava deitado no chão. Tinha o pescoço partido e ninguém queria mexer-lhe antes de o médico chegar. Eu debrucei-me sobre ele e disse o seu nome e ele, ao ouvir a minha voz, abriu os olhos. Vi que estava a morrer. Encostei a minha mão ao rosto dele e disse que o amava e ele disse: *Não és minha mulher*. Foram as últimas palavras que ele disse. Quando o médico chegou, estava inconsciente...

Seguiram-se lágrimas. Kathleen não reparou que torcia o pano de polir entre as mãos fechadas até ele as cobrir com uma mão para acalmar o movimento agitado.

– Eu não me prenderia às últimas palavras do Theo – disse Devon. – Não podemos esperar muita sensatez delas. Por amor de Deus, o homem tinha o pescoço partido... – Afagou-lhe as mãos repetidamente. – Ouça, meu pequeno regador... Era da natureza do meu primo ser impetuoso, a qualquer momento. Seria sempre assim. Há séculos que a imprudência corre nas veias da família Ravenel. Mesmo que se tivesse casado com uma santa, perderia as estribeiras.

– Não sou nenhuma santa – declarou penosamente Kathleen, baixando a cabeça.

– Não demorei mais de um minuto a percebê-lo – declarou ele com diversão na voz.

Continuando de cabeça baixa, Kathleen olhou a mão que cobria a sua, totalmente masculina, elegante mas terrivelmente forte.

– Se ao menos pudesse voltar atrás – sussurrou.

– Ninguém pode culpá-la pelo que aconteceu.

– Culpo-me eu.

– «...por mais que ela cubra o sinal, a dor dele é que estará sempre no seu coração»¹.

Reconhecendo as palavras de *A letra encarnada*, Kathleen fitou-o com ar tristíssimo.

– Compara-me a Hester Prynne?

– Somente nas suas aspirações ao martírio. Embora Hester tenha aproveitado bem antes de sofrer o seu castigo, ao passo que a senhora, pouco terá aproveitado.

– Aproveitar? – A perplexidade tomou o lugar do desespero. – De que está a falar?

Devon olhava-a atentamente.

– Imaginaria que mesmo uma senhora de bem encontrasse algum prazer no abraço conjugal.

Ela quase gritou de indignação.

– Eu... Você... Como se atreve a abordar semelhante tema?! – O homem mostrara-se tão atencioso e a sua presença fora tão reconfortante... E agora voltava a ser o mesmo tratante insuportável. – Como se eu fosse falar disso com alguém! E logo com você!

À medida que ela se contorcia para se erguer do seu colo, Devon segurou-a sem esforço.

– Antes de sair disparada em justificada indignação – disse –, talvez deseje apertar o corpete.

– O cor...

Kathleen constatou, horrorizada, que os primeiros botões do vestido e os primeiros ganchos do corpete se encontravam desapertados. Ficou vermelha.

– Oh... Como se atreveu?

– Estava com dificuldade em respirar – explicou Devon com um brilho divertido nos olhos. – A necessidade de oxigénio pareceu sobrepor-se à decoro. – Observando o esforço frenético de Kathleen para voltar a apertar o corpete, perguntou educadamente: – Posso ajudar?

– *Não!* Embora não duvide da sua habilidade em «ajudar» as senhoras com a sua roupa íntima.

– Raramente são senhoras.

Devon riu baixinho enquanto ela se debatia com os ganchos do corpete com pânico crescente.

A tensão da tarde deixara-a tão esgotada que a tarefa mais simples se revelava um suplício, mas Kathleen, bufando e contorcendo-se, persistia em unir as duas pontas do corpete.

Após mais alguns segundos de observação, Devon disse bruscamente:

– Permita-me. – Afastou-lhe as mãos e começou a apertar eficientemente o corpete. Ela sobressaltou-se ao sentir os nós das mãos dele no peito. Depois de apertar os ganchos, Devon dedicou-se à fileira de botões do corpete. – Relaxe. Não vou violentá-la. Estou longe de ser o depravado que a minha reputação sugere. Além disso, um seio de proporções tão modestas, embora seja encantador, não basta para despertar a minha luxúria.

Kathleen fulminou-o com o olhar e ficou imóvel, secretamente aliviada por ele tornar a dar-lhe um motivo para o detestar. Aqueles dedos compridos trabalharam agilmente até cada botão estar seguro no seu pequeno anel de seda. Devon apreciou o resultado do seu trabalho.

– Pronto – murmurou.

Ela saltou do colo dele com a urgência de um gato escaldado.

– Cuidado! – Devon encolheu-se quando ela apoiou um joelho sem olhar. –

Continuo a ter de gerar um herdeiro, o que torna mais valiosas para a propriedade do que jóias de família certas partes da minha anatomia.

– Para mim, não o são – replicou ela, levantando-se, vacilante.

– Ainda assim, tenho-lhes muito apreço – declarou ele com um grande sorriso, levantando-se num movimento ágil e preparando-se para a segurar.

Consternada com o estado deplorável do seu vestido, amarfanhado e enlameado, Kathleen sacudiu os pedaços de feno e de crina de cavalo que decoravam o tecido.

– Devo acompanhá-la até casa? – perguntou Devon.

– Prefiro ir sozinha – respondeu ela.

– Como desejar.

Endireitando as costas, Kathleen acrescentou:

– Não voltamos a falar disto.

– Muito bem.

Além disso... Continuamos a não ser amigos.

– Somos inimigos, então? – replicou ele sem desviar o olhar.

– Depende. – Kathleen inspirou, vacilante. – O que... O que fará com o *Asad* ?

Algo no rosto dele se suavizou.

– Ficará na propriedade até voltar a ser treinado. É tudo o que posso prometer-lhe neste momento.

Embora não fosse exatamente a resposta que ela desejava, era melhor do que uma venda imediata. Se fosse possível voltar a treiná-lo, poderia encontrar um dono que o valorizasse.

– Então... Suponho que não sejamos inimigos.

Devon estava diante de si em mangas de camisa, sem gravata nem colarinho à vista. Tinha as calças enlameadas e, no cabelo despenteado, via-se um pedaço de feno. Naquele desalinho, porém, era ainda mais atraente. Kathleen aproximou-se dele com extrema hesitação e ele ficou muito quieto enquanto ela se esticava para lhe tirar uma palha de feno do cabelo. O cabelo estava convidativamente desalinhado e ela quase se sentiu tentada a compor uma madeixa que lhe caía sobre a testa.

– Quanto tempo dura o período de luto? – perguntou bruscamente, ao que Kathleen pestanejou, desconcertada.

– Para uma viúva? Existem quatro períodos de luto.

– *Quatro?*

– O primeiro dura um ano; o segundo, seis meses; o terceiro, três meses e, por fim, temos o luto parcial, que dura a vida inteira.

– E se a viúva desejar voltar a casar-se?

– Poderá fazê-lo depois de um ano e um dia, embora não seja visto com bons olhos um casamento tão rápido, a não ser que tenha filhos ou que careça de rendimentos.

– Não é bem visto, mas não é proibido?

– Sim. Porque pergunta?

Devon encolheu os ombros com indiferença.

– Mera curiosidade. Os homens só têm de permanecer de luto durante seis meses. Provavelmente porque não toleraríamos um período mais longo.

Ela encolheu os ombros.

– O coração dos homens é diferente do das mulheres.

Ele fitou-a com expressão interrogativa.

– As mulheres amam mais – explicou Kathleen. Ao ver a expressão dele, perguntou: – Julga que me engano?

– Julgo que conhece mal os homens – devolveu ele com delicadeza.

– Estive casada: sei tudo o que desejo. – Dirigiu-se para a porta, mas deteve-se para o olhar. – Obrigada – disse, saindo sem lhe dar hipótese de responder.

Devon caminhou devagar até à porta depois de ela se ir embora. Fechou os olhos e, apoiando a testa no umbral, deixou sair um suspiro controlado.

Santo Deus... Desejava-a indecentemente.

Voltou-se e encostou-se aos painéis de madeira, tentando compreender o que estava a acontecer-lhe. Invadira-o uma desastrosa sensação de euforia. Pressentia que experimentara uma mudança radical da qual não haveria

retorno.

Detestava ver chorar uma mulher. Ao primeiro sinal de lágrimas, punha-se a correr como uma lebre em fuga. Mas, assim que envolvera Kathleen nos braços, no espaço de um mero instante, o mundo, o passado, tudo quanto lhe dera certezas, fora obliterado. Ela viera ao seu encontro, não por paixão ou por medo, mas pela simples necessidade humana de proximidade. Fora impossível de resistir. Nunca ninguém buscara conforto nele e o ato de o proporcionar revelara-se infinitamente mais íntimo do que a mais tórrida aventura sexual. Sentira toda a força do seu ser a envolvê-la num momento de pura ligação.

Os seus pensamentos não se deixavam dominar. Persistia a abrasadora sensação de a ter sentada no seu regaço. Antes de ela recuperar completamente, beijara-lhe o rosto macio, húmido das lágrimas salgadas e da chuva de verão. Desejava beijá-la novamente, toda ela, durante horas a fio. Queria tê-la nua e exausta nos seus braços. Depois de todas as experiências passadas, o prazer físico perdera qualquer rasto de novidade, mas naquele momento desejava Kathleen de formas que o impressionavam.

Que situação dos diabos, pensou, furiosamente. Uma propriedade arruinada, uma fortuna depauperada e uma mulher que não podia ter. Kathleen ficaria de luto durante um ano e um dia e, mesmo depois desse período, estaria fora do seu alcance. Ela nunca se rebaixaria a ser amante de nenhum homem e depois do que passara com Theo, jamais quererá uma ligação com um Ravenel.

Muito sério, Devon recolheu o casaco que pousara no chão e que estava agora completamente amarrotado. Enfiando-o, saiu lentamente da sala das selas, regressando pelas boxes. No extremo oposto do edifício, dois cavaleiros conversavam enquanto limpavam uma delas. Assim que deram pela sua presença, calaram-se, e Devon não ouviu mais do que o varrer da vassoura e o raspar cuidadoso da pá. Alguns cavalos observavam-no com curiosidade enquanto outros afetavam desinteresse.

Mantendo os movimentos relaxados, Devon dirigiu-se à boxe do cavalo árabe. *Asad* voltou-se de lado para o ver, contraindo o focinho num sinal de inquietude.

– Não tens com que te preocupar – murmurou Devon. – Dificilmente alguém poderá culpar-te de torceres o nariz à chegada de um Ravenel.

Asad arrastou os pés e abanou a cauda num movimento nervoso. Devagar, aproximou-se da frente do pequeno compartimento.

– Atenção, senhor – ouviu dizer a voz calma de Mr. Bloom, algures atrás de

si. – É dos que mordem. Se ele não o conhecer, arrisca-se. Prefere a companhia das meninas à dos homens.

– Só demonstra o quanto és sensato – disse Devon, para o cavalo. Estendeu uma mão com a palma voltada para cima, como vira fazer Kathleen.

Asad cheirou, cauteloso. Os seus olhos semicerraram-se. Mexendo a boca, baixou a cabeça num gesto de submissão e encostou o focinho às mãos de Devon. Este sorriu e afagou a cabeça do animal com ambas as mãos.

– Que rapaz tão jeitoso!

– E sabe bem disso – garantiu o mestre cavaliário, aproximando-se com uma gargalhada discreta. – Nota o cheiro da senhora em si. Está conquistado. Assim que se sentem seguros com uma pessoa, fazem tudo o que queremos.

Devon passou a mão pelo pescoço gracioso de *Asad*, desde a correia do freio esguia e refinada até à espádua possante. O pelo era sedoso e quente como seda viva.

– O que diz do temperamento dele? – perguntou. – Representa algum perigo para Lady Trenear, se ela continuar a treiná-lo?

– Nenhum, senhor. O *Asad* será um cavalo perfeito para uma senhora, assim que estiver devidamente treinado. Não é teimoso; só sensível. Vê, ouve e cheira tudo. Astuto, como os melhores. Devem ser montados com tato e mãos delicadas. – Bloom hesitou, cofiando distraidamente as suíças brancas. – Uma semana antes do casamento, trouxeram o *Asad* de Leominster. Lord Trenear veio aos estábulos vê-lo. Ainda bem que a senhora não estava aqui para assistir. O *Asad* mordeu-o e sua senhoria deu-lhe um murro no focinho. Eu avisei-o de que, se usasse os punhos com um cavalo destes podia ganhar o temor dele mas não a confiança. – Bloom abanou a cabeça, com os olhos humedecidos. – Conhecia o senhor desde que era um rapazinho. Em Eversby Priory, todos o adoravam. Mas ninguém podia negar que tinha pavio curto.

– Pavio curto? – perguntou Devon com um olhar irónico.

– É como dizemos quando um homem não consegue controlar o seu temperamento.

Asad levantou a cabeça e tocou delicadamente com o focinho no queixo de Devon. Este resistiu ao impulso de afastar a cabeça.

– Sopre-lhe devagar para o focinho – murmurou Bloom. – Quer fazer amizade consigo.

Devon acatou o conselho. Depois de o fazer, o cavalo afagou-lhe o peito,

lambendo-lhe a camisa.

– Está conquistado, senhor – concluiu o mestre cavaleiro, abrindo um enorme sorriso que lhe tornou o rosto ainda mais amistoso.

– Não é mérito meu – replicou Devon, afagando a cabeça elegante do animal –, mas apenas do cheiro de Lady Trenear.

– Certo. Mas tem um certo jeito. – Impassível, o mestre cavaleiro acrescentou: – E com sua senhoria, diria.

Devon semicerrou os olhos, mas o idoso devolveu-lhe um olhar inocente.

– Lady Trenear estava perturbada pela memória do acidente do marido – disse Devon. – Oferecia ajuda a qualquer mulher naquele estado. – Fez uma pausa. – Pelo bem dela, desejo que nem o senhor nem os cavaleiros façam qualquer comentário sobre a sua perda de compostura.

– Disse aos rapazes que os esfolo vivos se ouvir um sussurro sequer. – Bloom franziu a testa de preocupação. – Naquela manhã... houve uma discussão entre a senhora e o senhor antes de ele vir a correr para as cavaleiras. Preocupa-me que a senhora possa culpar-se.

– É o que faz – confirmou Devon em voz baixa. – Mas eu disse-lhe que não tem qualquer responsabilidade pelas ações dele. Nem o cavalo. O meu primo foi o causador da sua própria tragédia.

– Concordo, senhor.

– Adeus, rapaz – disse Devon, dando uma última palmadita a *Asad*. – Venho visitar-te de manhã, antes de me ir embora. – Voltou-se para percorrer o caminho até à entrada, acompanhado pelo idoso. – Suponho que não falem rumores na propriedade depois da morte do conde.

– Rumores? Sim, por todo o lado.

– Alguém comentou por que razão Lord e Lady Trenear discutiam, nessa manhã?

O rosto de Bloom não traía qualquer expressão.

– Não sei dizer.

Não havia dúvidas de que o homem tinha alguma noção da natureza do conflito entre Theo e Kathleen. Contudo, seria impróprio continuar a questioná-lo acerca de assuntos privados. Relutante, Devon abandonou o tema... de momento.

– Obrigado pela sua ajuda com Lady Trenear – disse ao mestre cavaleiro. –

Se ela decidir continuar a treinar o *Asad*, permito que o faça desde que tenha a sua supervisão. Confio na sua capacidade de a manter em segurança.

– Obrigada, meu senhor – exclamou Bloom. – Isso quer dizer que a senhora fica em Eversby Priory?

Devon ficou a olhar para ele, incapaz de dar uma resposta.

Aparentemente tratava-se de uma pergunta simples, mas era de uma complexidade avassaladora. O que tencionava fazer com Kathleen? Com as irmãs de Theo? O que tencionava fazer com Eversby Priory, as cavaliariças, a casa e as famílias que cultivavam a propriedade?

Seria realmente capaz de deixar tudo à mercê do destino?

Mas como poderia passar o resto da sua vida ameaçado por uma dívida inimaginável e obrigações que pendiam sobre a sua cabeça como a espada de Dâmocles? Maldição!

Fechou brevemente os olhos ao constatar a resposta: Desde que fora informado da morte de Theo que sentira a espada sobre si.

Não havia qualquer escolha a fazer. A responsabilidade inerente ao título era sua, quer a desejasse quer não.

– Sim – respondeu, finalmente, ao mestre cavaliariço, sentindo-se algo indisposto. – Ficarão todos.

O idoso sorriu e assentiu como se não esperasse ouvir outra resposta.

Saindo pela ala das cavaliariças que conduzia à casa, Devon entrou no vestíbulo do edifício. Acompanhava-o uma surpreendente sensação de distância perante toda a situação, como se a sua mente tivesse decidido recuar e apreciá-la como um todo antes de se deter nas implicações.

Sons de piano e vozes femininas chegavam de um dos pisos de cima. Poderia estar enganado, mas pareceu-lhe distinguir uma voz masculina na conversação.

Reparando numa criada que limpava a balaustrada da escadaria principal com uma escova para corrimãos, perguntou:

– De onde vem este alarido?

– A família está a lanchar na sala de cima, senhor.

Devon começou a subir a escada com passos pesados e comedidos. Quando se aproximou da sala, não teve qualquer dúvida de que a voz pertencia ao seu incorrigível irmão.

– Lord Trenear – exclamou West com um sorriso largo quando Devon entrou na sala. – Veja que primas tão encantadoras descobri!

Estava sentado numa cadeira, junto a uma mesa de jogo, vertendo uma boa dose de bebida do seu frasco para uma chávena de chá. À sua volta, as gémeas procuravam refazer um mapa a partir de pequenos pedaços de madeira. Olhando o irmão com expressão interrogativa, West comentou:

– Parece que andaste na guerra.

– Não devias estar aqui – repreendeu Devon. Falando para a sala em geral, perguntou: – Alguém foi corrompido ou desonrado?

– Desde os doze anos – replicou o irmão.

– Não me dirigia a ti, mas às raparigas.

– Ainda não – replicou Cassandra alegremente.

– Caramba! – exclamou Pandora, examinando uma mão-cheia de peças. – Não consigo encontrar Luton.

– Não se preocupe com isso – declarou West. – Podemos deixar Luton de fora que a Inglaterra não ficará pior por isso. Na verdade, será um avanço.

– Dizem que se fazem chapéus muito bonitos em Luton – comentou Cassandra.

– Ouvi dizer que a chapelaria enlouquece as pessoas – comentou Pandora. – Algo que não compreendo, pois não parece suficientemente entediante para ter tal efeito.

– Não é o ofício que as enlouquece – replicou West. – É a solução de mercúrio utilizada para deixar o feltro macio. A exposição prolongada afeta o cérebro. É daí que vem a expressão «louco como um chapeleiro».

– Então porque se utiliza, se deixa os trabalhadores doentes? – perguntou Pandora.

– Porque não faltam trabalhadores – replicou West com cinismo.

– Pandora! – exclamou Cassandra. – Gostaria que não tentasses encaixar à força uma peça do quebra-cabeças, quando é evidente que não encaixa.

– Encaixa, sim – insistiu teimosamente a irmã gémea.

– Helen – chamou Cassandra. – A ilha de Man fica localizada no mar do Norte?

A música cessou por um instante e ouviu-se a voz de Helen, vinda do canto

onde estava sentada diante de um pequeno piano vertical. Embora o instrumento estivesse desafinado, os dotes de pianista da jovem eram evidentes.

– Não, querida. No mar da Irlanda.

– Ora bolas! – exclamou Pandora, descartando a peça. – Isto é «frustrasperante».

Vendo a expressão desorientada de Devon, Helen explicou:

– A Pandora gosta de inventar palavras.

– Não é que *goste* – esclareceu Pandora, em tom irritado. – É só que às vezes as palavras vulgares não exprimem como me sinto.

Helen levantou-se do banco do piano e aproximou-se de Devon.

– Obrigada por encontrar a Kathleen, senhor – disse, com olhar sorridente.
– Ela está a descansar no piso de cima. As criadas prepararam-lhe um banho quente e a cozinheira, depois, envia-lhe um tabuleiro.

– Está bem? – indagou ele, perguntando-se o que lhe teria contado exatamente Kathleen.

– Creio que sim – assentiu Helen. – Embora um pouco cansada.

Claro que sim. Agora que pensava no assunto, ele também.

Devon voltou-se para o irmão.

– West, quero falar contigo. Por favor, acompanha-me até à biblioteca.

West bebeu o resto do chá, levantou-se e apresentou uma vénia às irmãs Ravenel.

– Obrigado por esta tarde deliciosa, minhas queridas. – Fez uma pausa antes de sair. – Pandora, querida, está a tentar enfiar Portsmouth em Gales... O que, garanto-lhe, não será do agrado de nenhuma das partes.

– Eu disse-te – censurou Cassandra, e as gémeas lançaram-se numa disputa enquanto Devon e West saíam.

¹ Hawthorne, N., *A letra encarnada*, Assírio & Alvim, 2002. (N. da T.)

CAPÍTULO 5

— Irrequietas como gatinhas – comentou West, enquanto entravam na biblioteca. – É um desperdício, estarem no campo. Confesso que não imaginava que a companhia de raparigas inocentes pudesse ser tão divertida.

– E se participassem numa temporada londrina? – perguntou Devon. Era uma das inúmeras perguntas que davam voltas na sua mente. – Como avalias as suas perspetivas?

– De agarrar um marido? Inexistentes.

– Nem mesmo Lady Helen?

– Lady Helen é um anjo. Encantadora, discreta, prendada... Teria o seu quinhão de pretendentes. Mas os homens mais adequados para ela nunca se chegariam à frente. Hoje em dia, ninguém se pode dar ao luxo de querer uma rapariga desprovida de dote.

– Há homens que poderiam fazê-lo – replicou distraidamente Devon.

– Quem?

– Alguns dos tipos que conhecemos... O Severin, ou o Winterborne...

– Se são nossos amigos, não os recomendaria a Lady Helen. Foi educada para se casar com um homem de posses, culto. Não um bárbaro.

– Dificilmente chamaria bárbaro a um proprietário de grandes armazéns.

– O Rhys Winterborne é vulgar, implacável, capaz de subjugar praticamente qualquer princípio ao lucro pessoal... Qualidades que admiro, evidentemente... Mas nunca seria um homem adequado para Lady Helen. Iriam fazer-se profundamente infelizes.

– Evidentemente. Trata-se de casamento.

Devon sentou-se numa cadeira bafienta, atrás de uma secretária, posicionada diante de um dos nichos que alojavam grandes janelas. Até então, a biblioteca era a sua divisão preferida da casa, com os seus painéis de carvalho e as suas paredes revestidas de estantes do chão ao teto, que continham pelo menos três mil volumes. Uma das estantes possuía fileiras de gavetas estreitas para guardar mapas e documentos. Notas de tabaco, tinta e pó dos livros sobrepunham-se à doçura do papel velino e do pergaminho.

Languidamente, pegou numa boquilha de madeira para charuto e examinou-a. A peça estava trabalhada em forma de colmeia e na superfície viam-se pequenas abelhas de bronze.

- Aquilo de que o Winterborne mais precisa é algo que não possa comprar.
- Se ele não consegue comprar é porque não vale a pena ter.
- O que me dizes à filha de um aristocrata?

West percorria lentamente as estantes, espreitando os títulos. Tirou um livro de uma prateleira e examinou-o com indiferença.

– Por que diabo estamos a falar de um possível marido para Lady Helen? O futuro dela não te diz respeito. Depois de vendermos a propriedade, o mais provável é nunca mais voltares a vê-la.

Devon percorreu o caminho das abelhas com o dedo e respondeu:

- Não vou vender a propriedade.
- Ficaste louco? Porquê? – perguntou West, quase deixando cair o livro.

Devon não queria explicar as suas razões, já que tentava ainda decifrá-las.

- Não desejo ser um conde sem terras.
- Desde quando é que o teu orgulho passou a importar?
- Desde que me tornei aristocrata.

West dirigiu-lhe um olhar contundente.

– Nunca esperaste herdar algo como Eversby Priory, nunca o desejaste e não estás minimamente preparado para o fazer. É um garrote à volta do teu pescoço. Só na reunião desta manhã com o Totthill e o Fogg o percebi verdadeiramente. Estarias louco se fizesses outra coisa que não vendê-la e ficar com o título.

- Um título não é nada sem uma propriedade.
- Não tens como sustentar a propriedade.

– Terei de encontrar uma forma de o fazer.

– Como? Não fazes a menor ideia de como administrar assuntos financeiros complexos. E o cultivo da terra? Nunca plantaste um nabo! Sejam quais forem as tuas aptidões, que não abundam, de nada te servem para te encarregares de semelhante empresa.

Estranhamente, quanto mais o irmão fazia eco das hesitações que ele próprio albergava, mais determinado Devon se tornava.

– Com mil demónios! Se o Theo tinha as aptidões necessárias, porque não poderei eu aprender?

– É essa a origem deste disparate? – replicou West, incrédulo, abanando a cabeça. – Estás a tentar competir com o nosso falecido primo?

– Não sejas idiota! – reagiu Devon. – Não é óbvio que está muito mais em jogo? Por amor de Deus, olha à tua volta! Esta propriedade é o ganha-pão de centenas de pessoas. Sem ela, muitas não sobreviverão. Diz-me que estarias disposto a dizer cara a cara a cada um dos rendeiros que tem de se mudar com a família para Manchester, para se tornarem todos operários numa daquelas fábricas imundas.

– Em que é que uma fábrica é pior do que um torrão de terra lamacento?

– Atendendo às doenças que proliferam nas cidades, ao crime, aos becos odiosos e à pobreza abjeta – devolveu Devon, cáustico –, diria que é consideravelmente pior. E se os meus rendeiros e os meus criados partirem todos, quais serão as consequências para a cidade de Eversby? O que será dos comerciantes e outros negócios quando o solar deixar de existir? Tenho de ir para a frente com isto, West. Não há outra escolha.

O irmão fitava-o como se fosse um desconhecido.

– Os *teus* rendeiros e os *teus* criados.

– Não? São de quem? – reagiu Devon, com expressão carrancuda.

Os lábios de West curvaram-se num sorriso de escárnio.

– Diga-me, então, vossa excelência... O que acontecerá quando falhar?

– Não posso pensar no fracasso. Se o fizer, estou condenado à partida.

– Condenado, *já* estás. Queres pavonear-te enquanto o telhado cai e os rendeiros morrem de fome? Não contes comigo para essa loucura narcisista.

– Não to pediria – retorquiu Devon, encaminhando-se para a porta. – Dado que estás quase sempre bêbedo como um cacho, não me serves de nada.

– Mas quem raio pensas tu que és? – vociferou West.

Devon parou no umbral da porta e olhou-o com frieza.

– Sou o conde de Trenear – declarou, abandonando a biblioteca.

CAPÍTULO 6

Pela primeira vez desde o acidente de Theo, Kathleen tivera um sono sem pesadelos. Depois de emergir lentamente do seu descanso profundo, sentou-se na cama enquanto Clara, a sua criada pessoal, lhe trazia o pequeno-almoço.

– Bom dia, senhora. – Clara pousou cuidadosamente a bandeja no colo de Kathleen enquanto uma criada abria as cortinas, deixando entrar a luz cinzenta e mortiça de um céu enublado. – Lord Trenear deu-me uma mensagem para colocar junto ao seu prato.

Franzindo a testa de curiosidade, Kathleen desdobrou o pequeno retângulo de pergaminho. A caligrafia de Devon era angular e decidida. Leu as palavras escritas a tinta preta.

Senhora,

Visto que partirei em breve para Londres, gostaria de debater um assunto de bastante importância. Peço-lhe que desça à biblioteca assim que possível.

–Trenear

Ficou com os nervos em franja ao imaginar-se diante de Devon. Sabia por que razão ele pretendia falar com ela... Pedir-lhe-ia que abandonasse o mais rapidamente possível a propriedade. Não desejava ser incomodado pela presença da viúva de Theo ou das suas irmãs e, como era óbvio, ninguém esperaria tal coisa dele.

Naquele mesmo dia efetuaria diligências para encontrar uma casa. Com

rigorosa poupança, ela, Helen e as gêmeas conseguiriam viver dos rendimentos das suas arras. Talvez fosse pelo melhor, iniciar uma nova vida noutro lugar. Pouco lhe tinham trazido de bom os três meses em que vivera em Eversby Priory. E, embora Helen e as gêmeas adorassem a única casa que haviam conhecido, também elas beneficiariam de uma mudança. Estavam afastadas do mundo há demasiado tempo... Precisavam de outras pessoas, outras paisagens, outras experiências. Sim... Juntas, as quatro, iriam conseguir.

Mas Kathleen estava profundamente preocupada com o que o destino reservaria aos criados e aos rendeiros. Sentia pesar, também, por a família Ravenel e o seu legado sucumbir com a morte de Theo.

Cheia de melancolia, vestiu – com a ajuda de Clara – os múltiplos saiotes, um corpete e uma anquinha com uma pequena almofada. Seguiu-se um vestido preto de tecido crepe, ajustado ao corpo por faixas plissadas que caíam sobre as costas e terminavam numa ligeira cauda. Era apertado na parte da frente por botões negros, as compridas mangas justas nos pulsos e rematadas por punhos removíveis de linho branco. Ponderou mas rejeitou a ideia de levar um véu, decidindo, com um sorriso seco, que tais formalidades, entre ela e Devon, já não se justificavam.

Enquanto penteava o cabelo de Kathleen em tranças cuidadosamente cingidas à cabeça, Clara perguntou, a medo:

– Senhora... Sua senhoria disse alguma coisa sobre o que pensa fazer com os criados? Muitos estão preocupados com os seus postos de trabalho. Especialmente os mais velhos...

– Até agora ainda não me revelou nada dos seus planos – devolveu Kathleen, impacientando-se com a sua própria impotência. – Mas o teu lugar está seguro comigo.

– Obrigada, senhora.

Clara pareceu ligeiramente aliviada, mas Kathleen compreendia as emoções contraditórias desta. Depois de ocupar uma posição elevada numa propriedade ilustre, seria uma despromoção trabalhar numa pequena casa de campo ou em aposentos arrendados.

– Farei o que puder para influenciar Lord Trenear a favor dos criados – afiçou Kathleen –, mas receio não ter qualquer ascendente sobre ele.

Trocaram sorrisos melancólicos e Kathleen abandonou o quarto.

Quando se aproximava da biblioteca, sentiu os batimentos do seu coração a

acelerar de forma desconfortável. Endireitou as costas e entrou.

Devon, que parecia ocupado a observar uma prateleira de livros, esticou uma mão para endireitar três volumes que tinham caído de lado.

– Senhor – disse Kathleen em voz baixa.

Devon voltou-se, encontrando-a com o olhar. Estava avassaladoramente belo, vestido com um traje de corte impecável, pouco justo, segundo a moda mais atual. O corte informal do fato em nada suavizava as linhas duras do seu corpo. Por um momento, Kathleen não conseguiu deixar de recordar a sensação dos braços dele à sua volta, do peito sólido onde deitara o seu rosto. Uma onda de calor subiu-lhe às faces.

Devon, de rosto imperscrutável, apresentou uma vénia. À primeira vista parecia descontraído, mas um olhar mais atento revelava algumas olheiras e uma tensão perceptível sob a pretensa tranquilidade. As alterações eram subtis, mas distanciavam-no bastante do mulherengo indolente que Eversby Priory vira chegar.

– Espero que esta manhã a tenha encontrado bem – disse, em voz baixa.

O rubor de Kathleen intensificou-se desconfortavelmente.

– Sim, obrigada – devolveu esta, fazendo uma cortesia e entrelaçando os dedos tensos. – Desejava conversar comigo, antes de partir?

– Sim. Sobre a propriedade. Cheguei a algumas conclusões.

– Espero... – principiou ela, hesitando. – Peço desculpa. Não queria...

– Continue.

Kathleen baixou os olhos para as mãos apertadas e prosseguiu.

– Senhor, se decidir dispensar algum dos criados... ou todos eles... Espero que tenha em consideração que alguns passaram a vida inteira ao serviço dos Ravenel. Poderia talvez considerar a atribuição de pequenas quantias aos mais velhos, que poucas hipóteses têm de conseguir outro lugar.

– Terei isso em mente.

Sentia em si o olhar dele, tangível como o calor do sol, ao ponto de lhe provocar arrepios. O relógio de mogno da lareira media o silêncio em toques delicados.

– Está nervosa com a minha presença – disse ele, com suavidade.

– Depois de ontem... – A voz esmoreceu. Kathleen engoliu em seco e

assentiu.

– Ninguém além de nós terá conhecimento do que aconteceu.

Mesmo que escolhesse acreditar nele, não a sossegava. Aquela memória era um laço indesejado. Ele vira-a no seu momento mais frágil, mais humilhante, e Kathleen preferiria ser alvo de troça do que daquela gentileza.

Obrigou-se a encará-lo, para admitir com exasperada sinceridade:

– É mais fácil pensar em si como adversário.

– O que nos coloca numa situação peculiar, pois decidi não vender a propriedade – replicou ele com um ligeiro sorriso.

Kathleen, atónita, não reagiu. Não conseguia acreditar. Teria ouvido bem?

– A situação de Eversby Priory é tão desesperada – prosseguiu ele – que poucos homens poderão ter a desdita de a piorar. Claro que, com toda a probabilidade, serei um deles. – Indicou duas cadeiras colocadas próximo da secretária. – Sentar-se-ia comigo?

Ela assentiu, com os pensamentos em alvoroço. Ainda no dia anterior parecera tão determinado. Não deixara qualquer dúvida de que se livraria da propriedade e de todos os seus problemas tão prontamente quanto possível.

Depois de compor as saias e entrelaçar as mãos no regaço, fitou-o com olhar inquiridor.

– Posso perguntar o que o levou a mudar de ideias, senhor?

– Tentei pensar em todas as razões pelas quais deveria lavar as minhas mãos desta situação. Mas não parava de voltar à conclusão de que é meu dever, perante cada homem, mulher e criança desta propriedade, tentar efetuar o seu resgate – respondeu ele, com uma expressão angustiada, após um momento de ponderação. – Eversby Priory é o trabalho de gerações. Não posso destruí-lo.

– Julgo que é uma decisão admirável – declarou ela com um sorriso hesitante.

Devon apertou os lábios.

– O meu irmão chama-lhe vaidade. Pressagia o fracasso, evidentemente.

– Então eu ofereço o contrapeso – declarou impulsivamente Kathleen – e predigo o sucesso.

Devon dirigiu-lhe um olhar atento, oferecendo um sorriso deslumbrante mas fugaz.

– Não aposte o seu dinheiro – advertiu. O sorriso desaparecera, com exceção de um vestígio que persistia num dos cantos da boca. – Passei a noite a acordar – declarou –, batendo-me comigo próprio. Então, ocorreu-me perguntar-me o que faria o meu pai, se tivesse vivido tempo bastante para se encontrar na minha posição.

– Teria salvado a propriedade?

– Não. Nem teria hesitado um segundo – revelou Devon, com uma breve risada. – É seguro dizer que escolher o oposto daquela que teria sido a opção do meu pai é quase sempre o mais correto a fazer.

Kathleen olhou-o com compaixão cautelosamente silenciada.

– Bebia? – Atreveu-se a perguntar.

– Fazia tudo o que havia para fazer. E se gostava, não tinha medida. Ravenel até ao tutano.

Ela assentiu, pensando em Theo.

– É verdade que me ocorreu – aventurou-se Kathleen – que o temperamento da família não se coaduna com funções de administração.

– Como homem brindado com o temperamento familiar em toda a sua plenitude – declarou ele, com um brilho divertido no olhar –, tem a minha concordância. – Bem gostava de poder afirmar que a minha mãe provém de linhagens mais pragmáticas, para contrabalançar a loucura dos Ravenel. Mas, infelizmente, era pior.

– Pior? – perguntou Kathleen, arregalando os olhos. – Tinha mau génio?

– Não, mas era instável. Descuidada. Havia dias a fio em que se esquecia de que tinha filhos. Não estou a exagerar.

– Os meus pais eram muito atentos e dedicados – interveio Kathleen, momentos depois. – Com todos os cavalos.

Devon sorriu, suspirando em seguida. Debruçou-se, pousando os braços nas pernas, fitando o chão alcatifado. Era uma postura demasiado informal para se adotar na presença de uma senhora... Mas revelava o seu nível de cansaço. E de prostração. Pela primeira vez, Kathleen sentiu genuína compaixão por ele. Não era justo que um homem tivesse de enfrentar tantos problemas ingratos de uma vez só, sem aviso ou preparação.

– Há outro assunto sobre o qual necessito de conversar – disse, ao fim de algum tempo, endireitando-se. – Não posso, em boa consciência, expulsar as três irmãs do Theo da única casa que conheceram. – Arqueou uma das

sobrancelhas ao deparar com a expressão de Kathleen. – Sim, tenho consciência. Há anos que é maltratada e negligenciada, mas, mesmo assim, uma vez ou outra, faz sentir a sua incômoda presença.

– Se pondera permitir às raparigas que permaneçam...

– Pondero. Mas essa possibilidade apresenta dificuldades evidentes. Será necessário providenciar-lhes uma dama de companhia. Para não mencionar uma educação rigorosa, na eventualidade de uma apresentação à sociedade.

– À sociedade? – repetiu Kathleen, perplexa. – As três?

– Porque não? Estão na idade, não estão?

– Sim, mas... A despesa...

– Com isso devo preocupar-me eu. – Devon fez uma pausa. – Ficaria reservada a si parte mais difícil desta embrulhada, que seria encarregar-se das gémeas. De as civilizar o máximo que conseguir.

– Eu? – replicou Kathleen com os olhos arregalados. – Está... a propor que eu fique em Eversby Priory com elas?

Devon assentiu.

– É evidente que não é muito mais velha do que a Helen e as gémeas, mas creio que será capaz de se encarregar bastante bem delas. Muito melhor do que uma estranha, sem dúvida. – Fez uma pausa. – Elas merecem as mesmas oportunidades do que as outras jovens da sua posição. Gostaria de tornar isso possível, mas não posso fazê-lo sem a sua permanência. – Esboçou um ligeiro sorriso. – É evidente que seria livre de treinar o *Asad*, também. Suspeito que aprenderá a portar-se à mesa mais depressa do que a Pandora.

O coração de Kathleen palpitava desesperadamente. Permanecer com Helen e as gémeas... e o *Asad*... Era mais do que se atreveria a sonhar.

– Suponho que o senhor também passaria a residir aqui? – perguntou, com cautela.

– Viria uma vez ou outra de visita – disse Devon. – Mas a maior parte do trabalho para solucionar os problemas financeiros da propriedade terá de ser levado a cabo em Londres. Na minha ausência, a casa ficará sob a sua supervisão. Seria incentivo suficiente para a sua permanência?

Kathleen assentiu vigorosamente com a cabeça, ainda ele não terminara de falar.

– Sim, senhor – disse, quase sem fôlego de tanto alívio. – Eu fico. E ajudo-

o em tudo aquilo que conseguir.

CAPÍTULO 7

Um mês depois de Devon e West se ausentarem do Hampshire, foi entregue em Eversby Priory uma encomenda endereçada a Kathleen.

Na sala de estar do andar de cima, com as irmãs Ravenel à sua volta, abriu o pacote e afastou as diversas camadas de papel de seda. As jovens exclamaram de admiração quando o xaile de caxemira ficou a descoberto. Tecidos à mão na Pérsia e finalizados com uma bainha de flores bordadas e franja de seda, aqueles xailes eram o último grito de Londres. Os fios de lã eram tingidos numa gradação de cores, de modo que o efeito final, do vermelho convertendo-se em laranja e dourado, se assemelhava a um pôr do sol.

– Chama-se *ombré* – declarou Cassandra, com reverência. – Vi fitas tingidas assim. Muito elegante!

– Ficaré maravilhoso com o teu cabelo! – comentou Helen.

– Mas quem é que o mandou? – perguntou Pandora. – E porquê?

Pegando na mensagem que acompanhava o embrulho, Kathleen leu três palavras rabiscadas numa caligrafia arrojada:

Conforme prometido.

–Trenear

*

Devon escolhera deliberadamente um xaile com as cores mais vibrantes...

Uma peça que uma viúva em circunstância alguma poderia utilizar.

– Não posso aceitar isto – declarou Kathleen, carrancuda. – É de Lord Trenear, e é demasiado pessoal. Se fosse um lenço ou uma lata de doces...

– Trata-se de um parente, minha querida – assinalou Helen, surpreendendo-a. – E um xaile não é uma peça assim tão pessoal, pois não? Afinal, não se usa em contacto com a pele.

– Pensa nele como um lenço muito grande – sugeriu Cassandra.

– Mesmo que ficasse com ele – disse Kathleen –, teria de o tingir de preto.

As raparigas olharam-na como se ela tivesse proposto assassinar alguém.

Falaram todas ao mesmo tempo.

– Não podes...

– Oh... Porquê?

– Estragar umas cores tão bonitas...

– Como é que posso usá-lo assim? – exclamou Kathleen. – Ia parecer um papagaio. Imaginam o falatório?

– Podes usá-lo em casa – interrompeu Pandora. – Ninguém verá.

– Experimenta-o – insistiu Cassandra.

Apesar da resistência de Kathleen, todas as jovens insistiram para que o colocasse sobre os ombros, só para ver como ficava.

– Que bonito! – exclamou Helen, radiante.

Era o tecido mais voluptuoso em que tocava, de um velo suave e fofo. Passou a mão pelos tons vivos e suspirou.

– Admito que não posso arruiná-lo com corante de anilina – murmurou. – Mas vou dizer-lhe que o fiz.

– Vais mentir? – reagiu Cassandra, com os olhos muito abertos. – Não é dar-nos um exemplo muito bom.

– Devo desencorajá-lo de enviar presentes desadequados – declarou Kathleen.

– Não é culpa dele; é o melhor que sabe – assinalou Pandora.

– Ele conhece as regras – assegurou Kathleen. – E gosta de as quebrar.

Senhor,

Foi muito amável da sua parte enviar um presente tão encantador, que a mudança de tempo fez apreciar especialmente. É com agrado que lhe comunico que a caxemira absorveu a aplicação de corante negro de maneira bastante uniforme, tornando-o adequado a uma situação de luto.

Obrigada pela sua consideração.

—Lady Trenear

— *Tingiu-o!?* — exclamou Devon, pousando a mensagem sobre a secretária com um misto de diversão e irritação.

Pegou na caneta porta-penas de prata, inseriu uma ponta nova e tirou uma folha nova de papel de carta da pilha que mantinha à mão. Naquela manhã escrevera já meia dúzia de cartas, a advogados, ao banqueiro, empreiteiros e contratara um contabilista externo para analisar as finanças da propriedade. Franziu a testa ao olhar para os dedos, manchados pelos dias de ativa correspondência. A pasta de limão e sal que o criado pessoal lhe dera não retirava todos os vestígios de tinta. Estava cansado de escrever, e ainda mais de números, e a missiva de Kathleen foi uma distração recebida com agrado.

O desafio não podia ficar sem resposta.

Devon fitou a carta com um leve sorriso, ponderando qual seria a melhor forma de a irritar.

Então, mergulhou a ponta da caneta no tinteiro e escreveu:

Senhora,

Fico feliz por saber que o xaile se revela útil nestes dias menos amenos de outono.

A este respeito, escrevo para a informar da minha recente decisão de doar os cortinados que revestem de negro as janelas de Eversby Priory a uma instituição de beneficência de Londres. Embora, lamentavelmente, deixe de ter como utilizar os tecidos, serão transformados em casacos de inverno para os pobres, o que, estou certo de que concordará, corresponde a um propósito infinitamente mais nobre. Manifesto a minha total confiança na sua capacidade de encontrar soluções para tornar a atmosfera de Eversby Priory tão

deprimente e sombria quanto necessário.

Caso não receba prontamente as cortinas, depreenderei que aguarda o meu auxílio com impaciência, pelo que me prontificarei a atendê-la deslocando-me ao Hampshire de imediato.

—Trenear

A resposta de Kathleen foi entregue uma semana depois, acompanhando umas caixas enormes onde jaziam as cortinas pretas.

Senhor,

Na sua ânsia de atender aos mais desfavorecidos, parece ter-lhe escapado a necessidade de me informar da invasão de Eversby Priory por parte de um batalhão de trabalhadores. Neste preciso momento, canalizadores e carpinteiros passeiam-se livremente pela casa, destruindo chão e paredes, declarando que tudo isto tem autorização sua.

A canalização é uma despesa extravagante e desnecessária. O barulho e a perda de privacidade não são bem-vindos, especialmente numa casa que se encontra de luto. Insisto, portanto, que este trabalho seja imediatamente interrompido.

—Lady Trenear

Senhora,

Todos os homens têm os seus limites. Latrinas exteriores estão para além dos meus.

A instalação da canalização irá continuar.

—Trenear

Senhor,

Com tantos melhoramentos que urge implementar nas suas terras, incluindo a reparação de casas de trabalhadores, de edifícios da quinta, sistemas de drenagem e cercas, pergunto-me se o seu conforto pessoal estará realmente acima de todas as demais necessidades.

–*Lady Trenear*

Senhora,

A resposta à sua pergunta é: «Sim.»

–*Trenear*

– Oh... Como o desprezo! – exclamou Kathleen, batendo com a carta na escrivaninha. Helen e as gémeas, que estudavam aturadamente livros de etiquetas e boas maneiras, ergueram as cabeças com olhar inquiridor.

– O Trenear – explicou ela com uma careta. – Informei-o do caos que instituiu, com estes trabalhadores que não param de andar escadas acima escadas abaixo, de martelar e serrar a qualquer hora do dia. Mas *ele* não quer saber do conforto de mais ninguém; só do dele.

– A bem dizer, o barulho não me incomoda – declarou Cassandra. – Parece que a casa voltou a ganhar vida.

– Eu estou morta por ter retretes interiores – confessou timidamente Pandora.

– Não me digas que renunciaste à tua lealdade a troco de uma retrete? – censurou Kathleen.

– Não se trata de uma retrete, apenas – ripostou Pandora. – Ficaremos com uma em cada piso, incluindo o dos criados.

– Poderá ser mais fácil tolerar pequenos incómodos se pensarmos em como será agradável quando terminar – sugeriu Helen a Kathleen com um sorriso.

A declaração otimista foi acompanhada de uma série de pancadas vindas do piso inferior, que fizeram estremecer o soalho.

– *Pequenos* incómodos? – repetiu Kathleen, com sarcasmo. – A casa parece estar prestes a ruir.

– Estão a instalar uma caldeira – informou Pandora, folheando um livro. – É composta por dois cilindros de cobre cheios de canos de água que são aquecidos por queimadores a gás. Assim, não será necessário esperar que aqueçam água; sai imediatamente por canos que estão ligados à parte de cima da caldeira.

– Pandora, como sabes isso tudo? – perguntou Kathleen, desconfiada.

– O mestre canalizador explicou-me.

– Querida – admoestou Helen com doçura –, não é decoroso falares com um homem quando não foram apresentados. Especialmente sendo alguém que está a trabalhar em nossa casa.

– Mas, Helen, ele é *velho*. Parece o Pai Natal.

– A idade não tem importância nenhuma – interveio Kathleen com aspereza. – Pandora, prometeste cumprir as regras.

– E cumprio – protestou Pandora, com ar magoado. – Cumpro todas as regras de que consigo lembrar-me.

– Como é que te lembras dos pormenores de um sistema de canalização e não te lembras de regras básicas de etiqueta?

– Porque o sistema de canalização é mais interessante. – Pandora debruçou-se sobre um livro de boas maneiras, fingindo concentrar-se num capítulo intitulado «O comportamento correto de uma senhora».

Kathleen contemplou a jovem com preocupação. Após duas semanas de tutoria, Pandora efetuara poucos progressos, especialmente quando comparada com Cassandra, cuja aprendizagem, naquele mesmo espaço de tempo, fora muito mais notória. Kathleen reparara igualmente que Cassandra tentava dissimular a sua própria evolução, para evitar que Pandora fizesse uma figura ainda pior. Tornara-se evidente que Pandora era, de longe, a mais indisciplinada das duas.

Naquele momento, Mrs. Church, a roliça e cordial governanta, chegou para as informar de que o chá seria servido na sala de estar do piso de cima.

– Hurra! – exclamou Pandora, saltando da cadeira. – Estou com tanta fome que era capaz de comer um boi – completou, desaparecendo num ápice.

Lançando a Kathleen um olhar contrito, Cassandra foi a saltitar atrás da irmã.

Por força do hábito, Helen começou a recolher os livros e papéis e a organizá-los. Kathleen devolveu as cadeiras ao seu lugar, na escrivaninha.

– A Pandora sempre foi assim... – principiou Kathleen, detendo-se em busca de uma palavra diplomática.

– Sim – completou Helen, expressivamente. – É a razão pela qual nenhuma das precetoras permaneceu muito tempo.

– Como vou conseguir prepará-la para a temporada, se não consigo que

fique sentada mais de cinco minutos?

– Não tenho a certeza se será exequível.

– A Cassandra tem feito excelentes progressos, mas receio que a Pandora não consiga estar preparada ao mesmo tempo.

– A Cassandra nunca iria a um baile ou a um serão sem a companhia da Pandora.

– Mas não é justo para ela fazer tal sacrifício.

Helen encolheu os ombros esguios num gesto elegante.

– Sempre foram assim. Quando eram pequenas, falavam uma com a outra numa língua inventada. Quando uma delas era castigada, a outra insistia em sofrer o mesmo castigo. Detestam estar separadas.

– Terão de o fazer – concluiu Kathleen com um suspiro –, se queremos obter progressos. Passarei algumas tardes a dar aulas particulares à Pandora. Terias disponibilidade para estudar com a Cassandra?

– Claro que sim.

Helen organizou os livros, marcando com pedaços de papel o sítio onde tinham ficado. Era notável o cuidado que tinha com os livros: tinham sido os seus companheiros, a sua diversão, a única janela de que dispunha para o mundo. Kathleen foi invadida por um sentimento de proteção, sabendo que lhe seria difícil adaptar-se ao cinismo e sofisticação de Londres.

– Gostarias de ser apresentada à sociedade, enquanto estás de luto? – perguntou com doçura.

Helen fez uma pausa, em ponderação.

– Gostaria de me casar, um dia – admitiu.

– Que tipo de marido desejas? – perguntou Kathleen com um sorriso provocador. – Alto e bonito? Elegante?

– Não tem de ser bonito nem alto, desde que seja bondoso. Ficaria muito feliz se gostasse de livros e de música... E, claro, de crianças.

– Prometo que te encontraremos um homem assim – afirmou Kathleen, olhando-a com carinho. – Não mereces menos do que isso, querida Helen.

– Porque não vieste jantar ao clube? – perguntou West, entrando em passadas largas na sala de estar do apartamento de Devon. A maior parte das divisões fora esvaziada de mobílias e decorações, que se encontravam agora enfiadas em caixas. O elegante e moderno apartamento acabava de ser arrendado a um diplomata italiano, que desejava alojar a sua amante. – Serviram bife com puré de nabo. Nunca te vi faltar... – West deteve-se abruptamente. – Porque estás sentado à secretária? Que diabo fizeste às cadeiras?

Devon, que remexia numa pilha de cartas, ergueu a cabeça com ar carrancudo.

– Disse-te que ia mudar-me para Mayfair.

– Não percebi que seria tão depressa.

A Ravenel House era uma residência de pedra e tijolo, com doze quartos, cujo centro consistia numa imponente escadaria, concebida ao luxuoso estilo jacobino, como uma versão em miniatura do solar de Eversby Priory. Por sorte, a Ravenel House fora mantida em melhor estado do que Devon esperara. Estava cheia de mobília, mas era confortável e o interior de madeira escura com os seus tapetes de tons pesados conferiam-lhe um ambiente claramente masculino. Embora fosse demasiado grande para uma só pessoa, Devon não tinha alternativa senão estabelecer ali a sua residência. Convidara West para viver com ele, mas o irmão não desejava abandonar o conforto e a privacidade do seu sofisticado apartamento.

Algo que não podia censurar.

– Estás com um ar taciturno – comentou West. – Tenho a coisa perfeita para te animar. Hoje à noite eu e os rapazes vamos ao teatro ver um trio de mulheres contorcionistas, descritas como sendo «maravilhas invertebradas». Atuam de meias-calças, cobertas só com uns paninhos dourados...

– Obrigado, mas não posso.

– Maravilhas invertebradas – repetiu West, como se Devon não o tivesse ouvido corretamente.

Ainda há bem pouco tempo, talvez considerasse a proposta minimamente tentadora. Naquele momento, porém, sobrecarregado com o peso das preocupações acumuladas, Devon não nutria interesse por artistas flexíveis. Ele, West e os amigos tinham assistido a inúmeras atuações daquele género, portanto tais artifícios não ofereciam qualquer novidade.

– Vai e diverte-te – disse. – Depois contas-me – declarou, voltando a dar

atenção à carta que segurava.

– Não te serve de nada ouvir um relato – replicou West, ressentido. – Tens de ver, senão não tem qualquer interesse. – Fez uma pausa. – O que é que essa carta tem de tão fascinante? De quem é?

– Da Kathleen.

– Tem notícias da propriedade?

– Se tem... Todas más – replicou Devon com uma breve risada, estendendo a carta ao irmão, que a leu rapidamente.

Senhor,

Hoje recebi a visita de Mr. Totthill, cujo estado de saúde não parece animador. Na minha opinião pessoal, encontra-se assoberbado pelas exigências da sua posição como seu administrador, não estando capaz de cumprir com as suas responsabilidades de forma satisfatória para si, nem, na verdade, para ninguém.

A questão que por ele me foi comunicada prende-se com cinco dos seus rendeiros das terras baixas, aos quais, há três anos, foram prometidos melhoramentos ao nível da drenagem. O solo argiloso das suas quintas é espesso e viscoso como visgo, tornando-se praticamente impossível de cultivar. Para minha consternação, acabo de saber que o falecido conde pediu dinheiro emprestado a uma empresa privada para efetuar os trabalhos necessários, algo que nunca foi feito. De modo que acabamos de receber uma ordem do tribunal local, determinando que teremos de pagar imediatamente o empréstimo ou instalar drenagem adequada na quinta em questão.

Por favor, diga-me se posso ajudar. Conheço as famílias envolvidas e poderia falar com elas em seu nome.

–Lady Trenear

– O que é visgo? – indagou West, devolvendo-lhe a carta.

– É uma cola feita de casca de azevinho, que se aplica aos ramos das árvores para apanhar pássaros. Assim que pousam, ficam presos sem misericórdia.

Devon compreendia perfeitamente como os pássaros se sentiam.

Passado um mês de trabalho incessante, ainda estava longe de perceber a dimensão das necessidades de Eversby Priory. Seriam necessários anos para adquirir os conhecimentos necessários sobre cultivo da terra, melhoria dos terrenos, produção leiteira, criação de animais, exploração florestal, contabilidade, investimento, direito da propriedade e política local. De momento, era essencial não se deixar atolar nos pormenores. Tentava ter uma perspetiva de conjunto, da forma como os problemas se relacionavam com outros problemas, encontrar padrões. Embora começasse a compreender o que era necessário fazer, não sabia exatamente *como* o concretizar.

Teria de contratar homens nos quais pudesse confiar para lidar com a situação como desejava, mas levaria tempo a encontrá-los. Totthill era demasiado idoso e teimosamente conservador, assim como Carlow, o feitor que trabalhava para ele. Impunha-se substituí-los de imediato, mas em toda a Inglaterra só existia um punhado de homens aptos a bem administrar uma propriedade.

Naquela manhã, Devon mergulhara no desespero, amargamente arrependido de ter aceitado semelhante fardo. Mas então chegara a carta de Kathleen, que renovara o ímpeto da sua determinação.

Faria tudo para a ter. Tudo.

Não conseguia explicar aquela obsessão por ela, nem sequer a si próprio. Parecia-lhe que ela sempre existira, como uma parte intrínseca do seu ser, à espera de ser descoberta.

– O que vais fazer? – ouviu West perguntar.

– Primeiro vou perguntar ao Totthill o que sabe sobre a verba emprestada. Presumindo que não me dará uma resposta satisfatória, terei de rever os livros de contas para perceber o que aconteceu. Seja como for, direi ao administrador para fazer uma estimativa dos custos associados ao melhoramento.

– Não te invejo – declarou West com descontracção. Fez uma pausa e com outro tom de voz, mais severo, prosseguiu: – E tão-pouco te compreendo. Vende a maldita propriedade, Devon. Não deves nada àquelas pessoas. Eversby Priory não é um direito inato.

– Então como é que me veio parar às mãos? – perguntou Devon, fitando o irmão com ironia.

– Por causa de um maldito acidente!

– Seja como for, é minha. Agora, põe-te a andar, antes que te acerte com um

dos livros-mestres.

Mas West não se moveu, fitando-o com uma expressão funesta.

– Porque é que isto está a acontecer? O que é que te mudou?

Exasperado, Devon esfregou o canto dos olhos. Há semanas que não dormia bem, a criada só lhe apresentara *bacon* queimado e chá descorado para o pequeno-almoço e discutir com o irmão não o levaria a lado nenhum.

– Julgavas que passávamos pela vida completamente intocados? – perguntou. – Que nos ocuparíamos apenas de prazeres egoístas e de divertimentos triviais?

– Estava a contar com isso!

– Pois bem. Aconteceu o inesperado. Não percas o sossego por isso; não te pedi nada.

A agressividade de West transformou-se em carrancudo ressentimento. Aproximou-se da secretária, voltou-se e, com esforço, sentou-se ao lado de Devon.

– Talvez devesses fazê-lo, idiota.

Estavam sentados lado a lado. No silêncio agreste, Devon contemplou o semblante algo inchado do irmão, os traços alterados e macilentos. O álcool começara a traçar-lhe no rosto um rastro de finíssimos capilares. Era difícil ver no homem desencantado sentado junto a si o rapaz sorridente e enérgico que fora.

Ocorreu-lhe que, na sua determinação de salvar a propriedade, os rendeiros, criados e as irmãs de Theo, ignorara o facto de o seu próprio irmão parecer precisar de algum tipo de resgate. West fora sempre tão inteligente que Devon presumira que seria capaz de tomar conta de si próprio. Mas, por vezes, as pessoas inteligentes eram as que mais problemas causavam a si mesmas.

Parecera inevitável que Devon e West acabassem por se converter em mariolas egoístas. Depois de o pai falecer numa rixa, a mãe deixara-os no colégio interno e dedicara-se a viajar pelo continente. Andara de aventura em aventura, acumulando desgostos em pequenas fraturas que haviam acabado por se revelar fatais. Devon nunca soubera se a sua morte se devera a doença ou suicídio, e não desejava ser esclarecido.

Devon e West tinham passado a andar num vaivém, entre escolas e casas de familiares, insistindo em permanecer juntos por muito que tentassem separá-los. Ao refletir naqueles anos turbulentos, nos quais um fora a única constante

do outro, constatava que teria de incluir West na sua nova vida, mesmo que este não desejasse ser incluído. A força da ligação entre os dois não permitiria a um seguir numa direção sem arrastar inexoravelmente o outro.

– Preciso da tua ajuda – disse, tranquilamente. Com serenidade.

O irmão levou algum tempo a responder.

– O que queres que faça?

– Que vás para Eversby Priory.

– Confias as primas à minha companhia? – perguntou, amuado.

– Não tenho escolha. Além disso, não pareceste particularmente interessado em nenhuma, quando lá estivemos.

– Seduzir inocentes não tem atrativo. É demasiado fácil. – West cruzou os braços por cima do peito. – E por que razão me queres em Eversby?

– Preciso que trates dos problemas de drenagem dos rendeiros. Que te encontres com cada um deles individualmente. Que descubras o que foi prometido e o que é necessário fazer...

– Estás a brincar.

– Porquê?

– Porque, para isso, teria de me deslocar às quintas e falar do tempo e do gado. E, tal como é do teu conhecimento, não tenho qualquer interesse em animais, a não ser que me sejam servidos com molho de vinho do Porto, acompanhados de batatas.

– Vai para o Hampshire – indicou Devon, lacónico. – Encontra-te com os agricultores, ouve os problemas deles e, se conseguires, finge alguma empatia. Depois quero um relatório e uma lista de recomendações de como melhorar a propriedade.

Murmurando de indignação, West levantou-se e alisou o colete amarrotado.

– A minha única recomendação para a tua propriedade – disse, enquanto saía da sala – consiste em livrares-te dela.

CAPÍTULO 8

Senhora,

O meu sincero agradecimento pela sua oferta em tratar das questões relativas à drenagem dos rendeiros. Contudo, visto que já a ocupam inúmeros afazeres, enviei o meu irmão West para se ocupar do problema. Chegará a Eversby Priory na quarta-feira e permanecerá durante duas semanas. Instruí-o demoradamente sobre como deve portar-se um cavalheiro. Se for fonte de qualquer desassossego, envie-me um telegrama e será resolvido imediatamente.

O meu irmão chegará à estação ferroviária de Alton ao meio-dia de sábado. Espero que possa enviar alguém para o receber, pois receio que a sua presença não seja reclamada por mais ninguém.

– Trenear

P.S. – É verdade que tingiu o xaile de preto?

Senhor,

No tumulto diário dos trabalhos de construção e canalização, mais ruidosos do que um exército de tambores, a presença do seu irmão passará bastante despercebida.

Vamos buscá-lo na quarta-feira.

–Lady Trenear

P.S. – Porque me enviou um xaile tão impróprio para alguém enlutado?

Em resposta à carta de Kathleen, foi entregue um telegrama no posto de correios da aldeia, na manhã da chegada prevista de West.

Senhora,

Não ficará de luto para sempre.

—Trenear

Sorrindo com ar ausente, Kathleen pousou a carta. Deu por si a desejar, por um momento apenas, que fosse Devon a chegar ao Hampshire em vez do irmão. Repreendeu-se pelo pensamento tão ridículo, recordando-se com severidade o quanto ele a perturbava e enervava. Para não mencionar a cacofonia dos trabalhos de construção e de instalação que a importunavam dia após dia, por insistência dele. Além do mais, não podia ignorar a forma como Devon a forçara a tirar as cortinas pretas, embora, intimamente, tivesse de admitir que todos, incluindo os criados, se alegravam com as divisões iluminadas e a vista desimpedida das janelas.

Não queria ver Devon. De todo. Estava demasiado ocupada para pensar nele sequer ou para decifrar o que lhe fazia lembrar o azul-escuro e límpido dos seus olhos... Vidro de Bristol, talvez... E esquecera já a sensação dos braços dele à sua volta e o arranhar da voz dele ao seu ouvido... *Apanhei-a...* E a aspereza da barba incipiente contra a sua pele, causando-lhe arrepios.

Não pôde evitar questionar-se sobre as razões que o levariam a incumbir o irmão de lidar com os rendeiros. Kathleen pouco convivera com ele durante a visita dos dois, mas o que vira não lhe parecia prometededor. West era um bebedor e, como tal, um estorvo mais do que uma ajuda. Não lhe cabia a ela levantar objeções, porém. Além disso, uma vez que West era quem ocupava a posição seguinte da linha de sucessão, mais valia familiarizar-se com a propriedade.

As gémeas e Helen ficaram deliciadas com a perspectiva da visita dele e fizeram uma lista de atividades e saídas programadas.

— Duvido que lhe sobre muito tempo para diversões — advertiu Kathleen quando se sentaram todas na sala familiar, munidas dos seus bordados. — Mr. Ravenel virá para tratar de negócios e os rendeiros necessitam muito mais do que nós da sua atenção.

— Mas... Kathleen — interrompeu Cassandra, com voz preocupada —, não

devemos permitir que se esgote a trabalhar.

Kathleen desatou às gargalhadas.

– Minha querida, duvido que Mr. Ravenel saiba o que é um dia de trabalho. Não comprometamos a sua primeira tentativa.

– Não é expectável que os cavalheiros trabalhem, pois não? – indagou Cassandra.

– É verdade que não – admitiu Kathleen. – É comum os homens da nobreza dedicarem-se à gestão das suas propriedades, ou, por vezes, envolverem-se na política. – Kathleen fez uma pausa. – Creio, porém, que mesmo um trabalhador comum pode ser considerado um cavalheiro, se for bondoso e honrado.

– Concordo – declarou Helen.

– Eu não me importaria de trabalhar – anunciou Pandora. – Podia ser telegrafista ou proprietária de uma livraria.

– Podias fazer chapéus – sugeriu Cassandra com voz doce enquanto trocava os olhos numa careta horripilante – e perder o tino.

– As pessoas ficariam a ver-me correr em círculos, a abanar os braços e diriam: «Oh, céus... hoje transformou-se em galinha» – completou Pandora com um sorriso rasgado.

– E depois eu lembraria que te comportavas exatamente da mesma forma antes de te lançares no ofício – declarou Helen com serenidade e um brilho no olhar.

Abafando uma risada, Pandora empunhou a agulha para remendar uma bainha solta.

– Não gostaria de trabalhar se isso me impedisse de fazer exatamente o que desejo.

– Quando fores a senhora de uma grande casa – replicou Kathleen, com voz divertida –, terás responsabilidades que te ocuparão a maior parte do tempo.

– Então, não serei senhora de uma grande casa. Vou viver com a Cassandra, depois de ela se casar. A não ser que o marido o proíba, evidentemente.

– Sua pateta – censurou carinhosamente a irmã gémea. – Nunca me casaria com um homem que quisesse separar-nos.

Pandora tentou voltar um punho branco removível que acabava de costurar, mas fez um suspiro consternado ao sentir que puxava também a saia.

– Ora bolas! Quem tem a tesoura? Voltei a coser a costura à saia.

West chegou durante a tarde, secundado por um rebuscado sortido de baús, o qual incluía uma mala-armário descomunal que dois lacaios tentavam, penosamente, carregar para o piso de cima. Para certo desalento de Kathleen, as três irmãs Ravenel receberam-no como se fosse um herói de guerra. Ele pegou no seu saco de Gladstone, começando a retirar graciosos embrulhos envoltos em camadas de papel delicado seguro com fita a condizer, fina como fio.

Ao reparar nas pequenas etiquetas, cada qual inscrita com um rebuscado «W», Helen indagou:

– O que significa?

– Que provém dos armazéns Winterborne, onde fui às compras durante a tarde de ontem – informou West com um sorriso indulgente. – Não podia visitar as minhas primas de mãos vazias, pois não?

Para consternação de Kathleen, qualquer aparência de decoro feminino se desvaneceu: as gémeas desfizeram-se em gritinhos de alegria e começaram a dançar à volta dele, ali mesmo, no vestíbulo. Até Helen corara e aparentava comoção.

– Basta, meninas – disse Kathleen por fim, esforçando-se por manter uma expressão neutra. – Não há necessidade de se porem a saltar como um par de coelhos tresloucados.

Pandora começara já a abrir um dos presentes.

– Cuidado com o papel! – gritou Helen. Levou um dos embrulhos a Kathleen, levantando a primeira das folhas. – Olha, Kathleen, como são finas e elegantes...

– Luvas! – gritou Pandora, assim que desembulhou um dos presentes. – Oh... Vejam! São lindas de *morrer* – declarou, apertando-as contra o peito. As luvas tinham sido tingidas de rosa suave.

– Este ano, as luvas de cores são o último grito – disse West. – Pelo menos assim me garantiu a empregada dos grandes armazéns. Trouxe um par para cada uma – adiantou, sorrindo perante a óbvia reprovação de Kathleen, com um brilho endiabrado nos olhos cor de cinza. – Primas – rematou, como se tal pudesse justificar ofertas tão pouco apropriadas.

Kathleen semicerrou os olhos.

– Minhas queridas – disse, com voz calma –, porque não abrem os presentes na sala de visitas?

Entre exclamações e gritinhos, as irmãs dirigiram-se apressadamente para o dito aposento e dispuseram os presentes numa mesa de pau-cetim. Abriram cada um deles com extremo cuidado, tirando o papel e alisando-o antes de o pousar num monte que começava a assemelhar-se a espuma de leite acabado de servir.

Havia mais luvas, tingidas em tons delicados de violeta e esmeralda... latas de doces... leques de papel com relevos de ouro e prata... romances e um livro de poesia, e frascos de água de flores, para ser aplicada no rosto ou no banho, ou salpicada nas almofadas de dormir. Embora nenhuma das ofertas fosse adequada, exceto, talvez os livros, Kathleen não conseguiu levantar objeções, pois há muito que as raparigas se viam privadas de pequenos luxos.

Tinha perfeita consciência de que Theo nunca se lembraria de regressar a casa com presentes para as irmãs. E, apesar da relativa proximidade da família a Londres, as raparigas nunca tinham estado na Winterborne's. Nem tão-pouco Kathleen, pois Lady Berwick sempre desdenhara a frequência de um grande estabelecimento, apinhado de pessoas de todas as proveniências. Insistia, sim, em frequentar lojas exclusivas, minúsculas, onde os produtos estavam recatadamente acondicionados em vez de expostos a torto e a direito sobre os balcões.

Analisando furtivamente West, Kathleen achava desconcertante observar as semelhanças que possuía com o irmão, o mesmo cabelo escuro e estrutura óssea sólida. Mas enquanto Devon era exceccionalmente bem-parecido, no irmão, os mesmos traços perdiam o vigor e ar sadio. West primava pelo cuidado com que se vestia. Aliás, de forma demasiado faustosa para o seu gosto. Apresentava-se de colete de seda bordado e vistosa gravata estampada, além de botões de punho dourados incrustados com o que aparentava ser granadas ou rubis. Apesar de ser apenas meio-dia, desprendia-se dele um forte cheiro a álcool.

– Talvez não deseje fulminar-me assim com o olhar – murmurou este a Kathleen, *sotto voce*, enquanto as irmãs reuniam os presentes e os levavam embora. – Seria angustiante para as raparigas constatarem a antipatia que nutre por mim.

– Censuro-o – replicou Kathleen com gravidade, saindo na direção da sala principal ao lado dele. – O que não é a mesma coisa.

– Lady Trenear, eu próprio me censuro – declarou ele, abrindo um sorriso. – Temos, portanto, algo em comum.

– Mr. Ravenel, se o senhor...

– Não poderíamos tratar-nos por «primos»?

– Não, Mr. Ravenel. Se vai passar duas semanas na nossa companhia, terá de se comportar como um cavalheiro, senão serei obrigada a fazê-lo transportar à força até Alton, onde será atirado para o primeiro comboio que parar na estação.

West pestanejou, claramente a perguntar-se se ela falaria a sério.

– Estas raparigas são o que tenho de mais importante no mundo – rematou Kathleen. – Não permitirei que sejam magoadas.

– Não é minha intenção magoar ninguém – afirmou West, ofendido. – Encontro-me aqui a pedido do conde para falar com uma série de campónios acerca de plantações de nabos. Assim que a tarefa esteja concluída, prometo-lhe que regresso a Londres o mais expeditamente possível.

Campónios? Kathleen respirou profundamente, pensando nas famílias de rendeiros e no quanto estas perseveravam e trabalhavam, suportando a dureza do trabalho da terra... Tudo isso para colocar comida na mesa de homens como aquele, que nutriam por eles o mais absoluto desdém.

– As famílias que aqui vivem – conseguiu dizer – merecem o seu respeito. Gerações de agricultores que edificaram esta propriedade e que tão pouco receberam em troca do seu trabalho. Vá às casas deles, veja as condições em que vivem e compare-as com as suas próprias circunstâncias. Então talvez se pergunte a si próprio se é digno do respeito *deles*.

– Meu Deus – murmurou West –, o meu irmão tinha razão. Tem, deveras, o temperamento de um animal atormentado.

Trocando olhares de aversão mútua, cada um seguiu para o seu lado.

Felizmente as raparigas encarregaram-se de manter a conversa animada durante o jantar. Só Helen pareceu reparar na azeda tensão entre Kathleen e West, dirigindo àquela discretos olhares de preocupação. A cada prato, West solicitava um novo vinho, obrigando o submordomo a subtrair da adega garrafa atrás de garrafa. Irada com tanto desperdício, Kathleen mordida a língua para se abster de comentar o seu estado cada vez mais ébrio. No final

da refeição, Kathleen conduziu as raparigas ao piso de cima, deixando-o sozinho com uma garrafa de porto.

De manhã, Kathleen levantou-se cedo, vestiu o traje de montar e saiu para as cavalariças, como era habitual. Com a ajuda de Mr. Bloom, o mestre cavaleiro, treinava *Asad* para não se intimidar com objetos que o assustavam e foi na companhia deste que o conduziu até ao *paddock* com um cabresto de aprendizagem.

Kathleen não demorara a prezar os conselhos de Bloom, que não acreditava no valor da repressão física do cavalo como forma de o ajudar a vencer o medo, especialmente tratando-se de um cavalo árabe.

– Dava cabo da confiança dele e deixava-o indefeso como uma mosca numa teia de aranha. Ele vai procurar segurança em si, senhora; vai confiar que o manterá a salvo e que sabe o que é melhor para ele.

Por indicação de Bloom, Kathleen pegou na corda que estava presa por baixo do queixo de *Asad* e conduziu-o para que desse um passo à frente e um passo atrás.

– Outra vez – instruiu Bloom, em tom de aprovação. – Para trás e para a frente. E outra vez.

Asad, embora desconcertado, parecia disposto a cooperar, avançando e recuando com facilidade, quase como se estivesse a aprender a dançar.

– Muito bem, rapariga – elogiou Bloom, tão envolvido no treino do cavalo que se esqueceu de a tratar pelo título. – Assim ocupa-lhe o espírito e não deixa espaço para o medo. – Com cuidado, passou um chicote para a mão esquerda de Kathleen. – Isto é para lhe bater no flanco, se tiver de ser. – Colocando-se ao lado de *Asad*, começou a abrir um guarda-chuva preto. O cavalo sobressaltou-se e relinchou suavemente, afastando-se de forma instintiva do objeto desconhecido. – Assusta-te um bocado, não é, rapaz? – Bloom abriu e fechou várias vezes o guarda-chuva, ao mesmo tempo que dizia a Kathleen: – Torne a tarefa de que o encarrega mais importante do que aquilo que o assusta.

Kathleen continuou a incitar *Asad* a andar para a frente e para trás, o que servia para o distrair do ameaçador movimento do objeto negro esvoaçante. Quando o animal tentava afastar os quartos traseiros, ela mantinha-o no sítio com um pequeno toque da vergasta, não permitindo que se distanciasse do guarda-chuva. Embora o seu desconforto fosse evidente na forma como movia as orelhas em todas as direções, *Asad* fazia exatamente o que Kathleen ordenava. Tremia nervosamente com a proximidade do guarda-chuva, mas

não recuava.

Quando, por fim, Bloom fechou o guarda-chuva, Kathleen abriu um grande sorriso e, orgulhosa, deu palmadinhas carinhosas no pescoço de *Asad*.

– Assim é que é! – exclamou. – Aprendes rápido! – felicitou, tirando um pedaço de cenoura do bolso da saia e estendendo-lho. *Asad* aceitou a recompensa, que mastigou ruidosamente.

– Da próxima vez, fazemos o mesmo consigo a cavalo – principiou Bloom.

Foi interrompido por um cavaleiro chamado Freddie, que não teria muito mais de dez anos.

– Mr. Bloom – chamou o rapaz, sem fôlego, correndo até à cerca do *paddock*. – O primeiro moço disse-me para o avisar de que Mr. Ravenel vem buscar um cavalo para ele.

– Certo. Disse aos rapazes para prepararem o *Royal*.

O rosto pequeno de Freddie estava marcado pela ansiedade.

– Há um problema, senhor. Mr. Ravenel bebeu e não está em condições de montar, mas mandou-os buscar o cavalo. O primeiro moço tentou recusar, mas Mr. Carlow, o feitor, também lá estava e mandou-o dar o *Royal* a Mr. Ravenel porque combinaram ir os dois visitar uma quinta.

«Outra vez...», pensou Kathleen, entre a fúria e o pânico... Um Ravenel bêbedo tentaria montar um cavalo daqueles estábulos.

Sem dizer palavra, passou por entre a cerca, demasiado apressada para se incomodar em ir até ao portão. Agarrando na saia de montar, correu em direção às cavalariças, ignorando a voz de Bloom, que a chamava.

Assim que entrou no edifício, deparou com West a gesticular, irritado, para o primeiro cavaleiro, John, cujo rosto ela não via. Ao lado, Carlow, o feitor, parecia constrangido e impaciente. Homem imponente de meia-idade, que residia na cidade, há mais de uma década que fora contratado pela família de Theo. Caber-lhe-ia a ele acompanhar West às quintas arrendadas.

Um único olhar bastou para Kathleen avaliar a situação. West, que tinha o rosto corado e os olhos vermelhos, suava e cambaleava ligeiramente.

– Cabe-me *a mim* julgar as minhas capacidades – dizia West, beligerante. – Já montei em condições muito piores do que esta e só me faltava...

– Bom dia, cavalheiros – interrompeu Kathleen com frieza e o coração aos saltos. De repente, veio-lhe à cabeça a imagem do rosto perturbado de Theo...

A forma como olhara para ela, os últimos segundos em que vira esvaziarem-se de vida os seus olhos. Pestanejou com força e a memória desapareceu tão depressa como surgira. O cheiro a álcool alcançou-a provocando-lhe um ligeiro enjoo.

– Lady Treneer – exclamou o feitor com alívio. – Talvez a senhora consiga incutir algum juízo a este desmiolado.

– Pode apostar. – Sem expressão, deu o braço a West, apertando-o com força ao sentir a sua resistência.

– Acompanhe-me ao exterior, Mr. Ravenel.

– Senhora – reagiu o feitor com desconforto –, referia-me ao primeiro cavalição...

– Não é o John, o desmiolado – replicou secamente Kathleen. – Quanto a si, Carlow, pode atender às suas outras responsabilidades. A indisposição de Mr. Ravenel irá prolongar-se.

– Com certeza, minha senhora.

– Que raio é que se passa? – gaguejou West quando Kathleen o encaminhou para o exterior, parando ao lado das cavalariças. – Vesti-me e vim para os estábulos ao nascer do dia...

– O nascer do dia foi há quatro horas.

Quando chegaram a uma zona relativamente reservada, atrás de um barracão de apetrechos, West soltou o braço e fitou Kathleen com uma expressão hostil.

– O que se passa?

– Tresanda a álcool.

– Tomo sempre um café com cheirinho para começar o dia.

– Como pretende montar, se nem sequer caminha a direito?

– Como sempre. Mal. A sua preocupação com o meu bem-estar é indesejada.

– Não estou preocupada com o *seu* bem-estar, mas sim com o do cavalo que pretende montar, assim como o dos rendeiros que pretende visitar. Já vivem dificuldades suficientes sem terem de suportar a companhia de um idiota embriagado.

– Vou-me embora – informou West com um olhar sinistro.

– Não se atreva a dar um passo. – Constatando que continuava de chicote na mão, Kathleen sacudiu-o de forma sugestiva. – Ou dou-lhe uma sova.

O olhar incrédulo de West pousou no chicote. Rápido como uma seta, esticou o braço e arrancou-lho, atirando-o ao chão. O efeito foi comprometido, porém, pela vacilante dificuldade com que procurava manter o equilíbrio.

– Vá. Diga o que tem a dizer.

– Porque se deu ao incômodo de vir até ao Hampshire? – questionou Kathleen, cruzando os braços sobre o peito?

– Encontro-me aqui para ajudar o meu irmão.

– Não está a ajudar ninguém – protestou ela, com incredulidade e desdém. – Tem *alguma* noção do encargo assumido por Lord Trenear? De quanto está em jogo? Se ele falhar e a propriedade for dividida e vendida, o que julga que acontecerá a estas pessoas? Duzentas famílias privadas da sua única fonte de sustento. E cinquenta criados, a maior parte dos quais passou a vida inteira ao serviço dos Ravenel.

Constatando que ele nem sequer olhava para si, Kathleen, trémula, inspirou profundamente, tentando controlar a fúria que sentia.

– Todas as pessoas de Eversby Priory estão a lutar pela sua sobrevivência. E todos nós dependemos do seu irmão, que se esforça por resolver problemas que em nada ajudou a criar. Mas você, em vez de tentar fazer o mesmo, escolhe embebedar-se e pôr-se a passear de um lado para o outro como um perfeito *idiota*.

Um nó de irritação na garganta impediu-a de continuar. Kathleen tossiu e prosseguiu, em voz comedida:

– Volte para Londres. Aqui não ajuda ninguém. Culpe-me a mim, se quiser. Diga a Lord Trenear que sou uma bruxa insuportável. Ele não terá qualquer dificuldade em aceitá-lo. – Kathleen deu meia-volta, avançou alguns passos e rematou, por cima do ombro: – Quem sabe um dia encontra alguém que consiga salvá-lo dos seus excessos. Pessoalmente, não creio que valha a pena tentar.

CAPÍTULO 9

Para considerável surpresa de Kathleen, West não partiu. Regressou à casa e subiu para o seu quarto. Pelo menos, pensou ela lugubrememente, não empreendera mais nenhuma tentativa de sair a cavalo naquele estado, o que, supunha, o colocava ligeiramente mais acima do seu falecido marido em termos de inteligência.

Durante o resto do dia, West permaneceu no quarto, provavelmente a dormir, embora também fosse provável que tivesse continuado a beber. Não desceu para jantar, pedindo apenas que lhe levassem a refeição.

Em resposta às perguntas preocupadas das raparigas, Kathleen dissera apenas que o primo ficara doente e que provavelmente regressaria a Londres de manhã. Quando Pandora abriu a boca para prosseguir com as indagações, foi Helen quem a deteve com um murmúrio discreto. Kathleen dirigiu-lhe um olhar de agradecimento. Pese embora a sua pouca experiência do mundo, a realidade do tipo de homem que bebia demasiado e perdia a cabeça não lhe era de todo desconhecida.

Ao nascer do dia, quando desceu para a sala de pequeno-almoço, foi com assombro que Kathleen constatou a presença de West numa das mesas redondas, de olhar perdido nas profundezas de uma chávena de chá. Estava com um aspeto horrível, o rosto pálido e abatido marcado por flácidas olheiras.

– Bom dia – murmurou Kathleen, perplexa. – Está doente?

West fitou-a com olhar exausto, os olhos vermelhos sobressaindo no rosto macilento.

– Só se incluir a sobriedade no catálogo de doenças. Como eu.

Kathleen dirigiu-se para o aparador, pegou numas tenazes de prata e

colocou *bacon* sobre uma torrada. Pousando por cima outra torrada, cortou a sanduíche em duas partes perfeitas e levou o prato a West.

– Coma isto – disse. – Lord Berwick dizia sempre que uma sanduíche de *bacon* é o melhor remédio para a manhã seguinte.

West olhou para a oferenda com repulsa, mas pegou numa metade e trincou-a, enquanto ela preparava o pequeno-almoço para si.

Sentando-se ao lado dele, perguntou com voz tranquila:

– Mando preparar já a carruagem para conseguir apanhar o comboio do fim da manhã?

– Receio não poder proporcionar-lhe essa ventura – replicou West bebendo um trago do chá. – Não posso regressar a Londres. Devo permanecer no Hampshire até me encontrar com os rendeiros que me propus visitar.

– Mr. Ravenel...

– *Devo* fazê-lo... – replicou ele, com obstinação. – O meu irmão nunca me pede nada. Razão pela qual terei de concluir a minha tarefa. Dê por onde der.

Kathleen fitou-o, surpreendida.

– Muito bem – disse, passado um momento. – Mandamos chamar Mr. Carlow para o acompanhar?

– Estava na expectativa de que a prima me acompanhasse. – Ao ver a expressão dela, West acrescentou prudentemente. – Só hoje...

– Mr. Carlow está mais familiarizado com os rendeiros e respetivas situações...

– A presença dele poderá inibi-los. Pretendo que falem comigo abertamente. – Fitou o prato com uma expressão hostil. – Não que espere que me dirijam mais do que meia dúzia de palavras. Sei bem o que gente assim pensa de mim: que sou um janota da cidade. Um pavão inútil completamente ignorante das superiores virtudes da vida rústica.

– Não creio que o julguem com severidade, desde que acreditem que não os julga a eles. Tente ser sincero e não deverá ter qualquer dificuldade.

– Não tenho talento para a sinceridade – murmurou West.

– Não é um talento – declarou Kathleen. – É a vontade de falar com o coração, em vez de pretender divertir ou escapar-se.

– Por favor – devolveu West, com brusquidão. – Não me provoque mais

náuseas. – Com uma careta, trincou novamente a sanduíche.

Foi com agrado que Kathleen verificou que, apesar das expectativas iniciais de West, de ser recebido com insolência ou mesmo declarado desprezo, o primeiro dos rendeiros o tratou com cordialidade.

George Strickland era um homem de meia-idade, baixo mas robusto, cujo olhar bondoso animava um rosto grande e quadrado. As suas terras, que cultivava com a ajuda de três filhos, eram um minifúndio de cerca de vinte e quatro hectares. Kathleen e West encontraram-no em sua casa, uma edificação decrépita paredes-meias com um grande celeiro usado para malhar e armazenar o milho. O gado era mantido em abrigos semidestruídos, desordenadamente construídos à volta de um pátio onde o estrume era dissolvido pela água que escorria dos toscos telhados.

– Muito prazer, senhor – cumprimentou o rendeiro, segurando o chapéu com ambas as mãos. – O senhor e a senhora poderiam vir comigo ali ao campo? Podíamos falar enquanto trabalho, porque tenho de cortar a aveia e trazê-la antes que a chuva volte.

– O que acontece se não a colher a tempo? – perguntou West.

– Vai ser um desperdício de grão no chão – respondeu Strickland. – Depois de o grão estar cheio e pronto para colher, basta uma rajada de vento para o tirar da espiga. Perdíamos um terço dele.

West olhou de relance para Kathleen, que assentiu com um breve aceno. Saíram para o campo, onde os cumes das espigas verdes e douradas quase alcançavam os ombros de West. Dois homens progrediam entre elas armados de foices diabolicamente afiadas. Kathleen adorava o cheiro adocicado que se desprendia do campo. Depois, outros trabalhadores atavam as espigas em molhos e um rapaz apanhava a palha solta com um ancinho.

– Que quantidade consegue um homem cortar num dia? – indagou West, enquanto Strickland se punha de cócoras para atar um molho com movimentos destros.

– O melhor ceifeiro que já vi corta quase um hectare num dia. Mas só de aveia, que é mais rápido.

West olhou para os trabalhadores com ar pensativo.

– E se tivesse uma máquina ceifeira?

– Dasquelas que têm amarrador? – devolveu Strickland tirando o chapéu e coçando a cabeça. – Diria que uns cinco hectares ou mais.

– Num dia? E de quantos trabalhadores precisa para a manobrar?

– Dois homens e um cavalo.

– Dois homens que produzem pelo menos seis vezes mais? – West parecia incrédulo. – Porque não tem uma ceifeira mecânica?

Strickland abafou uma gargalhada.

– Porque custa vinte e cinco libras, ou mais.

– Mas não demoraria a pagar a máquina.

– Não consigo manter cavalos *e* ter a máquina, e não consigo trabalhar sem um cavalo.

De testa franzida, West observou Strickland a terminar de amarrar o molho.

– Ajudo-o a apanhar os ceifeiros, se me mostrar como se faz.

O agricultor olhou para a fatiota de West.

– Não está vestido para trabalhar a terra, senhor.

– Insisto – declarou West, tirando o casaco e entregando-o a Kathleen. – Com alguma sorte, ganho calos para mostrar às pessoas.

Então, pôs-se de cócoras ao lado de Strickland, que lhe mostrou como passar uma fita à volta das espigas, por baixo dos grãos, sem apertar demasiado, como advertiu, para que quando os molhos fossem levantados e amarrados em conjunto houvesse espaço suficiente entre os pés para o ar circular e secar mais rapidamente o grão.

Embora Kathleen acreditasse que West rapidamente se cansaria da novidade, este mostrou-se persistente e diligente, adquirindo gradualmente alguma competência. Enquanto trabalhavam, fazia perguntas sobre a drenagem e a sementeira, às quais Strickland respondia detalhadamente.

Foi inesperada a forma como a cortesia de West parecera transformar-se em genuíno interesse pelo processo que se desenrolava diante dele. Kathleen observava-o com ar pensativo, sentindo dificuldade em conciliar o bêbedo petulante do dia anterior com aquele desconhecido interessado e atento. Dir-se-ia quase que se importava com a propriedade e os seus rendeiros.

No final daquela fila, West levantou-se, sacudiu as mãos e tirou um lenço do bolso para limpar o rosto.

Strickland limpou a testa com a manga.

– A seguir posso mostrar-lhe como se ceifa – ofereceu em tom animado.

– Obrigado, mas não – replicou West com um sorriso pesaroso, parecendo-se tanto com o irmão que Kathleen sentiu um sobressalto. – Uma lâmina afiada não seria o melhor adereço para mim. – Perscrutando o campo com ar atento, perguntou: – Já pensou em produzir leite, Mr. Strickland?

– Não, senhor – respondeu o renteiro com firmeza. – Os ganhos são parcos, mas, mesmo assim, o grão dá mais rendimento do que o leite ou a carne. Diz-se no mercado que «Abaixo o gado, acima o milho».

– Talvez seja verdade, por enquanto – devolveu West, pensando alto. – Mas com a quantidade de pessoas que vai trabalhar para as fábricas das cidades, a procura de leite e de carne vai subir, e aí...

– Leite não – rematou Strickland, já menos amistoso. – Não é para mim.

Kathleen aproximou-se de West e estendeu-lhe o casaco, tocando-lhe ligeiramente no braço para lhe chamar a atenção.

– Creio que Mr. Totthill receia que esteja a tentar evitar pagar a drenagem – murmurou.

A expressão de West aligeirou-se imediatamente assim que compreendeu.

– Não – disse, voltando-se para o agricultor. – Os melhoramentos serão feitos, tal como prometido. Na verdade, Lord Trenear não tem qualquer escolha: trata-se de uma obrigação legal.

Strickland parecia cético.

– Peço desculpa, senhor, mas depois de tantas promessas por cumprir é difícil acreditar em mais uma.

West ficou silencioso durante um momento, a contemplar a expressão angustiada do homem.

– Tem a minha palavra – disse, de uma forma que não deixava margem para dúvidas. E estendeu a mão.

Kathleen observava-o, estupefacta. Só vira trocar apertos de mãos entre amigos próximos, ou em ocasiões de grande importância e, mesmo assim, apenas entre cavalheiros de posição semelhante. Strickland, porém, após alguma hesitação, estendeu o braço e ambos trocaram um forte aperto de mão.

– Esteve bem – declarou Kathleen para West enquanto percorriam o caminho de terra que dava acesso à quinta. Estava impressionada pela forma como se comportara e abordara as preocupações de Strickland.

– Foi inteligente da sua parte deitar mãos à obra para o deixar mais à vontade.

– Não estava a tentar ser inteligente – replicou West, parecendo apreensivo.
– Queria obter informação.

– E assim aconteceu.

– Esperava que a questão da drenagem se resolvesse rapidamente – retomou ele. – Que bastasse escavar algumas valas, colocar uns tubos de argila e tapar tudo.

– Não parece muito complicado.

– Mas é. É complicado de formas que não esperava – concluiu West abanando a cabeça. – A drenagem é uma parte tão ínfima do problema que seria um desperdício de dinheiro repará-la sem tratar do restante.

– O que é o restante?

– Ainda não tenho a certeza, mas se não tratarmos de perceber tudo direitinho não há qualquer esperança de fazer com que Eversby Priory volte a ser rentável. Nem mesmo autossustentável.

Olhou para Kathleen com uma expressão ameaçadora quando esta abriu a boca.

– Não me acuse de congeminar para vender a propriedade.

– Não ia fazê-lo – replicou ela com indignação. – Ia dizer que, tanto quanto consigo perceber, a quinta de Mr. Strickland está mais ou menos na mesma condição do que as restantes.

– Abaixo o gado, acima o milho – murmurou West. – Uma ova! Daqui a poucos anos será «Abaixo o milho, acima o gado», e não vai mudar. O Strickland não tem noção de que o mundo mudou de vez. Até eu sei disso e dificilmente poderia ser mais ignorante em questões de agricultura.

– Crê que ele devia dedicar-se ao gado e à produção leiteira – confirmou Kathleen.

– Seria mais fácil e mais rentável do que tentar cultivar terras argilosas.

– Poderá ter razão – replicou ela com ar pesaroso –, mas nesta parte de Inglaterra a criação de gado não é considerada tão respeitável como o cultivo da terra.

– Que diabo! Qual é a diferença? Seja como for, acaba-se a carregar estrume.

West perdeu o fio à meada quando o cavalo tropeçou ligeiramente num torrão de terra.

– Solte um pouco as rédeas – indicou Kathleen. – Dê mais folga ao cavalo e deixe-o escolher o percurso.

West acatou imediatamente as suas palavras.

– Mais um conselho seria inoportuno? – atreveu-se Kathleen a perguntar.

– Dispare.

– Tem tendência a afundar-se na sela. O que lhe torna mais difícil acompanhar o movimento do cavalo e lhe provoca dores de costas posteriormente. Se se sentar direito mas relaxado... Isso, assim... agora está com boa postura.

– Obrigado.

Kathleen sorriu-lhe, agradada com a solicitude dele em aceitar orientações de uma mulher.

– Não é mau cavaleiro. Poderia tornar-se bastante bom, se praticasse de forma regular. – Fez uma pausa. – Presumo que não monte com frequência na cidade.

– Não. Ando a pé ou de carruagem alugada.

– Mas o seu irmão... – principiou Kathleen, recordando a confiança com que Devon montava.

– Anda a cavalo todas as manhãs. Uma besta cinzenta malhada que fica impossível se não sai todos os dias. Arduamente. – Fez uma pausa. – Têm isso em comum.

– Então é por isso que o Treneer é tão atlético – murmurou Kathleen.

– Não se fica pela equitação. Pertence a um clube de pugilismo onde se espancam até perderem os sentidos, no savate.

– O que é isso?

– Um tipo de luta que se desenvolveu nas ruas de Paris. Bastante violenta.

O meu irmão deseja secretamente ser atacado por rufias, mas até hoje não teve muita sorte.

– Qual é a razão de todo este exercício? – perguntou Kathleen com um sorriso.

– Controlar o mau génio.

O sorriso de Kathleen esmoreceu.

– E você também tem mau génio?

West deu uma risada.

– Sem dúvida. Só que prefiro afogar os meus demónios a guerreá-los.

Tal como o Theo, pensou ela, mas sem verbalizar.

– Gosto mais de si sóbrio – declarou.

West olhou-a de relance, com ar divertido.

– Ainda só passou meio dia. Espere um pouco mais, que irá mudar de ideias.

O que não aconteceu. Nas duas semanas que se seguiram, West continuou a permanecer relativamente sóbrio, limitando a bebida a um ou dois copos de vinho ao jantar. Os seus dias eram divididos entre visitas às quintas dos rendeiros, a análise dos registos de rendas, a leitura de livros sobre agricultura e a escrita de página atrás de página do relatório que preparava para Devon.

Certa noite, ao jantar, relatou o seu plano de visitar muitos mais arrendatários, para conseguir um entendimento alargado de todos os problemas. Com cada nova informação que recolhia, formava-se a imagem da verdadeira condição da propriedade, que não era de todo animadora.

– Por outro lado – concluiu –, não é uma situação desprovida de esperança, desde que o Devon esteja a fazer o trabalho dele.

– Qual é o trabalho dele? – indagou Cassandra.

– Encontrar capital – esclareceu West. – Muito capital.

– Deve ser difícil um cavalheiro obter capital sem trabalhar – comentou Pandora. – Especialmente com tantos criminosos a tentar fazer a mesma coisa.

West afogou um sorriso irónico no copo de água.

– Confio plenamente – declarou – que o meu irmão levará a melhor sobre

todos. Ou então, que se juntará a eles... – Voltou-se para Kathleen. – Esta manhã percebi que necessitarei de permanecer um pouco mais do que o inicialmente planeado – disse. – Uns quinze dias. Ou, melhor ainda, um mês. Há tantas coisas que me falta descobrir.

– Então fique – replicou Kathleen com sobriedade.

– Não se oporia? – replicou West, com surpresa no olhar.

– Não. Se tal ajudar os rendeiros.

– E se ficar durante o Natal?

– Com certeza – declarou ela sem hesitação. – Tem mais direito a estar aqui do que eu. Mas não terá saudades da sua vida na cidade?

West fitou o prato com um ligeiro tremor dos lábios.

– Sinto a falta de... algumas coisas. No entanto, aqui não falta o que fazer e o meu irmão não dispõe de assim tantas pessoas de confiança. Na realidade, poucos proprietários fundiários da sua posição parecem compreender a situação.

– Ao contrário de si e de Lord Trenear?

West abriu um repentino sorriso.

– Nós também não. A única diferença é que estamos conscientes disso.

CAPÍTULO 10

— *Primo West* – chamou Kathleen, um mês depois, seguindo determinadamente no seu encalço pela escadaria principal –, pare de correr. Quero falar consigo.

– Impossível, enquanto me perseguir como Átila, *o Huno* – replicou este, sem abrandar o passo.

– Diga-me porque o fez.

Kathleen alcançou o último degrau ao mesmo tempo que ele, voltando-se para lhe impedir a passagem.

– Tenha a gentileza de explicar *por que carga de água* trouxe um porco para dentro desta casa!

Encurralado, West teve de recorrer à sinceridade.

– Não pensei. Estava na quinta do John Potter e ele ia abatê-lo por ser demasiado pequeno.

– Trata-se de uma prática comum, tanto quanto sei – devolveu ela, lacónica.

– A criatura olhou para mim – protestou West. – Parecia estar a sorrir.

– *Todos* os porcos parecem estar a sorrir. Têm a boca curvada para cima.

– Não pude evitar; tive de o trazer para casa.

Kathleen fitou-o, abanando lentamente a cabeça. As gémeas já tinham alimentado a criatura com uma mistura de leite de vaca reforçada com um ovo cru e Helen forrado um cesto com pano macio para ele dormir. Não teria como se desembaraçar do animal.

– O que pretende que façamos com o porco quando for adulto? – indagou.

– Engordá-lo? – replicou West após um momento de ponderação.

Kathleen deixou sair um suspiro exasperado.

– Mr. Ravenel, as raparigas já lhe deram um nome. *Hamlet*. Espera que comamos um animal de estimação?

– Eu comeria, se mo apresentassem em fatias de *bacon*. – Face à expressão de Kathleen, West apressou-se a acrescentar: – Devolvo-o ao agricultor, quando for maiorzinho.

– Impossível...

West ergueu a mão impondo silêncio.

– Terá de me importunar noutra altura; agora não tenho tempo. Estou de saída para Alton, onde não posso perder o comboio da tarde.

– Comboio? Aonde vai?

Conseguindo esquivar-se, West encaminhou-se para a porta principal.

– Disse-lhe ontem. Eu sabia que não estava a ouvir.

Kathleen fez uma expressão irritada e seguiu-o, dizendo para si própria que seria muito bem feito se o *bacon* fosse banido daquela casa.

Pararam junto à sala de visitas principal, onde homens retiravam as tábuas do soalho, descartando-as com estrondo. Algures, marteladas incessantes enchiam o ar.

– Tal como expliquei ontem – retomou West, levantando a voz para se fazer ouvir sobre o barulho infernal –, vou a Wiltshire visitar um homem que arrendou terras para experimentar métodos agrícolas modernos.

– Quanto tempo estará fora?

– Três dias – replicou ele alegremente. – Mal terá tempo de sentir a minha falta.

– Poderia ausentar-se por toda a eternidade, que não sentiria a sua falta.

Mas foi com preocupação que Kathleen o viu vestir o casaco e colocar o chapéu com a ajuda do mordomo. Quando voltasse, pensou, teriam de tornar a apertar-lhe a roupa; tinha perdido pelo menos mais seis quilos.

– Não se esqueça de comer enquanto está fora – advertiu. – Se continua a saltar refeições, não tarda parece um pau de virar tripas.

O esforço físico constante de se deslocar a cavalo pelas terras da propriedade, andar a pé pelos campos, ajudar um ou outro agricultor a reparar um portão ou a resgatar uma ovelha que se escapulira saltando a cerca de um

jardim provocara mudanças consideráveis em West. Perdera tanto peso que parecia nadar dentro da roupa. O rosto e o pescoço haviam perdido o aspeto inchado, revelando o maxilar firme e o perfil cinzelado. O tempo que passava ao ar livre conferira-lhe uma cor saudável e rejuvenescera-o vários anos. Uma aura de vitalidade substituíra a anterior indolência.

West inclinou-se para a beijar gentilmente na testa.

– Adeus, Átila – provocou, com doçura. – Tente não intimidar toda a gente na minha ausência.

Depois da partida de West, Kathleen dirigiu-se para o quarto da governanta, que ficava junto à cozinha. Era dia de lavagem da roupa, a temida ocasião em que a roupa suja da casa era separada, fervida, lavada e pendurada numa divisão anexa à copa. Juntas, Kathleen e Mrs. Church afinavam o inventário e encomendavam tecido.

Começavam a falar da necessidade de fazer novos aventais quando apareceu Sims, o mordomo.

– Peço desculpa, senhora.

O tom de voz foi comedido, mas a sua expressão era de evidente descontentamento.

– Um rendeiro e a mulher, Mr. e Mrs. Wooten, pedem para falar com Mr. Ravenel. Expliquei que ele se ausentou, mas eles não se vão embora. Dizem que é urgente. Achei por bem informá-la antes de mandar os criados tirá-los daqui à força.

Kathleen franziu a testa.

– Não. Não faça isso. Os Wooten não nos procurariam sem razão. Por favor, leve-os para a sala de visitas. Eu vou lá ter.

– Receei que dissesse isso – reclamou Sims. – Devo protestar, senhora. A paz e sossego do seu luto não devem ser perturbados.

Um estrondo no piso de cima fez estremecer o teto.

– Cruzes! – exclamou a governanta.

Kathleen reprimiu uma risada e lançou um olhar ao mordomo.

– Vou acompanhar os Wooten – declarou, com resignação.

Assim que Kathleen entrou na sala de visitas constatou de imediato a perturbação do jovem casal. Mrs. Wooten tinha os olhos inchados e marcados pelas lágrimas e o marido o rosto pálido de ansiedade.

– Espero que ninguém esteja doente nem ferido – disse.

– Não, senhora – replicou Mr. Wooten, ao mesmo tempo que a sua mulher fazia uma cortesia. Apertando o chapéu nas mãos, explicou que um dos seus trabalhadores contratados deparara com dois intrusos, que se identificaram como representantes dos caminhos de ferro.

– Disseram que estão a fazer recolha topográfica – continuou Wooten. – E, quando lhes perguntei quem lhes deu autorização, responderam que tinha sido Lord Trenear. – Foi com voz vacilante que completou: – Disseram que a minha quinta ia ser vendida aos caminhos de ferro. Fui falar com Mr. Carlow, mas ele não tem conhecimento de nada. – Os seus olhos encheram-se de lágrimas. – O meu pai deixou-me esta quinta, senhora. Eles vão escavar os campos e enchê-los de carris. Vão tirar-me a mim e à minha família de lá sem nos darem um centavo... – Teria continuado, mas Mrs. Wooten começou a soluçar.

Perplexa, Kathleen abanou a cabeça.

– Mr. Ravenel não falou em nada e Lord Trenear não tomaria uma iniciativa dessas sem a debater com o irmão. É uma afirmação infundada, tenho a certeza.

– Sabiam que o meu contrato de arrendamento está a terminar – insistiu Mr. Wooten, com tormento no olhar. – Sabiam a data, exatamente, e disseram que não ia ser renovado.

Aquilo deixou-a de sobreaviso.

O que andaria Devon a tramar? Não seria implacável e cruel ao ponto de vender a quinta de um rendeiro sem o notificar.

– Vou averiguar – declarou, com firmeza. – Entretanto, não há necessidade de aflições. Mr. Ravenel está inequivocamente do lado dos rendeiros e tem influência junto de Lord Trenear. Até ao seu regresso, que acontecerá daqui a três dias, o meu conselho é que sigam com a vossa vida como de costume. Mrs. Wooten, tem de parar de chorar. Tenho a certeza de que tanta angústia não é boa para o bebé.

Assim que os Wooten partiram, parecendo pouco reconfortados com as palavras dela, Kathleen dirigiu-se apressadamente para o escritório e sentou-se à grande secretária. Furiosa, pegou numa caneta, abriu um tinteiro e dedicou-se à escrita de uma mensagem contundente dirigida a Devon, na qual o informava da situação e lhe exigia explicações sobre o que estava a acontecer.

Para aumentar o efeito, acrescentou uma nada subtil ameaça de ação legal por parte dos Wooten. Embora não existisse nada que um advogado pudesse fazer, já que Devon tinha direito de vender qualquer parte da propriedade, iria seguramente granjear a sua atenção.

Kathleen dobrou a mensagem, enfiou-a num envelope e tocou a campainha para chamar o lacaios que a levaria ao telégrafo dos correios locais.

– Gostaria que a enviasse de imediato – informou. – Diga ao chefe dos correios que se trata de um assunto da máxima urgência.

– Sim, senhora.

Quando o lacaios desapareceu, surgiu à porta a governanta.

– Lady Trenear – disse esta, parecendo exasperada.

– Mrs. Church – devolveu Kathleen. – Asseguro-lhe que não me esqueci do registo das lavagens nem dos aventais.

– Obrigada, senhora. Mas não é isso. São os homens. Acabaram de instalar a canalização da casa de banho principal.

– É uma boa notícia, não é?

– Também eu achava. Só que agora começaram a transformar mais um quarto do piso de cima noutra casa de banho e têm de passar um cano por baixo do chão do seu quarto.

Kathleen saltou da cadeira.

– Está a querer dizer que estão homens no meu quarto? Ninguém me falou de semelhante situação.

– O mestre canalizador e o carpinteiro dizem ambos que é a única forma.

– Não posso aceitar!

– Já arrancaram bastantes tábuas do soalho, sem sequer lhe pedir licença.

Kathleen abanou a cabeça, incrédula, deixando sair um grande suspiro.

– Se o soalho está tirado, suponho que não haja nada a fazer e que uma tarde assim não seja tão difícil de suportar.

– Senhora, dizem que demorará vários dias, provavelmente uma semana, até tornar a pôr tudo no lugar.

Kathleen abriu a boca de espanto.

– Onde é que vou dormir enquanto me destroem o quarto?

– Já dei ordem às criadas para levarem as suas coisas para o quarto principal – replicou Mrs. Church. – Lord Trenear está em Londres e não precisa dele. Como fica ao fundo do corredor, terá mais privacidade.

A notícia não contribuiu em nada para a alegrar. *Abominava* o quarto principal, o sítio onde vira Theo pela última vez antes do acidente. Onde tinham discutido ferozmente e lhe dissera palavras de que se arrependeria para o resto da sua vida. Recordações indesejadas assombravam o aposento como malignas criaturas da noite.

– Há mais algum quarto que possa ocupar?

– Neste momento não, senhora. Os homens arrancaram o chão de mais três quartos além do seu. – A governanta hesitou, compreendendo a relutância de Kathleen. – Vou dar ordem às criadas para arejar um dos quartos da ala este e lhe darem uma boa limpeza. Mas aqueles quartos estão fechados há tanto tempo que vai ser preciso bastante trabalho para o deixar em condições.

Kathleen deixou-se cair na cadeira com um suspiro.

– Então, esta noite, não conseguirei escapar ao quarto principal.

– Será a primeira a usar a banheira de cobre – informou a governanta, no tom de voz de quem oferece um bombom a uma criança amuada.

Kathleen fez um sorriso amarelo.

– Sempre dá algum consolo.

Afinal, o banho na banheira de cobre revelou-se uma experiência tão voluptuosamente aprazível que quase compensou a necessidade de ocupar aquele aposento. Não só a banheira era mais profunda do que qualquer outra que tivesse experimentado como possuía um encosto onde podia pousar a cabeça com todo o conforto. Era o primeiro banho que tomava no qual podia reclinar-se e mergulhar o corpo todo até ao pescoço, o que era divinal.

Permaneceu no banho tanto tempo quanto possível, preguiçando, meio a flutuar, até a água começar a arrefecer, altura em que Clara, a sua criada pessoal, veio envolvê-la em fofas toalhas turcas e ajudá-la a vestir uma camisa de noite branca lavada.

Arrepiada, Kathleen foi sentar-se numa cadeira estofada junto ao fogo, altura em que reparou no xaile *ombré* pousado sobre o espaldar. Pousou-o no colo, aconchegando-se na caxemira macia. O seu olhar fixou-se na cama imponente, no seu dossel de madeira lavrada sustido por quatro postes igualmente trabalhados.

Um único olhar foi suficiente para destruir todo o bem que o banho lhe fizera.

Recusara-se a dormir com Theo naquela cama depois do desastre da noite de núpcias. A memória devolveu-lhe o som da voz intratável e arrastada do defunto marido: *Valha-me Deus. Faz o que tens a fazer. Para de te fazeres de difícil e deita-te... Que raio! Comporta-te como uma esposa...*

De manhã, Kathleen estava exausta. Tinha os olhos doridos marcados por grandes olheiras. Antes de se dirigir para as cavalariças procurou a governanta, encontrando-a junto ao armário das especiarias.

– Mrs. Church, peço desculpa por a interromper, mas gostaria de me certificar de que terá um novo quarto preparado para mim esta noite. Não posso, de maneira nenhuma, ficar novamente no quarto principal. Prefiro dormir no curral com um monte de gatos selvagens.

A governanta olhou-a com preocupação.

– Sim, senhora. As raparigas já começaram a limpar um dos quartos, que dá para o jardim das rosas. Estão a sacudir os tapetes e a esfregar o chão.

– Obrigada.

Assim que chegou às cavalariças, Kathleen sentiu-se logo mais animada. O passeio matinal deixava-a sempre de bom humor. Entrou na sala das selas, tirou a saia do fato de montar e pendurou-a num cabide de parede.

Era habitual as senhoras vestirem calças de montar de camurça ou de lã por baixo da saia de montar, por causa da fricção, mas não era de todo adequado usar *apenas* as calças, como Kathleen fazia naquele momento.

Contudo, como ainda não introduzira a sela amazona, preferia treinar *Asad* montada da forma tradicional, o que seria muito mais seguro no caso de o cavalo tentar atirá-la da sela. Uma saia de montar pitoresca, com o seu manancial de tecido esvoaçante, estava sujeita a ficar presa aos arreios, ou a ramos baixos de árvores, ou até a enredar-se nas patas do cavalo.

Kathleen sentira-se por de mais constrangida da primeira vez que saíra para o *paddock* de calças, especialmente porque os cavaleiros a olhavam com tal espanto que se diria apresentar-se como veio ao mundo. Contudo, Mr. Bloom, que se interessava mais pela segurança do que pelo decoro, manifestara a sua aprovação imediata. Os cavaleiros não demoraram a habituar-se ao aspeto pouco convencional de Kathleen e agora pareciam nem sequer reparar. Ajudava, sem dúvida, que a sua figura fosse esguia; com a sua falta de curvas femininas, dificilmente poderia ser acusada de ser tentadora.

Asad mostrava-se ágil e recetivo aos exercícios, executando com facilidade os semicírculos e figuras serpenteantes. As suas transições eram perfeitas, assim como a sua concentração. Kathleen decidiu tirá-lo do *paddock* para dar uma volta num pasto cercado, e ele portou-se tão bem que ela decidiu prolongar a sessão matinal.

Radiante e agradavelmente cansada do exercício, Kathleen regressou a casa e subiu pelas escadas traseiras com passos enérgicos. Ao chegar ao patamar, reparou que se esquecera da saia nos estábulos. Depois mandaria um laçao buscá-la. Quando se encaminhava para o quarto principal, viu-se obrigada a parar e encolher-se contra uma parede para dar passagem a três homens carregados de canos de cobre. Um deles quase deixou cair os canos, ao reparar na sua indumentária, mas outro incitou-o secamente a concentrar-se no trabalho e a continuar.

Corando, Kathleen entrou a todo o gás no quarto principal, dirigindo-se imediatamente para a porta aberta da casa de banho, já que não via Clara em lado nenhum. Apesar das objeções que levantara à despesa exigida pela instalação da água canalizada na casa, tinha de admitir que era delicioso dispor de água quente sempre que desejava, sem ter de chamar as criadas. Entrou, fechando a porta com firmeza.

Soltou um grito de perplexidade ao constatar que a banheira estava ocupada.

– Meu Deus! – exclamou, levando as mãos ao rosto.

Mas a imagem de Devon Ravenel, molhado e nu, já ficara gravada na sua mente.

CAPÍTULO 11

*N*ão podia ser. Supostamente, Devon estava em Londres! A sua imaginação pregava-lhe uma partida... não passava de uma alucinação. Só que o ar estava quente e húmido, repleto de uma fragrância que era inegavelmente dele... um odor limpo e apimentado a pele, misturado com sabão.

Apreensiva, Kathleen afastou os dedos apenas o suficiente para dar uma espreitadela.

Devon, reclinado na banheira de cobre, olhava-a com irónica interrogação. À sua volta, o vapor de água parecia um véu cor de fumo. Pequenas gotas de água povoavam os músculos definidos dos seus braços e ombros e faziam cintilar-lhe os pelos morenos do peito.

Kathleen voltou-se para a porta, com a cabeça num torvelinho.

– O que está aqui a fazer? – conseguiu dizer.

– Recebi a sua convocatória – respondeu ele, num tom de voz cáustico.

– A minha... A minha... Refere-se ao telegrama?

Era difícil arrancar um pensamento coerente à sua mente aturdida.

– Não era nenhuma convocatória.

– Mas parecia.

– Não esperava vê-lo tão depressa. Muito menos desta maneira!

Ruborizou-se ao ouvir a gargalhada abafada de Devon.

Procurando desesperadamente uma fuga, agarrou no puxador da porta, ferragem que acabava de ser instalada pelo mestre de obra, e puxou. Mas a porta permaneceu teimosamente fechada.

– Senhora – ouviu a voz de Devon atrás de si –, sugiro que...

Tomada de pânico, Kathleen ignorou-o, abanando o puxador com violência. Então a peça soltou-se abruptamente e ela recuou aos tropeções. Perplexa, olhou para a peça de metal que lhe ficara na mão.

Durante um instante, só se ouviu silêncio.

Devon pigarreou com veemência.

– É uma tranqueta. Primeiro tem de carregar na lingueta e só depois pode puxar.

Kathleen atacou a lingueta que pendia da placa de metal, com tanta violência que a porta tremeu.

– Querida... – O riso era tanto que Devon mal conseguia falar. – – Isso... Não vai ajudar.

– Não me chame assim – protestou ela, continuando de costas. – Como é que vou sair daqui?

– O meu criado de quarto foi buscar toalhas. Quando voltar, abra-lhe a porta.

Com um gemido de desalento, Kathleen encostou a testa à porta de madeira.

– Ele não pode saber que estive aqui consigo. Será a minha ruína.

Kathleen ouviu o voluptuoso barulho da água a cair sobre a pele.

– Ele não comentará nada. É discreto.

– Não, não é.

O som parou.

– Porque diz isso?

– Não se coíbiu de dar tema de conversa aos criados, sobre as suas conquistas passadas. Segundo a criada, foi relatada uma história particularmente emocionante protagonizada por uma corista. – Fez uma pausa, para acrescentar depois com ar sombrio: – Vestida de penas.

– Com mil diabos – murmurou Devon.

Tornou a ouvir-se a água a correr.

Kathleen continuou encostada à porta, com todo o corpo tenso. Devon estava nu a poucos metros de distância, na mesma banheira que ela utilizara

na noite anterior. Era incapaz de evitar imaginar as imagens que acompanhavam os sons; a água a moldar-lhe o cabelo, a espuma do sabonete a rascar-lhe a pele...

Tendo cuidado de não olhar, pousou o puxador no chão.

– Porque toma banho tão cedo?

– Vim de comboio e aluguei uma carruagem em Alton. Soltou-se uma roda, a caminho de Eversby. Tive de ajudar o condutor a pô-la no sítio. Muita lama e muito frio.

– Não podia ter pedido ao seu criado pessoal que o fizesse?

A sugestão foi recebida com um riso abafado.

– O Sutton não consegue pegar numa roda de carruagem. Tem a força de uma criança.

Franzindo a testa, riscou com o dedo a camada de vapor que se depositara no chão.

– Não precisava de ter vindo ao Hampshire com tanta pressa.

– Fiquei impressionado com a ameaça de advogados e do tribunal – devolveu, em tom sombrio.

Talvez tivesse exagerado um pouco no telegrama.

– Não ia envolver advogados no assunto. Queria apenas obter a sua atenção.

– A minha atenção para consigo é inabalável – replicou ele, com suavidade.

Kathleen não sabia muito bem como interpretar aquelas palavras. Antes de poder pedir uma explicação, porém, ouviu-se o trinco da porta. Os painéis de madeira tremeram anunciando a entrada de alguém. Kathleen abriu muito os olhos e apoiou as mãos contra a porta, completamente horrorizada. Ouviu um chape violento atrás de si, pois Devon saltara de dentro da banheira e encostara uma mão à porta para impedir a sua abertura. Com a outra mão, tapou-lhe a boca, algo perfeitamente desnecessário, pois não estava capaz de emitir qualquer som.

Todo o seu corpo tremia com a sensação daquele vulto masculino e quente atrás de si.

– Senhor? – perguntou a voz confusa do criado.

– Que inferno! Não se bate à porta? – reagiu Devon. – Não entre num quarto sem bater, a não ser que a casa esteja a arder.

Perturbada, Kathleen perguntou-se se não iria desmaiar. Estava bastante segura de que, em tais circunstâncias, Lady Berwick esperaria que tal acontecesse. Por desdita, a sua mente permaneceu alerta. Vacilou, perdendo algum equilíbrio, mas o corpo dele compensou de imediato o movimento, oferecendo-lhe uma parede de músculos. Estava completamente encostado a ela. A água quente escorria sobre o seu traje de montar e, a cada respiração, ela inalava o cheiro do sabonete e o calor. O coração falhava a cada passo: demasiado débil, demasiado rápido...

Tonta, focou a atenção na mão grande e forte que sustinha a porta. Era algo morena, do tipo que se bronzeava facilmente com o sol. Tinha um dos nós dos dedos arranhados, em carne viva, de levantar a roda da carruagem, supunha. As unhas estavam cortadas e escrupulosamente limpas, mas via-se a sombra esbatida de manchas de tinta em dois dedos.

– Peço perdão, senhor – disse o criado de quarto. – Com um tom de exagerado respeito, que roçava o sarcasmo, acrescentou: – Nunca lhe conheci tanta modéstia.

– Agora sou aristocrata – disse Devon. – Preferimos não exhibir os nossos trunfos.

Estava tão encostado a ela que Kathleen sentia a voz dele ressoar dentro de si. Envolvia-a a energia de toda aquela virilidade. As sensações eram estranhas e assustadoras... E assombrosamente agradáveis. Os movimentos da respiração e o calor do corpo dele nas suas costas alvoroçavam-na.

– Há alguma confusão quanto ao sítio onde estará a sua bagagem – explicava Sutton. – Um dos criados trouxe-a para dentro de casa, como eu instruí, mas Mrs. Church disse-lhe para não a transportar para o quarto principal, pois Lady Trenear ocupou-o temporariamente.

– Deveras? E Mrs. Church explicou por que motivo Lady Trenear invadiu o meu quarto?

– Os canalizadores estão a instalar tubagens por baixo do chão do quarto da senhora. Disseram-me que Lady Trenear não ficou nada agradada com a situação. Um dos lacaios disse que a ouviu jurar que o meu senhor sofreria consequências físicas.

– Que pena. – Uma nota de diversão tingiu a voz de Devon. Kathleen sentiu o rosto dele no seu cabelo quando Devon sorriu. – Lamento tê-la importunado.

– Não se tratou de um simples inconveniente, senhor. Lady Trenear

abandonou o quarto principal logo após a morte do falecido conde, e desde então que não passa nele uma única noite. Até agora. Segundo uma das criadas...

Kathleen ficou tensa.

– Não preciso de saber porquê – interrompeu Devon. – Diz respeito a Lady Trenear apenas, não a nós.

– Claro, senhor – devolveu o criado. – Voltando à bagagem, o lacaio levou-a para um dos quartos do piso de cima, mas ninguém parece saber qual.

– Alguém já pensou em perguntar-lhe? – sugeriu Devon com secura.

– De momento, ninguém consegue encontrá-lo em lado nenhum. Lady Pandora e Lady Cassandra recrutaram-no para as ajudar a procurar o porco da casa, que desapareceu.

O corpo de Devon ficou tenso.

– Disse «porco»?

– Sim, senhor. É o novo animal de estimação da família.

A mão de Devon deslizou suavemente dos lábios de Kathleen, roçando-lhe o queixo numa carícia subtil.

– Há algum motivo em particular para termos gado em...?

Kathleen voltara-se para olhar para Devon no preciso instante em que este baixou a cabeça. A boca dele embateu na testa dela e o toque accidental provocou uma tempestade nos seus sentidos.

– ...casa? – concluiu Devon, com voz mais brusca. Estendeu o braço para agarrar no metal da porta, para evitar que voltasse a fechar-se.

– Não é necessário que refira que este tipo de questão não ocorre na maioria das casas refinadas – devolveu Sutton, em tom afetado. – Devo passar as toalhas pela porta?

– Não. Deixe-as desse lado. Eu pego-lhes quando estiver pronto.

– No chão? – reagiu Sutton, parecendo escandalizado. – Senhor, deixe-me pousá-las numa cadeira.

Ouviram-se objetos a ser movidos e o impacto de um móvel pouco pesado.

Através dos olhos semicerrados, Kathleen viu que Devon segurava a porta com tanta força que o seu polegar ficara branco. Tinha o pulso e o braço tensos. Como estava quente e com que facilidade o seu peito e ombros fortes

a suportavam! O único sítio em que não encaixavam comodamente era a parte inferior das suas costas, onde a pressão do corpo dele se revelava rígida e inflexível. Moveu-se um pouco, inquieta, procurando uma posição mais confortável. Devon inspirou, sobressaltado, e agarrou-lhe a anca direita, obrigando-a a aquietar-se.

Percebeu, então, o que era aquela aresta dura.

Ficou tensa, sufocando um gemido. O calor inebriante desapareceu, o seu corpo ficou gelado e o tremor transformou-se em arrepios contínuos. Estava prestes a ser magoada. Atacada.

O casamento ensinara-a que os homens se comportavam sem pudor quando excitados. Perdiam o controlo e transformavam-se em animais.

Desesperada, calculou o nível de ameaça que Devon representaria para si, até onde poderia ir. Se a atacasse, gritaria. Iria retaliar, fossem quais fossem as consequências para si ou a sua reputação.

Sentiu uma das mãos dele na sua cintura, o peso dela, mesmo através do corpete, que começou a descrever círculos, como se acalmasse um cavalo assustado.

Apesar do batimento acelerado do seu coração, Kathleen conseguiu ouvir o criado perguntar se deveriam transferir a bagagem para o quarto principal. Devon respondeu que decidiria mais tarde e que, de momento, lhe trouxesse rapidamente algo que vestir. O criado anuiu.

– Já foi – disse Devon, passados uns instantes. Inspirando profundamente e exalando devagar, esticou o braço até ao outro lado da porta para soltar o trinco de forma a não tornar a fechar. – Embora ninguém tenha solicitado a minha opinião acerca do porco – retomou –, sou contra qualquer animal doméstico que um dia possa pesar mais do que eu.

Kathleen, que se preparara para um ataque, pestanejou, vacilante. Ele comportava-se tão pouco como um animal perdido de luxúria que ela não sabia o que fazer.

Em resposta ao seu silêncio gélido, Devon tocou-lhe no rosto, incitando-a a olhar para ele. Incapaz de evitar aquele olhar tranquilo de apreciação, percebeu que não corria qualquer perigo imediato de que ele forçasse alguma coisa.

– É melhor olhar para outro lado – aconselhou ele –, a não ser que queira encher o olho. Vou buscar as toalhas.

Kathleen assentiu e fechou os olhos ao mesmo tempo que ele saía da casa de banho.

Aguardou, deixando assentar os pensamentos caóticos. Contudo, em todo o seu ser, reverberava ainda a sensação do corpo dele contra o seu, os pormenores daquela excitação.

Certa vez, há não muito tempo, fora com Lord e Lady Berwick e as filhas destes visitar o museu nacional. A caminho da exposição de objetos marítimos recolhidos pelo capitão James Cook, lendário explorador, haviam passado por uma galeria de estatuária italiana, à entrada da qual se encontravam dois nus masculinos. Uma das parras removíveis, acrescentadas pelo diretor de algum museu para ocular os genitais das estátuas, caíra ao chão e estava partida em pedaços. Lady Berwick, horrorizada com o que considerara uma agressão visual, enxotara Kathleen e as filhas para longe do ofensivo corpo de mármore... Não sem antes estas verem exatamente o que a parra procurara ocultar.

Kathleen ficara escandalizada e intrigada com a escultura, cuja delicadeza do trabalho que convertera o frio mármore em carne humana a fascinara: as veias, a vulnerabilidade, a textura macia em todo o lado exceto no pequeno tufo de pelo entre as pernas. A diminuta e discreta protuberância não lhe parecia merecer o alarido de Lady Berwick.

Na noite de núpcias, porém, o que vira e sentira do corpo de Theo fora suficiente para constatar que um homem de carne e osso era substancialmente mais dotado do que a escultura de mármore do museu.

E, momentos antes, a pressão do corpo de Devon contra o seu...

Desejou ter tido oportunidade de o ver.

De imediato, repreendeu-se por tal pensamento. Ainda assim... Não conseguia evitar sentir curiosidade. Seria assim tão mau, dar uma vista de olhos? Seria a sua única oportunidade de ver um homem tal como Deus o concebera. Antes que se dissuadisse a si própria, inclinou-se lentamente sobre a porta e espreitou com cuidado.

Que visão extraordinária... Um homem saudável e viril em todo o seu esplendor. Forte e profusamente musculado. Bárbaro e, ainda assim, belo. Por sorte, não estava voltado para ela, portanto pôde observar sem ser notada. Secou o cabelo com a toalha até ficar espetado e continuou pelos braços e pelo peito, esfregando vigorosamente. Tinha costas possantes e a coluna bem delineada. Os músculos dos ombros flexionaram-se quando passou a toalha sobre as costas e começou a secar-se num movimento oscilante. Tinha uma

grande quantidade de pelos nos braços, nas pernas e na parte superior do peito, assim como no baixo-ventre, que em muito superava o decorativo tufo que esperara ver. Quanto ao vislumbre do seu membro masculino... Era de proporções semelhantes ao do seu marido. Talvez até maior. Um tal apêndice não devia ser nada conveniente. Como é que conseguiam montar a cavalo?

Ruborizada, recolheu à casa de banho antes que Devon a apanhasse a espiá-lo.

Não demorou a ouvi-lo aproximar-se, o chão rangendo à sua passagem. Pela porta parcialmente aberta, surgiu uma toalha turca, seca. Agradecida, pegou-lhe e enrolou-a à sua volta.

– Está devidamente tapado? – conseguiu perguntar.

– Duvido que alguém considere o meu traje apropriado – replicou ele, com *secura*.

– Quer esperar aqui? – propôs Kathleen com relutância. A casa de banho estava mais quente do que o quarto arejado.

– Não.

– Mas está frio como gelo, aí fora.

– Precisamente – foi a resposta brusca de Devon.

A julgar pela voz, encontrava-se de pé junto à porta.

– A propósito, o que é isso que tem vestido?

– O meu traje de montar.

– Só se for metade.

– Dispensó a saia quando treino o *Asad*. – Ao não obter resposta da parte dele, acrescentou: – Mr. Bloom aprova as minhas calças de montar. Diz que quase poderia confundir-me com um dos cavaleiros.

– Então deve estar cego. Homem nenhum com olhos na cara a confundiria com um cavaleiro. – Devon fez uma pausa. – Daqui em diante, monta de saia ou não monta.

– O quê?! – reagiu ela, incrédula. – Está a dar-me ordens?

– Alguém tem de o fazer, se se comporta com tão pouco recato.

– Dá-me *a mim* sermões sobre recato?! Hipócrita maldito!

– Suponho que tenha sido nas estrebarias que aprendeu essas lindas

palavras.

– Não, foi com o seu irmão – disparou ela.

– Começo a compreender que não devia ter-me ausentado tanto tempo de Eversby Priory – foi a resposta sorumbática dele. – Esta casa está uma perfeita confusão.

Incapaz de se conter mais um segundo, Kathleen enfiou a cabeça pela porta aberta e olhou-o com ar furioso.

– Foi *você* quem contratou os canalizadores! – sibilou.

– Os canalizadores são o menos importante. Alguém tem de tomar a situação em mãos.

– Se é louco ao ponto de imaginar que me controla...

– Começarei por si, sem dúvida – garantiu ele com toda a sinceridade.

Kathleen ter-lhe-ia respondido à altura, se os seus dentes não tivessem começado a bater. Embora a toalha tivesse absorvido a maior parte da humidade, tinha as roupas coladas ao corpo.

Vendo o desconforto dela, Devon voltou-se para examinar o quarto, procurando algo com que a cobrir. Embora ele estivesse de costas, Kathleen sentiu o preciso momento em que viu o xaile pousado em cima da cadeira, junto à lareira.

Ficou quieto. Quando falou, o tom de voz tinha mudado.

– Não o tingiu.

– Dê-me isso – ordenou Kathleen, estendendo o braço pela porta aberta.

Devon pegou-lhe, com um sorriso lento.

– Usa-o muitas vezes?

– Dê-me o meu xaile, por favor.

Devon levou-lho, tomando o seu tempo. Devia mostrar-se constrangido com a escassez de roupa que vestia, mas parecia perfeitamente confortável. Pavão arrogante!

Assim que tocou no xaile, Kathleen arrancou-o às mãos de Devon. Descartou a toalha húmida e enrolou-se nele. A peça era reconfortante e familiar e a lã suave aqueceu-a imediatamente.

– Não fui capaz de o estragar – confessou, a contragosto. Sentiu-se tentada

a dizer-lhe que, embora o presente fosse em tudo desadequado... A verdade é que o adorava. Havia dias em que não tinha a certeza se os cortinados de viúva refletiam a sua melancolia ou a provocavam, mas quando colocava o luminoso xaile sobre os ombros sentia-se imediatamente melhor.

Nunca recebera uma prenda que lhe agradasse tanto e não podia dizer-lho, embora sentisse vontade de o fazer.

– Fica linda com essas cores, Kathleen – disse ele, numa voz grave e terna.

Ela sentiu-se começar a corar.

– Não me trate pelo meu nome próprio.

– Por quem sois... – troçou Devon, olhando para a toalha que o cobria. – Vamos ser formais.

Ela cometeu o erro de seguir o olhar dele e corou profundamente... Os intrigantes pelos negros do peito, os músculos do abdómen, que pareciam talhados em mogno.

Ouviu-se uma pancada na porta do quarto e Kathleen recuou para o fundo da casa de banho como uma tartaruga a recolher-se para dentro da carapaça.

– Entre, Sutton – ouviu a voz de Devon.

– A sua roupa, senhor.

– Obrigado. Pouse-a na cama.

– Não deseja que o ajude?

– Hoje não.

– Vai vestir-se sozinho? – insistiu, perplexo, o criado de quarto.

– Ouvi dizer que alguns homens o fazem – replicou Devon, com sarcasmo.
– Pode ir.

O criado soltou um suspiro longânime.

– Com certeza, senhor.

– Espere um pouco. Visto-me num minuto – anunciou Devon, assim que a porta tornou a fechar-se.

Kathleen, pensando com desalento que jamais seria capaz de voltar a olhar para ele sem pensar no que as suas roupas elegantes ocultavam, não respondeu.

– É livre de ocupar o quarto principal, se o desejar – disse Devon, enquanto

se vestia. – Antes de ser meu, foi seu.

– Não o quero.

– Como preferir.

Kathleen desejava desesperadamente mudar de assunto.

– Temos de falar sobre os rendeiros – disse. – Como mencionei no telegrama...

– Depois. É inútil abordar o assunto sem a participação do meu irmão. A governanta disse que ele foi para o Wiltshire. Quando volta?

– Amanhã.

– O que foi fazer?

– Conhecer um perito em métodos de cultivo modernos.

– Conhecendo o meu irmão – devolveu Devon –, o mais certo é ter ido conhecer meninas.

– Então, ao que tudo indica, *não* o conhece.

Kathleen não só gostou de poder contradizê-lo, como também se sentiu ofendida em nome de West.

– Desde que chegou que Mr. Ravenel trabalha arduamente. Atrevo-me a dizer que adquiriu mais conhecimento sobre os arrendatários e as quintas da propriedade do que qualquer outra pessoa, incluindo o feitor. Passe alguns minutos a folhear os relatórios e os livros de registos que estão guardados no escritório e não tardará a mudar de discurso.

– Veremos.

Devon empurrou a porta da casa de banho. Vestira um fato de lã cinzento, embora não colocasse gravata e os punhos e colarinho estivessem desapertados. O rosto mantinha-se cuidadosamente sem expressão.

– Poderia ajudar-me com isto? – pediu, apresentando o braço.

Hesitante, Kathleen esticou as mãos para apertar um dos punhos. Os seus dedos roçaram na parte de dentro do pulso dele, onde a pele estava quente e acetinada. Perfeitamente consciente do comedimento da respiração dele, apertou-lhe o outro punho. Então, lentamente, segurou no colarinho aberto, para o apertar com um pequeno botão de ouro. Quando passou os dedos por dentro do colarinho, sentiu-o engolir em seco e a batida rápida da sua pulsação.

– Obrigado – declarou ele, com algo de rouquidão na voz, como se estivesse com a garganta seca.

– Por favor, tenha cuidado para ninguém o ver quando sair do quarto – pediu Kathleen, quando ele se voltou para partir.

Devon deteve-se à porta e olhou para ela. O conhecido brilho de provocação animava-lhe o olhar.

– Não se preocupe. Sou perito em sair discretamente do quarto de uma senhora.

Sorrindo perante a expressão de censura de Kathleen, espreitou para o corredor e esgueirou-se pela porta semiaberta.

CAPÍTULO 12

O sorriso de Devon desapareceu assim que saiu do quarto principal. Sem nenhum destino em mente, vagueou pelo corredor até alcançar um pequeno vão com uma janela. Este conduzia a uma escada circular muito apertada pela qual se subia para os sótãos e os quartos dos criados. O teto era tão baixo que se viu obrigado a inclinar a cabeça para passar. Uma casa tão antiga como Eversby Priory sofrera diversas ampliações ao longo das décadas, dando origem a recantos peculiares e inesperados. Para Devon, o efeito era menos encantador do que para outras pessoas, pois a excentricidade era algo que não valorizava na arquitetura.

Baixando-se para se sentar num degrau estreito, pousou os braços nos joelhos e inclinou a cabeça. Exalou um suspiro trémulo. Fora o tormento mais delicioso que alguma vez experimentara, suportar o peso de Kathleen contra si. Céus, como ela tremia! Parecia um potro recém-nascido a tentar levantar-se. Nunca desejara tanto algo como voltar-lhe o rosto e devorar-lhe a boca com longos beijos, até sentir o seu corpo ceder.

Com um ligeiro gemido, esfregou a parte interior de um dos pulsos, onde continuava a sentir um anel de calor, como se o toque de Kathleen o tivesse marcado.

O que é que o criado começara a contar sobre ela? Porque é que se teria recusado a dormir no quarto principal depois da morte de Theo? A recordação da última discussão com o marido tinha, com certeza, alguma coisa que ver com isso... Mas poderia ser algo mais? Talvez a noite de núpcias tivesse sido desagradável para ela. Era frequente manterem as jovens privilegiadas em total ignorância sobre as questões inerentes até ao casamento.

Devon não tinha qualquer interesse em especular sobre as virtudes do primo no quarto... Mas até ele teria sabido usar de cuidado e paciência com uma virgem... não? Até Theo teria conhecimento suficiente para tranquilizar e

seduzir uma noiva nervosa, e aligeirar os seus temores antes de se entregar ao seu próprio prazer.

Pensar nos dois juntos... Nas mãos de Theo no corpo de Kathleen... Provocava-lhe uma sensação desconhecida e tóxica. Que diabo! O que seria?... Ciúmes?

Nunca sentira ciúmes de nenhuma mulher.

Praguejando entre dentes, levantou-se e passou as mãos pelo cabelo húmido. Maldizer o passado não mudaria o facto de que Kathleen pertencera a Theo primeiro.

Mas dali em diante seria apenas sua.

Recuperando a compostura, percorreu Eversby Priory para investigar as mudanças ocorridas desde a sua última visita. A casa, na qual várias divisões se encontravam em diversos estados de degradação e reconstrução, fervilhava de atividade. Até então, as reparações da propriedade tinham custado uma pequena fortuna, e seria necessário dez vezes mais para dar tudo por concluído.

Desembocou no escritório, onde livros-mestres e molhos de papéis se amontoavam na secretária. Reconhecendo a caligrafia compacta e precisa do irmão, pegou no relatório daquilo que West averiguara até então sobre a propriedade.

Demorou quase duas horas a lê-lo, pois era muito mais minucioso do que esperara. E não parecia estar sequer a meio. Aparentemente, West visitava todos os arrendatários da propriedade, registando informação detalhada sobre os problemas e preocupações de cada família, as condições das suas terras e o conhecimento que detinham sobre as técnicas de cultivo assim como a sua opinião sobre estas.

Como se pressentisse movimento, Devon virou-se na cadeira, deparando com Kathleen à porta.

Tornara a vestir a roupa de viúva, com os seus modestos punhos imaculados e o cabelo preso na nuca numa trança enrolada. Tinha o rosto muito rosado.

Devon seria capaz de a devorar com uma única dentada. Em vez disso, dirigiu-lhe um olhar inexpressivo e levantou-se.

– De saia? – devolveu num tom de ligeira surpresa, como se fosse novidade vê-la de vestido. – Aonde vai?

– À biblioteca, para a lição das raparigas. Mas reparei que estava aqui e

perguntei-me se teria lido o relatório de Mr. Ravenel.

– Li. Estou impressionado com a dedicação dele. Algo perplexo, também, já que, antes de partir de Londres, o West me aconselhou a vender a propriedade de uma ponta à outra.

Kathleen sorriu e observou-o com aqueles olhos felinos. Devon distinguiu raios minúsculos nas íris claras, como fios dourados.

– Fico muito contente que não o tenha concretizado – devolveu ela, com suavidade. – É possível que ele também, creio.

Todo o calor do anterior encontro regressou tão depressa que o seu membro se agitou dolorosamente por baixo das camadas de roupa. Sentiu-se profundamente grato por contar com a proteção do casaco. Céus... Se pelo menos pudesse tocar-lhe. Pagaria qualquer preço para lhe acariciar a pele exposta ou tocar nos lábios dela com os seus.

Kathleen pegou num lápis da secretária, feito de madeira. Estava inutilizado, com a ponta de grafite gasta.

– Por vezes pergunto-me...

Então, pegou na tesoura que estava pousada e começou a afiar o lápis com uma das lâminas, retirando finas lascas de madeira.

– O quê? – incitou Devon com voz rouca.

– Pergunto-me que destino Theo teria dado a Eversby Priory, se não tivesse falecido – respondeu Kathleen, concentrada na tarefa, mas com perturbação na voz.

– Suspeito que teria ignorado o que pudesse até não haver mais decisões a tomar.

– Mas porquê? Não era um homem estúpido.

– Não tem nada que ver com inteligência – comentou Devon, levado por um impulso latente de justiça.

Kathleen interrompeu o movimento, dirigindo-lhe um olhar intrigado.

– Eversby Priory foi o lar do Theo durante a sua infância – continuou Devon. – Tenho a certeza de que lhe era doloroso enfrentar o seu declínio.

A expressão dela suavizou-se.

– Mas é o que o senhor está a fazer, não é? Mudou a sua vida inteira para isso.

– Tão pouco tinha algo melhor com que me entreter – devolveu Devon, encolhendo despreocupadamente os ombros.

– Mas também não é fácil para si – insistiu Kathleen, esboçando um sorriso sentido. – Nem sempre o recordo – concluiu, baixando a cabeça e retomando a tarefa que iniciara.

Devon observava-a, completamente hipnotizado pela visão de Kathleen a raspar a madeira como uma colegial dedicada.

– A esse ritmo – comentou, passado um momento –, vai passar o dia inteiro a fazer isso. Porque não usa uma faca?

– Lord Berwick nunca o permitiria. Dizia que era mais seguro com a tesoura.

– É o contrário. Surpreende-me que nunca tenha cortado um dedo. Vamos, pouse isso – indicou, pegando num canivete que estava pousado na bandeja do tinteiro. Abriu-o e passou-o, pelo cabo, a Kathleen. – Segure nele assim – indicou, corrigindo-lhe a posição dos dedos, apesar dos seus protestos. – Enquanto afia, tenha sempre o lápis voltado para longe do corpo.

– A sério, não é preciso... Sou melhor com a tesoura...

– Tente. É mais eficaz. Não pode passar a vida a fazer isto mal. Os minutos desperdiçados podem tornar-se dias. Semanas.

Uma risada inesperada escapou da boca de Kathleen, como se fosse uma juvenzinha a responder a uma provocação.

– Não uso *assim* tanto o lápis.

Devon colocou-se atrás de Kathleen, segurando nas mãos dela com as suas. E ela permitiu, ficando parada, com uma certa tensão no corpo, mas obediente. Estabelecera-se uma frágil confiança no encontro anterior; se, por qualquer razão, ela o receava, parecia compreender que ele não lhe faria mal.

O prazer de a ter nos braços apoderou-se dele em ondas sucessivas. Era uma mulher pequena, de constituição delicada, com uma fragrância deliciosa a rosas. Reparara quando a segurara anteriormente. Não era um perfume enjoativo, mas uma leve essência floral enriquecendo o ar de inverno de vigorosa frescura.

– Basta fazer seis cortes – explicou, junto à orelha dela. Ela assentiu, relaxando o corpo contra ele enquanto Devon conduzia as suas mãos com precisão. Uma passagem decidida da lâmina retirava uma lasca inclinada de madeira. Rodaram o lápis e fizeram mais um corte, e depois um terceiro,

formando um prisma triangular preciso. – Agora, apare as arestas afiadas. – Concentraram-se na tarefa com as mãos dele sempre a envolver as dela, usando a lâmina para alisar a madeira até a ponta estar lisa e operacional.

Pronto.

Depois de inalar voluptuosamente, pela última vez, o cheiro de Kathleen, Devon soltou-a devagar sabendo que, para o resto da sua vida, o perfume de uma única rosa o faria regressar àquele momento.

Kathleen pousou o canivete e o lápis e virou-se de frente para ele.

Ficaram muito próximos, sem verdadeiramente se tocarem, sem verdadeiramente se separarem.

Ela parecia indecisa, abrindo os lábios como se quisesse dizer alguma coisa mas não lhe ocorresse o quê.

Naquele silêncio eletrizante, o controlo de Devon começou a fraquejar, nervo a nervo. Sem se aperceber, inclinara-se lentamente até acabar com as mãos pousadas na secretária, à volta dela. Kathleen viu-se obrigada a inclinar-se para trás e a agarrar-se aos braços dele para manter o equilíbrio. Devon esperava que ela protestasse, que o empurrasse ou lhe dissesse para recuar.

Mas ela limitava-se a contemplá-lo como se estivesse hipnotizada, com a respiração entrecortada. As mãos dela começaram a hesitar nos seus braços. Ele inclinou a cabeça, levando-lhe os lábios à testa, onde se revelavam ligeiros veios azulados. Sentia o assombro dela, a força da relutante atração que sentia por ele.

Vagamente consciente de que esgotava a sua réstia de autocontrolo, obrigou-se a endireitar-se e a levantar as mãos da secretária. Fez menção de se afastar, mas Kathleen, ainda agarrada aos seus braços e de olhar algo perdido, acompanhou-o. *Deus...* Seria assim, então? O corpo dela a seguir o seu sem esforço, enquanto ele a erguia e preenchia...

Cada batida do seu coração o aproximava mais dela.

Pousou-lhe uma mão no rosto, inclinando-o para si, enquanto, com o outro braço, a rodeava pela cintura.

Os olhos dela semicerraram-se, as pestanas projetando sombras semicirculares sobre a pele rosada. A desorientação desenhara-lhe uma vírgula delicada entre as sobrancelhas, que ele beijou antes de aproximar a boca da sua.

Esperava sons de protesto, ou que ela o afastasse, mas, em vez disso,

Kathleen fez-se dócil nos seus braços, emitindo um pequeno gemido de prazer que lhe provocou arrepios nas costas. Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos, orientando-o carinhosamente enquanto lhe afastava os lábios. Iniciou a sua exploração, arrancando sensações e doçura à boca inocentemente sensível de Kathleen. Mas a língua dela recuou de imediato ao sentir a sua.

Ávido de desejo e terno regozijo, Devon aproximou a boca da orelha dela.

– Não – sussurrou. – Deixe-me prová-la... Deixe-me sentir quão macia é por dentro...

Beijou-a novamente, com implacável lentidão e delicadeza, até a boca dela se abrir sobre a sua e lhe oferecer a língua húmida. Sentiu que as mãos dela se estendiam, reticentes, sobre o seu peito e que a cabeça se inclinava para trás em impotente rendição. O prazer era inimaginável, tão desconhecido para ele como devia ser para ela. Impelido por uma ânsia extrema, segurou-a com força, acariciando-a e tentando cingi-la mais a si. Sentia os seus movimentos por baixo do volumoso vestido, o corpo doce e macio encerrado sob aquelas rígidas camadas de goma, rendas e armações. Desejava arrancar-lhe tudo... Queria-a vulnerável e nua diante de si, a sua pele mais privada exposta aos seus lábios.

Contudo, quando segurou o rosto dela e lhe afagou as faces, sentiu um vestígio de humidade.

Uma lágrima.

Devon ficou imóvel. Então, erguendo a cabeça, observou-a enquanto a respiração ofegante dos dois se misturava. Ela fitava-o de olhos húmidos e desconcertados e levou os dedos aos lábios, tocando-os cuidadosamente, como se estivessem queimados.

Ele maldisse-se a si próprio em silêncio, sabendo que fora longe de mais, demasiado cedo.

Sem saber como, conseguiu soltá-la e recuar, colocando uma distância crucial entre os dois.

– Kathleen – principiou, com voz rouca. – Eu não devia...

Mas ela saiu a correr antes que ele pudesse dizer mais uma palavra.

Na manhã seguinte, Devon foi receber West ao comboio na carruagem da família. A vila mercante de Alton encontrava-se dividida em dois por uma

comprida rua principal animada por prósperas lojas, bairros de belas habitações, uma fábrica de bombazinas e uma fábrica de papel. Infelizmente, o fedor sulfuroso da última fazia-se anunciar muito antes de se avistar o edifício.

O lacaio aproximou-se da estação, refugiando-se do vento cortante de novembro. Demasiado inquieto para esperar sentado, Devon percorria a plataforma de uma ponta à outra, com as mãos enfiadas nos bolsos da sobrecasaca preta de lã. No dia seguinte, teria de regressar a Londres. A perspectiva da casa silenciosa, tão repleta de mobília e tão vazia, enchia-o de repulsa. Mas devia ficar longe do Hampshire. Necessitava de impor distância entre ele e Kathleen, ou ser-lhe-ia impossível não a seduzir, muito antes de ela estar preparada para tal.

Era um jogo a longo prazo, algo que não podia permitir-se esquecer.

Maldito período de luto.

Viu-se obrigado a encurtar o passo quando a plataforma ficou apinhada de pessoas com bilhetes na mão e outras que aguardavam a chegada dos passageiros. Rapidamente as conversas e risos foram silenciados pela aproximação da locomotiva, dragão sibilante e ensurdecedor que galgava distâncias num tropel impaciente.

Assim que a máquina se deteve, com um gemido metálico, os carregadores começaram a retirar malas e baús, enquanto alguns passageiros desciam do comboio e outros subiam, em incessante movimento. Pessoas que seguiam em direções diferentes a embater umas nas outras. Objetos que caíam e eram imediatamente resgatados. Viajantes que se viam separados e se procuravam mutuamente. Nomes que se gritavam na já enorme cacofonia. Devon abria caminho entre a multidão à procura do irmão. Como não o encontrava, acenou ao lacaio, perguntando-se se o teria avistado. Este gesticulou e gritou algo, mas a voz perdeu-se na algazarra.

Ao aproximar-se do criado, viu que este falava com um desconhecido, vestido com roupas que, apesar de serem de boa qualidade, lhe ficavam largas; um fato em segunda mão como se via em empregados de escritório ou vendedores. Tratava-se de um homem jovem e magro, com cabelo escuro e forte a precisar de ser aparado. Parecia-se sobremaneira com West nos dias de Oxford, especialmente na forma como sorria, com o queixo inclinado para baixo, como se refletisse em privado sobre uma qualquer piada. Vendo bem...

Com mil diabos! Era o seu irmão. Era West.

– Devon! – exclamou este com uma gargalhada de surpresa, dando-lhe um

vigoroso aperto de mão. – Porque não estás em Londres?

Devon demorou a recuperar. West rejuvenescera vários anos; tinha um ar saudável, o olhar sóbrio, como não acreditara voltar a vê-lo.

– A Kathleen chamou-me – disse ele, por fim.

– Chamou? Porquê?

– Explico depois. O que é que te aconteceu? Quase não te reconheci...

– Não aconteceu nada. O que é que... Ah, pois... Perdi um pouco de peso. Deixa lá isso. Acabo de organizar a compra de uma máquina ceifeira – anunciou, com o rosto radiante de prazer.

Inicialmente, Devon julgou que estava a ser sarcástico.

O meu irmão, pensou, entusiasmado com maquinaria agrícola?

Enquanto se dirigiam para a carruagem, West descreveu a visita ao Wiltshire e falou animadamente do que aprendera com um produtor agrícola que implementava técnicas modernas na sua quinta modelo. Com uma combinação de drenagem profunda e energia a vapor, o homem duplicara o rendimento da terra, empregando menos de metade da mão de obra. Além do mais, o produtor pretendia adquirir os equipamentos mais modernos e estava disposto a vender os seus por uma pechincha.

– Necessitaremos de algum investimento – admitiu West –, mas os ganhos serão exponenciais. Tenho algumas estimativas para te mostrar...

– Já vi algumas. Fizeste um trabalho impressionante.

West encolheu os ombros com indiferença.

Subiram para a carruagem e instalaram-se nos elegantes assentos de couro.

– Pareces estar como peixe na água em Eversby Priory – comentou Devon, quando o veículo começou a andar.

– Sabe-se lá porquê. Nunca tenho um momento de paz ou de privacidade. Não consigo sentar-me sem ter um cão a saltar para cima de mim ou ser assaltado por um bando de mulheres tagarelas. Há sempre alguma emergência: alguma coisa que se parte, que explode, que se desmorona...

– Que explode?

– Uma vez. O forno do quarto de secar não estava devidamente ventilado. Oh... Não te inquietes. A parede de tijolo absorveu a maior parte do impacto. Ninguém ficou ferido. A questão é que a casa está sempre de pernas para o ar.

- Então porque não voltas para Londres?
- Não posso.
- Se é por causa do teu plano de visitar todas as famílias arrendatárias da propriedade, não vejo necessidade...
- Não. Não é isso. A verdade é que... Eversby Priory agrada-me. Não me perguntes porquê.
- Terás ganhado afeição por... alguém? – perguntou Devon, sentindo-se gelar com a possibilidade de o irmão gostar de Kathleen.
- Por todas – admitiu prontamente West.
- Mas por nenhuma em particular?
- Perguntas-me se estou interessado em alguma das raparigas, é isso? – replicou Eversby, surpreendido. – Santo Deus, não! Conheço-as demasiado bem. São como irmãs para mim.
- Incluindo a Kathleen?
- Especialmente ela. – Um sorriso ausente assomou ao seu rosto. – Ganhei afeição por ela – disse com franqueza. – O Theo fez uma boa escolha. Ela teria feito dele um homem melhor.
- Ele não a merecia – murmurou Devon.
- Não consigo pensar em nenhum homem que a mereça – replicou o irmão, encolhendo os ombros.
- Devon fechou a mão com tanta força que sentiu dor.
- Ela fala nele?
- É raro. Não imagino maior dedicação ao luto de alguém, mas é óbvio que não há grande sentimento envolvido. – Reparando no olhar penetrante de Devon, West apressou-se a esclarecer: – Conhecia o Theo há alguns meses e estive casada com ele durante três dias. Três dias! Durante quanto tempo deve uma mulher chorar um homem que mal conhecia? É absurdo a sociedade insistir num período de luto fixo sem atender às circunstâncias. Não se pode permitir que estas coisas aconteçam naturalmente?
- A sociedade existe para impossibilitar o comportamento natural – comentou secamente Devon.
- Certo – concedeu West com um sorriso. – Mas a Kathleen não foi feita para brincar às viúvas. Tem demasiada vitalidade. Desde logo, foi por isso

que se deixou encantar por um Ravenel.

A relação afável entre West e Kathleen tornou-se evidente assim que regressaram a Eversby Priory. Kathleen correu ao vestíbulo ainda o mordomo não terminara de recolher os chapéus e casacos, e foi com as mãos nas ancas que examinou West com divertido receio.

– Não trouxe nenhum animal da quinta? – perguntou.

– Desta vez não – declarou ele, aproximando-se com um sorriso e beijando-a na testa.

Para surpresa de Devon, Kathleen aceitou o afetuoso gesto sem protestar.

– Aprendeu tudo o que esperava? – retomou.

– Dez vezes mais – afirmou prontamente West. – Poderia entretê-la durante horas, só a falar de fertilizantes.

Kathleen riu-se, mas foi com uma expressão distante que se voltou para Devon:

– Senhor.

Aborrecido com a rigidez do cumprimento, Devon retribuiu com um aceno de cabeça.

Aparentemente, ela decidira manter as distâncias e fingir que o beijo nunca acontecera.

– O conde alega que mandou chamá-lo, senhora – retomou West. – Devo presumir que desejava o prazer da sua companhia ou existiu outra razão?

– Depois de partir para a quinta, houve um problema com os Wooten – relatou Kathleen. – Informei o Trenear da situação e perguntei-lhe o que sabia a esse respeito. Até ao momento, insiste em manter o mistério.

– O que aconteceu aos Wooten? – inquiriu West, olhando ora um, ora o outro.

– Falaremos do assunto na biblioteca – declarou Devon. – Lady Trenear, a sua presença, porém, não será necessária.

– *Estarei* presente – afirmou Kathleen, franzindo o sobrolho. – Dei a minha garantia pessoal aos Wooten de que tudo se resolveria.

– Não deviam ter-se dirigido a si – declarou Devon, sem rodeios. – Deviam ter aguardado e falado com o meu irmão, ou com Mr. Carlow.

– Procuraram Mr. Carlow primeiro – retorquiu ela –, mas ele não tinha qualquer conhecimento da situação. E Mr. Ravenel não estava. Eu era a única pessoa disponível.

– De agora em diante, prefiro que não se voluntarie para a discussão de arrendamentos. Deve limitar-se àquelas que são as funções da senhora da casa, tais como levar cestos às pessoas quando estão doentes e coisas assim.

– Presunção e condescendência não lhe... – principiou Kathleen.

– Vamos ficar aqui a discutir, no vestíbulo? – intercedeu de imediato West.
– Finjamos ser civilizados e escolhamos a biblioteca. – Deu o braço a Kathleen e caminhou ao seu lado. – Não me importaria nada de pedir um chá e algumas sanduíches – disse. – A viagem de comboio deixou-me esfomeado. Está sempre a dizer-me para comer, recorda-se?

Devon seguia atrás deles, mal escutando a conversa. Fitava com cara de poucos amigos o braço de Kathleen enlaçado no de West. Porque lhe tocava ele? Porque o permitia ela? O familiar e venenoso sentimento regressou, cravando as garras no seu peito.

Maldito ciúme.

– ...e Mrs. Wooten mal conseguia falar, com as lágrimas – relatava Kathleen, indignada. – Têm quatro filhos, e Mrs. Wooten ainda toma conta da tia idosa. Se perderem a quinta...

– Não se preocupe – interrompeu West com um murmúrio tranquilizador. – Vamos tratar de tudo. Prometo.

– Certo. Mas se o Trenear tomou uma decisão tão importante sem dizer nada...

– Nada está decidido – declarou Devon, com frieza, atrás dos dois.

– Então como justifica a presença de avaliadores dos caminhos de ferro em terras da propriedade? – perguntou Kathleen por cima do ombro, com olhos semicerrados.

– Prefiro não discutir assuntos de negócios no corredor.

– Deu-lhes permissão para lá estarem, não deu?

Kathleen tentou parar e voltar-se para ele, mas West não se desviava do caminho da biblioteca.

– Será que devo beber um Darjeeling? – cogitou West em voz alta. – Não... Talvez algo mais forte... um Ceilão ou um Pekoe... E alguns daqueles pãozinhos com nata e compota... Como se chamam, Kathleen?

– Pãozinhos abertos da Cornualha.

– Ah... Não admira que goste deles. Parece o nome de um número a que assististi certa vez, num salão de baile.

Entraram na biblioteca. Kathleen puxou pelo cordão da campainha situado junto à porta e aguardou que aparecesse uma criada. Depois de pedir a bandeja do chá, reforçado com algumas sanduíches e pastéis, Kathleen encaminhou-se para a mesa comprida onde Devon estendera um mapa das terras da propriedade.

– Deu ou não? – indagou ela.

– Dei o quê? – devolveu Devon com um olhar sinistro.

– Deu autorização aos trabalhadores dos caminhos de ferro para analisarem as suas terras?

– Sim – declarou ele, em tom categórico. – Mas não estavam autorizados a discuti-lo com ninguém. Deviam ter mantido a boca fechada.

O olhar de Kathleen incendiou-se de indignação.

– Então é verdade? Vendeu a quinta dos Wooten?

– Não. E não tenciono fazê-lo.

– Então, o que...

– Kathleen – interrompeu West com doçura –, vamos ficar aqui a noite toda se não o deixa terminar.

Ela fechou a boca, num esgar irritado, enquanto Devon colocava objetos pesados nos cantos do mapa e pegava num lápis. Desenhou uma linha ao longo da zona oriental da propriedade.

– Recentemente, tive uma reunião com o diretor da London Ironstone – principiou. Como Kathleen estava presente, acrescentou: – Trata-se de uma empresa ferroviária privada, cujo proprietário é Tom Severin, um amigo.

– Pertencemos ao mesmo clube, em Londres – acrescentou West.

Devon deteve-se a examinar o mapa e acrescentou uma linha paralela.

– O Severin quer reduzir a distância da atual linha de Portsmouth da London Ironstone. Planeia igualmente atualizar a linha ferroviária, que tem

cem quilómetros, a todo o seu comprimento, com carris mais pesados, para permitir a passagem de comboios mais rápidos.

– Tem verba para um projeto desses? – inquiriu West.

– Já conseguiu um milhão de libras.

Uma exclamação sem palavras saiu dos lábios de West.

– Precisamente – anuiu Devon, prosseguindo com naturalidade. – De todos os trajetos possíveis para o encurtamento do percurso, o declive natural desta zona é o mais favorável. – Coloriu levemente com o lápis o espaço entre as linhas paralelas. – Se autorizássemos a London Ironstone a atravessar o perímetro oriental da propriedade, receberíamos uma verba considerável, todos os anos, o que ajudaria em muito a aliviar os nossos problemas económicos.

Kathleen debruçou-se sobre a mesa, analisando atentamente as delimitações a lápis.

– Mas isto é impossível – declarou. – Pelo seu desenho, os carris atravessam não só a quinta dos Wooten mas pelo menos mais três outras quintas.

– Serão afetadas quatro quintas – admitiu Devon.

Uma ruga vincou-se na testa de West, que também analisava o mapa.

– Os carris parecem cruzar dois acessos privados. Ficaríamos sem acesso ao lado oriental.

– A ferroviária construiria por sua conta pontes de serviço, para permitir a circulação por toda a propriedade.

Antes de West ter oportunidade de comentar, Kathleen levantou-se e encarou Devon, do outro lado da mesa.

– Não pode estar de acordo com isto. Não pode tirar as quintas às famílias.

– O advogado confirmou que é legal.

– Não falo de leis, mas sim de moralidade. Não pode privá-las das suas casas e do seu meio de subsistência. O que aconteceria a estas famílias? A todas aquelas crianças? Nem o senhor conseguiria viver com esse peso na consciência.

Devon respondeu-lhe com um olhar sarcástico, irritado por ela pensar automaticamente o pior de si.

– Não vou abandonar os rebanhos. Estou comprometido a ajudá-los a encontrar novas condições.

Kathleen começara a abanar a cabeça antes sequer de Devon concluir a frase.

– A agricultura é a vida de gerações destas famílias. Está-lhes no sangue. Tirar-lhes as terras seria a sua morte.

Devon sabia que a reação de Kathleen seria exatamente aquela. As pessoas primeiro, os negócios em segundo. Mas tal nem sempre era possível.

– Estamos a falar de quatro famílias num total de duzentas – disse. – Se eu não chegar a acordo com a London Ironstone, *todos* os arrendatários de Eversby Priory poderão perder as suas quintas.

– Tem de haver outra forma – insistiu Kathleen.

– Se houvesse, já a teria descoberto.

Ela nada sabia das noites sem dormir e dos dias extenuantes que ele passara à procura de alternativas. Não havia boas soluções por onde escolher, apenas más. E aquela era a menos nefasta.

– Mas...

Kathleen olhava-o como se o tivesse apanhado a roubar comida a um órfão.

– Não insista – reagiu Devon, perdendo a paciência. – A situação já é suficientemente difícil sem manifestações de dramatismo adolescente.

Kathleen ficou lívida. Sem dizer mais nada, deu meia-volta e saiu da biblioteca em grandes passadas.

West suspirou e olhou para Devon.

– Muito bem. Porquê dares-te ao trabalho de conversar com ela, quando podes simplesmente submetê-la à tua vontade?

Sem lhe dar tempo de responder, o irmão foi atrás de Kathleen.

CAPÍTULO 13

Kathleen percorrera já metade do corredor quando West a alcançou.

Agora que se familiarizara com Kathleen e conhecendo Devon tão bem quanto era possível conhecer, West podia afirmar com propriedade que ambos traziam ao de cima o pior um do outro. Quando se encontravam na mesma divisão, refletiu, exasperado, os ânimos exaltavam-se e as palavras eram disparadas como balas. Vá-se lá saber por que razão lhes era tão difícil serem cordiais entre si.

– Kathleen – chamou tranquilamente quando a alcançou.

Ela parou e voltou-se para ele. Tinha o rosto contraído, a boca tensa.

Tendo suportado o mau génio de Devon por diversas vezes no passado, West sabia bem o quanto magoava.

– A situação financeira desastrosa de Eversby Priory não é da responsabilidade do Devon – disse. – Ele está apenas a tentar minimizar os danos. Não pode culpá-lo por isso.

– Diga-me do que posso culpá-lo, então.

– Nesta situação? De ser realista – completou ele com voz sentida.

Kathleen dirigiu-lhe um olhar reprovador.

– Porque é que quatro famílias têm de pagar pela sobrevivência dos restantes? – perguntou. – Tem de encontrar outra forma.

West esfregou a parte de trás do pescoço, tenso das duas noites que dormira na cama grosseira de uma quinta fria.

– A vida não prima pela justiça, cara amiga. Tal como bem sabe.

– Não consegue dissuadi-lo? – conseguiu dizer Kathleen.

– Não, quando tomaria a mesma decisão. O certo é que, quando arrendarmos as terras à London Ironstone, aquela parte insignificante da propriedade será a nossa única fonte de rendimento estável.

– Julguei que estaria do lado dos rendeiros – devolveu Kathleen, baixando a cabeça.

– E estou. Sabe que estou.

West estendeu os braços e segurou-lhe nos ombros com firme ternura.

– Juro-lhe que farei tudo o que for possível para os ajudar. As quintas serão reduzidas em tamanho, mas, se estiverem dispostos a aprender métodos modernos, poderão duplicar a produção anual.

Para ter a certeza de que ela o ouvia, abanou-a muito suavemente.

– Persuadirei o meu irmão a dar-lhes todas as vantagens possíveis. Reduziremos-lhes as rendas e faremos melhoramentos na drenagem e nas construções. Até forneceremos máquinas para ajudar a lavrar a terra e nas colheitas.

Ao ver a expressão de rebelião de Kathleen, acrescentou, com ar magoado:

– Não faça essa cara. Parece que estávamos a combinar o assassinio de alguém.

– Tenho a pessoa ideal em mente – murmurou ela.

– É melhor rezar para que nada de mal lhe aconteça, porque, então, seria eu o conde. E eu lavaria daí as minhas mãos.

– A sério que o faria? – reagiu Kathleen, parecendo genuinamente escandalizada.

– Mais depressa do que o diabo esfrega um olho.

– Mas tem trabalhado tanto em prol dos rendeiros.

– Tal como a minha cara prima referiu anteriormente, o Devon carrega um fardo pesado. Não há nada neste mundo que eu deseje ao ponto de me prestar a fazer aquilo que o meu irmão está a fazer. O que significa que não me resta outra escolha senão apoiá-lo.

Kathleen assentiu lugubrememente.

– Agora está a ser prática. – Acrescentou com um ligeiro sorriso: – Regressa comigo à cova do leão?

– Não. Estou cansada de discutir – declarou ela, pousando brevemente a testa no peito dele, um gesto de proximidade e confiança que o deixou quase tão comovido como surpreendido.

Depois de se despedir de Kathleen, West regressou à biblioteca.

Devon, sentado à secretária a observar o mapa, aparentava calma. Contudo, o lápis estava partido em vários pedaços, espalhados sobre o tapete.

Contemplando o perfil definido de Devon, West perguntou com voz inexpressiva:

– Poderias usar de um pouco mais de tato ao lidar com ela? Uns laivos de diplomacia? Porque, ainda que concorde com a tua posição, comportas-te como um bruto.

Devon dirigiu-lhe um olhar enraivecido.

– Só me faltava preocupar-me com a aprovação dela para tomar decisões relativas à minha propriedade.

– Ao contrário de nós, ela tem consciência. Não te fará mal nenhum ouvir a opinião dela. Sobretudo porque tem razão.

– Acabas de dizer que concordas com a minha posição!

– Do ponto de vista prático. Do ponto de vista moral, a Kathleen tem razão.

West observou o irmão a afastar-se, inquieto, da mesa e a regressar pelo mesmo caminho, como um animal enjaulado.

– Tens de compreender uma coisa sobre ela – disse. – É uma pessoa determinada por fora mas sensível por dentro. Se lhe mostrares um pouco de consideração...

– Esse tipo de explicação é completamente desnecessário.

– Conheço-a melhor do que tu – afirmou West, não sem exasperação. – Tenho vivido na mesma casa que ela, por amor de Deus.

Foi brindado com um olhar glacial.

– Quere-la? – perguntou bruscamente Devon.

West ficou desconcertado com a pergunta, que parecia saída do nada.

– Se a quero? No sentido bíblico? Claro que não. É viúva. Viúva do Theo. Como é que alguém...

A voz de West esmoreceu ao constatar que Devon retomara a sua marcha,

com um semblante feroz.

Atónito, West compreendeu qual era o motivo mais provável para aquela manifesta hostilidade e tensão entre Devon e Kathleen. Fechou os olhos por um momento. Era péssimo. Péssimo para todos, péssimo para o futuro, sem qualquer esperança de redenção. Decidiu testar a sua teoria, na esperança de estar enganado.

– Ainda assim... – retomou, desprendidamente. – É muito bonita, não achas? Não faltam possibilidades aprazíveis para aquela linda boca. Não me importava de a apanhar num canto escuro e me divertir com ela. Mesmo que oferecesse resistência, não demoraria a ronronar-me como um gatinho...

Devon precipitou-se sobre ele, agarrando-o pelas lapelas.

– Toca-lhe e eu mato-te – rosnou.

– Eu sabia – reagiu o irmão, incrédulo e horrorizado. – Santa mãe de Deus! Tu quere-la!

A fúria visceral de Devon pareceu diminuir um pouco ao constatar que acabava de ser manipulado. Soltou West abruptamente.

– Ficaste com o título do Theo e a casa dele – prosseguiu West, na sua incredulidade. – E agora queres a sua mulher.

– A viúva dele – murmurou Devon.

– Seduziste-a?

– Ainda não.

West levou as mãos à testa.

– *Santo Deus!* Não achas que ela já sofreu o suficiente? Esse olhar não me assusta. Parte-me em pedaços, como ao desgraçado do lápis. Só mostrarás que não és melhor do que o Theo. – Constatando a indignação no rosto do irmão, acrescentou: – Tipicamente, os teus relacionamentos acabam em menos de nada. Tens um mau génio insuportável e se a forma como lidaste com ela é exemplo do tratamento que reservas a futuras disputas...

– Basta – devolveu Devon com perigosa suavidade.

Mas West esfregou a testa e continuou, com ar cansado:

– Devon, tu e eu sempre fizemos vista grossa aos defeitos um do outro, mas isso não significa que não tenhamos consciência deles. Não passa de um absurdo e cego acesso de luxúria. A Kathleen é uma mulher sensível e humana que merece ser amada... E se te assiste a capacidade para tal, eu

nunca o testemunhei. Vi o que acontece às mulheres que se interessam por ti. Nada desencoraja a tua paixão como o afeto.

Devon olhou-o com frieza.

– Vais dizer-lhe alguma coisa?

– Não. Abster-me-ei de o fazer na esperança de que ganhes juízo.

– Não tens qualquer motivo para preocupação – grunhiu Devon. – Presentemente, consegui irritá-la tanto que seria um milagre tê-la, algum dia, na minha cama.

Depois de ponderar a possibilidade de não comparecer ao jantar pela segunda noite seguida, Kathleen decidiu, em espírito de desafio, juntar-se à família na sala de jantar. Era a última noite que Devon passava em Eversby Priory e conseguiria suportar uma hora e meia sentada à mesma mesa do que ele. Devon, com o rosto imperscrutável, insistira em ajudá-la a sentar-se, gesto que ela agradeceu com esparsas e sincopadas palavras. Contudo, mesmo à civilizada distância a que se encontravam, Kathleen estava com os nervos em franja e profundamente irritada... sobretudo consigo própria.

Aqueles beijos... O indizível prazer que provocavam... Como fora ele capaz? Como lhe dera ela tal liberdade? A culpa era mais sua do que dele. Devon era um sedutor mundano; claro que faria os seus avanços, sobre ela ou qualquer outra mulher nas proximidades. Ela devia ter resistido... Tê-lo esbofeteado... Mas, em vez disso, limitara-se a ficar parada e deixara que ele... deixara que ele...

Não conseguia encontrar palavras certas para descrever o que ele lhe fizera. Mostrara-lhe um lado de si própria cuja existência ela desconhecia por completo. Fora educada a acreditar que a luxúria era um pecado e habituara-se a ver-se a si mesma acima de todo o desejo carnal... Até Devon lhe provar o contrário. Oh... O indecente ardor da língua dele contra a sua e a arrepiante debilidade que a fizera desejar estender-se no chão e tê-lo por cima do seu corpo... Sentia-se capaz de chorar de vergonha.

Em vez disso, não tinha outra opção senão ficar ali sentada, a sufocar, enquanto a conversa fluía à sua volta. Era uma pena não conseguir desfrutar da refeição, um succulento empadão de perdiz servido com pastéis de ostra fritos e uma salada crocante de aipo, rabanetes e pepino. Embora se obrigasse a comer algumas garfadas, tudo o que levava à boca parecia ficar preso na

garganta.

Quando a conversa migrou para o tema das festividades próximas, Cassandra perguntou a Devon se planeava regressar a Eversby Priory para o Natal.

– Gostaria que o fizesse? – devolveu ele.

– Muito!

– Trará presentes? – perguntou Pandora.

– Pandora – ralhou discretamente Kathleen.

– O que desejam? – perguntou Devon às gémeas, com um sorriso.

– *Qualquer coisa* da Winterborne's! – exclamou Pandora.

– Quero pessoas para passar o Natal – declarou Cassandra com melancolia.

– Pandora, lembras-te dos bailes de Natal que a mãe dava quando éramos pequenas? As senhoras com os seus melhores vestidos e os cavalheiros de traje formal... A música e as danças...

– E os pitéus! – acrescentou Pandora. – Pudins, bolos, tortas de carne...

– No ano que vem voltamos a fazer uma festa – declarou Helen com ternura, sorrindo para ambas. Voltou-se para West. – Como é que costuma celebrar o Natal, primo?

Este fez uma pausa antes de responder, parecendo hesitar entre dar ou não uma resposta verdadeira. A honestidade ganhou.

– No Dia de Natal limito-me a visitar amigos, a ir de casa em casa e beber até cair, inconsciente, na sala de alguém. Então, enfiam-me numa carruagem e mandam-me para minha casa e os meus criados põem-me na cama.

– Não parece muito animador – declarou Cassandra.

– Já este ano – interveio Devon –, quero que todos façamos justiça a esta festa. Na verdade, convidei um amigo para passar o Natal connosco em Eversby Priory.

Fez-se silêncio na mesa e todos os presentes o olharam em surpresa geral.

– Quem? – indagou Kathleen, receosa. Para bem dele, era melhor que não fosse nenhum dos homens das empresas ferroviárias, que conspiravam para desalojar famílias de rendeiros.

– Mr. Winterborne em pessoa.

Entre os guinchos de assombro das raparigas, recebeu um olhar de reprovação de Kathleen. Desgraçado... Sabia que não era correto convidar um estranho para uma casa enlutada.

– O proprietário dos grandes armazéns? – perguntou. – Acompanhado, sem dúvida, de uma multidão de amigos e seguidores. Senhor, não esqueceu, com certeza, que estamos todas de luto.

– Como poderia esquecer-me? – retaliou ele com um olhar penetrante que a incendiou. – O Winterborne virá sozinho, por sinal. Não me parece que seja um incômodo excessivo para esta casa acrescentar um prato à mesa da consoada.

– Um cavalheiro da proeminência de Mr. Winterborne deve ter mil convites para passar as festas. Porque tem de vir para aqui?

Os olhos de Devon brilharam, divertidos, ao constatar a incontida irritação de Kathleen.

– O Winterborne é um homem reservado. Suponho que lhe agradou a perspectiva de passar uns dias no campo, sossegado. Por ele, gostaria de dar um verdadeiro banquete de Natal na minha casa. E talvez possamos ouvir algumas canções de Natal.

A melodiosa aprovação das raparigas fez-se ouvir de imediato.

– Oh, Kathleen... diz que sim!

– Seria «esplendicioso»!

Até Helen murmurou um comentário em como não imaginava que mal poderia advir dali.

– Porquê parar por aqui? – perguntou Kathleen em tom irónico, dirigindo a Devon um olhar de manifesta animosidade. – Porquê não ter músicos e danças, e uma grande árvore iluminada com velas?

– Que excelentes sugestões – foi a resposta aveludada de Devon. – Sim, façamos tudo isso.

Emudecida de fúria, Kathleen mal reparou que Helen libertava discretamente a faca da manteiga da sua mão.

CAPÍTULO 14

Dezembro caiu sobre o Hampshire, trazendo consigo ventos cortantes, árvores enfeitadas de neve e sebes frias de geada. Com o entusiasmo geral que as festividades despertaram em toda a casa, Kathleen rapidamente abandonou qualquer esperança de abreviar as celebrações. Foi cedendo pouco a pouco. Primeiro, consentiu que os criados planeassem a sua própria consoada e depois concordou com a instalação de um grande abeto no vestíbulo.

Foi então que West perguntou se podiam alargar ainda mais as festividades.

Encontrou Kathleen no escritório, dedicada à correspondência.

– Poderei interrompê-la por um momento?

– Claro – anuiu ela, indicando uma cadeira junto à escrivaninha e pousando a caneta no porta-canetas. Ao reparar na expressão deliberadamente inofensiva do rosto dele, perguntou: – O que anda a tramar?

– Como é que sabe que tenho um plano? – perguntou West, surpreso.

– Sempre que tenta pôr esse ar inocente, é óbvio que anda a tramar alguma.

West abriu um sorriso.

– As raparigas não se atreviam a falar-lhe, mas eu disse-lhes que o faria, já que está estabelecido que consigo correr mais rápido do que a prima, se tal for necessário. – Fez uma pausa. – Ao que parece, Lord e Lady Trenear costumavam convidar as famílias de rendeiros e alguns comerciantes locais para uma festa na noite de consoada...

– Nem pense nisso.

– Pois, essa foi a minha primeira reação. Contudo... – dirigiu-lhe um olhar paciente e persuasivo –, fomentar o espírito comunitário seria benéfico para

toda a gente da propriedade. – Fez uma pausa. – Não é assim tão diferente das visitas caridosas que faz individualmente às famílias.

Kathleen afundou o rosto nas mãos com um gemido. Uma festa grandiosa. Música. Presentes, doces, alegria. Sabia exatamente o que Lady Berwick teria dito: que era indecente dar uma festa daquelas numa casa enlutada. Estava errado roubar um dia ou dois de alegria num ano que fora consagrado ao luto. Mas o pior de tudo... é que ela o desejava.

– Não é adequado – disse, debilmente, através dos dedos. – Não fizemos nada como é devido: as cortinas pretas foram retiradas demasiado cedo das janelas e já ninguém usa véus, e...

– Ninguém se importa – completou Devon. – Julga que algum dos rendeiros a censura por suspender o período de luto por uma noite? Muito pelo contrário. Irão apreciá-lo como gesto de gentileza e boa vontade. Eu não sei nada sobre o Natal, como é evidente, mas, mesmo assim... parece-me perfeitamente adequado ao espírito da quadra. – Constatando a longa hesitação dela, desferiu o golpe final: – Pagarei eu com o meu próprio rendimento. Afinal... – um laivo de autocomiseração tingiu-lhe a voz – ...que outra forma terei de aprender o significado do Natal?

Baixando as mãos, Kathleen agraciou-o com um olhar sombrio.

– Weston Ravenel, é um manipulador incorrigível.

Ele fez um grande sorriso.

– Eu sabia que autorizaria.

*

– É uma árvore muito alta – comentou Helen, uma semana depois, quando estavam reunidos no vestíbulo.

– Nunca tivemos nenhuma tão alta – admitiu Mrs. Church, com a testa franzida de preocupação.

Juntas, observavam o esforço que West, dois lacaios e o mordomo faziam para erguer o tronco de um abeto enorme sobre uma banheira de metal cheia de pedras. O ar enchia-se de grunhidos masculinos e de obscenidades. Agulhas verdes muito brilhantes e finíssimas pinhas espalharam-se pelo chão quando a árvore foi içada. O submordomo estava a meio da imponente escadaria, segurando a ponta de uma corda que fora atada à parte superior do

tronco. Do outro lado do vestíbulo, Pandora e Cassandra, no balcão do segundo piso, seguravam outra corda. Assim que o tronco estivesse perfeitamente posicionado, as cordas seriam atadas à balaustrada para evitar que a árvore descaísse para qualquer um dos lados.

O submordomo puxou a corda com firmeza enquanto West e os lacaios empurravam em baixo. A árvore foi subindo lentamente, os seus ramos estendendo-se majestosamente, desprendendo um aroma fresco no ar.

– Cheira divinamente! – exclamou Helen, inspirando profundamente. – Lord e Lady Berwick faziam árvore de Natal?

– Todos os anos – respondeu Kathleen com um sorriso. – Mas era pequena, porque Lady Berwick dizia que era coisa de pagãos.

– Cassandra, vamos precisar de muito mais enfeites – ouviu-se a exclamação de Pandora do balcão do segundo piso. – Nunca tivemos uma árvore assim tão grande.

– Fazemos outra fornada de velas.

– Chega de velas – reagiu Kathleen. – A árvore, por si só, já representa suficiente risco de incêndios.

– Mas, Kathleen... – insistiu Pandora, do alto. – A árvore vai ficar horrorosa sem enfeites suficientes. Vai parecer completamente *despida*.

– Talvez possamos prender-lhe alguns doces embrulhados em pequenas redes e fitas – sugeriu Helen. – Ficariam bonitos, pendurados nos ramos.

West sacudiu algumas agulhas das mãos e esfregou um pedaço de seiva da mão com o polegar.

– Suponho que queiram dar uma olhada à caixa que chegou da Winterborne's hoje de manhã – disse. – Tenho a certeza de que contém adornos de Natal.

Os sons e movimentos cessaram imediatamente quando todos os presentes se voltaram para ele.

– Que caixa? – perguntou Kathleen, com veemência. – Porque é que fez segredo até agora?

West dirigiu-lhe um olhar expressivo e apontou para o canto, onde se via uma enorme caixa de madeira.

– Dificilmente pode considerar-se um segredo. Há horas que está ali pousada. Tenho estado tão ocupado com esta maldita árvore que nem me

lembrei de dizer.

– Foi encomendada por si?

– Não. O Devon mencionou na última carta que o Winterborne ia enviar alguns adereços de Natal da sua loja, como gesto de agradecimento por ter sido convidado a ficar connosco.

– Eu não convidei Mr. Winterborne – retorquiu Kathleen – e não podemos, de forma alguma, aceitar presentes de um estranho.

– Não são para si, são para a casa. Pendure-os. São apenas alguns enfeites e uns ramos de azevinho.

Ela fitou-o, pouco convencida.

– Não creio que devam. Não parece adequado. O cavalheiro não é casado, não existe qualquer parentesco e estamos numa casa de jovens que me têm apenas a mim como dama de companhia. Se eu fosse dez anos mais velha e tivesse uma reputação estabelecida, não hesitaria, mas como as coisas são...

– Eu sou membro desta família – protestou West. – Contribuo para que a situação seja mais respeitável.

Kathleen olhou-o com incredulidade.

– Está a brincar, não está?

West revirou os olhos.

– O que eu quero dizer é o seguinte: se alguém pretender conferir algum significado impróprio ao presente do Winterborne, o facto de eu estar aqui iria...

Parou ao ouvir um som abafado vindo da direção de Helen, que ficara muito vermelha.

– Helen? – chamou Kathleen, sobressaltada. Mas a rapariga virara-se de costas e os seus ombros tremiam. Kathleen voltou-se para West, com preocupação.

– Helen – disse este, com tranquilidade, avançando com passo enérgico e segurando-a pelos braços com um gesto urgente. Parou quando a viu sacudir a cabeça com violência e murmurar algo, erguendo debilmente uma das mãos na direção oposta. West olhou, alerta. A expressão do seu rosto mudou e começou a rir-se.

– O que se passa com vocês os dois? – exigiu saber Kathleen. Assim que olhou para o vestíbulo, reparou que a caixa já não se encontrava no canto. As

gêmeas deviam ter-se precipitado escadas abaixo assim que ouviram falar nela e, cada uma do seu lado, só podiam tê-la transportado furtivamente para a sala de visitas.

– Meninas! – chamou Kathleen, severa. – Tragam imediatamente isso para aqui!

Mas era demasiado tarde. A porta palaciana da sala fechara-se, ouvindo-se então o clique de uma chave a rodar na fechadura. Kathleen estacou, boquiaberta.

West e Helen, perdidos de riso, mal se aguentavam em pé.

– Deixe-me dizer-lhe que tiveram de ser dois dos nossos criados mais fortes a trazer a caixa para dentro da casa – comunicou Mrs. Church, com perplexidade. – Como é que duas jovens foram capazes de a tirar daqui tão rapidamente?

– Pu... ura força de vontade – gemeu Helen.

– Muito gostaria de a ver tentar arrancar a caixa daquelas duas – desafiou West.

– Não me atrevo – replicou ela, desistindo. – Seria agredida.

Helen secou uma lágrima.

– Anda, Kathleen, vamos ver o que nos envia Mr. Winterborne. A senhora também, Mrs. Church.

– Não nos deixarão entrar na sala – murmurou Kathleen.

– Deixam, se eu pedir – replicou Helen, com um grande sorriso.

As gêmeas, ágeis como gatos, haviam já aberto um sem-número de embrulhos quando autorizaram a entrada de todos.

O mordomo, o submordomo e os lacaios assomaram à soleira da porta para espreitar o conteúdo da caixa. Parecia uma arca do tesouro... Repleta de esferas de vidro soprado de forma a parecerem frutos, pássaros de papel *machê* decorados com penas verdadeiras, engenhosas figuras de lata em forma de dançarinos, soldados e animais.

Havia, inclusive, uma grande caixa com copos de vidro coloridos, em miniatura, que se enchiam com óleo e pavios, para pendurar na árvore.

– Vai incendiar-se com certeza – declarou Kathleen, olhando os múltiplos copinhos.

– Pomos dois rapazes com baldes de água ao lado da árvore, quando estiver iluminada – tranquilizou Mrs. Church. – Se algum dos ramos pegar fogo, tratam logo do assunto.

Todos abriram a boca quando Pandora tirou um enorme anjo de Natal de dentro da caixa. Tinha o rosto de porcelana emoldurado por cabelo louro e, da parte de trás da túnica de cetim, adornada com pérolas e fios de ouro, saíam duas asas douradas.

Enquanto a família e os criados se reuniam com reverência para apreciar a magnífica obra de arte, Kathleen pegou em West pelo braço, instigando-o a sair da sala.

– Passa-se alguma coisa – disse. – Quero saber a verdadeira razão pela qual o conde convidou Mr. Winterborne.

Detiveram-se no vão da escadaria principal.

– O conde não pode mostrar hospitalidade para com um amigo sem segundas intenções? – devolveu West.

Kathleen abanou a cabeça.

– Tudo o que o seu irmão faz tem segundas intenções. – Olhou-o com expectativa. – Porque é que convidou Mr. Winterborne?

– O Winterborne é um homem de variadíssimas ligações. Julgo que o Devon espera beneficiar dos seus conselhos e, em alguma ocasião futura, fazer negócios com ele.

Parecia bastante razoável. Mas a sua intuição dizia-lhe que algo não batia certo.

– Como é que eles se conheceram?

– Há cerca de três anos, o Winterborne foi nomeado membro de dois clubes londrinos diferentes, mas foi rejeitado por ambos. O Winterborne é um homem do povo. O pai era um comerciante de hortaliças do País de Gales. Portanto, depois de ouvir que os pedidos de Winterborne tinham sido ridicularizados, o Devon tratou de conseguir que o nosso clube, o Brabblers, lhe estendesse o tapete. E o Winterborne nunca esquece um favor.

– Brabblers's? – repetiu Kathleen. – Que nome tão esquisito.

– É como se chama a um tipo que tem tendência a discutir por tudo e por nada.

West inclinou a cabeça e esfregou a seiva que se agarrara à sua mão.

O Brabblers é um clube de segunda categoria, para aqueles que não são aceites no White's ou no Brooks, mas que conta entre os seus membros com alguns dos homens mais inteligentes e bem-sucedidos de Londres.

– Tais como Mr. Winterborne.

– Exatamente.

– Como é? Como é o seu temperamento?

West encolheu os ombros.

– É um tipo discreto, mas consegue ser encantador quando se dispõe a tal.

– É novo ou velho?

– Anda nos trinta.

– E quanto à sua aparência? É um homem bem-parecido?

– As senhoras parecem considerar que sim, sem dúvida. Embora, com a fortuna dele, mesmo feio como um sapo não lhe faltariam admiradoras.

– É um homem bom?

– Ninguém adquire uma fortuna sendo um menino de coro.

Olhando-o nos olhos, Kathleen compreendeu que não obteria dele mais informação.

– O conde e Mr. Winterborne deverão chegar amanhã à tarde, não é?

– Sim. Vou recebê-los à estação de Alton. Gostaria de me acompanhar?

– Obrigada, mas o meu tempo será mais bem aplicado com Mrs. Church e a cozinheira, para ter a certeza de que tudo está preparado.

Kathleen suspirou, contemplando a enorme árvore com arrependimento, sentindo-se culpada e desconfortável.

– Espero que nada disto se saiba junto da nobreza local. Mas será muito difícil. Eu não o devia permitir. E você sabe-o muito bem.

– Contudo, já que o fez – devolveu West, dando-lhe uma pancadinha no ombro –, valerá mais tentar aproveitar.

CAPÍTULO 15

— **V**ão propor-te como membro no White's – informou Winterborne enquanto o comboio cumpria o seu barulhento e sinuoso trajeto desde Londres até ao Hampshire. Embora o compartimento privado da carruagem de primeira classe albergasse com facilidade mais quatro passageiros, Winterborne pagara os restantes lugares para terem o espaço só para eles. O criado pessoal de Devon viajava numa das carruagens mais humildes, situadas mais ao fundo do comboio.

Devon reagiu com um olhar de surpresa.

– Como sabes disso?

Um olhar furtivo foi a sua única resposta. Não era invulgar Winterborne ficar ao corrente de assuntos pessoais alheios antes dos implicados. Em Londres, praticamente toda a gente recorria ao crédito proporcionado pelos seus armazéns, portanto o homem conhecia pormenores reservados da situação financeira, das compras e dos hábitos pessoais de todos. Além do mais, grande parte do que os empregados dos grandes armazéns ouviam chegava ao seu escritório.

– Não devem incomodar-se – devolveu Devon, esticando as pernas. – Eu não aceitaria.

– O White's é um clube mais prestigiante do que o Brabblers.

– Como a maior parte dos clubes – replicou secamente Devon. – Mas o ar é demasiado rarefeito nesses círculos tão elevados. E se o White's não me queria antes de ser conde, não há razão para me querer agora. Continuo a ser exatamente o mesmo, exceto o facto de agora me encontrar tão endividado como qualquer outro aristocrata.

– A mudança não é só essa. Ganhaste proeminência social e política.

– Poder sem capital. É preferível ter dinheiro.

Winterborne abanou a cabeça.

– Escolhe sempre poder. O dinheiro, roubam-no ou desvaloriza-se, e ficas sem nada. Tendo poder, podes sempre conseguir mais dinheiro.

– Espero que tenhas razão.

– Eu tenho sempre razão – declarou Winterborne, categórico.

Poucos homens podiam declará-lo tão convictamente, mas Rhys Winterborne encontrava-se, sem dúvida, entre eles.

Era um daqueles indivíduos que nascera na altura e no lugar perfeitos para dar asas às suas capacidades. Transformara a decrépita loja do pai num império comercial com uma rapidez assombrosa. Winterborne gostava das coisas boas da vida e detetava a qualidade de forma instintiva. O seu verdadeiro dom, porém, era a perspicaz compreensão dos apetites públicos: a improvável capacidade de identificar antes das próprias pessoas, aquilo que estas desejariam comprar. Sendo uma figura pública bem conhecida, detinha um vasto leque de amizades, conhecidos e inimigos, mas ninguém vencia o distanciamento que se colava a ele como uma segunda pele.

Pegou na garrafa de cristal que estava pousada numa prateleira gradeada fixada ao painel de teca por baixo da janela, serviu dois *whiskeys* de malte e estendeu um a Devon. Após um brinde silencioso, reclinaram-se nos confortáveis assentos a observar a paisagem que a janela oferecia, em constante mutação.

O luxuoso compartimento era um dos três daquela carruagem que possuíam portas para o corredor, as quais tinham sido trancadas pelo porteiro, prática comum na ferrovia para impedir a entrada furtiva de passageiros sem bilhete. Pela mesma razão, as janelas estavam protegidas por grades de metal. Para se distrair da vaga sensação de aprisionamento, Devon concentrou-se na paisagem.

Quão pequena Inglaterra se tornara, agora que as distâncias eram vencidas numa questão de horas em vez de dias. Mal havia tempo para assimilar a paisagem antes de esta ficar para trás, o que inspirava algumas pessoas a chamar «caminho mágico» ao caminho de ferro. O comboio atravessava pontes, pastos, vias públicas e aldeias antigas, ora passando por profundas trincheiras de rocha calcária, ora circulando a céu aberto. Passado algum tempo, surgiram as colinas do Hampshire, as suas suaves encostas cobertas do verde de inverno coroadas pela luz branca do céu vespertino.

A perspectiva de chegar a casa deixava-o cheio de expectativa. Comprara presentes para todos os elementos da família, mas ponderara especialmente o que comprar para Kathleen. Num dos balcões da secção de ourivesaria da Winterborne, deparara com um invulgar alfinete de peito, uma cena primorosamente trabalhada de uma deusa grega a andar a cavalo. A pedra de cor creme, guarnecida de aljôfar, assentava sobre ónix.

Como o alfinete tinha fundo de ónix, dissera-lhe a vendedora do balcão, era apropriado para uma senhora de luto. Até as pérolas eram aceitáveis, já que, alegadamente, representavam lágrimas. Devon adquirira-o de imediato. Fora-lhe entregue naquela manhã e ele enfiara-o no bolso antes de partir para a estação dos comboios.

Estava impaciente por voltar a ver Kathleen, desejoso de apreciar a sua voz e a sua presença. Sentia saudades dos seus sorrisos, das suas expressões de reprovação, dos seus deliciosos dilemas acerca de impropriedade, porcos e canalizadores.

Expectante, contemplava o cenário enquanto o comboio subia com esforço ao alto de uma colina para logo iniciar a trajetória descendente. Não demorariam a atravessar o rio Wey e, depois, não seriam sequer dois quilómetros até à estação de Alton. As carruagens do comboio estavam bastante vazias; no dia seguinte, a véspera de Natal, transportariam um número muito maior de passageiros.

A velocidade do comboio aumentava quando se aproximaram da ponte, mas a força motriz da locomotiva foi perturbada por uma súbita trepidação e uma guinada. O som agudo dos freios inundou o compartimento e a carruagem começou a estremecer com violência. Instintivamente, Devon agarrou-se à grade da janela para não ser atirado do banco.

No segundo imediato, um impacto tremendo fê-lo largar a grade. Ou melhor, foi a barra de metal que se desprendeu... A carruagem descarrilou, a janela desfez-se em pedaços e Devon viu-se imerso num caos de vidro, madeira partida, metal dobrado, no meio de um barulho ensurdecedor. Um puxão violentíssimo anunciou a separação do engate da carruagem e os dois homens foram atirados como num mergulho, pelo compartimento. Uma luz branca ofuscante toldou-lhe a visão quando tentava encontrar algo fixo a que se agarrar no meio de toda aquela loucura. Continuou a cair, incapaz de deter o movimento, até que o seu corpo embateu no fundo e uma dor lancinante lhe abriu o peito, e ele sentiu a cabeça a rodar e, por fim, a escuridão.

CAPÍTULO 16

O frio intenso fê-lo voltar a si, num assomo de tosse. Esfregou o rosto molhado e tentou erguer-se. A água nauseabunda do rio enchia a carruagem, ou o que dela restava. Entre escombros e vidros estilhaçados, conseguiu alcançar a janela partida e espreitar pelas barras.

Tudo parecia indicar que a locomotiva se precipitara do muro ala da ponte e arrastara três carruagens consigo, deixando as duas restantes encavalitadas no terrapleno. Perto deles, uma destas, destroçada, jazia na água como um animal abatido. Gritos de ajuda vindos de todo o lado enchiam o ar.

Devon voltou-se freneticamente, procurando avistar Winterborne, afastando tábuas de teca até encontrar o vulto inconsciente do amigo por baixo de um assento que fora arrancado do chão. A água começava a cobrir-lhe o rosto.

Pegou nele, suportando a dor violentíssima que qualquer movimento lhe provocava na zona do tronco.

– Winterborne – chamou, abanando-o um pouco. – Acorda. Anda. Já!

Ouviu um gemido entrecortado.

– O que aconteceu? – perguntou o amigo, com voz rouca.

– O comboio descarrilou – respondeu Devon, ofegante. – A carruagem está dentro do rio.

Winterborne esfregou o rosto ensanguentado e grunhiu de dor.

– Não consigo ver.

Constatando que a água subia, Devon tentou elevá-lo mais.

– Terás de te mexer, ou afogamo-nos.

Frases indecifráveis em galês rasgaram o ar e, por fim, Winterborne

informou, em inglês:

– Tenho a perna partida.

Rogando pragas, Devon vasculhou os escombros e encontrou uma barra de metal que saltara da grade. Rastejou até outro assento e esticou o braço para alcançar a porta trancada, no sentido da corrente. Quase gritando do esforço, utilizou a barra de metal como pé de cabra para forçar a abertura da porta. A posição inclinada da carruagem dificultava em muito a tarefa. E a água, que não parava de entrar, dava-lhes agora pelos joelhos.

Assim que partiu a fechadura, Devon empurrou a porta, que fez um arco completo, batendo com estrondo na parte de fora da carruagem.

Espreitou para o exterior e calculou a distância até à margem do rio. A água não parecia ultrapassar-lhes o nível da cintura.

O problema era o frio extremo, que rapidamente ditaria o fim dos dois. Não podiam ficar à espera de socorro.

Tossindo devido ao fumo que impregnava o ar, Devon tornou a entrar na carruagem. Encontrou Winterborne, que continuava de olhos fechados, a tirar fragmentos de vidro do cabelo, o rosto ensanguentado marcado por inúmeras cicatrizes.

– Vou tirar-te daqui e levar-te para a margem – informou.

– Como estás tu? – perguntou Winterborne, parecendo espantosamente lúcido para um homem que não conseguia ver e tinha uma perna partida.

– Melhor do que tu.

– A que distância estamos do solo?

– A cerca de seis metros.

– E a corrente? É forte?

– Não interessa. Não podemos ficar aqui.

– Tens mais hipóteses sem mim – devolveu calmamente Winterborne.

– Não vou deixar-te aqui, seu idiota de um raio.

Devon pegou no pulso de Winterborne e puxou-o por cima dos ombros.

– Se tens receio de ficar a dever-me um favor por te salvar a vida...

Com grande esforço, levou-o com dificuldade até à porta aberta.

– ...tens razão. Deves-me um favor *enorme*.

Devon pôs um pé em falso e ambos tropeçaram, mas esticou a mão livre e agarrou o vão da porta, recuperando o equilíbrio.

Uma dor dilacerante no peito deixou-o momentaneamente sem fôlego.

– És pesado como o diabo! – conseguiu dizer.

Não recebeu resposta e percebeu que Winterborne lutava para não perder a consciência.

A cada respiração torturante, as punhaladas de dor oprimiam-lhe o peito, prolongando-se num tormento contínuo. Sentiu uma câibra nos músculos, que começaram a tremer.

Eram demasiadas as complicações que se apresentavam... O rio, o frio, os ferimentos de Winterborne, e agora o que quer que lhe provocava aquela dor. Mas não tinha outra escolha senão continuar.

Cerrando os dentes, conseguiu tirar Winterborne da carruagem. Caíram os dois na água, o que arrancou um grito angustiado ao segundo.

Agarrando-o, Devon procurou equilibrar-se, fincando os pés no fundo lodacento do rio. O nível da água era mais alto do que calculara e chegava-lhe bastante acima da cintura.

Por um momento, o impacto do frio paralisou-o. Concentrou-se em obrigar os músculos ao movimento.

– Winterborne – disse, com os dentes cerrados –, não é longe. Vamos conseguir.

O amigo respondeu com uma pequena blasfêmia, que lhe arrancou um breve sorriso. Lutando contra a corrente, avançou penosamente em direção ao canavial da margem, onde avistava outros sobreviventes.

Era uma tarefa esgotante, pois a lama prendia-lhe os pés e a água gelada dificultava-lhe a coordenação dos movimentos e deixava-lhe o corpo dormente.

– Senhor! Senhor! Estou aqui!

Sutton, o criado, acenava-lhe freneticamente da margem do rio. Devia ter saído de uma das carruagens que continuavam em cima da ponte e descido pela escarpa.

O criado entrou na água, abafando um grito ao sentir como estava gelada.

– Leve-o – comandou Devon com brusquidão, arrastando um Winterborne semiconsciente pelo canavial.

Sutton agarrou-o pelo peito e colocou-o em segurança.

Devon sentiu os joelhos a ceder e cambaleou entre as canas, lutando para não desfalecer. O seu cérebro, exausto, conseguiu aceder às últimas reservas de força permitindo-lhe avançar até à margem.

Então, ouviu gritos agudos e frenéticos, e parou. Olhando por cima do ombro, viu que ainda havia passageiros dentro de uma carruagem inundada, que aterrara no rio na diagonal.

Não tinham conseguido abrir a porta, que estava trancada. Ninguém os fora ajudar. Aqueles que tinham conseguido sair da água haviam sucumbido ao frio. Só agora começava a chegar algum auxílio. Contudo, ainda teriam de descer o terraplano e quando chegassem já seria demasiado tarde.

Sem hesitar um instante, Devon deu meia-volta e entrou novamente na água.

– *Senhor!* – ouviu o chamamento de Sutton.

– Tome conta do Winterborne – ordenou bruscamente.

Quando chegou à carruagem, não sentia nada da cintura para baixo e lutava contra um estado de desorientação. A maior parte das ligações entre o seu cérebro e o seu corpo pareciam ter sido interrompidas.

Valendo-se de pura força de vontade, conseguiu entrar num compartimento da carruagem, através de um rasgão numa parede provocado pela força do impacto.

Aproximou-se de uma janela e agarrou numa barra de metal. Precisou de enorme concentração para conseguir apertar a mão ao seu redor. Sem saber como, conseguiu retirá-la e atravessou a carruagem para regressar ao rio.

Enquanto usava a barra para soltar a porta do compartimento fechado, gritos de alívio soaram no seu interior. A porta abriu-se com um ranger metálico de protesto, revelando os prisioneiros. O olhar turvo de Devon distinguiu uma mulher de meia-idade com uma criança pequena que berrava nos seus braços, duas raparigas que choravam e um rapaz adolescente.

– Está mais alguém aí dentro? – perguntou ao rapaz. Sentia a voz pastosa, como se tivesse bebido.

– Ninguém que esteja vivo – replicou o rapaz, que tremia como varas verdes.

– Vês aquelas pessoas na margem do rio?

– Acho que... sim... senhor.

– Vai até lá. Levas as raparigas, uma em cada braço. Dá o flanco à corrente, para oferecer menos resistência. *Vai!*

O rapaz assentiu e entrou na água, que lhe dava até ao peito, abafando um grito ao sentir o frio intenso. As raparigas, assustadas, seguiram-no com gritos esganiçados, agarradas aos seus braços. Avançaram os três, juntos, na direção da margem, equilibrando-se mutuamente contra a corrente.

Voltando-se para a mulher aterrorizada, Devon ordenou, com certa brusquidão:

– Dê-me a criança.

A mulher abanou freneticamente a cabeça.

– Por favor, senhor, porqu...

– *Agora!*

Não seria capaz de se aguentar em pé durante muito mais tempo.

A mulher, chorosa, obedeceu e a criança pôs os bracitos à volta do pescoço dele, sem parar de chorar. Agarrou no braço livre de Devon e saiu da carruagem, emitindo um grito penetrante ao entrar na água. Passo a passo, Devon ajudou-a a vencer as águas do rio, por muito que o peso das saias dificultasse a progressão. Rapidamente perdeu a noção do tempo.

Não sabia ao certo onde se encontrava ou o que estava a acontecer, nem tinha a certeza de que as suas pernas continuavam a andar; não as sentia. O bebé parara de chorar e erguera uma mão, como uma estrela-do-mar, contra o seu rosto. Percebia que a mulher gritava alguma coisa, mas o latejar que sentia na cabeça não o deixava distinguir as palavras.

Via pessoas ao longe... Lanternas de mão... Luzes que dançavam e oscilavam no ar enegrecido de fumo. Continuou a avançar, impelido pela vaga noção de que qualquer hesitação ditaria a perda de consciência.

Percebeu que alguém puxava pela criança que tinha nos braços. Puxaram com mais força, ao sentir a resistência dele. Eram estranhos que lhe pegavam, e outros mais ajudavam a mulher a avançar por entre as canas e a lama.

Devon perdeu o equilíbrio e cambaleou para trás. Os músculos já não obedeciam aos seus comandos. A água agarrou-o num instante, fechando-se sobre o seu rosto e arrastando-o para longe.

Enquanto era transportado pela corrente, sentiu-se observar o seu próprio

vulto, que girava lentamente nas águas impenetráveis. Não conseguia salvar-se a si próprio, constatou entre a surpresa e o torpor. Ninguém iria salvá-lo. Seria levado prematuramente, como todos os homens da família Ravenel, e deixaria demasiadas coisas por terminar. Mas não conseguia sequer importar-se. De alguma forma, tinha a certeza de que West se sairia bem sem ele. West sobreviver-lhe-ia...

Mas Kathleen...

Nunca saberia o que significara para ele.

Este pensamento ditou um momento de alerta. Por Deus, porque esperara ele, presumindo que tinha todo o tempo à sua disposição? Se pudesse ter cinco minutos para lhe dizer... Que diabo! Um minuto... Mas era demasiado tarde.

Kathleen seguiria a sua vida sem ele. Tomaria por esposo outro homem... Que envelheceria ao seu lado... E Devon não seria mais do que uma memória gasta pelo tempo.

Se é que ela se recordaria dele.

Tentou resistir, um lamento silencioso preso no peito. Kathleen era o seu destino. Só dele. Desafiaria todos os infernos do mundo para ficar com ela. Mas era inútil; o rio arrastava-o faticamente em direção às trevas.

Algo o agarrou. Dois braços tenazes rodearam-lhe o peito como um monstro das profundezas. Uma força inexorável puxou-o dolorosamente para trás. Sentiu-se agarrado e invulnerável à corrente.

– Nem penses nisso – grunhiu um homem junto ao seu ouvido, ofegante do esforço.

O forte abraço cingiu-lhe o abdómen e ele começou a tossir, sentindo-se trespassar por pontadas lancinantes, enquanto a voz continuava:

– Não vais deixar-me sozinho a tomar conta daquela maldita propriedade.

CAPÍTULO 17

—O comboio deve ter-se atrasado – comentou Pandora algo irritada, enquanto brincava com os cães no chão da sala de visitas. – Detesto esperar.

– Podias ocupar-te com uma tarefa mais útil – provocou Cassandra, embrenhada na sua costura. – A espera fica mais curta.

– As pessoas dizem sempre isso, mas não é verdade. Demora o mesmo, quer nos ocupemos de coisas úteis quer não.

– Talvez os cavalheiros tenham parado para se refrescar depois de partirem de Alton – sugeriu Helen, aproximando a cabeça do gancho de bordar para executar um ponto complicado.

Kathleen levantou os olhos de um livro de agricultura que West lhe recomendara.

– Se for esse o caso, espero que estejam mortos de fome quando chegarem – declarou com fingida indignação. – Só a gula poderá devorar o banquete que a cozinheira preparou.

Fez uma ligeira careta ao ver que *Napoleão* se instalava nas pregas onduladas do vestido de Pandora.

– Querida, quando os cavalheiros chegarem estarás coberta de pelo.

– Não vão reparar – garantiu Pandora. – O vestido é preto e o cão também.

– Talvez, mas ainda assim...

A reprimenda foi interrompida pela entrada de *Hamlet*, que ostentava o seu sorriso perpétuo. Com toda a azáfama dos preparativos das festividades para aquela noite, esquecera-se do porco. Acostumara-se tanto a vê-lo correr atrás

de *Napoleão* e *Josefina* para todo o lado que começara a pensar nele como um terceiro cão.

– Oh, céus... Temos de encontrar uma solução para o *Hamlet*. Não podemos permitir que se passeie pela casa durante a estadia de Mr. Winterborne.

– O *Hamlet* é muito asseado – informou Cassandra, esticando o braço para fazer uma festa ao animal, que se aproximara dela e grunhia afetuosamente. – Anda mais limpo do que os cães, se queres saber.

Era verdade. O *Hamlet* portava-se tão bem que parecia injusto bani-lo da casa.

– Não temos escolha – persistiu Kathleen em tom pesaroso. – Receio que não possamos esperar que Mr. Winterborne partilhe a nossa visão esclarecida dos suínos. O *Hamlet* terá de dormir no celeiro. Podem usar palha e cobertores para lhe fazer uma cama confortável.

As gémeas, horrorizadas, protestaram de imediato.

– Mas isso vai ferir os sentimentos dele...

– Vai julgar que está a ser castigado!

– Ficarà perfeitamente confortável... – principiou Kathleen, detendo-se ao reparar que ambos os cães, alertados por algum ruído, tinham saído velozmente da sala, de cauda a abanar. *Hamlet* apressara-se a segui-los com um grunhido determinado.

– Está alguém na porta principal – anunciou Helen, pousando o bordado e dirigindo-se para a janela para espreitar o caminho de entrada e o pórtico.

Só podiam ser Devon e o seu convidado. Levantando-se de um salto, Kathleen ordenou às gémeas:

– Levem o porco para a cave! Depressa!

Reprimiu um sorriso ao constatar que obedeciam.

Depois de alisar a saia e compor as mangas, Kathleen colocou-se à janela, ao lado de Helen. Para sua surpresa, não viu qualquer carruagem nem parelha de cavalos, apenas um pônei corpulento, ofegante e reluzente de suor.

Reconheceu-o: pertencia ao filho do chefe dos correios, Nate, frequentemente encarregado dos despachos do telégrafo. Mas Nate não costumava encarregar-se das suas entregas a toda a velocidade.

Sentiu um arrepio de inquietação.

O mordomo idoso assomou à entrada da sala.

– Senhora.

Kathleen sentiu um nó na garganta ao ver que segurava um telegrama. Desde que o conhecia que Sims nunca lhe entregara uma carta ou telegrama diretamente em mão, mas sempre numa pequena bandeja de prata.

– O rapaz diz que se trata de um assunto de grande urgência – comunicou, com o rosto tenso de emoção reprimida, ao mesmo tempo que lhe estendia a missiva. – Enviaram um comunicado ao chefe dos correios. Parece que houve um acidente de comboio em Alton.

Kathleen sentiu-se empalidecer e um zumbido agudo encheu-lhe os ouvidos. Com atrapalhação, arrebatou o telegrama das mãos do mordomo e abriu-o apressadamente.

Descarrilamento perto da estação de Alton. Trenear e Winterborne feridos. O médico deve estar presente para os atender. Regressarei de carruagem alugada.

– Sutton

Devon... ferido.

Kathleen reparou que cerrara os pulsos, como se pudesse afastar o indesejado pensamento a golpes físicos. O seu coração batia disparado num ritmo desconexo.

– Sims, mande um laçao buscar o médico. – As palavras saíram-lhe a custo, asfixiadas pelo pânico. – Que venha sem demora. Tanto Lord Trenear como Mr. Winterborne necessitarão dos seus cuidados.

– Sim, senhora.

O mordomo saiu da sala de visitas com admirável rapidez para um homem da sua idade.

– Posso lê-lo? – perguntou Helen.

Kathleen estendeu-lhe o telegrama, que esvoaçou como uma borboleta capturada.

A voz ofegante de Nate interpelou-as da porta. Era um rapaz pequeno e franzino, de abundante cabelo ruivo e rosto redondo pintalgado de sardas.

– O meu pai contou-me o que dizia o telegrama. – Constatando que captara a atenção das duas mulheres, continuou com voz excitada. – Foi na ponte, mesmo antes da estação. Um comboio que transportava pedra estava a atravessar a linha e não se despachou a tempo. O comboio de passageiros bateu nele e algumas carruagens caíram da ponte para o rio Wey – explicou, com os olhos arregalados de assombro. – Morreram mais de uma dúzia de pessoas e desapareceram outras tantas. O meu pai diz que é quase certo que morram mais nos próximos dias, porque podem ter ficado sem braços ou pernas, ou com os ossos esmagados...

– Nate – interrompeu docemente Helen, quando Kathleen deu meia-volta e se afastou –, porque não vais à cozinha e pedes à cozinheira que te dê um biscoito ou um pouco de pão de especiarias?

– Obrigado, Lady Helen.

Kathleen tapou os olhos com as mãos fechadas, fazendo pressão. Um medo angustiante fazia-a tremer dos pés à cabeça.

Não suportava saber que Devon estava ferido. Naquele mesmo momento, aquele homem belo, arrogante e maravilhosamente saudável estava em sofrimento... assustado, talvez... ou até a morrer... Tossiu, uma vez e outra, como se soluçasse, e pelos seus dedos deslizaram algumas lágrimas quentes. Não. Não podia permitir-se chorar. Havia demasiado a fazer. Tinha de estar tudo pronto para quando ele chegasse e ter disponível tudo o que fosse necessário para o ajudar.

– O que posso fazer? – ouviu a voz de Helen, atrás de si.

Kathleen secou as faces com os punhos do vestido e inspirou, trémula. Tinha a mente turva, custava-lhe pensar...

– Por favor, explica às gémeas o que aconteceu e verifica que não estejam presentes quando trouxerem os homens. Não sabemos qual é o seu estado, se estão gravemente feridos, e... E não gostaria que as raparigas vissem.

– Claro.

Kathleen voltou-se para ela.

– Vou procurar Mrs. Church – declarou com voz rouca. – Temos de reunir todo o material de socorro da casa, e lençóis e panos limpos... Um nó na garganta impossibilitou mais palavras.

– O West está com eles – lembrou Helen, pousando-lhe carinhosamente uma mão no ombro. – Estava muito calma, embora tivesse o rosto pálido e

tenso. – Cuidará bem do irmão. Não te esqueças, o conde é um homem grande e muito forte. Sobreviverá a provações a que outros homens sucumbiriam.

Kathleen assentiu de forma automática, mas as palavras não lhe deram alento. Os acidentes ferroviários eram diferentes de qualquer outro tipo de sinistro. Colisões e descarrilamentos raramente originavam ferimentos menores. De pouco valia a força ou a coragem num despenhamento a cem quilómetros por hora. Tudo se resumia a uma questão de sorte... Que nunca abundara na família Ravenel.

Para alívio de Kathleen, o laçao que enviaram em busca do Dr. Weeks regressou rapidamente com ele. Weeks era um médico competente e experimentado, que se formara em Londres. Acorrera a Eversby Priory na manhã do acidente de Theo e fora ele quem comunicara às gémeas a notícia da morte do irmão. Sempre que alguém da família ficava doente, Weeks acudia prontamente, tratando os criados com a mesma consideração e o mesmo respeito que mostrava para com os elementos da família. Kathleen não demorou a gostar dele e a respeitá-lo.

– Ainda não tive o prazer de travar conhecimento com Lord Trenear – observou Weeks ao mesmo tempo que abria as suas malas de médico num dos quartos que tinham sido preparados para a chegada iminente dos doentes.
– Lamento que sejam estas as circunstâncias.

– Eu também – devolveu Kathleen, olhando fixamente para o conteúdo das grandes malas pretas: ligaduras de gesso, agulhas e fio, reluzentes apetrechos de metal, tubos de vidro contendo pós e pequenas garrafas cheias de líquidos. Com uma sensação de irrealidade, perguntava-se a todo o momento quando chegaria Devon e que ferimentos teria sofrido.

Deus Santíssimo, como toda a situação se assemelhava à manhã da morte de Theo!

Cruzou os braços e agarrou os cotovelos, tentando debelar os tremores que lhe percorriam o corpo. Quando Devon partira de Eversby Priory, pensou no seu atordoamento, de tão irritada nem se despedira dele.

– Lady Trenear – disse o médico, com doçura –, esta infeliz situação, assim como a minha presença, fá-la-ão necessariamente recordar o acidente do seu marido. Ajudaria se eu preparasse um sedativo ligeiro?

– Não, obrigada. Desejo estar na posse das minhas faculdades.

Simplesmente... Não posso acreditar... Outro Ravenel... – principiava, sem conseguir concluir as frases.

Franzindo a testa, Weeks cofiou a barba curta, bem aparada, e comentou:

– Os homens desta família não parecem gozar do dom da longevidade. Mas não vamos pensar no pior. Não demoraremos a conhecer o estado de Lord Trenear.

Enquanto o médico dispunha vários objetos sobre uma mesa, Kathleen ouviu Sims numa sala distante indicar a um laçao que fosse a correr às cavalariças buscar um molho de varas de treino para improvisar macas. Ouvia-se o ruído de passos rápidos nas escadas e o bater das latas de água e das selhas de carvão. Mrs. Church repreendia uma criada que lhe levava umas tesouras rombas, mas parou a meio da frase.

Kathleen ficou tensa ao constatar o silêncio abrupto. Momentos depois, ouviu-se a voz veemente da governanta, vinda do corredor:

– Senhora, a carruagem da família está a subir o caminho!

Saltando como um gato escaldado, Kathleen saiu a correr da sala. Passou por Mrs. Church a caminho da escadaria principal.

– Lady Trenear! – exclamou a governanta, seguindo atrás dela. – Vai cair!

Kathleen ignorou o aviso, descendo precipitadamente as escadas e atravessando o pátio, no qual já estavam reunidos Sims e um grupo de criadas e criados. Todos os olhos estavam postos no veículo que se aproximava.

Antes de as rodas pararem, já o laçao que seguia na parte posterior da carruagem saltara para o chão e a porta se abrira a partir do interior.

Ouviu-se um coro de exclamações quando West surgiu. Estava num estado deplorável, todo molhado e com a roupa imunda. Imediatamente, todos tentaram aproximar-se dele.

West, apoiando-se na carruagem, levantou uma mão para os deter. Tremia visivelmente, batendo os dentes como castanholas.

– Não... Primeiro o co-conde. Onde está o ma-maldito médico?

O Dr. Weeks já estava ao seu lado.

– Aqui, Mr. Ravenel. Está ferido?

West abanou a cabeça.

– Só ge-gelado. Tive de ti-tirar o meu irmão do ri-rio.

Abrindo caminho entre o grupo, Kathleen agarrou no braço de West para o ajudar a equilibrar-se, pois este tremia e cambaleava, e tinha um aspeto enfermo. Um cheiro fétido desprendia-se das suas roupas, a lama e água poluída.

– Como está o Devon? – perguntou com preocupação.

West apoiou-se pesadamente nela.

– Quase inconsciente. Incoerente. Demasiado tempo dentro de água.

– Mrs. Church – disse Weeks, voltando-se para a governanta –, Mr. Ravenel deve ser levado imediatamente para a cama. Ponha carvão na lareira e tape-o com mantas. Que ninguém lhe dê bebidas alcoólicas de nenhum tipo. Isto é muito importante, compreende? Pode dar-lhe chá com açúcar, morno. Quente *não*.

– Não preciso que ni-ninguém me leve – protestou West. – Veja, estou em pé à sua frente! – Mas, ao mesmo tempo que reclamava, começou a escorregar para o chão. Kathleen segurou-o com as pernas, para impedir a queda. Dois lacaios apressaram-se a agarrá-lo e a pô-lo numa maca.

Vendo que West resistia, o médico falou com dureza:

– *Esteja quieto*, Mr. Ravenel. Até o seu corpo recuperar o calor, qualquer esforço pode ditar-lhe a morte. Se o sangue dos seus dedos, que está gelado, lhe chega demasiado depressa ao coração... – Impaciente, suspendeu a explicação. – Levem-no para dentro.

Kathleen começara a subir o degrau rebatível da carruagem. No interior estava escuro e reinava um silêncio perturbador.

– Senhor? Devon, pode...

– Permita-me que os veja primeiro – disse o médico, atrás de si, afastando-a com firmeza do veículo.

– Diga-me como está Lord Trenear – pediu Kathleen.

– Assim que puder.

O Dr. Weeks subiu para a carruagem.

Kathleen, com o corpo completamente tenso, esforçou-se por ser paciente. Mordeu o lábio inferior até o sentir latejar.

Nem um minuto depois, a voz do médico fez-se ouvir, com renovada

urgência.

– Começamos por Mr. Winterborne. Preciso de um homem forte. Rápido!

– Peter – ordenou Sims, ao que o laçao se apressou a corresponder.

E Devon? Kathleen estava a enlouquecer de preocupação. Tentou espreitar para a carruagem mas não conseguia ver nada, com o médico e o criado à sua frente.

– Dr. Weeks...

– Só um segundo, senhora.

– Sim, mas...

Afastou-se quando um vulto grande e escuro desceu a custo da carruagem.

Era Devon, andrajoso e quase irreconhecível. Ouvira a voz dela.

– Lord Trenear – ordenou bruscamente o médico –, não faça esforços. – Tratarei de si assim que terminar de auxiliar o seu amigo.

Devon ignorou-o, tocando, cambaleante, com os pés no chão. Agarrou-se à ombreira da porta para não cair. Estava imundo da cabeça aos pés e tinha a camisa molhada e manchada de sangue. Mas, examinando-o freneticamente, Kathleen constatou com alívio que não perdera nenhum membro nem tinha nenhuma ferida aberta. Estava inteiro.

O seu olhar desorientado encontrou o dela numa explosão de pecaminoso azul e os seus lábios pronunciaram o nome dela.

Kathleen alcançou-o em duas passadas e ele agarrou-a com brusquidão. Com uma mão, segurou-lhe o coque preso na nuca com tal força que a magoou. Com um rugido surdo a vibrar na garganta, cobriu a boca dela com a sua num beijo breve e castigador, sem se importar com quem pudesse vê-los. O seu corpo tremia e inclinava-se como um edifício em demolição e ela usou as pernas para o suportar.

– Não devia estar em pé – disse, sem fôlego. – Deixe-me ajudá-lo. Vamos sentar-nos no chão. Devon, por favor...

Mas ele não a escutava. Com um ronco primitivo e apaixonado, rodou o corpo para a encostar à carruagem e voltar a beijá-la. Mesmo ferido e exausto, era incrivelmente forte. Reclamou a boca dela com violência, só parando para respirar. Então, Kathleen viu, por cima do ombro dele, que Mrs. Church e dois lacaios se aproximavam com uma maca.

– Devon – principiou –, tem de se deitar. – Está uma maca atrás de si, para

o levarem para dentro de casa.

Com exceção dos arrepios violentos que lhe sacudiam o corpo, Devon permaneceu imóvel.

– Querido – sussurrou-lhe Kathleen ao ouvido com angustiada preocupação –, solte-me, por favor.

Ele respondeu com um som áspero e indecifrável, apertando-a com mais força ainda... e, perdendo a consciência, caiu.

Felizmente, os criados já estavam próximos e agarraram-no antes que esmagasse Kathleen com o seu peso. Enquanto o afastavam de si e o deitavam na maca, Kathleen, aturdida, decifrou a palavra que ele dissera.

«Nunca.»

CAPÍTULO 18

Enquanto o deitavam na maca, a ponta da camisa molhada subiu e Kathleen e Mrs. Church quase gritaram ao ver o horrível hematoma, do tamanho de um prato, que lhe cobria o lado esquerdo da caixa torácica e do peito.

Kathleen empalideceu ao pensar na força bruta necessária para provocar um ferimento daqueles. Tinha, com toda a certeza, costelas partidas. Desesperada, receou que um dos pulmões pudesse ter entrado em colapso, inclinando-se sobre ele para lhe juntar ao corpo, com todo o cuidado, os braços abertos. Que imenso choque era vê-lo ali deitado, inerte.

Mrs. Church tapou-o com um cobertor e disse aos lacaios:

– Levem-no para o quarto principal. Com jeito... sem balançar. Tratem-no como se fosse um recém-nascido.

Os lacaios, contando em uníssono, levantaram a maca.

– Um bebé que pesa noventa quilos – grunhiu um.

Mrs. Church tentou mostrar-se severa, mas os seus olhos traíram-na por um segundo.

– Cuidado com a língua, David.

Kathleen seguiu os lacaios, limpando impacientemente as lágrimas dos olhos cintilantes.

Ao seu lado, a governanta murmurava, numa tentativa de consolo.

– Vamos, senhora. Não se atormente. Em menos de nada, pomo-lo como novo.

Embora Kathleen desejasse acreditar, sussurrou com voz tensa:

– Está tão ferido, e tão fraco... Pode ter ferimentos internos.

– Não parecia assim tão fraco, há uns instantes – observou a governanta com secura.

Kathleen ficou coradíssima.

– Estava alterado. Não sabia o que fazia.

– Se o diz, senhora. – O leve sorriso de Mrs. Church esmoreceu ao acrescentar: – Creio que devemos guardar a nossa preocupação para Mr. Winterborne. Mr. Ravenel dizia, antes de o levarem para a casa, que tem uma perna partida e que está cego, pobrezinho.

– Oh, não... Temos de descobrir se deseja que chamemos alguém.

– Ficaria surpreendida se o quisesse – disse a governanta num tom pragmático ao entrar em casa.

– Porque diz isso? – perguntou Kathleen.

– Se tivesse alguém, não teria vindo sozinho para Eversby Priory passar o Natal.

Enquanto o Dr. Weeks cuidava dos ferimentos de Devon, Kathleen dedicou-se a visitar West.

Ainda antes de chegar ao quarto, ouviu pela porta aberta o barulho e os risos que saíam para o corredor. Parou à soleira, apreciando com terna resignação West sentado na cama a entreter um grupo que incluía meia dúzia de criados, Pandora, Cassandra, os dois cães e *Hamlet*. Helen encontrava-se de pé junto de um candeeiro, a verificar um termómetro de vidro.

Felizmente, West já não tremia de frio e a cor do seu rosto melhorara.

– ...então vi um homem a enfiar-se novamente no rio – dizia –, em direcção a uma carruagem meio submersa, com pessoas presas lá dentro. E disse para mim mesmo: «Aquele homem é um herói. Mas também um idiota. Porque já está há demasiado tempo na água, será impossível salvá-los e vai sacrificar a vida dele por nada.» Decidi descer o terraplano e encontrei o Sutton. «Onde está o conde?», perguntei. – Então, West parou, a bem do efeito dramático, saboreando a inabalável atenção do seu público. – E para onde é que julgam que o Sutton apontou?... Para o rio, onde aquele cretino imprudente atravessava o rio atrás de três crianças que tinha acabado de salvar, com um

bebé num braço e uma mulher no outro.

– O homem era *Lord Trenear*? – sussurrou, boquiaberta, uma das criadas.

– Ele mesmo.

O grupo exclamou, em unísono, de prazer e possessivo orgulho.

– Nada de mais, para um homem tão grande como sua senhoria – declarou um dos lacaios com um sorriso largo.

– Vai sair nos jornais, de certeza! – exclamou outro.

– Espero que sim – devolveu West. – Sei bem o quanto ele o detestaria.

Fez uma pausa ao avistar Kathleen à entrada, que se dirigiu aos criados num sussurro severo:

– Será melhor saírem antes de o Sims ou Mrs. Church os apanharem aqui.

– Estava a chegar à melhor parte – protestou West. – Ia descrever o emocionante e comovente salvamento do conde, levado a cabo por mim próprio.

– Pode descrevê-lo depois – replicou Kathleen, que continuou à porta a assistir à saída apressada dos criados. – Agora, devia estar a descansar. – Olhou para Helen. – Como está a temperatura dele?

– Precisa de subir mais um grau – respondeu esta.

– Só faltava mais essa! – retorquiu West. – Com esse fogo tão alto, o quarto está um forno. Não tarda nada, estou tostado como um peru de Natal. Por falar nisso... Estou esfomeado.

– O médico disse que não podemos dar-lhe comida até atingir a temperatura certa – devolveu Pandora.

– Bebe mais uma chávena de chá? – perguntou Cassandra.

– Tomo um *brandy* – contrapôs West. – A acompanhar uma fatia de tarte de groselha, um prato de queijo, uma taça de puré de batatas e nabo e um bife.

Cassandra sorriu.

– Vou perguntar ao médico se pode comer um pouco de caldo.

– De caldo? – repetiu West, indignado.

– Anda, *Hamlet* – chamou Pandora –, antes que o West decida que também quer *bacon*.

– Espera – reagiu Kathleen, franzindo a testa. – Não combinámos que o

Hamlet ficava na cave?

– A cozinheira não autorizou – replicou Cassandra. – Disse que descobriria uma forma de derrubar os caixotes e comer os tubérculos. – Lançou um olhar orgulhoso ao bicho de expressão alegre. – Porque o *Hamlet* é um porco muito criativo e dinâmico.

– A última parte não é da cozinheira – protestou Pandora.

– Pois não – admitiu Cassandra. – Mas estava implícito.

As gêmeas enxotaram os cães e o porco do quarto e saíram.

Helen estendeu o termómetro a West.

– Por baixo da língua, por favor – indicou com gravidade.

Ele obedeceu com ar resignado.

– Querida – chamou Kathleen –, falas com Mrs. Church acerca do jantar? Com três inválidos em casa, julgo que será melhor fazermos um jantar informal.

– *Dois* inválidos – balbuciou West, indignado, de termómetro na boca. – Eu estou ótimo.

– Sim, claro – replicou Helen. – E preparo uma bandeja para o Dr. Weeks. É possível que demore a tratar de Lord Trenear e de Mr. Winterborne, mas também merece jantar.

– Boa ideia – devolveu Kathleen. – Não te esqueças de incluir um prato de musse de limão. Se bem me lembro, o Dr. Weeks é guloso.

– Força, senhoras – voltou West, ainda de termómetro na boca –, não se coíbam de falar em comida diante de um homem esfomeado.

Antes de se ir embora, Helen parou junto dele e empurrou-lhe suavemente o queixo, fechando-lhe a boca.

– Nada de falar.

Depois de ela sair, Kathleen levou-lhe um pouco de chá e tirou-lhe o termómetro da boca. Examinou atentamente a linha de mercúrio.

– Mais meio grau e pode comer.

West recostou-se nas almofadas, mas a sua expressão animada revelou tensão quando perguntou:

– Como está o meu irmão?

– O Dr. Weeks está a tratar dele. Mrs. Church e eu vimos que tinha um ferimento assustador no tórax. Acreditamos que poderá ter partido algumas costelas. Mas estava consciente quando saiu da carruagem e abriu os olhos quando o levaram para o quarto.

– Graças a Deus – declarou West, suspirando profundamente. – É um milagre serem apenas umas costelas partidas. Um acidente daqueles... As carruagens estavam caídas por lá como se fossem brinquedos. E as pessoas que não sobreviveram... – A voz falhou e West engoliu em seco. – Quem me dera poder esquecer o que vi.

Kathleen sentou-se numa cadeira junto à cama e segurou-lhe a mão num gesto carinhoso.

– Está exausto – murmurou.

West deu uma risada, breve e sem alegria.

– Estou completamente acabado.

– Vou deixá-lo descansar.

West girou a mão e apertou a dela.

– Não vá já – murmurou. – Não quero ficar sozinho.

Kathleen assentiu e continuou sentada.

West soltou a mão e pegou no chá.

– É verdade? – perguntou ela. – A história que estava a contar sobre o Devon?

Depois de beber o chá em duas goladas, West dirigiu-lhe um olhar angustiado.

– Não duvide. O filho da mãe quase conseguiu matar-se.

Kathleen tirou-lhe a chávena da mão cansada.

– Não sei como é que ele conseguiu – retomou West. – Eu estive dentro de água durante dois minutos, no máximo, e fiquei com as pernas totalmente dormentes. Doíam como o diabo! Segundo consta, o desmiolado do Devon esteve dentro daquele rio durante pelo menos um quarto de hora.

– A salvar crianças – insistiu Kathleen, com fingido desdém. – Como se atreve?

– Pois é – continuou West sem vestígios de humor. Ficou a contemplar o fogo trepidante com ar sério. – Compreendo finalmente aquilo que me disse,

sobre todas as pessoas que dependem dele. E agora tornei-me uma delas. Maldito seja! Se volta a arriscar a vida de forma tão estúpida, juro que o mato.

– Compreendo – disse ela, consciente do medo que se escondia naquelas palavras cáusticas.

– Não. Não compreende. Não estava lá. Céus! Quase não o apanhava a tempo. Se tivesse chegado uns segundos depois...

West suspirou, trémulo, desviando o rosto.

– Antes, o Devon não teria feito nada disto, sabe? Costumava ter mais juízo na cabeça. Não arriscava assim a vida por qualquer pessoa. Especialmente estranhos. O cabeça oca.

Kathleen sorriu. Procurando desfazer o nó que sentia na garganta, compôs-lhe o cabelo com um afago.

– Meu querido amigo – sussurrou –, lamento ter de lhe dizer isto... Mas o West teria feito a mesma coisa.

*

Um pouco depois da meia-noite, Kathleen levantou-se para ver como estavam os doentes. Vestiu um robe por cima da camisa de noite, apertou-o, pegou numa vela e encaminhou-se para o corredor.

Primeiro, espreitou para dentro do quarto de Winterborne.

– Posso entrar? – perguntou ao Dr. Weeks, que estava sentado numa cadeira ao lado da cama.

– Claro, senhora.

– Por favor, não se levante – apressou-se a dizer Kathleen antes que ele o fizesse. – Só vim saber como está o doente.

Sabia que tinha sido uma noite difícil para o médico, que necessitara do auxílio do mordomo e de dois lacaios para ajudar a repor no sítio a perna partida de Winterborne. Segundo Sims descrevera depois a Kathleen e a Mrs. Church, os grandes músculos da perna ferida tinham-se contraído e fora necessário muito esforço para os esticar o suficiente de modo a devolver o osso à posição inicial. Depois de a perna estar estabilizada, Sims ajudara o médico a envolvê-la com tiras de pano húmidas embebidas em gesso, que, ao endurecer, formaram uma capa dura.

– Mr. Winterborne está tão bem quanto possível – murmurou o Dr. Weeks.
– Teve a sorte de ter tido uma fratura limpa. Além disso, com a exposição ao frio extremo, a tensão arterial estava tão baixa que reduziu a perda de sangue. Conto que recupere bem, desde que não haja complicações.

– E a visão? – perguntou Kathleen, aproximando-se da cabeceira da cama, observando-o, preocupada. Estava profundamente sedado e tinha a parte superior do rosto escondida pelas ligaduras que lhe cobriam os olhos.

– Tem escoriações nas córneas – respondeu o médico –, provocadas por vidros. Tirei alguns pedaços e apliquei bálsamo. Nenhuma parece ser particularmente profunda, o que me dá boas razões para acreditar que recuperará a visão. Para ter mais oportunidades de recuperar, terá de permanecer quieto e sedado durante os próximos dias.

– Pobre homem – lamentou Kathleen, em voz baixa. – Cuidaremos bem dele. – Olhou novamente para o médico. – Lord Trenear também terá de ser sedado?

– Só se tiver dificuldade em dormir à noite. Creio que tem as costelas fraturadas, mas não partidas. Normalmente nota-se que uma costela está partida porque se move na palpação. Terá muitas dores, mas daqui a algumas semanas estará como novo.

A vela tremeu um pouco na mão de Kathleen e uma gota de cera quente salpicou-lhe o pulso.

– Não faz ideia como me alegra ouvir isso.

– Creio que talvez faça – devolveu secamente o Dr. Weeks. – É impossível não reparar no carinho que sente por Lord Trenear.

O sorriso de Kathleen vacilou.

– Oh... Não é carinho, é apenas... Bem, a minha preocupação com a família, e com a propriedade, e... Não poderia sentir... carinho... por um homem, quando estou de luto. Estaria muito mal.

– Senhora...

O Dr. Weeks contemplou-a por um longo momento, com olhos bondosos e cansados.

– Conheço muitos factos científicos sobre o coração humano e não é de desdenhar que seja muito mais fácil fazer um coração deixar de bater do que impedi-lo de amar a pessoa errada.

A seguir, Kathleen dirigiu-se para o quarto de Devon. Bateu suavemente à porta, mas, como não obteve resposta, entrou silenciosamente. Ele estava a dormir de lado, o corpo comprido imóvel por baixo dos cobertores. A sua respiração era profunda e regular, o que a tranquilizou.

Aproximando-se da cama, observou-o com um misto de ternura e cuidado. Reparou que a boca estava relaxada, entre a barba por fazer. Viu as pestanas compridas e negras como tinta. Dois pequenos emplastros tapavam cortes no rosto e na testa. O redemoinho de cabelo do lado direito eriçava-se de uma forma que ele nunca permitiria durante o dia. Ela tentou com todas as forças resistir a compô-lo, mas perdeu a batalha e afagou cuidadosamente a madeixa tentadora.

A respiração de Devon alterou-se. Abriu os olhos de repente, entorpecidos de cansaço e do opiáceo que lhe fora ministrado.

– Kathleen – disse com voz grave e rouca.

– Vim ver como estava. Precisa de alguma coisa? Um copo de água?

– De si – declarou ele, agarrando-lhe na mão livre e puxando-a para si. Ela sentiu os lábios dele nos seus dedos. – Preciso de falar.

Ela parou de respirar, sentindo uma palpitação irresistível em todos os pontos vulneráveis do seu corpo.

– Deram-lhe láudano suficiente para sedar um elefante – disse, tentando parecer despreocupada. – Seria avisado não me dizer nada neste momento. Durma, e de manhã...

– Deite-se comigo – ofereceu ele, contra os dedos dela.

O peito dela contraiu-se de desejo.

– Sabe que não posso – sussurrou.

Irredutível, ele agarrou-lhe no pulso e começou a puxá-la para si com sofrida determinação.

– Pare... vai magoar-se.

Às apalpadelas, Kathleen conseguiu pousar a vela na mesa de cabeceira, enquanto ele continuava a exercer pressão no seu braço.

– Não faç... As suas costelas... Oh! Porque tem de ser tão teimoso?

Alarmada e ansiosa, subiu para a cama, não fosse a sua resistência poder

prejudicá-lo.

– Só um minuto – advertiu. – *Um* minuto.

Devon sossegou, mas os seus dedos continuaram a agarrar-lhe o pulso.

Deitando-se de lado para olhar para ele, Kathleen arrependeu-se imediatamente da sua decisão. Era de uma intimidade avassaladora, ter o corpo tão perto do dele. Percorreu-a um doloroso anseio quando contemplou aqueles sonolentos olhos azuis. Desejou encostar o rosto ao peito dele e chorar.

– Temi por si – disse, com voz débil.

Devon tocou-lhe na face com a ponta de um dedo, desenhando o seu contorno com doçura.

– Como foi? – sussurrou ela.

O dedo desceu-lhe pela curva do nariz até à parte superior, sensível, do lábio.

– Corria tudo de forma normal e, de repente... o mundo explodiu – respondeu ele, com lentidão. – Barulho... vidros pelo ar... coisas a voar de um lado para o outro... e dor.

Deteve-se quando Kathleen lhe pegou na mão e a levou ao rosto.

– A parte pior – retomou – era o frio. – Não sentia nada. Cansado demais para continuar. Começou a parecer... menos terrível... deixar-me ir.

Exausto, a voz começou a falhar.

– A minha vida... não me passou diante dos olhos. Só a via a si.

As pálpebras fecharam-se e a mão deslizou do rosto dela. Ainda conseguiu confessar, num sussurro:

– No último momento julguei... que morreria a desejá-la.

CAPÍTULO 19

Culpa do láudano.

Fora este o pensamento que Kathleen repetira para si própria na noite anterior, até adormecer, e o primeiro que lhe ocorreu ao acordar. À frágil luz cinzenta do nascer do dia, saiu da cama e procurou os chinelos, sem os encontrar em lado nenhum.

Quebrada de forças, arrastou os pés descalços até ao canto do quarto onde estava o lavatório e lavou a cara e os dentes. Olhando o espelho oval, reparou que estava com olheiras e tinha os olhos vermelhos.

Julguei que morreria a desejá-la.

Provavelmente não se lembraria, pensou esperançosa. As pessoas raramente se lembravam do que diziam quando estavam sobre a influência do ópio. Poderia até nem sequer se lembrar de que a beijara junto à carruagem, embora os criados fossem falar do episódio para sempre. Fingiria que nada acontecera e, com sorte, Devon ou o teria esquecido ou teria a amabilidade de não o mencionar.

Esticou o braço para o cordão para chamar Clara, mas pensou melhor e recolheu-o. Ainda era cedo. Antes de iniciar o aturado processo de se vestir e arranjar o cabelo, iria ver como estavam os doentes. Pôs o xaile de caxemira sobre os ombros e começou por Devon.

Embora não esperasse vê-lo acordado, tinha a porta do quarto aberta e as cortinas corridas.

Devon estava sentado na cama, recostado nas almofadas. O cabelo abundante estava húmido e limpo; a pele, escrupulosamente bem barbeada, brilhava. Mesmo doente, confinado à cama, emanava robustez e alguma inquietação, como se maldissesse interiormente tamanho condicionamento.

Kathleen parou à soleira da porta. Quando o silêncio tenso os uniu, uma torturante timidez fê-la corar profundamente. Não ajudava que ele a olhasse como nunca fizera, com audácia e certa possessividade. Algo mudara, pensou Kathleen, sem ter a certeza do que tivesse sido.

Um leve sorriso assomou aos lábios de Devon quando pousou o olhar no xaile garrido.

– Chegue aqui – murmurou.

Kathleen fechou a porta mas hesitou, sentindo-se incrivelmente nervosa na aproximação.

– Porque está acordado tão cedo?

– Acordei com fome e precisava de me lavar e barbear, por isso chamei o Sutton.

– Está com dores? – indagou ela, preocupada.

– Sim – respondeu Devon, com veemência. – Chegue aqui e faça-me sentir-me melhor.

Ela obedeceu com cautela, preparada para tudo. Quando se aproximou da cabeceira, detetou um odor penetrante que estava deslocado ali, mas que lhe era familiar: um preparado de poejo e cânfora.

– Cheira a linimento – disse, perplexa. – Como o que usamos nos cavalos.

– Mr. Bloom mandou entregar um frasco das cavalariças e exigiu que me aplicassem uma cataplasma nas costelas. Não me atrevi a recusar.

– Oh... – replicou Kathleen, com o semblante mais leve. – Tem ótimos resultados – garantiu. – Cura-lhes os estiramentos musculares em metade do tempo habitual.

– Tenho a certeza de que sim – devolveu ele. Fez um sorriso pesaroso. – Espero que a cânfora não me esfole a pele.

– O Sutton aplicou-o ao natural? – perguntou Kathleen, franzindo a testa. – É um concentrado para cavalos. Devia tê-la diluído com óleo ou cera branca.

– Ninguém o informou.

– Deve ser removido imediatamente. Deixe-me ajudar.

Kathleen estendeu os braços, mas parou, insegura. A cataplasma estava presa ao corpo dele por baixo da camisa de noite branca. Teria, ou de puxar a camisa para cima ou de desapertar a carcela, à frente. De uma forma ou outra,

seria de uma intimidade indescritível.

Lendo-lhe os pensamentos, Devon sorriu e abanou a cabeça.

– Eu espero que o Sutton regresse.

– Não, sou perfeitamente capaz de o fazer – insistiu Kathleen, ruborizada. – Afinal, fui uma mulher casada.

– Tão conhecedora... – troçou Devon, com gentileza. O seu olhar era como uma carícia.

Kathleen arvorou uma expressão determinada. Começou pelos botões da camisa, procurando aparentar tranquilidade. Era feita de um algodão exceccionalmente macio e com um ligeiro brilho.

– É uma camisa muito boa – comentou, como uma imbecil.

– Nem sequer sabia que tinha uma até o Sutton a trazer.

Kathleen parou, perplexa.

– O que usa para dormir, se não uma camisa?

Devon respondeu com um olhar eloquente e um sorriso tosco.

Kathleen ficou boquiaberta quando compreendeu.

– Escandaliza-a? – perguntou ele, com um brilho risonho no olhar.

– Claro que não.

Mas Kathleen estava corada como um tomate quando voltou a concentrar-se, resoluta, nos botões. A camisa abriu-se, revelando um peito musculoso, com alguns pelos. Tossicando, perguntou:

– Consegue levantar-se?

Como resposta, Devon afastou-se das almofadas, grunhindo com o esforço.

Kathleen deixou cair o xaile e esticou um braço por detrás dele, procurando a ponta da faixa de pano. Estava presa no centro.

– Só um momento... – pediu, esticando o outro braço para a puxar. Era mais comprida do que esperava e teve de insistir várias vezes até conseguir soltá-la.

Incapaz de manter a posição, Devon caiu nas almofadas com um gemido de dor, prendendo-lhe as mãos.

– Desculpe – conseguiu dizer.

Kathleen tentou libertar os braços aprisionados.

– Ora essa... Mas se não se importasse...

Devon, que recuperava o fôlego, demorou a reagir, enquanto avaliava a situação.

Ao ver o brilho travesso do seu olhar, Kathleen não sabia se haveria de rir ou de se indignar.

– Deixe-me tirar as mãos, seu *desavergonhado*.

Sentiu as mãos dele, grandes e quentes, nas suas omoplatas, acariciando-a em círculos lentos.

– Suba para a cama comigo.

– Está louco?

Vendo que ela se debatia para se libertar, ele pegou-lhe na trança que lhe caía sobre o ombro e começou a brincar distraidamente.

– Ontem à noite subiu – assinalou.

Kathleen estacou, arregalando os olhos.

Sempre se lembrava.

– Não pode esperar que torne isso um hábito – replicou, sem fôlego. – Além do mais, a minha criada não demorará a procurar-me.

Devon deitou-se de lado e puxou-a para cima da cama.

– Não virá aqui.

– O senhor é impossível! – exclamou ela, franzindo a testa. – Devia deixar a cânfora queimar-lhe umas quantas camadas de pele.

– Julgava que me trataria pelo menos tão bem como a qualquer um dos cavalos.

– Qualquer um dos cavalos é mais bem-comportado do que o senhor – informou Kathleen, esticando-lhe um braço por trás das costas, sob a camisa.

– Até a mula se porta melhor – censurou, puxando pela ponta da faixa até a desprender. A cataplasma e as ligaduras soltaram-se e conseguiu puxá-las, atirando-as para o chão.

Devon sujeitava-se aos seus cuidados sem se mexer, manifestamente satisfeito consigo próprio.

Kathleen olhou para o atraente patife sentindo-se quase tentada a devolver o

sorriso. Em vez disso, lançou-lhe um olhar de reprovação.

– O Dr. Weeks disse que deve evitar quaisquer movimentos que exerçam tensão sobre as costelas. Nada de puxar nem levantar coisa *nenhuma*. Tem de descansar.

Ele acariciou-lhe um ombro.

– E descanso, desde que fique comigo.

A sensação da proximidade do seu corpo quente e limpo era tão convidativa que ela se sentiu enfraquecer. Com cuidado, aninhou-se no braço dele.

– Dói-lhe, assim?

– Sinto-me melhor a cada segundo que passa – declarou ele, puxando os lençóis e os cobertores de lã para cima dela, num casulo macio.

Kathleen estava voltada para Devon, junto a ele, trémula de prazer e de nervosismo, sentindo como o seu corpo encaixava perfeitamente no contorno quente e forte do de Devon.

– Alguém vai ver-nos – comentou, desconfortável.

– A porta está fechada – garantiu Devon, começando a brincar-lhe com a curva delicada da orelha. – Não tem medo de mim, pois não?

Ela abanou a cabeça, embora sentisse a pulsação acelerada.

Devon encostou o nariz ao seu cabelo.

– Receei que pudesse tê-la magoado ou assustado, ontem, com o meu... – Parou, em busca de uma palavra – ...entusiasmo – completou secamente.

– Não... Não sabia o que estava a fazer.

– Sabia exatamente o que estava a fazer – replicou ele, com a voz tingida de ironia. – Só não conseguia fazê-lo bem.

Acariciou-lhe o contorno do lábio inferior com o polegar, provocador. Ela susteve a respiração quando o sentiu sobre a sua boca, desenhando-lhe os lábios, deslizando suavemente sobre a pele sensível do queixo.

– Pretendia beijá-la mais... assim.

A boca dele tomou a sua com um vigor inebriante. Quentes e lentos, os lábios incitaram uma resposta imediata antes que ela pudesse sequer pensar em reprimi-la. Meiga, a boca firme e provocante produzia um formigamento em partes do seu corpo que não sabia sequer nomear. Os beijos sucediam-se, prolongando-se sem terem início nem fim. Por baixo dos lençóis, uma perna

peluda roçou as dela, numa sensação desconhecida mas por de mais excitante. Abraçando-lhe o pescoço, ela afundou os dedos no seu cabelo sedoso e segurou-lhe a cabeça.

Sentiu uma mão deslizar-lhe sobre as costas, até às ancas, moldando-as contra as suas. Mau grado os tecidos que os separavam, ela sentiu que os seus corpos se encaixavam intimamente e que a suavidade dava lugar à dureza. Ele beijou-a com mais agressividade, a língua exploradora indo cada vez mais fundo, e ela gemeu de prazer.

Não existia nada fora daquela cama, apenas a fricção sensual dos membros entrelaçados e das mãos errando, em carícias, sobre os corpos. Quando ele lhe agarrou nas nádegas, encostando-a ao seu membro excitado, ela gemeu. Então, guiou-lhe as ancas num ritmo incessante e lento, esfregando-a sensualmente contra si até ela começar a gemer a cada golpe. A parte sensível que ele estimulava começou a palpitar e a intumescer, fazendo-a corar de vergonha. Não devia sentir aquilo... Não devia querer... o que queria. Por mais que ele a cingisse a si, queria sempre mais. O desejo era tão intenso que ela tinha vontade de o atacar.

Ao retorcer-se contra ele, Devon estremeceu, abafando um grito, ao que ela compreendeu que lhe apertara, sem querer, as costelas.

– Oh... Peço desculpa...

Ofegante, fez menção de se afastar.

– Não foi nada. – Devon deteve-a sem esforço, não a deixando mover-se. – Não vá – continuou, respirando com dificuldade. Devia magoá-lo, mas ele não parecia importar-se.

– Temos de parar – protestou ela. – É errado e é perigoso para si, e eu sinto-me...

Parou. Palavra nenhuma no vocabulário conseguia descrever o desespero lancinante que a invadia, a doce e torturante tensão que a consumia por dentro.

Devon tocou-lhe de forma íntima e o movimento subtil fê-la estremecer profundamente.

– Pare – disse ela, suplicante. – Sinto-me fraca e quente, e não consigo pensar. Nem sequer respirar.

Com um gemido, encostou o rosto à almofada.

Não conseguiu entender o que divertia tanto Devon, pois sentiu a forma de

um sorriso nos seus lábios quando estes lhe acariciaram o rosto.

– Deixe-me ajudá-la, amor.

– Não pode – declarou ela, com voz abafada.

– Posso. Confie em mim.

Colocou-a de costas e, com os lábios, acariciou-lhe o pescoço e o peito. Ela só compreendeu que ele lhe desapertara a roupa quando lhe abriu completamente a camisa.

Kathleen arquejou ao sentir o ar frio na pele exposta.

– Devon...

– Chiu...

O sopro roçou-lhe a ponta de um seio.

Ela gemeu quando a boca dele se colou ao seu corpo, lambendo a carne macia numa carícia firme.

Ao que tudo indicava, para ele, ajudá-la era aumentar ainda mais o seu tormento, beijando-a e acariciando-a sem parar. Segurou-lhe os seios nas mãos, sorvendo-os com a maior das doçuras, até ela, sem poder conter-se, mover as ancas para aliviar a implacável tensão. Fazendo deslizar uma mão por baixo da camisa de noite, agarrou-lhe a coxa nua.

– É tão bela – sussurrou. – A sua pele, a sua figura, cada parte do seu corpo. – A mão dele insinuou-se entre as suas coxas, incitando-as a afastar-se. – Abra-se para mim... Um pouco mais... Sim... Oh! Como é macia aqui... e aqui...

Tateou minuciosamente os caracóis ariscos e acariciou o delicado sulco, separando as dobras húmidas e complacentes com as pontas dos dedos até deixar a descoberto um pequeno e sensível botão. Com grande perícia, provocou-a, percorrendo os gomos macios e húmidos até à entrada do seu corpo e ela estremeceu de surpresa ao sentir a ponta de um dedo dele na abertura tensa. Antes de ter tempo de se ajustar à sensação, o dedo entrou mais fundo. Kathleen abriu muito depressa os olhos e baixou instintivamente as mãos, agarrando-lhe o pulso musculado.

Devon ficou imóvel, fitando o rosto ruborizado de Kathleen, parecendo confuso. A sua expressão era um misto de assombro, prazer e puro desejo.

– Magoa, amor? – perguntou com voz de veludo.

O corpo dela acolheu a intrusão, palpitante e sofrido.

– Um... pouco.

Desajeitadamente, puxou pela mão invasora, mas ele resistiu à súplica silenciosa.

Com suavidade, girou o polegar sobre o botão sensível e tenso. Dentro dela, o outro dedo prodigava carícias, provocando tanta humidade que ela receou e quis espreitar para lá da camisa recolhida à volta da sua cintura.

Ofegante, ele levou os lábios à testa tensa.

– Não... Não se preocupe. Fica húmida... aqui... quando o seu corpo está pronto para mim... É maravilhoso. Faz-me desejá-la ainda mais... Ah, delicioso!... Sinto como me segura.

Ela também sentia o seu próprio corpo a puxá-lo em ímpetos lascivos. O dedo invasivo retrocedeu um instante e dois tomaram o seu lugar, provocando-lhe uma tensão incómoda. A mão pousou completamente sobre ela, pressionando docemente contra o macio cume, ao mesmo tempo que os dedos acometiam uma vez e outra, cada vez mais fundo, e ela não pôde evitar arquear o corpo em abrasadora desorientação. Eram sensações demasiado intensas de uma só vez e o seu coração batia com tanta força que a assustava.

– Pare... – sussurrou com os lábios secos. – Por favor... Vou desmaiar...

– Então desmaie – devolveu ele num sussurro arrepiante.

A tensão cresceu de forma insuportável. Ela afastou as pernas, investindo, incapaz de se conter, contra a mão dele. Tudo se sucedeu com uma força incrível, precipitando-a de cabeça numa consumação tão avassaladora que teve a impressão de que morria. A sensação continuava a crescer, a multiplicar-se, explodindo em deliciosos estremecimentos de prazer. Arquejante, ela gemia, sentindo os lábios dele nos seus, como se sugasse os seus gemidos de volúpia. Uma nova onda de prazer percorreu-lhe o corpo, espalhando-se por todas as zonas sensíveis do seu corpo, sem que a boca dele parasse de a arrebatá-la.

Depois de esgotado o último tremor, ela sentiu-se desfalecer contra ele, com a cabeça à roda. Notara, distraidamente, que se voltara de lado, e que encostara o rosto aos pelos ligeiramente rebeldes do peito dele. Ele baixara-lhe a camisa e acariciava-lhe uma nádega em reconfortantes círculos, enquanto a respiração dela regressava ao ritmo normal. Nunca quisera tanto dormir como naquele momento, consciente do calor do corpo dele, aninhada nos seus braços. Mas ouviu os ruídos distantes das criadas que iniciavam as suas tarefas matinais, limpando as lareiras, varrendo as carpetes. Se

permanecesse muito mais tempo, seria descoberta.

– O seu corpo ficou tenso como um arco – observou Devon, com voz inebriada. – Depois de todo o trabalho que tive para a relaxar.

Escapou-lhe um pequeno riso ao notar o silêncio envergonhado de Kathleen. A mão dele procurou as suas costas, acariciando-as a todo o comprimento.

– Nunca lhe tinha acontecido antes?

Ela abanou a cabeça, encostada ao peito dele.

– Não sabia que era possível para as mulheres.

A sua voz, grave e lânguida, soou-lhe estranha aos seus próprios ouvidos.

– Ninguém lhe explicou, antes da noite de núpcias.

– Lady Berwick explicou, mas tenho a certeza de que não sabia nada disto. Ou talvez...

Deteve-se quando lhe ocorreu um pensamento desconcertante.

– O que foi?

– Talvez seja algo que não acontece às mulheres respeitáveis.

A mão dele não abandonara o movimento lento e tranquilizador sobre as suas costas.

– Não vejo porque não – replicou, inclinando a cabeça e sussurrando-lhe ao ouvido. – Mas não sei.

– Há outros homens que saibam fazer... isto?

– Refere-se a dar prazer a uma mulher? Sim. Só é preciso paciência. – Devon dedicou-se a brincar com as madeixas de cabelo que se soltaram da trança. – Mas vale, e muito, o esforço. A satisfação da mulher torna o ato mais prazeroso.

– Torna? Porquê?

– Apela ao orgulho de um homem, saber que é capaz de se fazer desejar por uma mulher. Além disso... – A mão dele deslizou até ao suave declive entre as suas coxas e afagou-a por cima da camisa de noite. – Senti-la contrair-se à volta dos meus dedos... é muito agradável para um homem, quando está dentro de uma mulher.

Kathleen escondeu o rosto no ombro dele.

– Lady Berwick falou como se fosse tudo muito simples. Mas começo a pensar que deixou de fora alguns pormenores importantes.

– Qualquer pessoa que diga que o ato sexual é muito simples não o praticou devidamente.

Continuaram deitados, juntos, a escutar os sons que chegavam de fora do quarto. No exterior, os jardineiros começavam a empurrar cortadores de relva e de sebes, ouvindo-se o leve zumbido dos seus cilindros afiados. O céu tinha a cor do aço e um vento forte atormentava as últimas folhas, secas, de um carvalho que havia perto da janela. Seria um dia frio, pensou Kathleen, desejosa de permanecer naquela cama macia e quente.

Devon deu-lhe um beijo na cabeça.

– Kathleen... Comentou que, da última vez que falou consigo, o Theo lhe disse: *Não és minha mulher*.

Ela ficou paralisada, tomada pela apreensão de saber o que ele ia perguntar-lhe.

– É verdade? – perguntou, com delicadeza.

Ela tentou afastar-se, mas ele cingiu-a com firmeza.

– É irrelevante, ser uma coisa ou outra – declarou. – Desejo apenas compreender o que aconteceu.

Arriscaria tudo se lhe dissesse. Tinha demasiado a perder. Mas parte dela ansiava contar-lhe a verdade.

– Sim – obrigou-se a dizer, com voz débil. – É verdade. O casamento nunca foi consumado.

CAPÍTULO 20

— **E**ntão foi sobre isso que discutiram – murmurou Devon, acariciando-lhe as costas com movimentos lentos.

– Sim. Porque eu não permitia que o Theo... – Suspirou, trémula. – Não tenho direito a que me tratem por Lady Trenear. Não devia ter ficado em Eversby Priory, só que... Não sabia se me permitiriam ficar com o meu dote, e não queria voltar a viver com Lord e Lady Berwick, e além do mais, era vergonhoso. Por isso menti e disse que era sua esposa.

– Alguém chegou a perguntar-lhe se dormiu com ele? – perguntou Devon, com incredulidade na voz.

– Não, mas menti por omissão. O que é tão mau como qualquer mentira. A verdade deplorável é que continuo virgem. Sou uma fraude. – Escandalizou-se ao sentir a trepidação do riso reprimido no peito dele. – Não vejo como encontra motivo para rir numa situação como esta!

– Peço desculpa. – Mas continuava com voz divertida. – Estava a pensar... Com a drenagem das quintas, a canalização, as dívidas da propriedade e os milhentos problemas que tenho enfrentado... Finalmente há um que consigo resolver.

Ela lançou-lhe um olhar de reprovação e ele sorriu. Beijou-a e procurou uma posição mais cómoda, erguendo-se um pouco. Kathleen pegou nas almofadas e dispô-las por baixo dos ombros dele e depois sentou-se à sua frente com as pernas meio dobradas debaixo do corpo, abotoando a camisa de noite.

– Conte-me o que se passou, querida – disse ele, pousando-lhe uma mão na coxa.

Agora era impossível ocultar-lhe fosse o que fosse. Desviou o olhar, ao

mesmo tempo que as suas mãos apertavam a camisa de noite.

– Tem de compreender... Nunca tinha estado sozinha com o Theo antes da noite de núpcias. Lady Berwick nunca nos deixou um momento a sós, até depois do casamento. Casámo-nos na capela da cidade. Foi uma cerimónia grandiosa, durou uma semana, e... – Deteve-se ao ocorrer-lhe um novo pensamento. – O senhor e o West deviam ter sido convidados. Lamento.

– Eu não – declarou Devon. – Não sei o que teria feito, se a tivesse conhecido antes do casamento.

Inicialmente, Kathleen pensou que ele gracejava, mas Devon não podia ter falado com ar mais sério.

– Continue – incitou.

– Depois da cerimónia, o Theo foi a uma taverna com os amigos e passou lá a tarde, a noite... Eu fui obrigada a ficar no meu quarto porque... É que é tudo muito estranho depois do casamento. Não é bem visto a noiva ficar a conversar com os convidados antes da noite de núpcias. Por isso, tomei banho, a Clara fez-me caracóis com um ferro quente, vesti-me com uma camisa de noite branca de renda e fiquei sozinha... à espera... à espera... à espera... Estava demasiado nervosa para comer o que quer que fosse. Acabei por ir para a cama à meia-noite, mas não consegui dormir. Limitei-me a ficar deitada, apreensiva.

A mão de Devon fez-se sentir na sua coxa.

Ela ergueu os olhos por um instante e, ao ver a preocupação com que ele a olhava, sentiu-se derreter por dentro.

– Finalmente o Theo entrou no quarto – continuou. – Muito bêbedo. Tinha a roupa suja e um cheiro azedo. Nem sequer se lavou. Limitou-se a tirar a roupa e a entrar na cama... E começou a... – Kathleen parou. Não tinha como começar a explicar o horror da surpresa de se ver agarrada e dominada, sem ter sequer possibilidade de se habituar à sensação do corpo nu de um homem. Theo não a beijara... Nem ela desejara que o fizesse... Nem sequer parecera reparar nela, como pessoa.

– Primeiro tentei ficar parada – disse. – Foi o que Lady Berwick me disse que devia fazer. Mas ele era tão pesado e tão bruto, e irritou-o eu não saber o que fazer. Comecei a protestar e ele tentou silenciar-me. Tapou-me a boca com a mão. Foi aí que eu perdi o controlo. Não consegui evitar. Resisti e dei-lhe um pontapé, e ele afastou-se imediatamente, todo dobrado. Disse-lhe que fedia a estrume e a álcool e que não queria que me tocasse.

Kathleen parou e fitou-o, apreensiva, esperando reprovação ou troça da parte dele. Mas a expressão de Devon era imperscrutável.

– Saí do quarto a correr – continuou – e passei o resto da noite no divã do quarto da Helen. Ela foi muito gentil e não fez perguntas e na manhã seguinte ajudou-me a compor a renda rasgada da minha camisa de noite, antes que as criadas a vissem. O Theo estava furioso comigo, mas acabou por admitir que não devia ter bebido tanto. Pediu-me para recomeçar. E eu... – Kathleen engoliu em seco, morta de vergonha, daquela confissão: – Eu recusei o pedido de desculpas. Disse que nunca me deitaria numa cama com ele, naquela noite ou em qualquer outra.

– Muito bem – foi a reação de Devon, num tom que ela nunca lhe ouvira. Desviara os olhos dela, como se não quisesse revelar a expressão dos seus olhos, mas tinha o rosto tenso.

– Não, foi terrível. Quando fui falar com Lady Berwick e lhe perguntei o que devia fazer, ela disse que a mulher tem de tolerar os avanços do marido mesmo quando ele está embriagado, e que nunca é agradável, mas que é essa a natureza do pacto do casamento. A mulher prescinde da sua liberdade em troca da proteção do marido.

– E o marido não deve protegê-la de si próprio, se tal for o caso? – perguntou Devon, com cuidado.

Kathleen franziu a testa.

– Não sei.

Devon ficou em silêncio, à espera de que ela continuasse.

– Os convidados foram partindo durante os dois dias seguintes. Eu não conseguia obrigar-me a entrar na cama dele, que estava magoado e irritado e exigia os seus direitos. Mas continuava a beber muito e eu disse que não queria nada com ele até ele se pôr sóbrio. A discussão foi terrível. Ele disse que nunca se teria casado comigo se soubesse que eu era frígida. Na manhã do terceiro dia, ele saiu para montar o *Asad* e... Já sabe o resto.

A mão de Devon deslizou por baixo da sua camisa, para lhe acariciar a coxa exposta, provocando-lhe um arrepio intenso. Observava-a com um olhar doce e interessado.

– Quer saber como agiria eu – perguntou, por fim –, se tivesse cometido o mesmo erro que o Theo? – Recebendo uma aprovação cautelosa, continuou: – Teria suplicado o seu perdão, de joelhos, e jurado que jamais voltaria a acontecer. Teria compreendido que estava irritada e assustada, com uma boa

razão. Ter-lhe-ia dado todo o tempo de que necessitasse e tratado de recuperar a sua confiança... E depois, tê-la-ia levado para cama e teríamos feito amor dias a fio. Quanto a ser frígida... Creio que já o desmentimos de forma conclusiva.

Kathleen corou.

– Antes de me ir embora... Sei que um homem tem necessidades... Há alguma coisa que deva fazer por si?

Devon respondeu com um sorriso desconsolado.

– Agradeço a sua oferta, mas, neste momento, até respirar me dói. Não aguentaria as suas atenções. – Apertou-lhe a coxa. – Da próxima vez.

– Não pode haver próxima vez – devolveu ela, com fatalidade. – Tudo tem de voltar a ser como era.

– Julga que isso é possível? – devolveu ele, arqueando impercetivelmente as sobrancelhas.

– Claro. Porque não?

– Certos apetites, depois de despertados, são difíceis de ignorar.

– Pouco importa; sou uma mulher viúva. Não posso fazer isto outra vez.

Devon prendeu-lhe um tornozelo e aproximou-a mais, apesar da dor do movimento.

– Pare – sussurrou ela com aspereza, tratando de baixar a camisa que lhe subira até às coxas.

– Olhe para mim.

Segurava-lhe os ombros. Relutante, Kathleen olhou-o nos olhos, deparando com uma paixão tranquila que a fez estremecer.

– Sei que lamenta a morte do Theo – disse, calmamente. – Sei que se casou com ele com a melhor das intenções e que tentou chorar sinceramente a sua morte. Mas Kathleen, amor... É tanto viúva dele como foi sua mulher.

Ela recebeu as palavras como uma bofetada. Perplexa e ofendida, saiu atabalhoadamente da cama, agarrando no xaile.

– Nunca devia ter confiado em si! – exclamou.

– Estou apenas a ressaltar que, pelo menos em privado, não está limitada pelas mesmas obrigações do que uma verdadeira viúva.

- Mas eu sou uma verdadeira viúva!
- Mal conhecia o Theo – replicou Devon com expressão sarcástica.
- Eu amava-o – insistiu ela.
- Ah, sim? O que mais amava nele?

Irritada, Kathleen abriu os lábios para responder... Mas não lhe ocorria uma única palavra. Levou a mão à barriga ao constatar algo terrível. Agora que a culpa pela morte de Theo fora pelo menos parcialmente mitigada, não conseguia identificar nenhum sentimento particular por ele, exceto a comiseração distante que teria sentido por um completo estranho que tivesse tido o mesmo destino.

Apesar disso, ocupara o lugar que era devido à viúva de Theo, vivendo na sua casa, tornando-se amiga das suas irmãs, gozando de todos os benefícios de ser Lady Trenear. Theo sabia que ela era uma impostora. Sabia que ela não o amava antes de ela própria chegar a essa constatação. Daí as suas últimas palavras terem sido uma acusação.

Furiosa e envergonhada, Kathleen deu meia-volta e encaminhou-se para a porta. Abriu-a de rompante sem pensar em qualquer necessidade de discrição e saiu a correr. Quase sufocou ao chocar com um vulto corpulento.

- Mas que... – ouviu a voz de West, que estendeu uma mão para a segurar.
- O que foi? Posso ajudar?
- Sim. Pode voltar a atirar o seu irmão para o rio – disparou, afastando-se a passos largos antes de lhe dar oportunidade de reagir.

Divertido e desconfiado, West entrou descontraidamente no quarto principal.

- Vejo que continuas tão encantador como sempre.

Devon sorriu, suspirando profundamente, procurando apaziguar a velocidade a que o seu coração se habituara nos últimos minutos. Ter Kathleen ali, na sua cama, fora a tortura mais deliciosa que seria capaz de imaginar. Sentia dores, pontadas e anseios por todo o corpo.

Nunca se sentira tão bem na vida.

- O que a irritou? – perguntou West. – Deixa lá, não quero saber. – Pegou com uma mão na cadeira pousada junto à cabeceira e fê-la girar. – Deves-me

um par de sapatos – anunciou, sentando-se na cadeira com uma perna para cada lado e pousando os braços nas costas.

– Devo-te mais do que isso. – Há alguns meses, refletiu, não era certo que West possuísse a força física necessária, quanto mais a presença de espírito, para o tirar a braços do rio. – Obrigado – disse, simplesmente, olhando o irmão nos olhos.

– Garanto-te que foi completamente interesseiro. Não tenho qualquer desejo de me tornar o conde de Trenear.

– Nem eu – devolveu Devon com uma breve risada.

– Oh! Ultimamente, a função parece assentar-te melhor do que seria de esperar. Como estão as tuas costelas?

– Fraturadas, mas não partidas.

– Saíste-te muito melhor do que o Winterborne.

– Ele estava sentado junto à janela. – Devon fez uma careta, ao recordar o momento da colisão dos comboios. – Como está ele?

– A dormir. O West quer mantê-lo sedado para ajudar a suportar a dor e assegurar a melhor cura possível. Também aconselhou a vinda de um oftalmologista de Londres.

– O Winterborne recuperará a vista?

– O médico considera que sim, mas não há como ter a certeza até se fizerem testes.

– E a perna?

– Foi uma fratura simples. Vai recuperar bem. No entanto, terá de ficar connosco durante bastante mais tempo do que o planeado. Pelo menos um mês.

– Ainda bem. Ficarà com mais tempo para conhecer a Helen.

West ficou lívido.

– Voltaste a essa ideia, de combinar o casamento entre os dois? E se o Winterborne ficar cego e coxo?

– Continuará a ser rico.

– É evidente que o encontro com a morte não alterou as tuas prioridades – replicou West com ar irónico.

- E porque deveria? O casamento beneficiará todos os envolvidos.
- Como te beneficiaria a *ti*, exatamente?
- Estipulando arras generosas que o Winterborne deve conceder a Helen e nomeando-me administrador das finanças dela.
- E depois usas o dinheiro como bem entenderes? – concluiu West, incrédulo. – Santa mãe de Deus! Como é que num dia arriskas a tua vida para salvar crianças em perigo de afogamento e no seguinte tramas semelhante esquema?

Irritado, Devon fitou-o com desdém.

– Não há necessidade de continuar como se a Helen estivesse na iminência de ser arrastada até ao altar em grilhetas. Terá uma palavra a dizer.

– As palavras certas podem prender alguém muito melhor do que correntes. Vais manipulá-la para que faça o que queres, independentemente dos seus sentimentos.

– Desfruta da vista do teu pedestal de moralidade – devolveu Devon, acintoso. – Infelizmente, eu devo manter os pés no chão.

West levantou-se e aproximou-se da janela, de sobrolho franzido, ignorando a vista.

– Há uma falha no teu plano. O Winterborne pode decidir que não gosta da Helen.

– Ficaré com ela – garantiu o irmão. – Casar-se com uma filha da aristocracia é a sua única forma de ascensão social. Pensa, West: o Winterborne é um dos homens mais ricos de Londres e credor de metade da nobreza. Ainda assim, os mesmos aristocratas que lhe imploram extensões de crédito recusam-lhe a entrada nos seus salões. No entanto, se ele contrair matrimónio com a filha de um conde, as portas que sempre estiveram fechadas irão abrir-se de imediato. – Devon deteve-se em contemplação. – A Helen será uma boa escolha para ele.

– Poderá não o aceitar.

– Preferia ficar solteirona e sem dinheiro?

– Talvez – replicou West, com impaciência. – Como é que vou saber?

– Foi uma pergunta retórica. Claro que a Helen concordará. Os casamentos aristocráticos são sempre combinados para benefício da família.

– Certo, mas habitualmente escolhem-se noivos do mesmo estrato social.

Aquilo que propões é rebaixar a Helen vendendo-a a um plebeu qualquer de bolsos cheios para teu próprio benefício.

– Não é um plebeu *qualquer* – rebateu Devon. – É nosso amigo.

West deu uma gargalhada relutante e voltou-se para ele.

– O facto de ser nosso amigo é fraca recomendação. Quase preferia que ele ficasse com a Pandora ou a Cassandra. Pelo menos têm génio suficiente para lhe fazer frente.

Helen ficou satisfeita e aliviada ao saber que a festa da consoada e o baile dos criados decorreriam conforme planeado. A família, sensível à dura situação do pobre Mr. Winterborne, no seu atual estado de invalidez, debatera qual seria a melhor opção. Devon e West, porém, declararam categoricamente que Winterborne seria a última pessoa a desejar que se cancelasse uma festa em seu nome, especialmente quando tanto significava para os criados e rendeiro, que tão arduamente trabalharam o ano inteiro. Concretizar as celebrações previstas seria benéfico para o ânimo de toda a casa e, na opinião de Helen, era importante honrar o espírito da quadra. Não podia vir mal ao mundo no encorajamento do amor e da boa vontade.

A casa atarefava-se em renovada animação, embrulhavam-se presentes e faziam-se preparativos enquanto da cozinha chegavam os aromas ricos dos pastéis e dos assados. Cabazes de laranjas e maçãs foram colocados à entrada, juntamente com cestos cheios de piões, animais talhados em madeira, cordas de saltar e bilboqués.

– É uma pena, Mr. Winterborne... – comentou Pandora. Ela e Cassandra atarefavam-se a embrulhar confeitos de amêndoas em pequenos cartuchos de papel, enquanto Helen dispunha flores num grande vaso. – Vai ficar sozinho num quarto escuro – continuou – enquanto nós estamos todos a desfrutar dos enfeites que ele nos enviou e que nem sequer pode ver!

– Pois é – declarou Cassandra. – Mas o quarto dele fica bastante afastado e o barulho não deve incomodá-lo. E como o remédio do Dr. Weeks o deixa constantemente a dormir, provavelmente nem sequer se aperceberá do que está a acontecer.

– Agora não está a dormir – replicou Pandora. – Segundo Mrs. Church, recusou-se a tomar a dose da tarde. Derrubou a chávena que ela lhe estendia, disse um impropério e nem sequer se desculpou!

Helen, que se dedicava a compor o vaso de rosas vermelhas, ramos de azevinho, lírios brancos e crisântemos, parou.

– É alguém que está com muitas dores – disse – e provavelmente assustado, tal como qualquer homem na situação dele estaria. Não o julgues injustamente, querida.

– Tens razão, suponho eu – disse Pandora. – Seria terrível ter de ficar deitada sem quaisquer distrações. Sem poder sequer ler! A Kathleen disse que ia visitá-lo e tentar convencê-lo a beber um pouco de caldo ou de chá. Espero que tenha tido mais sorte do que Mrs. Church.

Franzindo a testa, Helen cortou mais um pé de rosa, dispondo-o no arranjo.

– Vou lá acima – disse –, perguntar se há algo que possa fazer para ajudar Cassandra, importas-te de acabar de compor as flores?

– Se Mr. Winterborne quiser, a Cassie e eu podemos ler-lhe *As Aventuras do Sr. Pickwick*. Representamos as vozes das personagens, será muito divertido!

– Posso ir com a *Josefina* visitá-lo depois de terminar as flores – sugeriu Cassandra. – É muito mais calma do que o *Napoleão* e, quando estou doente, a companhia de um cão faz-me sempre sentir muito melhor.

– Será que gostava de conhecer o *Hamlet*? – exclamou Pandora.

Helen sorriu para os rostos solenes das irmãs.

– São ambas muito gentis. Não duvido de que Mr. Winterborne agradeça as vossas distrações, depois de ter mais um pouco de descanso.

Saiu da sala de jantar e passou pelo vestíbulo, deleitando-se com a visão da árvore reluzente. Por baixo dos ramos ornamentados, uma criada trauteava discretamente uma canção de Natal enquanto varria a caruma caída. Helen subiu as escadas e deparou com Kathleen e Mrs. Church à porta do quarto de Mr. Winterborne, as quais, com expressão preocupada e exasperada, trocavam murmúrios.

– Vim ver como está o nosso convidado – declarou, juntando-se a elas.

– Está com febre e não consegue manter nada no estômago. Nem sequer beber água. É muito preocupante – informou Kathleen com o sobrolho carregado.

Helen espreitou para dentro do quarto escurecido pela porta parcialmente aberta. Ouviu um som ténue, algures entre um ronco e um gemido, e sentiu arrepios na nuca.

– Mando chamar o Dr. Weeks? – indagou Mrs. Church.

– Imagino que sim – disse Kathleen –, embora ele tenha passado a maior parte da noite a velar por Mr. Winterborne e necessite desesperadamente de algumas horas de descanso. Além do mais, se não conseguirmos persuadir o nosso doente a tomar nenhum medicamento nem a beber água, não sei se o Dr. Weeks conseguirá.

– Posso tentar? – propôs-se Helen.

– Não – responderam as duas mulheres em uníssono.

– Até agora só ouvimos obscenidades da boca de Mr. Winterborne. Felizmente, pelo menos metade é em galês, mas, mesmo assim, são demasiado vulgares para os teus ouvidos – explicou secamente Kathleen, voltando-se para ela. – Além do mais, és solteira e ele não está decentemente vestido. Portanto, está fora de questão.

Um palavrão irrompeu das profundezas do quarto, seguido de um grunhido dilacerante.

Helen fez uma expressão compadecida.

– O quarto de um convalescente não alberga segredos para mim – disse. – Depois de a mamã partir, fui eu quem cuidou do meu pai, em mais do que uma doença.

– Sim, mas Winterborne não é um parente.

– Ele não parece estar em condições de comprometer ninguém... E tu e Mrs. Church já estão sobrecarregadas – argumentou. – Deixem-me vê-lo – insistiu, virando-se para Kathleen com olhar suplicante.

– Muito bem – devolveu esta, com relutância. – Mas deixa a porta aberta.

Helen assentiu e entrou no quarto.

O ambiente era quente e abafado, o ar cheirava a suor, remédios e gesso. O vulto corpulento e escuro de Winterborne contorcia-se na cama, entre lençóis desalinhados. Embora estivesse de camisa de noite, com uma perna enfiada em gesso do joelho para baixo, Helen viu que tinha pele morena e as pernas e braços eram peludos. O cabelo era negro como carvão e ligeiramente encaracolado e os dentes, brancos, estavam cerrados no esforço de arrancar as ligaduras que lhe tapavam os olhos. Helen hesitou. Mesmo convalescente, Winterborne parecia um animal feroz. Mas quando viu o tremor das suas mãos desorientadas encheu-se de compaixão.

– Não, não... – exclamou, apressando o passo. Pousou-lhe delicadamente a

mão na testa, que estava quente e seca. – Fique tranquilo. Esteja quieto.

Winterborne fez menção de a afastar, mas ao sentir a frescura dos seus dedos, emitiu um pequeno gemido e ficou imóvel. Parecia meio submerso num delírio febril. Tinha os lábios gretados e rachados nos cantos. Helen sustentou-lhe a cabeça no ombro para voltar a colocar a ligadura à volta dos olhos, prendendo as pontas soltas.

– Não puxe isto – murmurou. – Os seus olhos têm de ficar tapados para recuperar. – Ele deixou-se ficar encostado a ela, respirando de forma brusca e entrecortada. – Bebe um pouco de água? – perguntou.

– Impossível – respondeu ele, com esforço.

– Mrs. Church, por favor abra a janela – pediu Helen, olhando para a governanta, que permanecera à porta.

– O Dr. Weeks disse para manter o quarto quente.

– Ele está com febre – persistiu Helen. – Creio que ajudaria a deixá-lo mais confortável.

Mrs. Church aproximou-se da janela. Quando a destrancou e abriu, entrou uma lufada de ar gelado que expulsou o cheiro a quarto de doente.

Helen sentiu no peito de Winterborne o seu esforço para fazer uma respiração profunda. Viu estremecer de alívio os músculos densos das suas costas e braços e a tensão que o dominava rapidamente a diminuir. Continuava com a cabeça pousada no ombro dela como se fosse uma criança exausta. Consciente da pouca roupa que ele tinha sobre o corpo e daquelas pernas compridas e peludas, Helen não se atreveu a olhar para baixo.

Continuando a segurá-lo, pegou no copo de água que estava na mesinha de cabeceira.

– Tente beber algumas gotas de água – incitou. – O suficiente para molhar a boca. Por favor.

Winterborne protestou debilmente quando ela lhe levou o copo à boca, mas permitiu que lhe molhasse os lábios.

Percebendo que ele não conseguiria mais do que aquilo, Helen pousou o copo e sussurrou:

– Assim está melhor. – Continuou a segurá-lo mesmo quando a governanta se aproximou para endireitar a roupa de cama.

Era escandaloso, Helen sabia-o, comportar-se assim com qualquer homem,

quanto mais um estranho. Era indiscutível que Kathleen teria ficado horrorizada. Mas Helen vivera isolada da sociedade a vida inteira e embora estivesse disposta a seguir as suas regras sempre que possível, também se prestava a prescindir delas sempre que fosse necessário. Além do mais, embora Winterborne fosse um homem poderoso e influente no seu dia a dia, naquele momento estava muito doente e em grande sofrimento, e ela quase pensava nele como uma criança necessitada de ajuda.

Tentou devolvê-lo às almofadas, mas ele resistiu com um grunhido. Helen sentiu uma das suas mãos a agarrar-lhe o pulso e, embora não a magoasse, era fácil perceber a sua força. Se ele o desejasse, facilmente lhe partiria os ossos.

– Vou buscar uma coisa para o fazer sentir-se melhor – disse, com doçura. – Volto já.

Winterborne permitiu que ela o reclinasse nas almofadas, mas não abriu a mão. Perturbada, Helen contemplou a mão grande e, sem querer, o rosto dele. Tinha os olhos e a testa cobertos pelas ligaduras, mas a estrutura óssea que suportava a face arranhada e combalida era de linhas austeras, as maçãs do rosto afiladas e o maxilar robusto e enfático. Não possuía linhas de expressão nos cantos dos lábios, nenhum toque de ternura.

– Regresso dentro de meia hora – disse. – Prometo.

Winterborne não aliviou a pressão.

– Prometo – repetiu ela, afagando com a mão livre os dedos dele, incitando-os a abrir-se.

Viu que ele tentava molhar os lábios para falar.

– Quem é você? – perguntou com voz rouca.

– Lady Helen.

– Que horas são?

Helen olhou com humor para Mrs. Church, que consultou o relógio da lareira.

– São quatro horas – comunicou a governanta.

Controlaria o tempo da sua ausência, compreendeu Helen, algo divertida. E que Deus a ajudasse se se atrasasse.

– Regressarei antes das quatro e meia – asseverou. – Momentos depois, acrescentou com doçura: – Confie em mim.

A mão de Winterborne abriu pouco a pouco, libertando-a.

CAPÍTULO 21

A primeira coisa de que Rhys Winterborne tivera consciência, depois do acidente, foi de alguém, um médico, talvez, lhe perguntar se havia alguém que quisesse mandar avisar. Abanara imediatamente a cabeça. O pai tinha morrido e a mãe, uma mulher dura e azeda de idade avançada, era a última pessoa que desejava ver. Mesmo que desejasse ser reconfortado pela mãe, ela não saberia fazê-lo.

Nunca na sua vida se vira doente nem ferido com gravidade. Mesmo em rapaz tinha uma estrutura forte e era fisicamente intrépido. Os pais, galeses, puniam cada transgressão e cada momento de preguiça com o tirante de um barril e ele suportara os piores castigos sem pestanejar. O pai era dono de uma mercearia e a família vivia numa rua de comerciantes onde Rhys, mais do que aprender o ofício de comprar e vender, o absorveu tão naturalmente como quem respira.

Depois de fazer vingar o seu próprio negócio, jamais permitira distrair-se com qualquer relação pessoal. Houvera mulheres, sem dúvida, mas apenas aquelas que se dispusessem a relacionar-se nos termos dele: de forma puramente sexual e desprovida de sentimentos. Agora, deitado naquele quarto desconhecido com o corpo fustigado por dores lancinantes, ocorria-lhe que talvez se tivesse tornado demasiado independente. *Deveria* haver alguém que ele pudesse chamar, alguém que se importasse com ele, agora que estava refém da inexplicável situação de se ver ferido.

Apesar da brisa fresca que entrava pela janela, a sua pele queimava. O gesso que lhe pesava na perna enlouquecia-o quase tanto como a dor contínua provocada pelo osso partido. O quarto parecia balançar e girar, o que lhe provocava náuseas violentas. E não havia nada que pudesse fazer senão esperar, impotente, minuto atrás de minuto, que a mulher regressasse.

Lady Helen... Uma das sublimes criaturas às quais ele sempre dedicara um

desprezo particular. Um dos seus superiores.

Passado o que lhe pareceu uma eternidade, percebeu que alguém entrava no quarto. Ouviu um bater contínuo, de metal contra vidro ou porcelana, e perguntou bruscamente:

– Que horas são?

– Quatro e vinte e sete. – Era a voz de Lady Helen, luminosa, tingida de humor. – Ainda me restam três minutos.

Ele escutou atentamente todos os ruídos... o roçar das saias... um líquido a ser vertido e mexido... o tinir da água e do gelo. Se ela tencionava dar-lhe algo a beber, iludia-se: só pensar em engolir fazia-o estremecer de repulsa.

Ela aproximou-se. Sentiu-a debruçar-se sobre ele, uma flanela fresca e húmida sobre a testa, as faces e a garganta, tão agradável que lhe arrancou um suspiro fundo. Quando ela afastou o pano, ele agarrou-se à flanela, arquejando:

– Não pare. – Por dentro, sentia-se furioso por se ver obrigado a suplicar pequenos favores.

– Chiu...

Ela refrescara o pano, renovando-lhe a frescura e a humidade.

Enquanto se submetia ao tratamento lento e cuidadoso, os seus dedos tocaram nas pregas do vestido dela e ele fechou-os com tanta força que nada os teria feito largar o tecido. Uma mão delicada fez-lhe deslizar a flanela por baixo da cabeça, erguendo-a apenas o suficiente para lho passar na nuca. Ele sentiu tanto prazer que soltou um humilhante gemido de alívio.

Quando o sentiu relaxado e com a respiração normalizada, ela pousou o pano. Ele notou que Lady Helen se movia ao seu redor, erguendo-lhe a cabeça e os ombros, ajustando almofadas para o elevar. Percebendo que se preparava para lhe impingir mais água ou talvez o repugnante tónico de láudano de antes, protestou, com os dentes semicerrados.

– Não, maldição...

– Tente.

Foi doce mas implacável. Sentiu o peso dela a vergar ligeiramente um dos lados do colchão e, depois, um braço esguio debaixo de si. Quando deu por si prisioneiro daquela espécie de abraço, ponderou expulsá-la da cama. Mas a mão dela tocou-lhe no rosto com tanta ternura que a vontade de a magoar desapareceu.

Lady Helen levou-lhe um copo à boca e um líquido doce, muito fresco, tocou-lhe os lábios. Cauteloso, bebeu um pouco, e a superfície macia da língua absorveu de imediato o líquido ligeiramente adstringente com sabor a mel. Era delicioso.

– Devagar – advertiu ela.

Estava sedento como as areias do deserto e precisava de mais. Esticou o braço, procurou o copo na mão dela, agarrando-o e bebendo gulosamente antes que Helen conseguisse detê-lo.

– Espere – disse esta, tirando-lhe o copo. – Vamos ver se se aguenta no estômago.

Ele sentiu-se tentado a rogar-lhe uma praga por ela lhe retirar a bebida, embora uma parte distante do seu cérebro entendesse a razão.

Algun tempo depois, sentiu novamente o copo nos lábios.

Obrigou-se a esvaziar lentamente o conteúdo em vez de engolir de uma assentada. Depois de terminar, Lady Helen aguardou pacientemente, continuando a segurá-lo. A respiração dela era suave e cadenciada, o seio uma doce almofada para a sua cabeça. Ela cheirava a baunilha e a uma leve essência floral. Ele nunca se vira em tamanha desvantagem na sua vida adulta... Apresentava-se sempre impecavelmente vestido e com controlo absoluto, mas aquela mulher só via um inválido impotente e desalinhado. Era enfurecedor.

– Melhor? – perguntou ela.

– *Ydw* – respondeu Rhys, em galês, sem pensar. Sim. Parecia impossível, mas o quarto tinha parado de girar. Embora continuasse a sentir as lancinantes pontadas de dor pela perna acima, como se fossem balas, de quando em quando, a disparar contra a sua carne, conseguia tolerar tudo se não sentisse náuseas.

Ela começou a libertar-se, mas ele pousou um braço por cima do seu regaço. Precisava que tudo ficasse exatamente como estava, pelo menos durante alguns minutos. Para seu gáudio, ela regressou à mesma posição.

– O que me deu? – perguntou.

– Um chá que fiz com orquídeas.

– Orquídeas – repetiu ele, desconcertado.

Nunca ouvira falar de qualquer utilização para aquelas flores tão feias e estranhas, a não ser a de exóticas decorações.

– Duas variedades de *Dendrobium* e uma *Spiranthes*. Muitas orquídeas possuem propriedades medicinais. A minha mãe colecionava-as e encheu vários cadernos com a informação que reunia.

Gostava da voz dela, calma e melodiosa. Sentiu-a mexer-se novamente, numa nova tentativa de o afastar, e ele deixou-se cair com mais força no seu regaço, prendendo-lhe o braço com a cabeça no esforço determinado de a fazer ficar.

– Mr. Winterborne, agora devo deixá-lo descansar...

– Fale comigo.

– Como desejar – replicou ela, após alguma hesitação. – De que pretende falar?

Queria perguntar-lhe se ficaria cego para sempre. Se alguém o informara de alguma coisa a esse respeito, estava tão drogado que não conseguia lembrar-se. Mas não foi capaz de verbalizar a pergunta. Tinha demasiado medo da resposta, mas não havia como não pensar naquilo, enquanto permanecia sozinho naquele quarto silencioso. Precisava de companhia e de distração.

Precisava dela.

– Falo-lhe das orquídeas? – perguntou Helen, no meio do silêncio. Prosseguiu, sem aguardar resposta, procurando adotar uma postura mais confortável: – A palavra deriva da mitologia grega. Órkhis era filho de um sátiro e de uma ninfa. Durante um banquete em honra de Baco, Órkhis bebeu demasiado vinho e tentou impor as suas atenções a uma sacerdotisa. Baco não gostou nada e reagiu desfazendo-o em pedaços, que foram espalhados por todo o lado. Onde quer que caíssem, crescia uma orquídea. – Fazendo uma pausa, ela inclinou-se durante alguns segundos, para pegar em algo. Um objeto macio e delicado tocou-lhe os lábios gretados... Aplicava-lhe um bálsamo com a ponta de um dedo. – A maior parte das pessoas desconhece que a baunilha é a vagem de uma orquídea trepadeira. Temos uma, numa estufa da propriedade, e é tão comprida que acompanha a parede. Quando uma das flores completa o crescimento, abre de manhã e, se não for polinizada, fecha-se ao final da tarde, para nunca mais voltar a abrir-se. As flores brancas, e as vagens de baunilha que contêm, possuem o perfume mais doce do mundo...

Embalado pela terna voz, Rhys teve a sensação de flutuar e a febre alta começou a baixar lentamente. Que estranho e agradável era estar ali deitado, meio adormecido, nos braços dela. Possivelmente até melhor do que sexo. Mas o pensamento conduziu-o à indecente questão de como seria fazê-lo com

ela... O quão tranquilamente ficaria deitada por baixo dele enquanto Rhys devorava aquela suavidade de flor e a doçura da baunilha... E, pouco a pouco, adormeceu nos braços de Lady Helen.

CAPÍTULO 22

Ao final da tarde, Devon saiu da cama com a intenção de se reunir ao resto da família na sala de jantar para o lanche especial da consoada. Conseguiu vestir-se com a ajuda do criado de quarto, mas demorou muito mais do que previra inicialmente. O processo implicava, desde logo, enfaixar o abdómen com firmeza suficiente para suportar as costelas fraturadas. Mesmo com a ajuda de Sutton, foi uma tortura enfiar os braços nas mangas da camisa. A mais ligeira torção provocava-lhe pontadas lancinantes. Para conseguir vestir o casaco, viu-se obrigado a tomar meia dose de láudano com o propósito de mitigar a dor.

Por fim, Sutton apertou-lhe a gravata com um nó preciso, recuando para o apreciar.

– Como se sente, senhor?

– Suficientemente bem para descer por um bocado – respondeu Devon. – Mas não propriamente muito ágil. E, se espirrar, o mais certo é começar a berrar como um bebé.

– Não faltará gente ansiosa por o ajudar – devolveu o criado de quarto com um ligeiro sorriso. – Saiba que os lacaios sortearam literalmente entre eles o privilégio de o ajudar a descer.

– Não necessito de que ninguém me ajude – replicou Devon, desagradado com a ideia de ser tratado como um velhote sofredor. – Seguro-me ao corrimão.

– Receio que o Sims se mostre inflexível. Fez uma preleção a todo o pessoal da casa sobre a necessidade de o proteger contra outros riscos. Além do mais, irá desiludir os criados, se recusar a ajuda deles. Converteu-se no herói de todos, depois de salvar aquelas pessoas.

– Não sou nenhum herói – desdenhou Devon. – Qualquer pessoa o teria feito.

– Julgo que não está a compreender, senhor. De acordo com o que vem relatado nos jornais, a mulher que salvou é a esposa de um moleiro, que tinha ido a Londres buscar o sobrinho bebé, depois de a irmã falecer. E o rapaz e as irmãs são filhos de trabalhadores fabris. Iam viver para o campo, com os avós. – Sutton fez uma pausa antes de rematar, com ênfase adicional: – Passageiros de segunda classe, todos eles.

Devon fitou-o, confuso.

– O facto de ter arriscado a vida por *alguém* é, só por si, um feito heroico – explicou o criado, muito sério. – Mas o facto de um homem da sua posição social estar disposto a sacrificar tudo por outros que são mais humildes... Bom, para a gente de Eversby Priory foi como se o tivesse feito por qualquer um deles. – Sutton começou a sorrir ao notar a expressão desconcertada de Devon. – É por esta razão que será atormentado com a homenagem e adoração dos seus criados durante as décadas vindouras.

– Com mil demónios! – murmurou Devon, sentindo o rosto acalorado. – Onde está o láudano?

O criado sorriu e fez soar a campainha.

Assim que saiu do quarto, Devon viu-se agraciado com excessivas e indesejadas atenções. Não um mas dois lacaios desceram consigo a escadaria, assinalando perigos como a berma de um degrau em particular que não era lisa ou uma secção da balaustrada curva que poderia estar escorregadia do polimento recente. Depois de vencer os supostos perigos da escadaria, Devon prosseguiu pelo corredor principal, onde se viu obrigado a parar diante de uma fila de criadas que o saudaram com uma cortesia e um coro de «Feliz Natal» e «Deus o abençoe, senhor» e enfáticos desejos de um rápido restabelecimento.

Constrangido pelo papel que parecia ter-lhe cabido em sorte, Devon sorriu e agradeceu. Retomou o penoso caminho até à sala de jantar, que estava repleta de elaborados e natalícios centros de mesa e de grinaldas de sempre-verdes entrelaçadas com fitas douradas. Kathleen, West e as gémeas estavam sentados a rir e a conversar relaxada e animadamente.

– Soubemos que se aproximava por todos os gritos de júbilo que se ouviam no vestíbulo – comentou Pandora.

– Não está habituado a que as pessoas soltem gritos de alegria ao vê-lo

chegar – acrescentou West, muito sério. – Habitualmente fazem-no quando se vai embora.

Devon agraciou o irmão com um olhar falsamente ameaçador e foi sentar-se no lugar vazio que havia ao lado de Kathleen. Imediatamente, o submordomo, que aguardava num dos lados da sala, apressou-se a puxar a cadeira para o ajudar a sentar-se com exagerada cautela.

Kathleen parecia ter dificuldade em olhá-lo nos olhos.

– Não deve exagerar – assinalou, com ligeira inquietação.

– Não o farei – replicou Devon. – Vou tomar um chá e ajudar a família a saudar os rendeiros, quando chegarem. Suponho que será tudo. Onde está a Helen? – perguntou, espreitando ao redor da mesa.

– Está lá em cima, a fazer companhia a Mr. Winterborne – informou alegremente Cassandra.

Como é que isso acontecera? Devon dirigiu um olhar inquiridor a West, que encolheu discretamente os ombros.

– Mr. Winterborne teve um dia bastante difícil – explicou Kathleen. – Está com febre e o láudano indis põe-no. É contra o decoro, obviamente, mas a Helen pediu para tentar ajudá-lo.

– É muito amável da parte dela – devolveu Devon. – E gentil da sua parte o facto de o permitir.

– Mrs. Church disse-me que Mr. Winterborne deixou de praguejar e de grunhir – avançou Pandora. – Repousa e toma chá de orquídea. E a Helen passa horas a fio a falar.

– A Helen, a falar durante horas? Não parece possível – comentou Cassandra, com ar estarrecido.

– Nunca julgaria que ela teria tanto a dizer – anuiu Pandora.

– Talvez nunca lhe tenham dado oportunidade para tal – comentou West, sem expressão.

Segundos depois, tomava um duche de torrões de açúcar.

– *Meninas!* – exclamou, indignada, Kathleen. – Parem com isso imediatamente! West, não se atreva a incentivá-las. Pare de se rir! – Olhou para Devon, que tentava, desesperadamente, conter o riso, com uma expressão ameaçadora. – O senhor também – admoestou, muito séria.

– Com certeza – prometeu este, fazendo uma careta e pensando

sombriamente que quem afirmara que o riso é o melhor remédio nunca partira uma costela.

Kathleen considerou incrível que a família tivesse conseguido adotar uma postura razoavelmente digna quando os rendeiros e habitantes da cidade começaram a chegar.

Enquanto davam as boas-vindas à procissão de convidados, Devon mostrou-se cortês e seguro de si, mas sem o menor vestígio de arrogância. Conseguiu ser encantador, recebendo louvores e comentários elogiosos com humildade e humor. Seguiram-se crianças muito limpas; os rapazes apresentaram a vénia, as raparigas a cortesia e Devon respondeu aos cumprimentos sem dar nenhum sinal da dor que necessariamente sentiria.

Contudo, passada hora e meia, Kathleen notou as subtis linhas de tensão que surgiam no rosto dele. Estava na altura de parar, pensou. West e as raparigas encarregar-se-iam das últimas visitas.

Antes de conseguir afastar Devon, porém, aproximou-se um casal com uma criança de rosto corado, uma menina de caracóis louros presos por uma fitinha.

Era óbvio que o casal nada sabia dos ferimentos que Devon sofrera no acidente de comboio.

– Oh! Deixe-me ser eu a pegar-lhe! – exclamou Kathleen antes de este poder responder.

Estendeu os braços para a criança, sentindo-se um pouco desajeitada, pois nada sabia de crianças pequenas. Mas a bebé relaxou, satisfeita, nos seus braços, fitando-a com olhos redondos como botões. Kathleen sorriu-lhe, maravilhada com a delicadeza da sua pele e a forma perfeita da sua boca.

Voltou-se para Devon levantando ligeiramente a bebé e sugeriu:

– Um beijo para dar boa sorte?

Ele correspondeu sem hesitação, inclinando-se para depositar um beijo na cabeça da criança.

Quando se endireitou, porém, o seu olhar fixou-se no rosto de Kathleen e, por um instante, os seus olhos mostraram a dura frieza de um glaciador. Escondeu prontamente a sua expressão, mas não sem que ela a visse. Instintivamente, Kathleen compreendeu que vê-la com a bebé abrira uma

nova porta, emoções que ele não desejava confrontar.

Obrigando-se a esboçar um sorriso, Kathleen devolveu a bebé à sua mãe orgulhosa e exclamou:

– Que menina tão bonita. É um anjo! – Felizmente, houve uma quebra na fila de recém-chegados, que Kathleen aproveitou sem hesitar. Enfiando o braço no de Devon, instigou discretamente: – Vamos.

Ele acompanhou-a sem dizer palavra, soltando um suspiro de alívio quando cruzaram o vestíbulo.

A intenção de Kathleen era encontrar um sítio reservado onde pudessem sentar-se sossegados, mas Devon surpreendeu-a puxando-a para trás da árvore de Natal, para o espaço entre as escadas onde ficavam ocultos pelos pesados ramos.

– O que está a fazer? – perguntou ela, divertida.

Luzes de centenas de minúsculas velas dançavam-lhe no olhar.

– Tenho um presente para si.

– Oh.. Mas... A família trocará presentes amanhã de manhã – replicou ela, desconcertada.

– Infelizmente, os presentes que trouxe de Londres perderam-se no acidente. – Enfiando a mão no bolso, continuou: – Este foi o único que consegui salvar. Como não tenho nada para dar aos outros, prefiro dar-lho em privado.

Hesitante, Kathleen pegou no objeto que a mão aberta lhe oferecia.

Era um alfinete de peito pequeno e singular, adornado com pérolas. Mostrava uma mulher a andar a cavalo.

– A mulher é Atena – disse Devon. – Segundo reza o mito, inventou o freio e foi a primeira mulher a domar um cavalo.

Kathleen contemplou o presente com assombro. Primeiro o xaile, agora aquilo. Objetos pessoais, belos, ponderados. Nunca ninguém mostrara conhecer tão bem os seus gostos.

Maldito.

– É encantador – disse, inquieta. – Obrigada.

Através das lágrimas incipientes, viu-o esboçar um grande sorriso.

Kathleen abriu o pequeno alfinete e tentou apertá-lo no centro da gola.

– Está direito?

– Nem por isso.

Os dedos dele roçaram-lhe o pescoço num gesto delicado ao compor e apertar o alfinete.

– Na verdade, ainda me falta vê-la montar – comentou. – O West diz que nunca viu tão bom cavaleiro.

– Exagera.

– Duvido. – Os dedos soltaram o colarinho. – Feliz Natal – murmurou, inclinando-se para lhe dar um beijo na testa.

Quando os lábios dele começavam a afastar-se, Kathleen deu um passo atrás, tentando impor a distância necessária entre os dois, mas o tacão do sapato tocou em algo sólido, num ser vivo, e um guincho indignado fê-la sobressaltar-se.

– *Oh!* – exclamou, dando um salto em frente e embatendo no peito de Devon. Os braços dele fecharam-se automaticamente à sua volta, ao mesmo tempo que se ouvia um grito de dor.

– Oh... Desculpe. Mas que raio é que...?

Voltou-se para trás e deparou com *Hamlet*, que vagueava por baixo da árvore de Natal em busca dos doces esquecidos que tinham caído quando tiraram os cartuchos de papel dos ramos. O porco focinhava entre as pregas do tecido que envolve a base da árvore e os presentes embrulhados em papéis coloridos. Ao encontrar uma guloseima para comer, grunhiu de satisfação.

Kathleen abanou a cabeça e agarrou-se a Devon. Estavam ambos perdidos de riso.

– Magoei-o? – perguntou, pousando-lhe suavemente a mão no colete.

– Claro que não, sua tontinha – replicou ele, acariciando-lhe a fronte com os lábios.

Permaneceram juntos durante aquele delicioso momento de luzes dispersas, verdes fragrâncias e irresistível atração. O vestibulo apresentava-se silencioso, já que as visitas haviam passado, em massa, para o salão.

Devon inclinou a cabeça e beijou-a no pescoço.

– Quero-a novamente na minha cama – sussurrou, percorrendo-lhe o pescoço, deparando com um ponto sensível que a fazia estremecer e arquear-se. Parecia que o corpo dela estava sintonizado com o dele, respondendo com

excitação à sua proximidade, com um frenesim ardente. Quão fácil seria deixá-lo obter dela aquilo que desejasse, render-se ao prazer que ele podia proporcionar-lhe e pensar apenas no momento presente.

Mas, um dia, tudo acabaria e ela ficaria destroçada.

Obrigando-se a afastar-se dele, fitou-o, dividida entre a tristeza e a determinação.

– Não posso ter uma aventura consigo.

Imediatamente, a expressão de Devon tornou-se distante.

– Quer mais do que isso?

– Não – replicou ela com veemência. – Não consigo conceber nenhum tipo de relação consigo que não termine em sofrimento.

A afirmação pareceu trespassar o seu distanciamento como uma seta com ponta de aço.

– Quer referências? – perguntou, com a voz cheia de frieza. – Do meu desempenho satisfatório no quarto?

– Claro que não – replicou ela, lacônica. – Não seja sarcástico.

Devon mirou-a com paixão incipiente nas profundezas dos seus olhos mal-humorados.

– Então porquê rejeitar-me? E recusar a si própria algo que deseja? Já foi casada, logo ninguém esperará que seja virgem. Não prejudicaria ninguém, desfrutarmos da companhia um do outro.

– Acabaria por me prejudicar a mim.

Ele fitou-a com confusão e irritação.

– Porque diz isso?

– Porque me conheço a mim própria – devolveu Kathleen com suavidade. – E conheço-o o bastante para saber que nunca magoaria intencionalmente uma mulher. Mas representa um perigo para mim e quanto mais tenta convencer-me do contrário, mais óbvio se torna.

Helen passou três dias no quarto de Rhys Winterborne, falando sem parar enquanto ele permanecia febril e quase sempre silencioso. Acabou

completamente farta do som da sua própria voz e, ao final do segundo dia, comentou algo a esse respeito.

– Eu não – contrapôs ele, secamente. – Continue a falar.

A combinação da perna partida, da febre e do confinamento forçado à cama tinham deixado Winterborne mal-humorado e irascível. Quando Helen não estava presente para o entreter, descarregava a sua frustração em quem estivesse ao seu alcance, não poupando sequer a pobre criada que, de manhã, limpava e acendia a lareira.

Depois de esgotar os episódios divertidos de infância, as histórias pormenorizadas da família Ravenel e as descrições de todas as suas precetoras, dos seus animais de estimação preferidos e dos passeios mais pitorescos a realizar nos arredores de Eversby, Helen partira em busca de algo que ler ao convalescente. Embora tivesse tentado interessar Winterborne por um romance de Dickens, ele rejeitara-o categoricamente, pois não nutria qualquer interesse por ficção ou poesia. Então, Helen tentou os jornais, cuja leitura fora considerada aceitável. Na verdade, ele pediu-lhe que os lesse até à última palavra, incluindo os anúncios.

– A tua disponibilidade para lhe leres surpreende-me – declarou Kathleen quando ela comentou a situação. – Se fosse eu, não me incomodaria em fazê-lo.

Helen fitou-a com alguma surpresa. Encontravam-se na estufa das orquídeas, onde Kathleen a ajudava na morosa tarefa de polinizar à mão as flores de baunilha.

– Parece que não gostas de Mr. Winterborne.

– Aterroriza as criadas, vocifera imprecções a Mrs. Church, insulta o Sims e mostrou-se bastante brusco comigo – assinalou Kathleen. – Começo a pensar que o único elemento da casa que ele não ofendeu é o porco, mas só porque o *Hamlet* ainda não lhe entrou no quarto.

– Tem estado com febre – protestou Helen.

Kathleen sorriu-lhe.

– Terás de admitir, pelo menos, que é rabugento e exigente.

Helen procurou reprimir um sorriso nascente.

– Talvez um pouco exigente.

Kathleen riu-se.

– Nunca a tua capacidade de lidar com pessoas exigentes me surpreendeu tanto.

Com todo o cuidado, Helen abriu uma florzinha amarela, pondo a descoberto o pequeno estame, carregado de pó.

– Se viver numa casa cheia de Ravenels não for preparação suficiente, não imagino o que possa ser.

Com um palito, recolheu grãos de pólen que aplicou sobre o néctar, escondido sob uma minúscula dobra, no estigma. As mãos demonstravam a perícia de anos de prática.

Depois de concluir uma flor, Kathleen olhou, com desconcerto, para a cunhada.

– Sempre me perguntei por que razão és a única que não tem mau génio. Nunca te vi furiosa.

– Sou bastante capaz de me irritar – assegurou Helen com secura.

– De te irritares sim, mas não ao ponto de gritares e atirares coisas pelo ar, e de fazeres comentários desagradáveis dos quais te arrependerás mais tarde.

– Talvez se revele uma descoberta tardia. Poder vir a acontecer – replicou Helen, continuando a prodigar diligentemente as suas atenções à orquídea trepadeira.

– Credo! Espero que não. Ficaríamos sem uma pessoa calma e gentil capaz de tranquilizar animais selvagens como Mr. Winterborne.

Helen tentou disfarçar um sorriso.

– Não é um homem selvagem. Está habituado a ser o centro de intensa atividade. É difícil para um homem com uma natureza enérgica estar inativo e doente.

– Mas hoje está melhor?

– Decididamente. E o oftalmologista chega hoje para lhe examinar a vista. – Helen parou para abrir outra flor. – Estou a contar que a disposição de Mr. Winterborne sofra melhoras consideráveis quando conseguir tornar a ver.

– E se não conseguir?

– Rezo para que sim. – Helen pensou na pergunta, parecendo preocupada. – Julgo que... não seria capaz de suportar ver qualquer fragilidade em si próprio.

Kathleen fitou-a com irónico pesar.

– Há alturas na vida em que todos temos de suportar o insuportável.

*

Depois de polinizarem todas as flores, Helen e Kathleen voltaram para casa e descobriram que o oftalmologista, o Dr. Janzer, já havia chegado e se encontrava, naquele momento, a examinar os olhos de Winterborne, na presença do Dr. Weeks e de Devon. Apesar de algumas reprováveis tentativas de escuta clandestina, ninguém conseguira ouvir nada.

– Em toda a Inglaterra, o número de especialistas em doenças dos olhos do gabarito do Dr. Janzer – comentava West, enquanto aguardava com o resto da família na sala de estar do piso de cima – conta-se pelos dedos de uma mão. Recebeu formação para usar o oftalmoscópio, que é um aparelho que reflete a luz e lhe permite observar diretamente o olho.

– Incluindo a pupila? – perguntou Cassandra, com admiração. – O que há para ver lá dentro?

– Nervos e vasos sanguíneos, imagino.

Pandora, que se ausentara da sala alguns minutos antes, assomou à porta, anunciando com dramatismo:

– Mr. Winterborne consegue ver!

Helen inspirou profundamente, sentindo o coração aos pulos.

– Como descobriste, querida? – perguntou calmamente.

– Ouvi-o a ler letras de um quadro.

Kathleen repreendeu Pandora com o olhar.

– Pedi-te para não escutares à porta, Pandora.

– E não escutei. – Pandora ergueu um copo vazio. – Fui para o quarto contíguo e encostei isto à parede. Se encostarmos bem a orelha, conseguimos ouvir o que estão a dizer.

– Quero experimentar! – exclamou Cassandra.

– Não farás semelhante coisa! – admoestou Kathleen, aproximando-se de Pandora para a fazer entrar e sentar-se. – Mr. Winterborne tem direito à sua

privacidade. Saberemos, muito em breve, se a sua visão está intacta.

– Está – insistiu Pandora, orgulhosa.

– Tens a certeza? – perguntou Helen, sem conseguir evitar.

Pandora confirmou com um aceno veemente.

Helen manteve a postura senhoril, contudo, por dentro, desfalecia de alívio. Rezou silenciosamente de gratidão.

– Graças a Deus – ouviu West dizer ao seu lado, baixinho, do sofá onde se reclinara.

Enquanto os restantes prosseguiam com a conversação, Helen perguntou a West:

– Não estava otimista, quanto à visão de Mr. Winterborne?

– Tinha expectativa de que tudo corresse bem, mas havia sempre a possibilidade de algo correr mal. Detestaria que algo assim acontecesse ao Winterborne. Não é homem de suportar grandes golpes com resignação e elegância.

Helen compreendeu que nem toda a impaciência de Winterborne era resultado do confinamento.

– Imaginei que o proprietário de grandes armazéns seria um homem encantador e capaz de colocar toda a gente à vontade.

West sorriu ao ouvi-la.

– Consegue sê-lo. Mas quando se mostra encantador e capaz de deixar todos à vontade é quando é mais perigoso. Nunca confies nele quando é bonzinho.

Os olhos de Helen arregalaram-se de surpresa.

– Pensei que fosse vosso amigo.

– E é. Mas não tenha ilusões quanto a ele. Não é com certeza como nenhum homem que tenha conhecido, nem alguém com quem os seus pais teriam permitido um convívio social.

– Os meus pais – disse Helen – não me teriam permitido qualquer convívio social.

– Pergunto-me porquê – devolveu West, observando-a atentamente.

Helen ficou em silêncio, lamentando ter feito o comentário.

– Sempre me pareceu estranho – comentou West – que a obrigassem a viver em clausura, como uma freira. Porque é que o seu irmão não a levou para Londres, para frequentar a temporada, enquanto cortejava a Kathleen?

– A cidade não me interessava; era mais feliz ficando aqui – respondeu Helen, olhando-o nos olhos.

West pousou a mão sobre a dela, apertando-a brevemente.

– Querida amiga, deixe-me dar-lhe um conselho que poderá revelar-se útil no futuro, especialmente durante o convívio social. Quando mentir, não agite as mãos. Mantenha-as sossegadas e relaxadas no regaço.

– Eu não... – Helen parou bruscamente. Inspirando lentamente, falou: – Eu queria ir, mas o Theo acreditava que não estava pronta.

– Melhor – replicou ele com um sorriso. – Continua a mentir... mas melhor.

Helen foi poupada à necessidade de responder, pois Devon entrou na sala. Sorridente, dirigiu-se ao grupo.

– Segundo o Dr. Janzer, os olhos do Winterborne recuperaram bem e a sua visão é excecional. – Fez uma pausa para dar espaço às exclamações de alegria. – O exame deixou o Winterborne cansado. Mais tarde, podemos dividir-nos para algumas visitas, em vez de irmos todos de uma vez e ficarmos espedados a olhar para ele como se fosse um macaco no jardim zoológico de Bristol.

CAPÍTULO 23

Restabelecida a visão e banida a febre, Rhys quase sentia ter recuperado o seu antigo eu. Enérgico e impaciente, não parava de pensar nos seus armazéns. Necessitava de comunicar com os gerentes, o responsável de imprensa, a secretária particular, os fornecedores e os fabricantes. Embora confiasse na competência dos empregados a curto prazo, o trabalho rapidamente se tornaria descuidado se ele não estivesse presente para o supervisionar. Acabavam de abrir um departamento de livros. Como tinham corrido as duas primeiras semanas de vendas? Dentro de um mês, seria inaugurada uma sala de espera ampliada e renovada. Os carpinteiros e os técnicos teriam cumprido o calendário?

Esfregou o queixo, descobrindo que se encontrava áspero como um ouriço-cacheiro. Contrariado, tocou à campainha da mesinha de cabeceira. Passada meia hora sem que ninguém chegasse, preparava-se para o fazer novamente quando entrou no quarto um idoso de cabelos brancos. Tratava-se de um homem baixo e corpulento, vestido com uma casaca preta simples e calças cinzento-escuras. O seu rosto, banal e sem atrativo, fazia lembrar um pão cuja cozedura irregular deixara o nariz demasiado redondo. Os olhos pequenos e escuros, porém, parcialmente ocultados pelas sobrancelhas abundantes e brancas, denotavam gentileza e sensatez. Depois de dizer que se chamava Quincy, o criado perguntou em que poderia ajudá-lo.

– Preciso de me lavar e barbear – declarou Rhys. Num raro assomo de irónica humildade, acrescentou: – Obviamente que vai ter muito que fazer.

O criado de quarto limitou-se a responder educadamente mas sem sorrir:

– De todo, senhor.

Quincy partiu para se encarregar dos preparativos, regressando rapidamente com uma bandeja de apetrechos de barbear, tesouras, instrumentos reluzentes

de aço e garrafas de vidro cheias de líquidos variados. Seguindo as suas indicações, um lacaios trouxe uma pilha de toalhas, duas grandes selhas de água e uma bacia.

Era evidente que o criado se preparava para algo mais do que uma lavagem do rosto e um simples barbear. Rhys observou com desconfiança os diversos apetrechos. Não tinha criado pessoal, algo que considerava uma afetação de classe superior, para não mencionar uma invasão de privacidade. Ele próprio tratava de se barbear, de cortar as suas unhas, de se lavar com simples sabão, de lavar os dentes e duas vezes por mês ia a um barbeiro de Mayfair cortar o cabelo. Eram estes os limites da sua elegância.

O criado de quarto dedicou-se primeiro ao cabelo, enrolando-lhe uma toalha à volta do pescoço e ombros para então humedecer as madeixas rebeldes.

– Tem preferência quanto a comprimento e estilo, senhor?

– Faça o que achar melhor – replicou Rhys.

Quincy pôs os óculos e começou a cortar o cabelo de Rhys, manobrando a tesoura com tranquilidade e confiança. Pronto respondedor de perguntas, revelou que desempenhara o ofício de criado de quarto do falecido conde de Trenear, assim como do seu antecessor, encontrando-se ao serviço da família Ravenel há um total de trinta e cinco anos. Agora que o atual conde trouxera consigo o seu próprio criado pessoal, Quincy fora relegado a prestar assistência aos convidados que estivessem de visita ou então ajudava o submordomo em tarefas como polir as pratas ou a governanta a remendar.

– Sabe coser? – indagou Rhys.

– Claro, senhor. É da responsabilidade do criado de quarto manter a roupa do seu senhor em perfeito estado, sem bainhas descosidas ou botões em falta. Se for necessário efetuar alterações, o criado deve ser capaz de as concretizar no mesmo minuto.

Durante as duas horas seguintes, o idoso lavou o cabelo de Rhys, suavizando-o com um toque de pomada, aplicou-lhe toalhas quentes no rosto, barbeou-o e, munido de uma série de apetrechos, cuidou-lhe das mãos e dos pés. Por fim, Quincy segurou num espelho e Rhys encarou o seu reflexo com certa surpresa. Tinha o cabelo mais curto e bem aparado, o rosto macio como um pêssego. Nunca vira as suas mãos tão limpas e as unhas tão brilhantes.

– É do seu agrado, senhor? – perguntou Quincy.

– É.

O criado tratou de arrumar os utensílios, enquanto Rhys o observava, contemplativo e de sobrolho carregado. Ao que tudo indicava, enganara-se quanto aos criados de quarto. Não admirava que Devon Ravenel e outros como ele andassem sempre impecáveis e elegantes.

A seguir, o criado ajudou-o a vestir uma camisa de noite limpa, cedida por West, e um roupão com forro de veludo negro cosido aos losangos, com colarinho, cinto e debrum de seda. Ele próprio nunca possuía peças tão elegantes.

– Acredita que um homem do povo deve ousar vestir-se como um homem de sangue azul? – perguntou quando Quincy lhe puxou o robe sobre as pernas.

– Julgo que qualquer homem deve vestir-se o melhor que lhe seja possível.

Rhys semicerrou ligeiramente os olhos.

– Acredita que é correto julgar-se um homem pelo que veste?

– Não me cabe a mim decidir se é correto, senhor. O facto é que assim é.

Resposta nenhuma poderia ter-lhe agradado tanto como aquela; era o género de pragmatismo que sempre compreendera e que granjeava a sua confiança.

Contrataria Quincy, a qualquer custo. Não queria mais ninguém. Rhys necessitava de alguém mais velho e experiente, que estivesse familiarizado com as intrincadas regras da aristocracia quanto a moda e etiqueta. Quincy, que fora criado pessoal de dois condes, proporcionar-lhe-ia as garantias necessárias para não cair no ridículo.

– Qual é o seu salário anual? – perguntou Rhys.

– Senhor? – reagiu o criado, atónito.

– Trinta libras, diria eu. – Pela expressão do outro homem, Rhys deduziu que o valor era um pouco elevado. – Dou-lhe quarenta – continuou friamente –, se aceitar mudar-se para Londres e ser meu criado. Preciso da sua perícia e orientação. Sou um patrão exigente, mas sou justo, pago bem e dar-lhe-ei oportunidades de progressão.

Para ganhar tempo, o criado tirou os óculos, limpou-lhes as lentes e colocou-os no bolso do casaco. Pigarreou.

– Na minha idade – disse –, não é habitual um homem pensar em mudar de vida e mudar-se para um sítio desconhecido.

– Tem mulher? Família?

Após uma hesitação breve mas reveladora, o criado respondeu:

– Não, senhor. Mas tenho amigos no Hampshire.

– Poderá fazer novos amigos em Londres – devolveu Rhys.

– Posso perguntar-lhe, senhor, se reside numa casa particular?

– Sim, fica localizada junto à minha loja, num edifício separado mas com ligação. Detenho todas as propriedades da Cork Street e o casario atrás desta, e comprei recentemente o quarteirão da Clifford que desemboca na Savile Row. Os meus criados trabalham seis dias por semana, com os dias livres habituais. Tal como os empregados dos armazéns, terá acesso a médico e dentista privados. Pode fazer as suas refeições gratuitamente na cantina dos empregados e terá desconto em tudo o que deseje comprar na Winterborne's.

– Rhys, que detetava indecisão como um cão de caça a sua presa, fez uma pausa. – Vamos, homem – acrescentou com suavidade. – Está desperdiçado, aqui. Porquê passar o resto dos seus anos a consumir-se no campo quando me pode ser tão útil? Ainda tem muito para trabalhar, e continua a ter idade para desfrutar das delícias de Londres. – Como Quincy continuava a hesitar, entrou a matar. – Quarenta e cinco por ano. É a minha última oferta.

O criado engoliu em seco.

– Quando devo começar? – perguntou, por fim.

– Hoje – replicou Rhys, sorrindo.

As notícias espalhavam-se depressa na casa dos Ravenel: quando, ao final da tarde, Devon foi visitar Rhys, já estava ao corrente da nova situação de Quincy.

– Parece que começaste a cobiçar os meus criados – disse, secamente.

– Tens objeções? – devolveu Rhys, levando aos lábios o copo de vinho.

Acabara de terminar de jantar e mostrava-se inquieto e sensível. A satisfação de contratar o criado pessoal durara apenas cinco minutos. Agora, estava morto por tomar decisões, conseguir coisas, ter novamente as rédeas na mão. Parecia-lhe que ficaria confinado para sempre àquele pequeno quarto.

– Deves estar a brincar – declarou Devon. – Tenho criados a mais. Se contratares mais dez, dançarei de alegria.

– Pelo menos um de nós pode dançar – murmurou Rhys.

– Tu nem antes de partir a perna sabias.

Rhys riu-se a contragosto; Devon era um dos poucos homens no mundo inteiro que não receavam fazer troça dele.

– Não te enganaste com o Quincy – prosseguiu Devon. – É um tipo decente.

Devon sentou-se na cadeira que estava junto à cama, esticou as pernas e cruzou-as.

– Como estás? – perguntou Rhys, reparando que o amigo se movia com invulgar cautela.

– Grato por estar vivo.

Devon parecia mais descontraído e mais satisfeito do que nunca.

– Depois de ponderar, cheguei à conclusão de que não posso falecer durante os próximos quarenta anos: há demasiado a fazer em Eversby Priory.

Rhys suspirou, voltando a pensar nos seus grandes armazéns.

– Enlouqueço se ficar aqui. Terei de regressar a Londres o mais depressa possível.

– O Dr. Weeks disse que poderás voltar a andar, com o gesso e com a ajuda de muletas, dentro de três semanas.

– Terão de ser duas.

– Compreendo – disse Devon.

– Se não tiveres nada a opor, gostaria de chamar alguns dos meus empregados, e tê-los cá durante um dia. Tenho de me pôr ao corrente do que tem acontecido na minha ausência.

– Claro. Diz-me em que posso ajudar.

Rhys sentia-se grato a Devon, mais do que alguma vez se sentira. Não era uma sensação confortável pois não gostava de se sentir obrigado para com alguém.

– Salvares-me a pele já foi ajuda mais do que suficiente. Agora quero devolver-te o favor.

– Ficamos quites se continuares a aconselhar-me na questão da cedência do terreno à empresa do Severin.

– Faço mais, se me deixares analisar as finanças da propriedade e os

cálculos dos rendimentos das rendas. Em Inglaterra, a agricultura é um mau investimento. Precisas de rendimentos provenientes de outras fontes.

– O West está a implementar alterações que conduzirão a um aumento do rendimento anual em pelo menos cinquenta por cento.

– É um bom início. Com engenho e sorte, poderão conseguir que a propriedade cubra os seus próprios gastos. Mas nunca terão lucros. Só conseguirão obtê-los com investimentos noutras fontes, como a indústria ou as propriedades urbanas.

– O capital é um problema.

– Não tem de ser.

O olhar de Devon denotou interesse imediato. Antes de poder oferecer mais explicações, porém, Rhys reparou num vulto esguio que passou diante da porta. Mal o viu... mas foi o suficiente para despertar a sua atenção.

– Você – disse, com uma voz que chegou ao corredor. – Quem acabou de passar por esta porta. Chegue aqui.

No silêncio absorvente, uma jovem assomou à entrada do quarto. Os seus traços eram delicados mas determinados e os olhos azul-prateados afastados no rosto. À luz da lâmpada, a pele e o cabelo loiro, ambos muito claros, pareciam ter uma radiância própria, efeito que conhecia de quadros que retratavam anjos do Antigo Testamento.

É um num milhão, era o que ouvia o pai dizer sempre que queria descrever algo distinto, requintado... perfeito; algo da mais elevada qualidade. Era, sem dúvida, uma num milhão. Possuía estatura mediana, mas a extrema elegância da sua figura fazia-a parecer mais alta. Os seios afiguravam-se suavemente arredondados por baixo do vestido de gola alta. Por um prazeroso instante, de alguma desorientação, Rhys recordou que descansara neles a sua cabeça, bebericando chá de orquídea.

– Diga alguma coisa – ordenou.

A tímida radiância do sorriso dela preencheu o quarto.

– Alegra-me vê-lo melhor de saúde, Mr. Winterborne.

A voz de Helen.

Era mais bela do que a luz de qualquer estrela, e igualmente inatingível. Enquanto a contemplava, ocorreu-lhe a amarga recordação das senhoras das classes superiores que o olhavam com desprezo quando ele era um moço de recados e recolhiam os vestidos caso passassem perto dele na rua, da mesma

forma que procurariam evitar um cão sarnento.

– Posso fazer alguma coisa por si? – perguntou ela.

Rhys, incapaz de afastar os olhos dela, abanou a cabeça.

– Só queria um rosto para associar à voz.

– Talvez no decorrer da semana possa tocar piano para o Winterborne, quando ele estiver capaz de se sentar na sala – sugeriu Devon.

Ela sorriu.

– Claro, se Mr. Winterborne suportar uma distração medíocre.

Devon olhou para Rhys.

– Não te deixes enganar pela sua falsa modéstia – declarou. – Lady Helen é uma pianista incrivelmente talentosa.

– Não é falsa – protestou Helen com uma gargalhada. – Na verdade, tenho pouco talento. Passei foi várias horas a praticar.

Rhys olhou para as mãos claras, recordando a sua suavidade... A leveza com que lhe aplicara bálsamo nos lábios. Fora um dos momentos mais eróticos da sua vida. Para um homem que alimentara os seus prazeres carnavais sem comedimento, não era dizer pouco.

– O trabalho árduo frequentemente dá melhores resultados do que o talento – declarou, em resposta ao comentário dela.

Helen corou ligeiramente e baixou os olhos.

– Muito boa noite, então. Deixo-vos entregues à vossa conversa.

Rhys não respondeu, limitando-se a erguer o copo e a beber longamente. Mas o olhar dele seguiu Helen até esta sair do quarto.

Devon reclinou-se na cadeira e entrelaçou os dedos, pousando-os no abdómen.

– Lady Helen é uma jovem extremamente prendada. Sabe de história, literatura e arte e é fluente em francês. E sabe ainda como administrar uma casa da alta sociedade e respetivos criados. Assim que o período de luto terminar, tenciono levá-la para Londres, assim como as gémeas, para a sua primeira temporada.

– Terá, sem dúvida, muitas propostas excelentes – comentou Rhys com amargura.

Devon abanou a cabeça.

– Terá algumas propostas adequadas, na melhor das hipóteses. Nenhuma será esplêndida, nem sequer adequada a uma jovem com as suas qualidades. – Em resposta ao olhar perplexo de Rhys, explicou: – O falecido conde não lhe deixou dote.

– É uma pena.

Se Devon tentasse pedir-lhe dinheiro emprestado para melhorar as possibilidades de Helen de se casar com um aristocrata, mandava-o dar uma volta.

– O que é que isso tem que ver comigo?

– Nada, se ela não te agrada. – Vendo a expressão desconcertada de Rhys, Devon abanou a cabeça com uma gargalhada de exasperação. – Que diabo, Winterborne! Não sejas obtuso. Estou a tentar assinalar uma oportunidade, se tiveres algum interesse em Lady Helen.

Rhys ficou mudo. Estupefacto.

Devon escolheu as palavras seguintes com evidente cuidado.

– À primeira vista, não seriam o par mais óbvio.

O par? *Casamento*? Era evidente que aquele estupor não sabia o que estava a sugerir. Mesmo assim... A possibilidade perturbou-o.

– Contudo, há vantagens óbvias para ambos os lados. A Helen acederia a uma vida de segurança e conforto. Teria a sua própria casa. Quanto a ti, ficarias com uma esposa de grande beleza e excelente educação, cujo berço te granjearia a entrada em muitas das portas que no presente se fecham para ti. – Após uma breve pausa, acrescentou como quem não quer a coisa: – Como filha de um conde, conservaria o título mesmo depois de se tornar tua esposa. Lady Helen Winterborne.

Devon era astuto o suficiente para perceber o impacto que a designação teria nele. Lady Helen Winterborne... Sim, Rhys achava a porcaria da ideia *esplêndida*. Nunca sonhara em casar-se com uma mulher respeitável, muito menos uma filha da aristocracia.

Mas não era homem para ela. Não passava de um galês com sotaque acentuado, desbocado e de origens vulgares. Um comerciante. Por muito bem que se vestisse ou fosse capaz de se comportar, a sua natureza seria sempre grosseira e competitiva. As pessoas iriam falar ao vê-los juntos... Concordariam que o casamento com ele a aviltara. Helen seria objeto de

piedade e talvez de escárnio.

Iria detestá-lo secretamente por isso.

E Rhys não se importava minimamente.

Não tinha ilusões, porém, de que Devon lhe oferecia a mão de Lady Helen sem condições. Haveria um preço elevado a pagar: os Ravenel necessitavam desesperadamente de dinheiro. Mas Helen valia cada centavo que lhe fosse pedido. A sua fortuna era ainda mais vasta do que as pessoas suspeitavam; poderia comprar um pequeno país, se assim o desejasse.

– Já abordaste o assunto com Lady Helen? – perguntou. – Foi por essa razão que fez de Florence Nightingale enquanto estive febril? Para me amolecer antes da negociação?

– Que ideia! – rosnou Devon. – Esta jovem está acima desse tipo de manipulação. Ajudou-te porque tem uma natureza compassiva. Não... não tem a menor ideia de que penso combinar o seu casamento.

Rhys optou por ser direto.

– O que te faz pensar que estaria disposta a casar-se com alguém como eu?

Devon respondeu com franqueza.

– Atualmente tem poucas opções. Não existe ocupação adequada a uma senhora que lhe proporcione um rendimento decente e não se rebaixaria a prostituir-se. Além do mais, a sua consciência não lhe permitirá ser um fardo para outra pessoa, o que significa que terá de se casar. Sem dote, será forçada a casar-se com um velho decrépito que já não consegue pô-lo de pé ou com o quarto filho de uma linhagem consanguínea. Ou... terá de se casar com alguém que não pertence à sua classe. – Devon encolheu os ombros e sorriu agradavelmente. Era o sorriso de um homem que detinha uma boa mão de cartas. – Não tens qualquer obrigação, claro. Posso sempre apresentá-la ao Severin.

Rhys era um negociador demasiado experiente para mostrar qualquer reação, embora a sugestão o indignasse profundamente. Aparentando descontração, murmurou:

– Talvez devesse fazê-lo. O Severin não hesitaria em ficar com ela. Enquanto eu provavelmente estaria melhor casando-me com o tipo de mulher que mereço.

Fez uma pausa e contemplou o copo, que fez girar até a última gota deslizar no seu interior.

– Contudo – retomou –, sempre quis melhor do que aquilo que mereço.

Toda a sua ambição e determinação haviam convergido num único desejo... Casar-se com Lady Helen Ravenel. Seria mãe dos seus filhos, belos filhos de sangue azul. Cuidaria com que fossem educados e criados rodeados de luxo e poria o mundo aos seus pés.

Um dia, por Deus, ainda iriam *suplicar* pela oportunidade de desposar um Winterborne.

CAPÍTULO 24

Uma semana depois do acidente, Devon ainda não se encontrava suficientemente bem para o seu habitual passeio matinal a cavalo. Estava habituado a iniciar o dia com alguma forma de exercício físico e uma simples caminhada não bastava. A inatividade prolongada piorava-lhe cada vez mais o humor e, para cúmulo, sentia-se excitado e sem forma de resolver nenhum dos problemas. Continuava desconcertado pela recusa de Kathleen em ter uma aventura com ele. *Representa um perigo para mim...* Aquela declaração confundira-o e enfurecera-o. Nunca a prejudicaria de forma alguma. Como podia ela pensar o contrário?

A primorosa educação a que Lady Berwick a sujeitara conferira-lhe uma consciência demasiado sensível, concluiu. Era óbvio que necessitava de tempo para se adaptar à ideia de que deixara de estar comprometida pelas mesmas regras que tão escrupulosamente observara.

Por seu lado, Devon sabia que teria de conquistar a sua confiança.

Ou seduzi-la.

O que quer que acontecesse primeiro.

Seguiu para o campo por um caminho que cruzava o bosque e passava pelas ruínas de um celeiro medieval. O dia estava húmido e o ar frio de geada, mas o passo enérgico não o deixava arrefecer. Reparou num tartaranhão-azulado que voava perto do solo e deteve-se a observá-lo a caçar. O pássaro parecia flutuar na busca da sua presa, a plumagem cinzenta e branca fantasmagórica à luz da manhã. Ao longe, um bando de tentilhões sulcava o céu.

Enquanto prosseguia o seu caminho, Devon refletia que, para sua surpresa, se afeiçoara à propriedade. A responsabilidade de a preservar e de restaurar Eversby Priory, que seria sua para sempre, já não lhe parecia um castigo, mas apelava a um instinto profundo e ancestral.

Se as últimas gerações de Ravenel não tivessem tido tanta falta de visão... Eram pelo menos duas dúzias de quartos que se tinham tornado inabitáveis. As águas que se infiltravam pelas paredes tinham originado humidade e podridão, o que arruinara os estuques e as mobílias. Impunha-se um trabalho rápido de restauro, antes que os danos se tornassem impossíveis de reparar.

Precisava de dinheiro, muito dinheiro, imediatamente. Teria adorado vender a propriedade de Londres e aplicar o ganho em Eversby Priory, mas tal poderia ser encarado como fragilidade por potenciais credores ou parceiros. Talvez pudesse arriscar-se a vender as suas terras de Norfolk? Atrairia muito menor atenção. Mas os ganhos seriam irrisórios. E ouvia já os protestos de Kathleen e de West se decidisse expulsar os rendeiros de lá.

Um sorriso trocista assomou-lhe aos lábios ao recordar que, há pouco tempo, os seus dilemas consistiam no chá fraco que lhe apresentava a criada e na necessidade de trocar as ferraduras ao cavalo.

Muito sério, empreendeu o caminho de regresso a Eversby Priory, cuja intrincada silhueta se recortava contra o céu de janeiro. Enquanto contemplava a profusão de parapeitos rendilhados, as arcadas e as elegantes chaminés encimadas por florões ornamentais, perguntou-se sombriamente quais destes seriam os primeiros a cair. Passou pelos edifícios adjacentes, aproximando-se da fileira de *paddocks*, situados atrás dos estábulos. Um cavaleiro estava parado junto à cerca do maior deles, a observar um cavaleiro de pequena estatura que ensaiava andamentos.

Kathleen e *Asad*.

Devon sentiu a pulsação acelerar-se em proporção ao seu interesse. Foi ter com o rapaz junto à cerca, apoiando os braços sobre esta.

– Senhor – disse o rapaz, retirando apressadamente o boné da cabeça para o saudar com um respeitoso aceno.

Devon retribuiu-lho, observando atentamente Kathleen a conduzir o cavalo árabe de pelagem dourada do outro lado do *paddock*.

Estava vestida com um fato de montar de corte severo e um pequeno chapéu de copa baixa e, na parte inferior, trazia botins e calças, tal como as que lhe vira anteriormente e que deveriam ser usadas por baixo de uma saia de montar, nunca de forma autónoma. Devon tinha de admitir que o conjunto, embora algo indecoroso, lhe permitia uma liberdade de movimentos que as diversas camadas de saias nunca permitiriam.

Kathleen conduziu *Asad* numa série de semicírculos, transferindo o seu

próprio peso de forma fluida a cada volta, incitando o animal a avançar com um simples toque do joelho. Fazia-o com tanta perfeição e fluidez que o prazer de a observar lhe produziu um arrepio intenso. Devon nunca vira ninguém, homem ou mulher, capaz de montar com aquela economia de movimentos. O cavalo árabe era profundamente sensível à pressão sutil dos seus joelhos e coxas, seguindo as suas indicações como se lhe lesse a mente. De constituição leve, elegantes, rápidos, os dois formavam um par perfeito.

Ao reparar na presença de Devon, Kathleen dirigiu-lhe um sorriso radioso. Com algum exibicionismo, incitou o cavalo a um trote ágil, os joelhos elevados, os quartos traseiros fletidos. Depois de desenhar uma linha serpenteante, *Asad* trotou sem avançar, executando, então, uma volta perfeita sobre os quadris, descrevendo um círculo para a direita e, logo a seguir, uma volta completa para a esquerda. A cauda dourada esvoaçava.

O maldito cavalo estava a dançar.

Devon abanou a cabeça, contemplando-os, deslumbrado.

Depois de deslizar pelo *paddock* a meio galope, Kathleen abrandou para trote e conduziu o cavalo até à cerca. Reconhecendo Devon, *Asad* deu um relincho de boas-vindas, enfiando o focinho na cerca.

– Muito bem – congratulou Devon, afagando a pelagem dourada do animal. Olhou para Kathleen. – Monta maravilhosamente. Como uma deusa.

– O *Asad* faria qualquer um parecer um cavaleiro exímio.

– Só a Kathleen consegue montá-lo como se tivesse asas – devolveu Devon, sem desviar o olhar.

Corada, Kathleen olhou para o cavaleiro.

– Freddie, treina-o um pouco à guia e fazes o *paddock* de saída?

– Sim, senhora!

O rapaz deslizou por entre a vedação enquanto Kathleen desmontava num movimento ágil.

– Podia tê-la ajudado a descer – comentou Devon.

Kathleen trepou a cerca.

– Não preciso de ajuda – declarou ela, com acerta altivez, o que Devon julgou adorável.

– Regressa a casa, agora? – perguntou.

– Sim, mas primeiro devo ir buscar a saia à sala das selas.

Devon acompanhou-a, olhando dissimuladamente o seu vulto esguio. A visão daquelas curvas firmes e femininas acelerou-lhe a pulsação.

– Julgo recordar uma regra relativa à utilização de calças de montar – disse.

– Não são calças de montar, são calças.

Ele alçou uma sobrancelha.

– Então considera válido quebrar o espírito da lei desde que não prevarique nas palavras?

– Sim. Além do mais, não tem direito de ditar regras sobre a minha maneira de vestir.

Devon reprimiu um sorriso. Se tencionava desencorajá-lo com a sua imprudência, o efeito foi o oposto. Afinal, era um homem, e um Ravenel, para mais.

– Ainda assim – prosseguiu Devon –, haverá consequências.

Kathleen reagiu com um olhar duvidoso.

Saíram dos estábulos para a sala das selas enquanto Devon mantinha uma expressão impassível.

– Não tem necessidade de me acompanhar – disse Kathleen, estugando o passo. – Tenho a certeza de que tem muito que fazer.

– Nada tão importante como isto.

– Como o quê? – perguntou ela, com reserva.

– Descobrir a resposta a uma pergunta.

Kathleen deteve-se junto da parede onde se penduravam as selas, endireitou os ombros e voltou-se para ele, resoluta.

– Que é...?

Puxando meticulosamente pelos dedos das luvas de montar, tirou-as.

Devon adorava a prontidão com que ela lhe fazia frente, embora tivesse metade do seu tamanho. Com lentidão, esticou um braço para lhe tirar o chapéu e atirou-o para um canto. Parte da desafiante tensão do corpo dela desvaneceu-se quando compreendeu que se tratava de uma diversão. Parecia muito jovem, com o rosto corado e o cabelo algo desalinhado do esforço.

Ele deu um passo em frente, apertando-a lentamente contra a parede entre

duas fileiras de penduradores sem selas, perfeitamente imobilizada naquele pequeno espaço. Segurando-lhe nas lapelas estreitas do casaco de montar, encostou a boca à orelha dela e perguntou, docemente:

– O que é que as senhoras usam por baixo das calças de montar?

Kathleen soltou uma risada esbaforida. As luvas caíram ao chão.

– Julgaria que um infame libertino o saberia.

– Nunca fui infame. Para libertino, sou bastante normal.

– Aqueles que negam são os piores.

Kathleen ficou tensa quando ele começou a beijar-lhe o pescoço. Tinha a pele quente do exercício, um pouco salgada, e o seu cheiro era divinamente excitante: cavalos, ar frio de inverno, suor, rosas.

– Tenho a certeza de que provocava o caos em Londres, com o jogo, a bebida, as farras, as perseguições às meninas...

– Bebia moderadamente – declarou ele com voz abafada – e jogava muito pouco. Admito as farras.

– E as meninas?

– Nenhuma.

Face à risada cética, Devon ergueu a cabeça.

– Desde que a conheci.

Kathleen recuou, fitando-o com olhos perplexos.

– Não teve mulheres desde...

– Não. Como poderia levar outra pessoa para a cama? De manhã, acordaria a desejá-la.

Aproximou-se, encurralando-a mais com a sua figura.

– Não respondeu à minha pergunta.

Ela encolheu-se até ficar com a cabeça encostada à parede de madeira.

– Sabe que não posso.

– Então terei de descobrir sozinho.

Os braços dele envolveram-na e uma mão deslizou-lhe pelo casaco até às costas. Devon percorreu com os dedos o colete de montar, mais curto e ligeiro do que o habitual. Explorando sob a cinta, encontrou um tecido fino e sedoso,

em lugar do linho ou algodão que esperava. Fascinado, desapertou com uma mão a fileira de botões que lhe sustinha as calças, enquanto a outra a segurava por trás.

– São culotes? De que são feitos?

Ela fez menção de o empurrar, mas deteve-se ao recordar-se de que estava ferido, ficando com as mãos suspensas no ar. Devon puxou-a contra ele pelas ancas. Sentindo a sua excitação, Kathleen inspirou rapidamente.

– *Vão ver-nos* – sibilou.

Ele estava demasiado ocupado com os culotes para se importar.

– Seda – constatou, enfiando a mão mais profundamente nas calças dela.

– Sim, para não se amarrotarem debaixo d... Oh... Pare...

As perneiras da fina peça cobriam-lhe apenas a parte superior das coxas. Continuando a explorar, Devon descobriu que não tinha nenhuma abertura.

– Estão cosidas.

Ao ver a genuína expressão de perplexidade de Devon, Kathleen riu-se nervosamente, apesar da indignação.

– Não queremos que nada se abra enquanto montamos.

Estremeceu ao sentir a mão dele deslizar mais fundo nas calças, para a acariciar sobre a seda.

Devon dedicou-se a percorrer as delicadas formas da sua figura feminina, notando, através do tecido, o calor que dela emanava. Os seus dedos, ora suaves ora insistentes, provocavam-na, e ele sentiu uma alteração no corpo dela, na forma como se encostava a ele. Voltando a aproximar a boca do seu pescoço, beijou o suave declive até à gola do casaco. Com delicadeza, fez-lhe roçar o punho fechado pelo sulco entre as pernas e a irregularidade da forma arrancou-lhe um gemido.

Kathleen, sem fôlego, principiou a dizer algo, mas ele silenciou-a com a boca, beijando-a com ávida paixão. Pousando as mãos nos ombros dele, ela agarrou-se ao seu corpo com um som agitado. A sua relutância desabava, deliciosamente esvaída, e ele não lhe permitia um segundo de trégua, beijando-a e acariciando-a até uma pequena mancha de humidade se notar sobre a seda.

Kathleen resistiu até ele a libertar e recuou um passo. Segurando nas calças, tirou rapidamente a saia de montar do gancho onde estava pendurada e

revirou a pesada peça de roupa, sem conseguir encontrar os botões.

– Deseja que...? – principiou Devon.

– Não.

Bufando de frustração, desistiu e decidiu carregar a saia.

Instintivamente, Devon estendeu-lhe uma mão, mas ela deu um salto para trás, com uma gargalhada ansiosa.

O som excitou-o insuportavelmente, espalhando calor por todo o seu corpo.

– Kathleen – chamou, sem fazer o menor esforço para esconder a paixão que lhe incendiava o olhar –, se ficar quieta, eu ajudo-a com a saia. Mas se fugir será apanhada. – Inspirando profundamente, acrescentou num sussurro: – E farei com que atinja o clímax novamente.

Kathleen arregalou os olhos.

Ele deu um passo decidido. Ela saiu a correr como uma lebre em fuga, atravessando a porta mais próxima para se refugiar na cocheira. Devon seguiu-a imediatamente, passando pela oficina, com as suas compridas bancadas de carpintaria e armários de ferramentas. A cocheira tinha um cheiro agradável a serrim, massa para eixos, laca e graxa para couro. Era reservada e, iluminada apenas por uma fileira de claraboias, estava mergulhada na penumbra. As enormes portas, sustentadas por compridas dobradiças quando abertas, davam para o caminho de acesso à propriedade.

Kathleen correu entre as filas de veículos utilizados para diferentes propósitos: carroças, carruagens, um cupé ligeiro, um landau com capota, um faetonte e uma caleche coberta para o verão. Devon deu a volta e intercetou-a ao lado da carruagem da família, um veículo enorme e imponente que necessitava de seis cavalos para andar. Símbolo de poder e de prestígio, ostentava o brasão da família Ravenel: três corvos pretos sobre um escudo em branco e dourado, de ambos os lados.

Parando abruptamente, Kathleen fitou-o na penumbra.

Devon tirou-lhe a saia das mãos, deixou-a cair ao chão e encostou-a contra a carruagem.

– A minha saia de montar – exclamou esta, consternada. – Vai arruiná-la.

– De qualquer modo, não iria usá-la – replicou Devon com uma gargalhada, começando a desabotoar-lhe o casaco, enquanto ela falava atabalhoadamente.

Silenciando-a com um beijo, abriu-lhe o casaco, segurou-lhe na cabeça e

beijou-a mais profundamente, invadindo-a, e Kathleen comprazia-se, impotente. Um prazer intenso percorreu-o quando a sentiu tocar-lhe timidamente na língua e esticou um braço procurando o puxador em forma de anel da porta da carruagem.

– Não pode – reagiu Kathleen, aturdida, percebendo as suas intenções.

Devon nunca se sentira tão divertido, nem tão excitado. Puxou a porta e fez descer o degrau rebatível.

– Tem duas opções: aqui, à vista de qualquer pessoa que passe... ou na carruagem, onde ninguém nos verá.

Ela pestanejou com força, com o olhar fixo nele, parecendo horrorizada. Mas não havia como esconder a profunda excitação patente no seu rosto.

– Seja. Aqui fora – declarou ele, implacável, agarrando-a pela cintura das calças.

Rendida, Kathleen voltou-se com um gemido e subiu para a carruagem.

Devon seguiu-a de imediato.

O interior, de luxuosos estofos de couro e veludo, tinha incrustações de madeira lacada, compartimentos para vinho e copos de cristal e cortinas de damasco com franjas de seda nas janelas. Inicialmente a escuridão parecia absoluta mas, quando a sua visão se ajustou, Devon conseguiu distinguir o brilho pálido da pele de Kathleen.

Com movimentos inseguros, ela despiu o casaco com a ajuda dele, que, a seguir, a envolveu num abraço para lhe desapertar os botões da blusa, junto à nuca, sentindo-a tremer. Segurou-lhe o lóbulo da orelha entre os lábios, mordiscando suavemente, fazendo deslizar sobre ele a ponta da língua.

– Paro se me disser para o fazer – sussurrou. – Até lá, seguiremos as minhas regras.

Devon tirou o casaco com uma careta de dor, mas foi com um sorriso que recebeu as mãos dela, que procuravam desapertar-lhe a gravata.

A cada peça de roupa que despia... colete... suspensórios... camisa... ponderava seriamente se teria autocontrolo suficiente para aguentar. Quando aproximou Kathleen do seu peito nu, ela envolveu-lhe o pescoço com os braços, pousando as mãos sobre os seus ombros. Com um gemido, beijou-a até à curva dos seios elevados pelo corpete. Ansiava tirar-lho, mas não conseguiria voltar a apertá-lo naquela penumbra.

Tateando por baixo da cintura aberta das calças, encontrou o cordão dos

culotes de seda, desapertando-o com um puxão desafiante. Kathleen ficou tensa, mas não protestou quando ele os fez descer sobre as ancas, com mãos um tanto trémulas. Sentia o coração a martelar-lhe no peito, os músculos tensos de desejo. Ajoelhando-se na alcatifa, deslizou as mãos abertas sobre as curvas suaves das coxas nuas, descendo-as pelas pernas. As calças de montar estavam presas nos botins e amontoavam-se à volta dos tornozelos. Graças aos reforços laterais e às linguetas de pele da parte posterior, foi fácil tirá-los. Depois de a despojar das calças, Devon fez deslizar um dedo sobre o centro das coxas apertadas.

– Abra-se para mim – sussurrou.

Ela não o fez.

Compreensivo e ternamente divertido, Devon acariciou-lhe as pernas com mãos pacientes.

– Não seja tímida. Não há nenhuma parte de si que não seja bela.

Levou-lhe a mão até ao início das coxas, deslizando o polegar pelo veludo delicado, girando-o suavemente.

– Deixe-me beijá-la aqui – pediu com meiguice. – Só uma vez.

– Oh... meu Deus... não – arquejou ela, esticando uma mão para afastar a dele. – É pecado.

– Como é que sabe?

– Porque tem todo o ar de o ser – conseguiu dizer Kathleen.

Ele riu baixinho e chamou a si as ancas dela com tal determinação que ela soltou um pequeno grito.

– Nesse caso... nunca peço por defeito.

CAPÍTULO 25

—Vamos os dois para o Inferno – declarou Kathleen, tremendo ao sentir os beijos dele no sulco das suas coxas fechadas.

– Sempre presumi que iria – replicou Devon, não parecendo minimamente incomodado.

Kathleen contorceu-se, sentindo a sua modéstia devassada, perguntando-se freneticamente como acabara seminua dentro de uma carruagem com ele. O ar estava frio, os estofos de veludo gelados sob as nádegas expostas e as mãos e a boca dele, quentes, provocavam-lhe arrepios no corpo todo.

Aquelas mãos agarraram-lhe nas pernas, sem as obrigar a afastarem-se, apenas pressionando os músculos retesos, e a sensação foi tão boa que ela arrulhou de desespero. Os polegares foram subindo pouco a pouco até ao cimo do doce triângulo, tateando suavemente e ela, impelida pelo trémulo prazer, permitiu que lhe afastasse as pernas. Estava perdida, incapaz de pensar, com todos os sentidos focados nos beijos que ele lhe semeava no interior da coxa, demorando-se onde a pele era mais fina e sensível. Estremeceu quando ele alcançou a união dos tenros lábios e a percorreu com a língua, afastando-os, mas parando na iminência de chegar ao suave e altivo botão. Ofegante, ela agarrou-lhe na cabeça e enfiou-lhe os dedos no cabelo, sem saber se desejava afastá-lo ou puxá-lo para si. Com delicadeza, Devon apertou entre os lábios uma das tenras pontas e ela sentiu a respiração quente e excitante enquanto ele procurava lentamente, sem chegar a alcançar o lugar onde o desejo a consumia.

Um murmúrio diabólico cortou a escuridão.

– Quer que a beije?

– Não.

Meio segundo depois, inspirou, arquejante, dizendo:

– Sim.

Uma risada tranquila vibrou contra a sua pele húmida e a sensação quase a fez desmaiar.

– Qual das duas? – instigou ele. – Sim ou não?

– Sim. Sim.

Não era agradável descobrir que a sua moral tinha a força de um pedaço de cartão molhado.

– Mostre-me onde – murmurou ele.

Ofegando de excitada resignação, obrigou-se a fazê-lo, estendendo as mãos para expor o minúsculo cume. A boca dele tapou-o lenta e ternamente, encostando a língua ao íntimo palpar. As mãos dela procuraram as almofadas de veludo e afundaram os dedos. A língua dele deslizou-lhe sobre a pele. Uma vez. Trémula e prestes a desmaiar, Kathleen deixou escapar um gemido pungente.

Uma nova e lânguida carícia, que terminou com um leve dardejar.

– Diga que precisa de mim.

A respiração dele fazia-lhe cócegas.

– Preciso de si – arquejou ela.

Ele descreveu um círculo excitante com a língua.

– Agora diga que é minha.

Completamente dominada pelo desejo, ela teria dito praticamente tudo. Mas detetou uma alteração subtil do seu tom de voz, uma nota possessiva que a advertia de que ele falava muito a sério.

Ao não obter resposta da parte dela, Devon aproximou um dedo da entrada do seu corpo... Não, dois... oscilando lentamente entre a pele intumescida. A sensação de preenchimento era desconfortável mas deliciosa. Kathleen sentia os músculos internos do seu corpo a pulsar, desejosos de fazer afundar ainda mais os dedos. Na sua busca, ele tocou em algo dentro de si, num ponto muito macio que a fez arquear o corpo inteiro de prazer.

A voz dele ficou mais grave... Mas imperiosa.

– Diga-o.

– Sou sua – respondeu ela, quase sem voz.

Devon quase ronronou ao ouvi-la.

A anca dela elevou-se, suplicando-lhe que afagasse outra vez o ponto delicado, e Kathleen estremeceu com brusquidão ao senti-lo, totalmente entregue.

– *Oh*, sim. Aí, aí...

A sua voz desvaneceu-se ao sentir os lábios dele a abrirem-se sobre ela, chupando e provocando. Recompensou-a com um ritmo regular, segurando-lhe nas nádegas inquietas, conduzindo com firmeza os movimentos dela em direção à sua boca. Cada vez que a sua anca descia, ele lambia-a até acima, até deter a ponta da língua abaixo da pequena pérola do seu sexo, uma e outra vez. Com a respiração descontrolada e balbuciando palavras desconexas, Kathleen sabia que deixara de controlar o que quer que fosse, abandonados todo o pensamento e toda a vontade. Existia apenas uma terrível necessidade, cada vez mais crescente... Até começarem, por fim, os dilacerantes espasmos. Com um grito surdo, ela acometeu contra ele, aprisionando-lhe os ombros de forma incontrolável.

Assim que os longos e violentos tremores se extinguíram, Kathleen deixou-se cair nas almofadas de veludo como uma boneca de trapos que alguém acabava de descartar. Devon continuou a cobri-la com a boca, convertendo lentamente o prazer em relaxamento. Ela conseguiu reunir força suficiente para estender uma mão e lhe acariciar o cabelo.

Talvez valha a pena ir para o Inferno por isto, pensou, e só quando sentiu Devon sorrir é que percebeu que o dissera em voz alta.

*

Um punhado de palavras guturais fizeram com que Helen abrandasse o passo ao chegar à sala de estar do piso de cima. O som de impropérios galeses havia-se tornado bastante familiar durante a semana anterior, à medida do esforço de Mr. Winterborne para lidar com as limitações impostas pelos seus ferimentos e o pesado gesso que lhe envolvia a perna. Embora nunca gritasse, algo na sua voz a fazia chegar muito mais longe do que o homem comum, um timbre grave como o de um sino de bronze. Helen não conseguia compreender porque é que as pessoas eram tão prontas a desdenhar o sotaque galês. Ela gostava das vogais largas como os ombros dele, dos «r» marcados e

ligeiramente arrastados e das consoantes ignoradas, suavizando as palavras.

Independentemente de Winterborne continuar confinado ao piso de cima, a sua presença parecia encher a casa. Era um homem vigoroso, que se aborrecia facilmente e se impacientava com tantas restrições. Ansiava por atividade e barulho, tendo chegado ao ponto de insistir com os carpinteiros para que retomassem a sua cacofonia diária, embora Devon tivesse dado indicação para pararem durante a sua convalescença. Aparentemente, as últimas coisas que Winterborne desejava eram paz e sossego.

Até ao momento, mantivera Quincy, o antigo criado do pai, numa azáfama constante, algo que teria dado azo a preocupação caso este não parecesse tão entusiasmado com a sua nova situação de seu criado pessoal. Dias atrás, dera a notícia a Helen, enquanto saía para a aldeia para enviar um punhado de telegramas.

– Fico tão contente por si! – exclamara Helen, depois de apaziguada a surpresa inicial. – Embora, confesso, não consiga imaginar Eversby Priory sem si.

– Pois é, senhora.

O idoso contemplava-a com uma expressão doce, um olhar que traía um afeto que ele nunca exprimiria em palavras. Era um homem disciplinado e profissional, mas sempre tratara Helen e as gémeas com inabalável amabilidade, interrompendo o seu trabalho para ajudar a procurar uma boneca perdida, ou para proteger um cotovelo arranhado com o seu próprio lenço. No fundo, Helen sempre soubera que, das três irmãs, era a preferida de Quincy, talvez porque, de certo modo, tinham naturezas semelhantes. Ambos gostavam de paz, tranquilidade e que tudo estivesse no sítio certo.

A tácita afinidade com Quincy fora cimentada pela experiência partilhada de cuidar do falecido conde, nos seus últimos dias, quando este sucumbira à doença, após um longo dia de caça ao frio e à chuva. Embora Sims e Mrs. Church tivessem feito tudo o que podiam para aliviar o sofrimento do seu pai, tinham sido Helen e Quincy quem se revezara à cabeceira dele. Não havia mais ninguém: as gémeas não foram autorizadas a entrar no quarto por receio de contágio e Theo não regressara de Londres a tempo de se despedir.

Depois de saber que Quincy deixaria Eversby Priory, Helen tentara alegrar-se por ele, em vez de desejar de forma egoísta que permanecesse.

– Gostará de viver em Londres, Quincy?

– Espero que sim, senhora. Será como uma aventura. Talvez seja a melhor

forma de limpar as teias de aranha.

Helen devolvera-lhe um sorriso trémulo.

– Vou ter saudades suas, Quincy.

O criado não perdera a compostura, mas os seus olhos adquiriram um brilho suspeito.

– Quando visitar Londres, senhora, gostaria que se recordasse de que estarei sempre ao seu serviço. Só tem de mandar chamar-me.

– Alegra-me que vá cuidar de Mr. Winterborne. Ele precisa de si.

– Sim – devolveu Quincy, com sinceridade. – É certo.

Seria necessário algum tempo, pensou Helen, para Quincy se familiarizar com os hábitos, as preferências e as manias do seu novo senhor. Felizmente, o idoso passara décadas a praticar a gestão de temperamentos voláteis. Winterborne não poderia ser mais difícil do que qualquer Ravenel.

Durante os últimos dois dias, tinham chegado de Londres alguns empregados de Winterborne, que incluíam gerentes de loja, um contabilista e um encarregado de imprensa. Passavam horas com Winterborne na sala de estar da família, a apresentar relatórios e a receber instruções. Embora o Dr. Weeks tivesse advertido que o esforço excessivo poderia prejudicar o processo de recuperação, Winterborne parecia retirar energia da interação com os empregados.

– Os grandes armazéns são mais do que um mero negócio – explicara-lhe West, enquanto Winterborne se reunia com os gerentes no piso superior. – São quem ele é. Consomem-lhe praticamente todo o tempo e toda a atenção.

– Mas para quem faz isso tudo? – indagara Helen, perplexa. – Habitualmente um homem deseja ter rendimento para se dedicar a coisas mais importantes... para ter tempo para a família e os amigos... desenvolver os seus talentos... a sua vida interior...

– O Winterborne não tem vida interior – replicara secamente West – e provavelmente não veria com bons olhos qualquer sugestão em contrário.

Os empregados tinham partido naquela manhã e Winterborne passara a maior parte do dia ora na sala de estar, ora no seu quarto, apoiando-se teimosamente na muleta para se deslocar, apesar das indicações do médico para que não colocasse peso na perna convalescente.

Espreitando pela ombreira, Helen viu-o sentado, sozinho, na sala de estar, ao lado de uma mesa de tampo de marfim. Derrubara acidentalmente uma

pilha de papéis de cima da mesa, que se encontravam espalhados no chão ao seu redor. Inclinando-se, algo perclitante, tentava apanhar as páginas caídas sem ele próprio cair da cadeira.

A preocupação de Helen foi mais forte do que a sua timidez, levando-a a entrar sem hesitação.

– Boa tarde, Mr. Winterborne – saudou, colocando-se de joelhos para apanhar os papéis.

– Não se incomode com isso – ouviu-o protestar.

– Não é incômodo nenhum.

Ainda de joelhos, ergueu a cabeça e olhou-o com ar de dúvida. Sentiu o coração dar um salto, e depois outro, ao contemplar os olhos mais escuros que alguma vez vira, de um castanho tão intenso que se diria preto, encimados por pestanas espessas, num rosto moreno e atraente. A sua beleza brutal deixava-a nervosa. Podia ser o próprio Lúcifer, ali sentado, muito maior do que ela julgara inicialmente. Nem sequer a perna engessada lhe diminuía a imponência.

Entregou-lhe os papéis e os seus dedos uniram-se brevemente. Sobressaltada com o toque, retirou imediatamente a mão. Ele franziu as sobrancelhas, a boca numa curva sombria.

Helen levantou-se cuidadosamente.

– Posso fazer alguma coisa para se sentir mais confortável? Quer que mande vir chá ou um refresco?

– O Quincy não demorará a trazer uma bandeja – replicou ele, abanando a cabeça.

Ela não sabia muito bem como responder. Fora mais fácil falar com ele quando estava doente e indefeso.

– Mr. Quincy disse-me que irá trabalhar para si, em Londres. Alegro-me, pelos dois, que lhe proporcione esta oportunidade. Será um excelente criado.

– Com o que lhe pago – devolveu Winterborne –, é bom que seja o melhor de Inglaterra.

– Não tenho dúvidas de que o será – replicou ela, após um momento de desorientação.

Winterborne compôs meticulosamente a pilha de papéis.

– Quer começar por deitar as minhas camisas fora.

– As suas camisas – repetiu Helen, perplexa.

– Um dos meus gerentes trouxe-me algumas das minhas roupas e o Quincy identificou que eram de pronto a vestir.

Winterborne fitou-a, reticente, avaliando a sua reação.

– Para ser preciso – prosseguiu – são vendidas semiacabadas, para serem finalizadas de acordo com as preferências do cliente. A qualidade do tecido é a mesma de qualquer camisa feita à medida mas, mesmo assim, o Quincy torce o nariz.

– Um homem com a profissão de Mr. Quincy tem de ser exigente no que respeita a pormenores – devolveu Helen, depois de ponderar a resposta. Deveria, provavelmente, ter ficado por ali, pois era por de mais desajustado falar com um homem sobre as suas roupas. Sentiu, porém, que devia ajudá-lo a compreender as preocupações de Quincy.

– Não se trata apenas do tecido. A confeção é diferente numa camisa de alfaiate: as costuras são perfeitamente retas e planas e as casas dos botões são com frequência feitas em forma de buraco de fechadura de um lado para reduzir a pressão do botão. – Fez uma pausa e sorriu. – Poderia continuar a falar sobre carcelas e punhos, mas receio fazê-lo adormecer na cadeira.

– Conheço o valor dos pormenores, mas relativamente a camisas... – Winterborne hesitou. – Faço questão de usar o que vendo, para que os clientes saibam que dispõem da mesma qualidade do dono dos armazéns.

– Parece uma estratégia de vendas inteligente.

– E é. Vendo mais camisas do que qualquer outra loja de Londres. Mas não me ocorreu que a aristocracia valorizasse tanto as casas dos botões.

Ferira o seu orgulho, pensou Helen, constatar que se colocara em desvantagem ao misturar-se com pessoas de classe social superior.

– Tenho a certeza de que não deveriam – comentou, em tom de desculpa. – Têm coisas muito mais importantes com que se preocupar.

– Fala como se não fosse um deles – devolveu ele com olhar inquiridor.

– Vivi afastada do mundo durante tanto tempo da minha vida, Mr. Winterborne, que por vezes me pergunto quem sou, ou se pertenço a algum lugar – replicou ela com um leve sorriso.

Winterborne observou-a.

– O Trenear planeia levá-la para Londres quando terminar o período de

luto, assim como às suas irmãs.

Helen assentiu.

– Desde criança que não vou à cidade. Recordo que é um sítio muito grande e entusiasmante. – Fez uma pausa, surpreendida ao constatar que desabafava com ele. – Agora, creio que me pareceria... intimidante.

– O que faz quando se sente intimidada? Corre para o canto mais próximo e esconde-se? – desafiou ele com um sorriso incipiente.

– Diria que não – replicou ela, empertigando-se e perguntando-se se ele estaria a provocá-la. – Faço o que deve ser feito, em qualquer ocasião.

O sorriso de Winterborne cresceu até revelar uma fileira de dentes brancos reluzentes na tez morena.

– Suponho que o sei melhor do que a maioria – disse, suavemente.

Compreendendo que ele se referia à forma como ela o ajudara a superar a febre... e recordando o momento em que apoiara aquela cabeça morena no seu braço e lhe limpara o rosto e o pescoço... Helen sentiu-se começar a corar, mas não era o comum rubor que aparecia e desaparecia rapidamente. Aquele aumentava de intensidade e espalhava-se por todo o seu corpo, até a deixar tão desconfortável que mal conseguia respirar. Quando cometeu o erro de olhar para aqueles olhos cor de café, sentiu-se definitivamente afogueada.

O seu olhar desesperado recaiu sobre o velho pianoforte colocado a um canto.

– Quer ouvir uma música?

Levantou-se sem esperar pela resposta, pois era a única alternativa que se apresentava a sair a correr da sala. Pelo canto do olho, viu Winterborne agarrar automaticamente os braços da cadeira para se levantar, antes de se lembrar que tinha a perna engessada.

– Sim – ouviu-o dizer. – Quero – afirmou, avançando a cadeira alguns centímetros para conseguir vê-la de perfil enquanto tocava.

O pianoforte parecia oferecer-lhe alguma proteção quando se sentou diante dele e empurrou a tampa que protegia as teclas. Procurando tranquilizar-se com uma inspiração lenta, Helen compôs a saia, ajustou a postura e colocou os dedos sobre o teclado. Atacou uma peça que sabia de memória, o *Allegro* da suíte para piano de Händel em Fá maior. Era uma obra complexa e cheia de vida, suficientemente desafiante para a obrigar a pensar em algo mais do que enrubescer-se. Os seus dedos dançaram velozmente sobre as teclas, a um

ritmo exuberante, durante uns irrepreensíveis dois minutos e meio. Quando terminou, olhou para Winterborne, esperando que tivesse gostado.

– Toca com grande perícia – disse este.

– Obrigada.

– É a sua peça preferida?

– Não. É a mais exigente – replicou ela –, mas não é a minha preferida.

– O que toca quando ninguém está a ouvi-la?

A delicada pergunta, pronunciada com aquele sotaque de vogais tão largas como os seus ombros, deu-lhe um arrepio no estômago. Perturbada pela sensação, demorou a responder.

– Não me recordo do nome. Foi um professor de piano que ma ensinou, há muito tempo. Durante anos tentei descobrir o que é, mas ninguém reconhece a melodia.

– Toque-a para mim.

Helen tocou, de memória, a melodia docemente melancólica, em suaves movimentos. Aqueles acordes comoviam-na sempre, despertando no seu coração um anseio por coisas que não sabia nomear. Ao terminar, ergueu a cabeça e viu que Winterborne a fitava como que hipnotizado. Ele dissimulou a expressão, mas não sem que ela constatasse um misto de desconcerto, fascínio e de algo ardente e desconcertante.

– É galês – disse.

Helen abanou a cabeça, soltando uma gargalhada de admiração e incredulidade.

– Conhece-a?

– A *Ei Di'r Deryn Du*. Qualquer galês nasce a sabê-la.

– De que trata?

– De um apaixonado que pede a um melro para levar uma mensagem à sua amada.

– Porque é que não pode ser ele a dá-la?

Helen reparou que falavam ambos em voz baixa, como se trocassem segredos.

– Não consegue encontrá-la. Está demasiado apaixonado e isso impede-o de

ver com clareza.

– O melro encontra-a?

– A canção não revela – replicou ele, encolhendo os ombros.

– Mas eu quero saber o final da história – protestou Helen.

Winterborne riu-se. Era um som irresistível, doce e áspero ao mesmo tempo, algo malicioso. Quando falou, o sotaque era mais pronunciado.

– É o que acontece quando se leem romances. A história não precisa de um fim. Não é isso que importa.

– O que é que importa, então? – Helen atreveu-se a perguntar.

Ele olhou-a nos olhos.

– Ele estar apaixonado. Estar à procura. Como todos nós, pobres diabos, não tem como saber se algum dia terá o que o seu coração deseja.

E o senhor?, Helen desejou perguntar. *O que procura?* Era uma pergunta demasiado pessoal para se fazer mesmo a alguém que conhecesse há muito tempo, quanto mais a um estranho, mas, mesmo assim, sentia as palavras na ponta da língua, à espera de serem pronunciadas. Desviou o olhar e procurou reprimi-las, até que, por fim, elas se dissolveram. Quando olhou novamente para Winterborne, este tornara a adotar uma expressão distante, o que foi um alívio pois, por um momento, teve a alarmante sensação de que estava a menos de nada de lhe confiar os seus pensamentos e desejos mais privados, que nunca contara a ninguém.

Para seu grande alívio, Quincy chegou com a bandeja do jantar. O criado ergueu impercetivelmente as sobancelhas ao vê-la na sala, sozinha com Winterborne, mas não disse nada. Enquanto ele dispunha talheres, copos e pratos na mesa, Helen recuperou a compostura. Levantou-se do banco do piano e dirigiu a Winterborne um sorriso neutro.

– Vou deixá-lo saborear o seu jantar.

Ele olhou-a dos pés à cabeça, detendo-se no seu rosto.

– Voltará a tocar para mim, um dia?

– Sim, se o desejar.

Helen saiu da sala sentindo-se agradecida, fazendo um esforço para não desatar a correr.

Rhys fitou o espaço vazio enquanto o seu cérebro tentava organizar todos os detalhes dos últimos minutos. Era por de mais evidente que ela lhe tinha antipatia: recuara ao sentir o seu toque e resistia a olhá-lo nos olhos. Além do mais, mudara abruptamente de tema quando a conversa ficara mais pessoal.

Talvez o seu aspeto não fosse do agrado dela. E o seu sotaque não poderia ser mais desencorajador. Sobretudo, à semelhança das outras jovens privilegiadas da sua classe, devia considerar os galeses bárbaros de terceira categoria. Helen sabia que era demasiado refinada para homens como ele, e Deus sabia que não seria Rhys a negá-lo.

Fosse como fosse, seria sua.

– Qual é a sua opinião de Lady Helen? – perguntou enquanto Quincy terminava de preparar a mesa para a refeição.

– É a joia dos Ravenel – declarou o criado. – Não encontrará rapariga mais gentil. Infelizmente, sempre foi descurada. O irmão, mais velho, recebeu quase toda a atenção dos pais e a pouca que restou foi dedicada às gémeas.

Rhys conhecera-as há poucos dias. Eram raparigas divertidas, de olhos vivos, que lhe fizeram um sem-número de perguntas sobre os grandes armazéns. Gostara delas, mas nenhuma cativara o seu interesse. Não se comparavam com Helen. Esta era como uma madrepérola que aparentava ter uma única cor, mas que vista de diferentes ângulos revelava delicados tons de alfazema, rosa, azul, verde. Um formoso exterior que pouco revelava da sua verdadeira natureza.

– Mostra-se distante com todos os desconhecidos? – perguntou, abrindo um guardanapo sobre o regaço. – Ou é só comigo?

– Distante?

O criado pareceu genuinamente surpreendido, mas dois *black spaniels* entraram da sala, correndo e arfando alegremente na direção de Rhys, não lhe dando oportunidade de continuar.

– Santo Deus! – murmurou, com uma careta.

Rhys, que gostava de cães, não se importou com a interrupção. O que o desconcertou, porém, foi o animal que entrou a trote atrás deles, sentando-se assertivamente junto à sua cadeira.

– Quincy – perguntou Rhys, sem expressão –, porque está um porco na sala?

– É um animal de estimação – respondeu distraidamente o criado, ocupado a enxotar os cães. – Tentam que fique no celeiro, mas ele insiste em vir para dentro de casa.

– Mas porque é que...

Rhys desistiu, constatando que, fosse qual fosse a explicação, não faria sentido para si.

– Porque é que, se eu tiver um animal destes em casa, as pessoas dizem que sou ignorante ou tolinho, mas se um porco vaguear livremente pela mansão de um conde, é considerado uma excentricidade? – optou por perguntar.

– Há três coisas que todos esperam de um aristocrata – replicou o criado, agarrando com firmeza o pescoço do animal. – Uma casa de campo, arrogância e uma dose de excentricidade.

Quincy puxava e empurrava o porco com crescente determinação, mas o animal não se movia um centímetro.

– Juro que te transformo em salsichas e *bacon* para servir amanhã ao pequeno-almoço.

Ignorando o criado, o porco fitava Rhys com olhos pacientes e esperançosos.

– Quincy, atenção! – desafiou Rhys, pegando num pão e atirando-o pelo ar.

O criado apanhou-o habilmente com a mão enluvada.

– Obrigado, senhor.

Quando se dirigiu para a porta com o pão na mão, o porco trotou atrás dele.

Rhys observou a cena com um leve sorriso nos lábios.

– O desejo é sempre melhor motivador do que o medo – afirmou. – Lembre-se disso, Quincy.

CAPÍTULO 26

— *T*heo! Theo, não!

O pesadelo era tão vívido e insuportável como sempre. Lançada numa corrida impossível num chão oscilante que a impossibilitava de vencer a distância até aos estábulos, ouviu, ao longe, o relinchar angustiante de *Asad*. Dois cavaleiros agarravam a cabeça do cavalo, imobilizando-o, enquanto o vulto dominante do marido lhe saltava para o dorso. A luz matutina caía com um brilho ameaçador sobre a silhueta dourada de *Asad*, que se agitava e batia com os cascos.

O seu coração deu um salto ao constatar que o marido segurava um chicote. *Asad* preferiria morrer a submeter-se.

— *Para!* — gritou, mas os cavaleiros haviam soltado o cavalo, que deu um salto em frente. De olhos virados e em pânico, *Asad* empinava-se, mergulhava e contorcia-se para romper a cilha. O braço com que Theo segurava o chicote subia e descia, uma e outra vez.

O cavalo não parava de se debater e Theo caiu finalmente da sela. O seu corpo estalou como uma grande toalha molhada, antes de embater no chão com força chocante.

Kathleen venceu, cambaleante, os últimos metros até alcançar a forma inerte, sabendo que seria demasiado tarde. Caindo de joelhos, olhou o rosto do marido agonizante.

Mas não era Theo.

Um grito queimou-lhe a garganta.

Kathleen acordou do sonho, desembaraçando-se a custo do emaranhado de lençóis, para poder sentar-se. Respirava em pequenas explosões. Tonta, agarrou na colcha para limpar o rosto húmido e encostou a cabeça aos joelhos

recolhidos.

– Não foi real – sussurrou para si própria, aguardando que o terror esmorecesse. Gradualmente, recostou-se de novo na cama, mas a tensão que sentia nos músculos das costas e das pernas não a deixava deitar-se.

Fungando, girou o corpo e tornou a sentar-se. Deslizou uma perna até fora da cama e depois a outra. *Fica na cama*, disse a si própria, mas sentia os pés já em direção ao chão. Assim que o tocaram, Kathleen soube que não havia como voltar atrás.

Com movimentos ágeis, saiu do quarto e correu no meio da escuridão, perseguida por memórias e fantasmas.

Só parou quando alcançou o quarto principal.

Mal batera à porta, arrependeu-se do impulso que ali a conduzira. Ainda assim, não foi capaz de parar até alguém a abrir abruptamente.

Não conseguia ver o rosto de Devon, apenas o seu vulto enorme e negro, mas ouviu o familiar tom de barítono da sua voz.

– O que se passa? – perguntou, puxando-a para dentro do quarto e fechando a porta. – O que aconteceu?

Então, Devon abraçou-lhe o corpo trémulo e, ao apertar-se contra ele, Kathleen percebeu que, com exceção da ligadura que lhe envolvia o tronco, estava nu. Mas sentia-o tão quente e forte, tão reconfortante, que lhe foi impossível afastar-se.

– Tive um pesadelo – sussurrou, encostando o rosto aos pelos tão sedosos como ásperos do peito dele.

Ouviu um murmúrio tranquilizador, apesar de indistinto.

– Não devia tê-lo incomodado – hesitou. – Peço desculpa. Mas foi tão real.

– Sonhou com quê? – perguntou ele, cuidadosamente, afagando-lhe o cabelo.

– Com a manhã da morte do Theo. Já tive o mesmo pesadelo tantas vezes. Mas hoje foi diferente. Corri na direção dele, que estava deitado no chão e, quando olhei para o rosto dele, não era ele, era... era...

Parou com um som sofrido e fechou os olhos com força.

– Eu? – perguntou calmamente Devon, segurando-lhe a nuca.

Kathleen assentiu, com um soluço.

– Como é que sabe?

– Os sonhos são peritos em misturar memórias e preocupações – revelou, acariciando-lhe a testa com os lábios. – Depois de tudo o que aconteceu recentemente, não é de admirar que a sua mente estabeleça relações com o acidente do seu falecido marido. Mas não foi real. – Inclinando-lhe gentilmente a cabeça, beijou-lhe as pestanas molhadas. – Estou aqui, e não me vai acontecer nada.

Ela deixou escapar um suspiro agitado.

Devon continuou a segurá-la nos braços até sentir o tremor a passar.

– Quer que a acompanhe até ao seu quarto? – acabou por perguntar.

Kathleen demorou bastante tempo até conseguir responder. A resposta correta era «sim», mas a sincera era «não». Maldizendo-se a si própria, optou finalmente por abanar ligeiramente a cabeça.

Devon ficou imóvel. Inspirou e expirou profundamente. Mantendo um braço ao seu redor, conduziu-a até à sua cama.

Entre a culpa e o prazer, Kathleen subiu e enfiou-se debaixo dos lençóis.

Devon ficou de pé junto à cabeceira. Ouviu-se um fósforo e a luz de uma vela seguiu-se ao breve flamejar azul.

Kathleen ficou tensa quando Devon se juntou a ela debaixo dos lençóis. Não havia nenhuma dúvida de aonde conduziria aquilo: uma mulher não dividia a cama com um homem adulto e nu na sua plenitude esperando sair de lá virgem. Mas sabia igualmente onde *não* a conduziria. Vira o rosto de Devon na noite da consoada, quando ela segurara na bebé dos rendeiros e a expressão dele se imobilizara num instante brutal de perfeito pavor.

Se ela escolhesse deixar aquilo ir mais longe, teria de aceitar que os planos dele para a quinta, quaisquer que fossem, não incluíam casar-se e ter filhos.

– Não é nenhuma aventura – disse, mais para si própria do que para ele. – É só uma noite.

Devon deitou-se de lado e uma madeixa caiu-lhe sobre a testa quando a olhou.

– E se a Kathleen quiser mais do que isso?

– Continuará a não ser uma aventura.

A mão dele acariciou-a sobre os lençóis, traçando-lhe o contorno das ancas e do ventre.

– Porque tem tanta importância, essa palavra?

– Porque as aventuras acabam sempre, e dar-lhe esse nome dificultaria a partida de qualquer um dos dois.

A mão de Devon parou. Olhou para ele, os olhos azuis, escuros como alcatrão. A luz da vela passeava-se sobre as linhas firmes do seu rosto.

– Eu não vou a lado nenhum.

Segurando-lhe o rosto com uma mão, tomou a boca de Kathleen num beijo forte e enérgico. Um beijo possessivo. Ela anuiu, ficando à sua mercê, enquanto ele a explorava com agressivo ardor.

Devon puxou os lençóis para trás e debruçou-se sobre o seu peito. A respiração dele penetrava a fina cambraia da sua camisa de noite como uma lufada de vapor, intumescendo-lhe um mamilo. Tocou no anelante cume, marcando a sua forma tensa, antes de o cobrir com a boca e lambe-lo através do tecido. A cambraia colou-se, húmida e fresca, ao mamilo túrgido quando ele recuou e soprou suavemente.

Gemendo, ela levou as mãos aos minúsculos botões da carcela que segurava o corpete, tentando abri-la com puxões desenfreados.

Devon agarrou-lhe nos pulsos, segurando-os facilmente contra o colchão enquanto dava livre curso às suas provocações, instalando-se entre as suas coxas abertas, a forma dura e o peso estimulante. Debatendo-se para se libertar, ela sentiu a pressão cada vez maior do membro dele, cuja deliciosa fricção os deixava a ambos sem fôlego.

Soltando-lhe os pulsos, Devon concentrou-se na fileira de botões do corpete, que começou a desapertar com meticuloso cuidado. A camisa de noite subira-lhe até às coxas e ela sentia o vigor íntimo e quente do membro dele contra a sua pele.

Quando ele desapertou o último botão, Kathleen, rendida, arquejava.

Por fim, Devon puxou-lhe a camisa pela cabeça e atirou-a para o lado. Ajoelhando-se com as pernas abertas entre as coxas dela, contemplou ardentemente o corpo iluminado pela luz dourada. Ela, impelida pelo pudor de reparar que era a primeira vez que ele a via completamente nua, moveu instintivamente as mãos para se tapar. Ele agarrou-as facilmente e afastou-lhe os braços.

Deus! A forma como ele a fitava... dura e terna... o seu olhar, devorador.

– É a coisa mais linda que vi na minha vida – declarou ele com a voz algo

arranhada.

Soltando-lhe as mãos, fez-lhe deslizar as pontas dos dedos sobre o ventre em rastros ardentes até ao triângulo aveludado. Um gemido silencioso ficou preso na garganta quando ele começou a brincar com ela, passando levemente os dedos pelos finos caracóis, roçando intimamente a pele.

As mãos dela fecharam-se em punhos mas soçobraram. O ritmo da respiração dele acelerara de desejo, mas as suas mãos conservavam o toque de seda, provocando as carnudas pregas rosadas e brancas, massajando-a com os polegares, abrindo-a. As sensações espalhavam-se pelo corpo de Kathleen até esta se contorcer e elevar despidoradamente.

Abrindo uma mão sobre o ventre dela, murmurou: «Quieta», como faria com um cavalo impaciente. Fez-lhe deslizar os dedos entre as coxas, afagando o botão do seu sexo, desencadeando delicadas e quentes palpitações. Kathleen estremeceu, apertando as pernas contra as ancas dele.

Sentiu o polegar de Devon a girar à entrada do seu corpo, humedecendo-se antes de regressar ao pico intumescido.

Eram diabólicas, as coisas que ele fazia.

Fechando os olhos, Kathleen voltou o rosto em brasa enquanto ele brincava e provocava, deixando-a cada vez mais molhada e excitada, o sexo dolorosamente sensível. Sentiu novamente a pressão do seu polegar, afagando e provocando... pressionando lentamente a entrada do seu corpo. Doeu, especialmente quando ele o afundou na carne ávida e tenra. Mas foi extraordinariamente meigo, cobrindo o monte com os dedos e massajando-o num ritmo suave e constante. A sensação fê-la gemer, derretendo-se de prazer, contraindo e relaxando as nádegas com um anseio desavergonhado.

A mão dele afastou-se e ela protestou com um gemido. A sua cabeça e os seus ombros largos agigantaram-se sobre ela quando ele lhe agarrou nos joelhos, empurrando-lhos contra os ombros. Afastou-lhe as pernas e as ancas giraram, deixando o seu sexo escandalosamente exposto. Um gemido de exasperação saiu-lhe dos lábios quando Devon, inclinando-se sobre ela, lhe passou a língua pela tenra abertura. Quando alcançou o hirto botão, lambeu e tateou impiedosamente, provocando-lhe ondas de prazer no corpo inteiro, continuando, incansável, até o êxtase a inundar.

Depois, Devon pousou-a no colchão. Beijou-a na boca e Kathleen sentiu na língua dele um subtil sabor erótico. Afagou os músculos firmes do seu ventre, até tocar, hesitante, no membro em ereção. Estava mais duro do que ela imaginara ser possível para a carne humana, mas a pele era mais suave do que

seda. Para sua surpresa, sentiu-o palpitar fortemente contra os seus dedos.

Com um som grave, Devon encaixou-se entre as pernas dela, afastando-as mais.

Kathleen orientou o membro desajeitadamente e ele pressionou-a lentamente até o seu corpo começar a ceder, persistindo mesmo quando a dor a fez retrair-se. Devagar, investiu contra o seu interior macio e denso, até ela abrir a boca e soltar um pequeno grito, ficando rígida ao sentir aquele ardor.

Devon estacou, murmurando palavras doces e pacificadoras. Tentando tranquilizá-la, acariciou-lhe as ancas e coxas, enquanto o corpo dela se fechava à sua volta em espasmos lancinantes. Aproximou o corpo de Kathleen do seu, unindo ventres, fazendo sentir profundamente dentro dela o seu calor. Gradualmente, os músculos dela foram cedendo, como se reconhecessem o quão era inútil oferecer resistência.

– Pronto... – sussurrou ao senti-la relaxar.

Beijou-lhe o rosto e o pescoço, começando a mover-se em investidas lentas e cuidadosas sem tirar os olhos do rosto dela. O prazer suavizou os seus traços definidos e emprestou novo brilho e cor ao seu rosto. Quando atingiu o ponto de inflamação, colou a boca à dela, enquanto o seu corpo estremecia violentamente.

Retirando-se, encostou o membro teso e húmido ao ventre dela e uma onda de calor espalhou-se entre os dois, ao mesmo tempo que ele afundava o rosto no cabelo dela com um grunhido.

Kathleen abraçou-o com força, saboreando os tremores de satisfação que lhe percorriam o corpo. Quando recuperou o fôlego, Devon beijou-a lentamente, um homem saciado a desfrutar do seu saque.

Algun tempo depois, saltou da cama e regressou com um copo de água e um pano húmido. Enquanto ela bebia avidamente, ele limpou as evidências do ato amoroso.

– Não quero magoá-la – murmurou, ao passar suavemente o pano pela zona dorida entre as coxas.

Kathleen devolveu-lhe o copo vazio.

– Estava preocupada consigo – confessou. – Receei que pudesse magoar-se.

– Como? – reagiu ele, trocista, pousando o copo e o pano. – Caindo da cama?

– Não. Devido ao vigor de toda a atividade.

– Não foi uma atividade vigorosa. Foi comedida.

Subindo para a cama, puxou-a para si, percorrendo-lhe descaradamente o corpo com as mãos.

– Amanhã à noite – disse, beijando-a no ombro –, mostro-lhe algum vigor.

Envolvendo-lhe a cabeça com os braços, ela levou os lábios ao cabelo escuro e pujante.

– Devon – disse, com certo receio –, provavelmente amanhã não querei partilhar a sua cama.

Ele levantou a cabeça, olhando-a com preocupação.

– Se lhe doer demasiado, limito-me a abraçá-la.

– Não é isso – declarou ela, afastando uma madeixa que lhe caíra sobre a testa. – Tal como lhe disse, não posso ter uma aventura.

– Julgo que é melhor começarmos a definir as coisas – declarou Devon, parecendo desconcertado. – Agora que dormimos juntos, que diferença faz se voltarmos a fazê-lo amanhã à noite?

Kathleen mordiscou o lábio, perguntando-se como poderia fazê-lo compreender.

– Devon, qual é o seu padrão habitual de relacionamentos com mulheres? – acabou por perguntar.

Ele recebeu a pergunta com manifesto desagrado.

– Não há padrão.

Ela olhou-o com ceticismo.

– Tenho a certeza de que começaram todas da mesma forma – afirmou, em tom neutro. – Interessa-se por alguém e depois de algumas trocas de olhares e demonstrações de interesse, consegue seduzi-la.

– Elas estão sempre recetivas – assinalou ele, franzindo o sobrolho.

Apreciando o corpo magnífico do homem que estava deitado ao seu lado, Kathleen replicou:

– Tenho a certeza de que sim. Não é, seguramente, um sacrifício ir para a cama consigo.

– Então porque é que...

– Espere – voltou ela, com voz doce. – Quanto tempo é que costuma durar a

relação depois de a iniciarem? Alguns anos? Alguns dias?

– Em média – devolveu, lacónico –, costuma ser uma questão de meses.

– E, durante esse tempo, frequentou a cama da senhora quando era conveniente. Até, quem sabe, acabar por se cansar dela. – Fez uma pausa. – Presumo que costuma ser o Devon quem termina os relacionamentos?

– Começo a sentir que estou no tribunal da equidade – troçou ele, com uma careta.

– Suponho que isso seja um «sim».

Devon retirou os braços e sentou-se na cama.

– Sim. Fui sempre eu quem terminou os relacionamentos. Levava-lhe um presente de despedida e dizia-lhe que guardaria para sempre as memórias e depois saía o mais rapidamente possível. Mas o que é que isto tem que ver connosco?

Puxando mais os lençóis sobre o peito, Kathleen respondeu com franqueza.

– É a *isso* que me refiro quando digo que não quero uma aventura. Não quero que julgue que estarei disponível sempre que desejar satisfazer as suas necessidades. Não quero que nenhum de nós tenha qualquer direito sobre o outro. Não quero complicações nem a possibilidade de um escândalo e, sobretudo, não quero nenhum presente de despedida.

– O que raio é que *quer*, então?

Kathleen começou a dobrar timidamente a ponta do lençol em minúsculas pregas.

– Julgo que... Gostaria de passar uma noite consigo de vez em quando, quando ambos o desejarmos. Sem obrigações nem expectativas.

– Defina «de vez em quando». Uma vez por semana?

Ela encolheu os ombros, soltando uma gargalhada perplexa.

– Não gostaria de fazer marcações. Não podemos simplesmente deixar que aconteça de forma natural?

– Não – declarou terminantemente Devon. – Os homens gostam de ter as coisas marcadas. Não gostamos de enigmas nem de perguntas sem resposta. Preferimos saber o que vai acontecer e quando.

– Mesmo nas questões da intimidade?

– Especialmente nas questões da intimidade. Maldição! Porque não pode

ser como as outras mulheres?

Os lábios de Kathleen estremeceram num sorriso irónico e pesaroso.

– E dar-lhe absoluto controlo? Saltar para a cama sempre que estalar os dedos, tantas vezes quantas quiser, até perder o interesse em mim? A seguir, suponho que espere que me coloque à porta, à espera do meu presente de despedida?

O maxilar dele estremeceu e os seus olhos faiscavam.

– Não a trataria assim.

Claro que trataria. Sempre tratara assim todas as mulheres.

– Lamento, Devon, mas não consigo fazer-lhe a vontade. Terá de ser da minha forma, ou nada.

– Muito gostava eu de perceber como é a sua forma! – reclamou ele.

– Irritei-o – disse ela, com pesar, fazendo menção de se sentar. – Quer que saia?

Devon obrigou-a a deitar-se na cama, debruçando-se sobre ela.

– Nem pense nisso – protestou, afastando o lençol num movimento abrupto.
– Já que não faço a menor ideia de quando voltará a permitir-me dormir consigo, tenho de aproveitar ao máximo as minhas oportunidades.

– Mas estou dorida – protestou Kathleen, tapando instintivamente os seios e o baixo-ventre.

Ele inclinou a cabeça sobre o ventre dela.

– Não a magoarei – grunhiu contra a pele.

Começou por a morder à volta do umbigo. Depois, enfiou a língua no pequeno orifício, arrancando-lhe um gemido. Repetiu deliberadamente, várias vezes, até a sentir agitada.

À medida que aquela boca lhe descia sobre a pele, o coração dela batia com mais força e a visão turvava-se. As mãos dele deslizaram e as suas coxas relaxaram, abrindo-se facilmente quando ele as afastou. Com diabólica suavidade, espalhou desejo com os lábios, os dentes, a língua, levando-a à iminência do gozo, mas não lhe permitindo obtê-lo. Segurava-a entre os cotovelos, dedicando-se às suas torturantes provocações, até ela ouvir uma súplica sair dos seus próprios lábios. A língua dele, sedosa e húmida, penetrou-a uma vez e outra, profunda e ritmadamente, até o seu corpo explodir em espasmos avassaladores. Ela agarrou-lhe a cabeça com mãos

trémulas, para que não se afastasse. Ele lambia-a e saboreava-a como se não conseguisse saciar-se e ela lançava a cabeça para trás, ronronando, num frémito de prazer. Gradualmente, a pulsação acalmou e ela esticou-se sobre o colchão com um suspiro exausto.

Ele recomeçou.

– Não – replicou ela com uma risada trémula. – Devon, por favor...

Mas ele entretinha-se já com a sua pele mais sensível, tão incansável e determinado que ela não pôde fazer mais do que render-se com um gemido. A vela apagou-se e as sombras reclamaram lentamente o quarto, até restar apenas a escuridão e o prazer.

CAPÍTULO 27

Janeiro via passar os seus dias e Kathleen persistia inabalável na sua recusa de um lugar a Devon na sua cama. Com a sua imposição feroz, assumira o controlo da relação. Como consequência, Devon vivia permanentemente num misto de indignação, desejo e desorientação, em proporções variáveis.

Teria sido mais fácil ter obtido dela o seu consentimento ou a sua recusa permanentes, mas, em vez disso, Kathleen tornara a situação espantosamente obscura.

Como mulher que era.

Quando ambos o desejarmos, dissera, como se não soubesse que ele a desejava *sempre*.

Se era uma estratégia da parte dela, para o deixar louco de desejo por ela mas sem saber quando poderia tê-la, resultava de forma brilhante. Mas ele conhecia-a suficientemente bem para perceber que não se tratava de manipulação. De certa forma, era ainda pior saber que ela tentava proteger-se dele. Compreendia as suas razões, chegando até a pensar que poderia concordar com elas, por princípio, mas, ainda assim, estava a enlouquecê-lo.

Não podia mudar a sua natureza e Deus sabia que tão-pouco desejava fazê-lo. Contudo, só agora compreendia que era praticamente impossível ter uma aventura com uma mulher que estava igualmente determinada a não entregar o seu coração, ou a sua liberdade.

Quanto a Kathleen, continuava a mesma de sempre: faladora, sincera, divertida, pronta a discutir quando discordava dele.

Era ele quem estava diferente. Tornara-se obcecado por ela, tão fascinado por tudo o que ela pensava e fazia que mal conseguia parar de a olhar. Ora queria fazer tudo o que lhe era possível para a encher de felicidade, ora se

sentia tentado a estrangulá-la. Nunca conhecera semelhante frustração; aquele desejo de a ter, que ultrapassava em tanto o que ela estava disposta a dar.

Via-se reduzido a persegui-la, a tentar encurralá-la nos cantos da casa como um aristocrata lascivo a jogar ao esconde-esconde com uma criada. Acariciava-a e beijava-a na biblioteca, enfiava-lhe uma mão por baixo da saia na escada de trás. Certa manhã, depois de voltar de um passeio a cavalo com ela, encostou-a a um canto escuro da sala dos arreios, desfazendo-se em palavras ternas e em carícias até, finalmente, obter o que queria, ali, contra a parede. E, mesmo assim, nos segundos de desorientação que se seguiram ao orgasmo esplêndido, desejava possuí-la outra vez.

O resto da casa reparara, com certeza, o quão obsessiva era a sua preocupação com Kathleen, mas, até então, ninguém se atrevera a dizer uma única palavra. Até West lhe perguntar, finalmente, porque mudara de ideias quanto a regressar a Londres a meio do mês.

– O que estava planeado era ires amanhã, com o Winterborne – principiou o irmão. – Porque não vais? Devias estar em Londres, a preparar-te para as negociações do arrendamento das terras. Tanto quanto sei, está previsto começarem no dia 1 de fevereiro.

– Os advogados e contabilistas podem prepará-las sem mim – devolveu Devon. – Posso ficar aqui, onde sou preciso durante pelo menos durante mais uma semana.

– Preciso para quê? – perguntou West, com incredulidade.

Devon semicerrou os olhos.

– Entre os trabalhos de renovação da casa, os trabalhos de drenagem, a plantação das sebes e a debulha do milho, creio que encontrarei com que me ocupar.

Regressavam à casa, vindos de um dos edifícios anexos, próximo das cavalariças, onde acabava de ser depositada uma debulhadora mecânica a vapor. Embora o equipamento tivesse sido comprado em segunda mão, parecia estar em excelente estado, pronto a cumprir o plano de West, de utilização partilhada e rotativa da máquina por várias famílias.

– Eu consigo administrar a propriedade – rebateu West. – Tu serias mais útil em Londres, a tratar das questões financeiras. Precisamos de dinheiro, especialmente agora que decidimos conceder reduções e isenções de renda aos agricultores.

Devon soltou um suspiro tenso.

– Eu disse-te que devíamos esperar antes de o fazer.

– As famílias não podem esperar. E, ao contrário de ti, não consigo tirar o pão da boca de crianças esfomeadas.

– Pareces a Kathleen – murmurou Devon. – Tratarei de chegar a um acordo com o Severin o mais rapidamente possível. Seria mais fácil se ele entregasse as negociações ao diretor, mas, por qualquer razão, decidi tomar o assunto em mãos.

– Tal como ambos sabemos, não há nada de que o Severin mais goste do que uma boa discussão entre amigos.

– O que explica a escassez destes.

Parando à entrada, Devon enfiou as mãos nos bolsos e espreitou a janela da sala do segundo piso. Helen tocava ao piano e uma melodia singular desprendia-se da casa com tal delicadeza que era possível até ignorar o estado de desafinação do instrumento.

Com mil demónios! Estava cansado de tanta coisa a precisar de reparação.

West seguiu o olhar dele.

– Falaste com o Winterborne acerca da Helen? – perguntou.

– Sim. Quer cortejá-la.

– Ainda bem.

– Agora aprovas o casamento entre os dois? – perguntou Devon, erguendo as sobrancelhas.

– Em parte.

– O que queres dizer com «em parte»?

– A parte de mim que adora dinheiro e que não deseja ir parar à prisão considera-o uma ideia esplêndida.

– Não nos sujeitamos a ser presos. Só à bancarrota.

– Um destino pior do que a dívida – ironizou West, encolhendo os ombros.
– Cheguei à conclusão de que não seria um mau casamento para a Helen, especialmente se pensarmos que, se não o fizer com ele, estará limitada a escolher entre a escória da aristocracia.

Devon tornou a espreitar a janela com ar pensativo.

– Ando a pensar levar a família para Londres comigo – murmurou.

– A família inteira? Céus! Porquê?

– A Helen ficará mais próxima do Winterborne.

– E – completou West, contundente – a Kathleen continuará próxima de ti.

– Deparando com o olhar de sobreaviso de Devon, prosseguiu, em tom irónico: – Quando te disse para não a seduzires, estava preocupado com o bem-estar dela. Agora parece-me que devo preocupar-me também com o teu.

Fez uma pausa deliberada.

– Nem pareces tu nestes últimos dias, Devon.

– Deixa-te disso – replicou este, algo bruscamente.

– Muito bem. Mas deixa-me dar-te um conselho. Eu não comentaria com a Kathleen os planos que tens para a Helen, pois está determinada a ajudar as três a encontrar a felicidade.

West fez um sorriso sombrio.

– Ainda não parece ter compreendido que, nesta vida, a felicidade é uma questão de opção.

*

Quando entrou na sala de pequeno-almoço, Kathleen reparou que Helen e as gémeas não estavam presentes. West e Devon encontravam-se sentados à mesa a ler o correio e os jornais, enquanto um laçao levantava pratos e talheres.

– Bom dia – saudou, fazendo com que os dois homens se levantassem imediatamente à sua entrada. – As raparigas já terminaram?

West assentiu.

– A Helen vai acompanhar as gémeas à quinta dos Lufton.

– Ai sim?

– Foi sugestão minha – explicou ele. – Os Lufton ofereceram-se para ficar com o *Hamlet*, desde que suportemos a despesa da construção de um curral e de um recinto coberto. As gémeas estão dispostas a separar-se do porco se Mrs. Lufton garantir pessoalmente o seu bem-estar.

Kathleen sorriu.

– E como se deu isso?

O lacaio trouxe a bandeja do chá e segurou-a enquanto ela deitava algumas colheres de folhas para um pequeno bule.

West espalhou uma dose generosa de marmelada sobre uma torrada.

– Disse às gémeas, com o maior tato possível, que o *Hamlet* não pôde ser emasculado, na infância, tal como deveria ter sido. Eu não fazia a menor ideia da necessidade do procedimento ou ter-me-ia certificado de que se cumpria.

– Emasculado? – exclamou Kathleen, perplexa.

West fechou dois dedos como se fossem uma tesoura.

– Oh...

– Ter ficado... intacto – prosseguiu West – tornou-o impróprio para futuro consumo, portanto não há razão para temer que acabe no prato. Mas vai ficar cada vez mais agressivo, quando passar a puberdade. E parece que também vai ficar com muito mau cheiro. Agora, só serve para uma coisa.

– Refere-se... – principiou Kathleen.

– Poderão deixar isso para depois do pequeno-almoço? – interrompeu Devon, por detrás do jornal?

– Explico depois – prometeu West com um sorriso de desculpas.

– Se vai informar-me do incómodo que é ter em casa um macho que não foi castrado – devolveu Kathleen –, já estou consciente dele.

West conseguiu não se engasgar com a torrada. Do lado de Devon, não se ouviu nenhum som.

O lacaio regressou com o chá e Kathleen serviu-se para uma chávena. Depois de acrescentar açúcar e beber um gole da bebida fumegante, o mordomo aproximou-se.

– Senhora – disse, apresentando uma bandeja de prata que continha uma carta e um abre-cartas com punho de marfim.

Ao pegar na carta, viu com alegria que era de Lord Berwick. Abriu o envelope, devolveu o abre-cartas ao tabuleiro e começou a ler em silêncio. A carta começava de forma bastante inócua, manifestando que toda a família estava bem. Em seguida, descreveu um potro de sangue puro que acabava de comprar. A meio da carta, porém, Lord Berwick escrevera:

Ouvi recentemente uma notícia preocupante, do administrador da

coudelaria do seu pai. Embora ele não visse necessidade de a avisar, também não se opôs ao meu desejo de a informar sobre um ferimento que o seu pai sofreu...

Quando Kathleen tentou pousar a chávena no pires, a porcelana trepidou. O som, apesar de corriqueiro, atraiu a atenção de Devon e bastou-lhe olhar uma vez para o rosto lívido para dobrar o jornal e o pousar em cima da mesa.

– O que foi? – perguntou, olhando-a atentamente.

– Nada de mais – respondeu ela.

Sentia o rosto tenso e o coração começar a bater de forma rápida e desagradável ao mesmo tempo que o corpete parecia reduzir qualquer possibilidade de respiração. Olhando novamente para a carta, voltou a ler o parágrafo, tentando decifrá-lo.

– A carta é de Lord Berwick. Informa que o meu pai sofreu um acidente, mas que já está recuperado.

Kathleen não reparara que Devon saíra do seu lugar até deparar com ele sentado na cadeira ao seu lado, com uma mão quente sobre a sua.

– Diga-me o que aconteceu – incitou, com voz doce.

Ela ficou a olhar para a carta que tinha na mão, tentando respirar para afastar o aperto sufocante que sentia no peito.

– Eu... Eu não sei há quanto tempo foi. Parece que o meu pai estava a montar num recinto fechado e que o cavalo empinou a cabeça. O impulso fez com que o crânio do meu pai batesse num poste de madeira. – Deteve-se um instante e abanou a cabeça, abatida. – Segundo o administrador da coudelaria, ficou desorientado e com muitas dores, mas o médico ligou-lhe a cabeça e recomendou-lhe descanso. Ficou na cama durante três dias e já parece ter recuperado.

– Porque é que não a informaram de imediato? – inquiriu Devon, franzindo a testa.

Kathleen encolheu os ombros, incapaz de lhe dar uma resposta.

– Talvez o seu pai não quisesse preocupá-la – foi o comentário cuidadosamente neutro de West.

Kathleen respondeu com um aceno silencioso.

Mas a verdade era que o seu pai não queria saber se ela se preocupava com ele ou não. Nunca sentira afeto por ela. Nunca se lembrara dos seus

aniversários nem se deslocara para passar nenhuma festividade com ela. Depois da morte da mãe, não tentara que Kathleen fosse viver com ele e quando ela procurara conforto junto dele, após a morte de Theo, o pai avisara-a para não esperar um lugar debaixo do seu teto, se quisesse viver na Irlanda. Deveria voltar para junto dos Berwick, sugerira, ou tentar a sua sorte sozinha. Depois de tantas rejeições, Kathleen julgara que seria impossível voltar a sentir-se magoada. Mas a dor era tão profunda como sempre. Durante a vida inteira albergara a fantasia de que o pai pudesse precisar dela, um dia, que mandaria buscá-la se estivesse ferido ou doente. Ela procurá-lo-ia de imediato, cuidaria dele com toda a ternura e eles teriam, finalmente, a relação que ela sempre ansiara. Mas a realidade, como era habitual, não tinha qualquer semelhança com a fantasia. O pai ficara ferido e, além de não a ter chamado, nem sequer quisera que ela soubesse do sucedido.

Olhando fixamente para a mancha em que se convertera a carta de Lord Berwick, Kathleen não reparou no olhar que Devon dirigiu ao irmão. Tudo o que viu, quando afastou a mão da de Devon e pegou na chávena de chá, foi que o lugar daquele estava vazio. Perplexa, passou os olhos pelo aposento. West saíra sub-repticiamente, assim como o mordomo e o lacaios, e tinham fechado a porta atrás deles.

– Não tinha por que lhes dizer para saírem – exclamou Kathleen, corando. – Não vou fazer nenhuma cena.

O chá agitou-se dentro da chávena, que ela pousou, combalida.

– Está desgostosa – devolveu tranquilamente Devon.

– Não estou desgostosa. Estou simplesmente... – Kathleen fez uma pausa, passando uma mão trémula pela testa. – Estou desgostosa – admitiu.

Devon estendeu os braços e levantou-a da cadeira com uma facilidade espantosa.

– Sente-se junto a mim – murmurou, pousando-a no seu colo.

– Estava sentada junto a si. Não preciso de me sentar *em cima* de si.

Acabou sentada de lado no colo dele com os pés no ar.

– Devon...

– Chiu.

Mantendo um braço protetor à volta dela, Devon pegou na chávena com a mão livre, levando-lha aos lábios. Ela bebeu um gole da bebida quente e doce e ele acariciou-lhe a testa com os lábios.

– Beba um pouco mais – murmurou ele, segurando na chávena.

Kathleen sentia-se bastante pateta, por se permitir ser reconfortada como um bebé... mas uma sensação de alívio começou a apoderar-se dela quando se reclinou contra o peito forte de Devon.

– O meu pai e eu nunca fomos próximos – acabou por dizer. – Nunca compreendi porquê. Deve ser um problema meu... Ele amou uma única pessoa na vida, e essa pessoa foi a minha mãe. Ela sentia o mesmo por ele. O que é romântico, mas... para uma criança, difícil de compreender.

– Onde adquiriu uma visão tão perversa das relações românticas? – perguntou Devon, num tom que passara a ser de ironia.

Ela fitou-o, surpreendida.

– Amar uma única pessoa no mundo inteiro não é romântico – declarou. – Nem sequer é amor. Fosse o que fosse que sentissem um pelo outro, os seus pais não podiam renunciar às responsabilidades inerentes a ter uma filha. Mesmo que tivesse sido melhor para si ficar com os Berwick.

Apertou a mão dela com mais força.

– Se estiver de acordo, enviarei um telegrama ao administrador para ter mais notícias da saúde do seu pai.

– Sim, gostaria – admitiu Kathleen. – Mas o meu pai irá, seguramente, ficar aborrecido.

– Tanto melhor.

Devon compôs o alfinete de ébano que ela trazia ao pescoço.

Kathleen olhou-o com solenidade.

– Quando era pequena, desejava ter nascido rapaz. Julgava que, assim, talvez ele tivesse algum interesse em mim. Ou se fosse mais bonita, ou mais inteligente.

Devon segurou-lhe no rosto, incitando-a a olhar para ele.

– Querida, não podia ser mais bonita nem mais inteligente. E pouca importância teria se fosse rapaz. Nunca foi esse o problema. Os seus pais eram dois desmiolados egoístas – sentenciou, acariciando-lhe a face com o polegar. – E por mais defeitos que tenha, não ser merecedora de amor não é um deles.

Durante esta última e extraordinária frase, a sua voz resumiu-se a um sussurro.

Paralisada, Kathleen não tirava os olhos dele.

Ele não quisera dizer aquilo, sabia-o. Já se tinha arrependido.

Mas continuavam a olhar um para o outro. Contemplar os olhos azul-escuros de Devon era como deixar-se afogar, submergir em profundezas das quais poderia nunca mais regressar. Estremeceu e conseguiu desviar o olhar, quebrando a ligação.

– Venha para Londres comigo – ouviu-o dizer.

– O quê? – perguntou, atónita.

– Venha para Londres comigo – repetiu ele. – Não posso ficar aqui mais de duas semanas. Traga as raparigas e a sua criada. Será bom para todos, incluindo para si. Nesta altura do ano não há nada para fazer no Hampshire e Londres proporciona uma infinidade de divertimentos.

Kathleen franziu a testa.

– Sabe bem que é impossível.

– Refere-se ao período de luto?

– Claro que me refiro ao período de luto.

Kathleen não gostou do brilho endiabrado que lhe viu no olhar.

– Já tratei disso – revelou ele. – Não tendo a pretensão de conhecer as regras da etiqueta tão bem quanto a Kathleen, tomei a iniciativa de consultar uma sumidade nesta matéria sobre as atividades que poderiam ser permitidas às jovens na sua situação.

– Que sumidade? De que é que está a falar?

Ajustando-a mais confortavelmente no seu colo, Devon esticou um braço para pegar numa carta que estava pousada ao lado do seu prato.

– Não foi a única a receber correspondência hoje. – Tirou a carta do envelope com um floreado. – De acordo com uma famosa perita em etiqueta de luto, embora esteja fora de questão assistir a uma peça ou a um bailado, é admissível ir a um concerto, a uma exposição num museu ou a uma galeria de arte. Esta douta senhora diz: – *prossegiu, lendo diretamente da carta – Receia-se que a reclusão prolongada de jovens possa conferir uma melancolia duradoura a naturezas tão maleáveis. Embora as jovens devam mostrar o respeito que é devido à memória do falecido conde, seria sensato e aconselhável permitir-lhes algumas distrações inocentes. Recomendaria o mesmo a Lady Trenear, cuja natureza enérgica, na minha opinião, não*

toleraria durante muito tempo uma situação de monotonia e solidão constantes. Portanto, tem o meu apoio para...

– Quem escreveu isso? – exigiu saber Kathleen, arrancando-lhe a carta das mãos. – Quem poderia presumir...

Parou a meio da frase, arregalando os olhos, ao ver a assinatura no final da carta.

– Valha-me Deus. Consultou *Lady Berwick*?

Devon abriu um sorriso largo.

– Sabia que não aceitaria a opinião de mais ninguém.

Fez Kathleen saltitar suavemente sobre um joelho. A sua leve e elegante figura estava escondida por baixo das farfalhantes camadas de saias e saíotes, as bonitas curvas do seu corpo confinadas pelo corpete. A cada movimento seu, desprendia-se dela um ligeiro aroma a sabão e rosas, recordando-lhe um daqueles ramalhetes aromáticos que as mulheres enfiavam nas gavetas e nos armários.

– Venha – insistiu. – Não é uma ideia assim tão horrível, pois não? Nunca ficaram na Ravenel House, que está em muito melhores condições do que este monte de ruínas. Terão novas paisagens e novas vizinhanças. – Não conseguiu resistir a acrescentar, em tom trocista: – E, mais importante ainda, eu estarei disponível para a satisfazer sempre que desejar.

Ela franziu imediatamente a testa.

– Não fale assim.

– Perdoe. Foi grosseiro. Mas, afinal, não passo de um macho não castrado.

Ele sorriu ao ver que o pesar desaparecera dos olhos dela.

– Pense nisso, a bem das raparigas – continuou, persuasivo. – Estão de luto há muito mais tempo do que a Kathleen. Não merecem uma trégua? Além do mais, seria benéfico para elas familiarizarem-se com Londres antes da próxima temporada.

– Durante quanto tempo propõe que fiquemos? Duas semanas? – indagou ela, com a testa franzida.

– Talvez um mês.

Ela dedicou-se a brincar com as pontas da gravata de seda de Devon enquanto ponderava.

– Vou discutir o assunto com a Helen.

Pressentindo que ela se inclinava para concordar, Devon decidiu dar-lhe um pequeno empurrão.

– Venha comigo para Londres – disse, categoricamente. – Tornou-se um hábito. Se não estiver comigo, receio o que possa fazer para substituir a sua presença. Fumar. Estalar os dedos.

Kathleen voltou-se de modo a ficar de frente para ele e pousou as mãos nos ombros do casaco. Devolveu-lhe o olhar travesso.

– Podia aprender a tocar um instrumento – sugeriu.

Devagar, Devon puxou-a para si, sussurrando-lhe contra os lábios carnudos e doces.

– O único instrumento que quero tocar é a menina.

Ela envolveu-lhe o pescoço.

A posição em que estavam era incômoda, com o corpo dela voltado de lado e o rígido corpete a cingir-lhe o tronco. Estavam cobertos por camadas de roupa que em nada tinham sido concebidas para permitir liberdade de movimentos. O rígido colarinho da camisa dele apertava-lhe o pescoço e a camisa começara a sair pela cintura, enquanto o elástico dos suspensórios se fazia sentir desconfortavelmente nos ombros. Mas a língua dela roçou a dele numa provocação felina e não foi preciso mais nada para o deixar imediatamente excitado.

Sem parar de o beijar, Kathleen debatia-se com o seu próprio vestido. Esticou um braço para compor a enorme massa de tecidos, parecendo tão frustrada com a limitante vestimenta como ele e, para diversão de Devon, quase caía ao chão. Ele puxou-a mais para si e sentiu as pernas dela a debaterem-se por baixo da roupa até conseguir sentar-se encavalitada nele, apesar da enorme quantidade de tecido que permanecia teimosamente entre os dois. Era ridículo que tivessem de se contorcer em cima de uma maldita cadeira, mas era um prazer indescritível tê-la nos braços.

Uma das mãos de Kathleen agarrou-lhe no membro duro sobre o tecido das calças. Ele deu um salto. Antes de se inteirar completamente do que fazia, já as suas mãos procuravam orientar-se na profusão de saias. Ao encontrar a dobra dos culotes, puxou pelo tecido até este se rasgar, com um ruído

promissor, deixando a descoberto a forma suave e húmida pela qual ele tanto ansiava.

Kathleen gemeu quando ele enfiou dois dedos dentro dela, avançando avidamente as ancas, pulsante de calor e humidade. Ele perdeu a razão. Só pensava em estar dentro dela. Retirando os dedos, procurou atabalhoadamente os botões das próprias calças. Ela tentou ajudá-lo, debatendo-se com os obstinados botões, mas os seus esforços acabaram por o estorvar, de uma forma que o teria feito rir, se não estivesse tão desesperado por a possuir. Acabaram no chão, com Kathleen sentada de pernas abertas em cima dele e a saia em balão por cima dos dois como uma flor gigantesca.

Por baixo do tumulto de tecido, porém, o seu corpo nu encontrou o dela. Posicionou-se e, antes de conseguir sequer orientá-la, Kathleen descera sobre ele, aceitando-o no seu sexo pequeno e húmido mais profundamente do que nunca. Estremeceram e gemeram ambos com a sensação da pulsante proximidade.

Ela agarrou-se aos ombros dele e fez menção de rodar para o lado, tentando reverter as posições de modo a pô-lo sobre si, mas ele agarrou-lhe nas ancas, mantendo-a por cima. Abrindo as mãos sobre as ancas e as coxas dela, deleitou-se com as suas formas, enquanto Kathleen o contemplava com uma expressão de assombro. Devon mostrou-lhe o movimento, investindo para cima, erguendo-a com facilidade. Ao baixar, teve o cuidado de lhe atrasar a descida, permitindo-lhe deslizar alguns centímetros sobre ele. Kathleen deixou escapar um suspiro entrecortado. Depois, uma nova investida das ancas, a que se seguiu uma descida aveludadamente erótica.

Compreendendo a intenção dele, Kathleen, profundamente corada, iniciou um movimento hesitante. Seguindo o seu instinto, ajustou a posição, oscilando sobre ele com crescente confiança, terminando cada movimento com um impulso para a frente que absorvia as investidas dele para cima.

Céus! Ela estava a montá-lo, sem contemplações. Dava prazer a si mesma a um ritmo agressivo, cada vez mais rápido, despertando nele tal exaltação de luxúria que começou a transpirar até à ponta dos pés. Gotas de suor formavam-se na testa. Fechou os olhos, tentando manter o controlo, mas era terrivelmente difícil ao ritmo que ela marcava. Não, impossível.

– Devagar, meu amor – pediu, rouco, esticando os braços para lhe segurar as ancas. – Quero-a demasiado.

Ela resistiu, montando-o com brusquidão, o corpo tenso à sua volta.

O clímax aproximava-se velozmente... Por mais que tentasse atrasá-lo, não

conseguia impedir a sensação de se intensificar.

– Kathleen – soprou, com os dentes cerrados. – Não consigo... Não consigo conter-me.

Mas ela, absorta na sua firme cadência, não o ouvia. Sentiu-a atingir o auge, nos suaves espasmos e contrações que o envolveram. Uma autodisciplina torturante permitiu-lhe ficar imóvel, com todos os músculos completamente contraídos e tesos, obrigando-se a parar para ela desfrutar, embora o seu coração ameaçasse explodir do esforço. Conseguiu dar-lhe dez segundos... Os dez segundos mais insuportáveis da sua vida. O máximo que conseguiu suportar antes de o seu próprio orgasmo acontecer. Grunhindo com o esforço, procurou afastá-la de si.

Aquilo com que não contara, porém, fora a força das coxas dela, os músculos de uma cavaleira experiente que se aferrava a ele com uma tenacidade que nem sequer um cavalo árabe de quinhentos quilos teria conseguido derrubar. Quando tentou destroná-la, sentiu-a usar instintivamente o movimento contra ele, apertando mais as pernas a cada recuo. Um clímax ardente apoderou-se dele, inundando-o de um prazer tão absoluto como a morte. Estremeceu mais algumas vezes enquanto ela o acompanhava, espremendo até à última gota de sensação do corpo sem misericórdia.

Devon gemeu e desabou sobre o chão.

Quando o vertiginoso êxtase esmoreceu, ficou gelado ao constatar que ejaculava dentro dela. Nunca o fizera com ninguém. Na verdade, usava sempre protetores de borracha para garantir que tal não aconteceria. Mas presumira arrogantemente que não teria nenhum problema em se retirar de Kathleen, e a verdade era que desejava estar dentro dela sem nenhuma barreira entre os dois.

O preço que poderia ter de pagar por aquilo era impensável.

Kathleen estava deitada em cima dele. O seu corpo esguio oscilava ao ritmo da respiração dele.

– Lamento muito – arquejou ela, com voz de perplexidade. – Não conseguia parar. Não... conseguia.

Devon ficou em silêncio, tentando pensar, apesar do pânico cortante.

– O que devemos fazer? – perguntou ela, com voz sufocada.

Embora ele conhecesse formas de evitar a gravidez, as especificidades dos métodos empregues *após* o ato sexual eram do foro das mulheres.

– Ouvi dizer que há quem use champanhe – conseguiu articular.

Mas possuía apenas uma vaga ideia de como se administrava um duche contracetivo e não havia nada no mundo que o fizesse correr o risco de prejudicar Kathleen com um erro.

– Beber champanhe ajuda? – perguntou ela, esperançosa.

Ele sorriu sombriamente.

– Não é para beber, inocente senhora. Mas não importa. Teria de ser feito de imediato, e não há tempo.

O peso dela sobre as costelas começou a provocar-lhe dor. Tirou-a de cima de si e levantou-se, compondo a roupa com assinalável eficiência. Segurou na mão que ela lhe estendia e ajudou-a a levantar-se também.

Quando se levantou e viu a expressão dele, Kathleen ficou pálida.

– Lamento – repetiu, com voz trémula. – Por favor acredite que, seja o que for que aconteça, eu não o responsabilizarei.

Aquelas palavras, como um rastilho para um barril de pólvora, converteram o medo de Devon imediatamente em raiva.

– Julga que isso faz alguma diferença? – perguntou com violência. – Já sou responsável por mil coisas sem ter feito nada por isso.

Ela respondeu com toda a dignidade que era possível a uma mulher que tentava repor no sítio a sua roupa interior.

– Não quero ser incluída nessa lista.

– Desde logo, pouco importa aquilo que quer. Se existir um bebé, de nada adianta desejar o contrário. E metade dele é meu.

Não conseguiu evitar que o seu olhar horrorizado se concentrasse no ventre dela, como se a sua semente já tivesse começado a ganhar raízes dentro dela. Kathleen deu um passo atrás e aquele pequeno movimento enfureceu-o.

– Quando serão as suas regras? – perguntou, esforçando-se por moderar o tom de voz.

– Dentro de duas semanas, talvez três. Envio-lhe um telegrama para Londres quando acontecer.

– Se acontecer – replicou ele com amargura. – E não vai precisar de me enviar telegrama nenhum. Virá comigo. Não se incomode a perguntar porquê. Estou farto de ter de explicar qualquer decisão que tomo a todas as pessoas

desta maldita propriedade.

Deixou-a antes que lhe saísse mais alguma coisa pela boca, como se o próprio diabo o perseguisse.

CAPÍTULO 28

A viagem de comboio até Londres demorou umas espantosas duas horas, facilmente um quarto do tempo do que teriam demorado se tivessem optado pela carruagem. O que se revelava uma bênção, pois rapidamente foi perceptível que a família Ravenel não tinha as viagens no sangue.

Pandora e Cassandra estavam ambas excitadíssimas, pois nunca tinham pisado um comboio. Corriam de uma ponta à outra da plataforma como pombos esvoaçantes, tagarelando e desfazendo-se em exclamações, suplicando a West que comprasse edições de viagem de romances populares, que só custavam um xelim cada, e sanduíches embrulhadas em pequenas caixas de papel ou lenços estampados com cenas pastoris. Carregadas de lembranças, embarcaram para a carruagem de primeira classe da família, insistindo em experimentar todos os lugares antes de escolherem os seus preferidos.

Helen quisera levar uma das suas orquídeas, cujo pé, comprido e frágil, fora estabilizado com um pau e um pouco de fita. A orquídea era uma espécie rara e sensível de Vanda azul. Apesar de a planta não gostar de ser movida de sítio, Helen acreditava que estaria melhor com ela em Londres. Transportou a orquídea no colo durante toda a viagem, olhando, absorta, para a paisagem em movimento.

Pouco depois de o comboio sair da estação, Cassandra, que tentara ler uma ou duas páginas de um dos romances, ficara enjoada. Fechara o livro e recostara-se no assento com os olhos fechados, soltando um gemido esporádico quando o comboio balançava. Pandora, por outro lado, não conseguia ficar sentada durante mais de uns minutos seguidos, levantando-se para experimentar a sensação de estar em pé num comboio em marcha e tentando ver a paisagem de janelas diferentes. Mas a pior passageira era, sem dúvida, Clara, a criada pessoal de Kathleen, cujo medo da velocidade do

comboio demonstrou ser resistente a todas as tentativas de apaziguamento. Por mais pequeno que fosse, cada solavanco ou travagem dava azo a um grito receoso até Devon decidir finalmente dar-lhe um pequeno copo de *brandy* para ajudar a acalmar os nervos.

– Eu disse-lhe que a devíamos ter enfiado na carruagem de segunda classe com o Sutton – disse Devon voltando-se para Kathleen.

Na semana que se seguira ao episódio na sala do pequeno-almoço, ambos se esforçaram ao máximo para evitar a presença um do outro. Quando se encontravam juntos, como naquele momento, refugiavam-se na cordialidade mais escrupulosa.

– Julguei que ela se sentiria mais segura connosco – replicou Kathleen.

Olhando por cima do ombro, constatou que Clara dormia com a cabeça inclinada para trás e a boca semiaberta.

– Parece estar muito melhor depois do golito de *brandy*.

– Golito? – repetiu Devon, com um olhar sombrio. – Já bebeu pelo menos um quarto de litro. Na última meia hora, a Pandora não se cansa de lhe levar o copo à boca.

– O quê? Porque é que não disse nada?

– Porque assim fica sossegada.

Kathleen saltou do banco e apressou-se a tirar a garrafa das mãos de Pandora.

– Querida, o que fazes com isto?

– Estou a ajudar a Clara – replicou a rapariga com solenidade.

– É muito gentil da tua parte, mas já chega. Não lhe dês mais.

– Não sei porque ficou com tanto sono. Eu tomei quase tanto remédio como ela e não me sinto minimamente cansada.

– Bebeste *brandy*? – perguntou West, do outro lado da carruagem, erguendo as sobrancelhas.

Pandora levantou-se, dirigindo-se para a janela do lado oposto para apreciar um castro celta e um prado com gado a pastar.

– Sim, quando atravessávamos a ponte sobre a água. Fiquei um pouco nervosa. Mas tomei uma dose e senti-me bastante relaxada.

– Não duvido – devolveu West, fitando a garrafa meio vazia que Kathleen

segurava antes de olhar novamente para Pandora.

– Anda sentar-te aqui comigo, querida. Quando chegarmos a Londres, estarás tão grogue como a Clara.

– Não sejas tonto.

Sentando-se no lugar vazio ao lado de West, Pandora conversou e riu-se até mais não, até deixar cair a cabeça sobre o ombro deste e começar a risonar.

Finalmente, chegaram a uma das duas linhas de Waterloo Station, onde milhares de passageiros procuravam a plataforma correta de embarque.

Levantando-se, Devon esticou os ombros e disse:

– O cocheiro e a carruagem aguardam-nos no exterior. Vou chamar um carregador para dar assistência à Clara. Os outros, fiquem todos juntos. Cassandra, nada de sair daqui a correr para andar atrás de bugigangas e livros. Helen, agarre bem a orquídea, caso a empurrem enquanto abrimos caminho entre esta gente toda. Quanto à Pandora...

– Está comigo – tranquilizou West, colocando a rapariga de pé. – Acorde, menina. Está na altura de ir embora.

– Estou com os pés trocados – balbuciou Pandora, afundando o rosto no peito dele.

– Ponha os braços à volta do meu pescoço.

– Porquê? – replicou ela, com olhos semicerrados.

– Para poder tirá-la do comboio – devolveu West, divertido e exasperado.

– Eu *gosto* de comboios – soluçou Pandora, quando ele lhe pegou. – Oh... Ir ao colo é muito melhor do que andar. Ui! Sinto-me tão trôpega...

Surpreendentemente, o grupo atravessou o átrio sem sofrer nenhum percalço. Devon indicou aos carregadores e lacaios que carregassem as malas para uma carroça que seguiria atrás da carruagem. Sutton, relutante, encarregou-se de Clara, que seguia ao seu lado, como um saco de batatas ameaçando cair para o lado.

A família instalou-se na carruagem, enquanto West optou por se sentar no alto com o cocheiro. Quando o veículo saiu da estação em direção a Waterloo Bridge, uma chuva miudinha acompanhou a descida lenta de um nevoeiro acastanhado.

– O primo West não vai ficar desconfortável, lá fora à chuva? – perguntou Cassandra, preocupada.

Devon abanou a cabeça.

– A cidade deixa-o revigorado. Quer olhar bem para tudo.

Pandora mexeu-se e sentou-se para apreciar a paisagem.

– Julguei que as ruas seriam todas de pedra – comentou.

– Só algumas – esclareceu Devon. – A maior parte está pavimentada a madeira, que é um piso melhor para os cavalos.

– Como são altos, os edifícios! – comentou Helen, colocando um braço protetor à volta da orquídea. – Alguns devem ter sete pisos, no mínimo.

As gêmeas encostaram o nariz aos vidros das janelas, deixando os rostos entusiasmados à vista de todos.

– Meninas, os véus – principiou Kathleen.

– Deixe-as olhar – interrompeu Devon, com voz tranquila. – É a primeira vez que veem a cidade.

Ela condescendeu, voltando a recostar-se no banco.

Londres era uma cidade prodigiosa, repleta de odores e de visões. O ar animava-se com os latidos dos cães, o bater das ferraduras de ferro dos cavalos, o bramir das ovelhas e o ranger das carroças, os gemidos dos violinos, os lamentos dos órgãos de rua, os pregões musicais dos vendedores e dos cantores de baladas, entre os milhares de vozes que conversavam, negociavam, riam e se chamavam umas às outras.

Veículos e cavalos circulavam pelas ruas num fluxo enérgico. Os passeios estavam repletos de peões que andavam sobre a palha que fora estendida pelas zonas de passagem e diante das lojas para absorver a humidade. Viam-se vendedores, homens de negócios, vagabundos, aristocratas, mulheres com todo o tipo de roupa, varredores de chaminés com as vassouras meio desfeitas, engraxadores com os seus bancos dobráveis e vendedoras de fósforos que equilibravam na cabeça as suas trouxas.

– Não consigo decidir a que cheira o ar – observou Cassandra, quando uma mistura de odores entrou por uma frincha na janela corrediça situada por baixo do cocheiro. O ar de Londres: saturado pela profusão de fumo, fuligem, cavalos, estrume, tijolo molhado, peixe escuro salgado e carne vermelha do talho, pão da padaria e pastéis de salsicha quentes, gordurosos cubos de tabaco, suor humano, o aroma doce do sebo e das flores e o cheiro metálico da maquinaria a vapor.

– Como o descreverias, Pandora?

– «Avassalodor» – declarou esta.

Cassandra abanou a cabeça com um sorriso travesso e rodeou os ombros da irmã com um braço.

Embora o fumo persistente tingisse de cinzento as ruas e os edifícios, a abundância de cores alegrava os diferentes cenários. Os vendedores de rua empurravam carros cheios de flores, frutas e vegetais, passando diante de lojas que ostentavam letreiros pintados à mão e vitrinas pitorescas. Podiam ver-se pequenos jardins, como joias, e alamedas de tílias entre as casas de pedra com colunas e balaustradas de ferro.

A carruagem virou para a Regent Street, onde homens e mulheres bem vestidos se passeavam diante de lojas e clubes de fachadas majestosas. Devon esticou um braço para abrir a janela do tejadilho e gritou para o cocheiro:

– Vá pelos Burlington Gardens e pela Cork Street.

– Sim, senhor.

Voltando a sentar-se, Devon anunciou:

– Vamos fazer um ligeiro desvio. Ocorreu-me que gostariam de passar pela Winterborne's.

Pandora e Cassandra, radiantes, gritaram em uníssono.

Quando enveredaram pela Cork, a concentração de veículos obrigou a carruagem a desfilar a passo de caracol diante da fileira ininterrupta de edifícios com fachada de mármore que se estendia ao longo de todo o quarteirão. Uma grande claraboia envidraçada aumentava-lhe mais cinco metros.

As fachadas, ao nível da rua, estavam munidas das maiores vitrinas de vidro laminado que Kathleen alguma vez vira, diante das quais se aglomeravam pessoas a apreciar os exóticos objetos que exibiam. Arcadas com colunas e janelas em arco adornavam os pisos superiores, enquanto, no telhado, uma fileira de cúpulas quadradas com vitrais coroava um parapeito de três níveis. Para um edifício daquele tamanho, tinha um ar agradavelmente ligeiro e espaçoso.

– Onde fica a loja de Mr. Winterborne? – perguntou Kathleen.

Devon pestanejou como se a pergunta o surpreendesse.

– Tudo isto é a Winterborne's. Parecem ser vários edifícios, mas trata-se apenas um.

Kathleen olhava pela janela, deslumbrada. A estrutura ocupava a rua inteira. Era demasiado grande para se encaixar em qualquer conceito prévio que ela tivesse de loja... Constituía um reino.

– Quero visitar os armazéns! – afirmou categoricamente Cassandra.

– Vou contigo! – exclamou Pandora.

Devon não disse nada, olhando Helen como se tentasse adivinhar-lhe os pensamentos.

Ao chegarem ao final da Cork Street, enveredaram pela South Audley Street. Aproximaram-se de uma casa grande e bem arranjada, rodeada por uma vedação de ferro com entrada em pedra. A sua estética era tão semelhante à de Eversby Priory que Kathleen soube imediatamente que seria propriedade dos Ravenel.

A carruagem parou e as gémeas quase se apearam de um salto antes que o laçao conseguisse ajudá-las a descer.

– Nunca tinha aqui estado? – perguntou Devon a Kathleen enquanto entravam.

Ela abanou a cabeça.

– Vi o exterior, uma vez. Não era adequado visitar um cavalheiro solteiro na sua residência. O Theo e eu tínhamos planeado vir para cá depois de o verão terminar.

Um rebuliço coordenado encheu o vestíbulo, enquanto os criados retiravam a bagagem do carro e acompanhavam os membros da família aos seus aposentos. Kathleen gostou do ambiente acolhedor da casa, com a sua mobília sólida, tradicional, soalhos de carvalho e cerejeira embutidos e paredes cobertas de quadros dos antigos mestres. O segundo piso continha os quartos, uma pequena sala de estar e uma antessala. Mais tarde pretendia aventurar-se a subir ao terceiro piso, o qual, referira Devon, consistia inteiramente num opulento salão de baile que ocupava toda a extensão da mansão, com portas francesas que se abriam sobre um terraço.

No momento, porém, desejava subir ao quarto para se refrescar após a viagem.

Enquanto Devon a acompanhava até ao segundo piso, Kathleen reparou numa música etérea que vogava no ar, tão leve como bolas de sabão. As notas delicadas não provinham de nenhum piano.

– Que som é este? – perguntou.

Devon abanou a cabeça, perplexo.

Entraram na sala de estar, onde Helen, Cassandra e Pandora estavam reunidas à volta de uma pequena mesa retangular. O rosto das gémeas resplandecia de entusiasmo, ao passo que o de Helen permanecia cuidadosamente inexpressivo.

– Kathleen! – exclamou Pandora. – Nunca viste nada mais engenhoso!

Kathleen viu uma caixa de música, maior do que qualquer outra, com quase um metro de comprimento e quase dois palmos de altura. O objeto cintilante, feito de pau-rosa, com incrustações a ouro e lacre, descansava sobre uma mesa própria, a condizer.

– Vamos experimentar outra – incitou Cassandra, abrindo uma gaveta localizada na parte dianteira da mesa.

Com movimentos cuidadosos, Helen retirou de dentro dela um cilindro metálico cuja superfície estava coberta de centenas de minúsculas protuberâncias. A gaveta continha uma fila composta por vários cilindros reluzentes.

– Estás a ver? Cada cilindro toca uma música diferente – comentou Pandora, animada. – Podes escolher o que queres ouvir.

Kathleen abanou a cabeça, silenciosamente maravilhada.

Helen colocou um cilindro na caixa e girou uma alavanca metálica. A enérgica e alegre melodia da abertura de *Guilherme Tell* soou, arrancando risinhos às gémeas.

– É de fabrico suíço – reparou Devon, observando uma placa fixada no interior da tampa. – Os cilindros são todos de aberturas de óperas. *O Beijo, Zampa...*

– Mas... de onde saiu isto? – perguntou Kathleen.

– Parece ter sido entregue hoje – respondeu Helen, num tom estranhamente comedido. – Dirigida a mim. Da parte de... Mr. Winterborne.

Um súbito silêncio abateu-se sobre o grupo.

Helen pegou num papel dobrado, que entregou a Devon. Embora a sua expressão estivesse perfeitamente composta, os seus olhos traíam um brilho desconcertado.

– Ele... – principiou, desconfortável – Isto é, Mr. Winterborne... parece vulgar...

Devon olhou-a nos olhos.

– Dei-lhe permissão para a cortejar – disse, sem mais. – Apenas se o desejar. Se não...

– O quê? – explodiu Kathleen, cheia de fúria. Porque é que Devon não mencionara nada a esse respeito? Saberla, com certeza, que ela se oporia.

De facto, opunha-se com todas as fibras do seu corpo. Winterborne não se adequava a Helen em nenhum sentido. *Qualquer pessoa* o percebia. Um casamento com ele iria obrigá-la a adaptar-se a uma vida que lhe era completamente estranha, sem ter em consideração a sua felicidade.

A abertura de *Guilherme Tell* flutuava pela sala com uma alegria indecorosa.

– De forma alguma! – disparou Kathleen. – Recusa-o sem demora.

– Cabe à Helen decidir aquilo que quer – devolveu calmamente Devon. – Não a si.

– O que é que o Winterborne prometeu? – retaliou ela. – O que é que a propriedade tem a ganhar se ele se casar com a Helen?

– Falaremos em privado. Há um escritório no piso principal – devolveu ele, fitando-a com dureza.

Vendo que Helen fazia tenção de os acompanhar, Kathleen deteve-a com um leve toque no braço.

– Querida, deixa-me falar primeiro com Lord Trenear – pediu, veemente. – Há perguntas que devo fazer-lhe em particular. Eu e tu falaremos depois. *Por favor.*

Helen contemplou-a sem pestanejar, com os seus olhos singulares claros e intensos. Quando falou, fê-lo num tom comedido e sereno.

– Antes de debaterem o que quer que seja, quero deixar claro uma coisa. Confio em ti e gosto de ti como se fosses minha irmã, querida Kathleen. Mas creio que vejo a minha situação de forma mais pragmática do que tu. – Dirigiu o olhar para Devon antes de continuar. – Se Mr. Winterborne pretende, de facto, pedir a minha mão... não seria algo que pudesse recusar de ânimo leve.

Incapaz de encontrar uma boa resposta, Kathleen refreou a sua indignação. Por um instante ponderou sorrir, mas o seu rosto estava demasiado rígido.

Então, deu meia-volta e saiu da sala, com Devon no seu encalço.

CAPÍTULO 29

Foi a má sorte de West que lhe ditou que entrasse no escritório, em busca de um mapa das ruas de Londres, no exato momento em que Kathleen e Devon cruzavam espadas.

– O que se passa? – perguntou, dividindo olhares entre os rostos decididos.

– A Helen e o Winterborne – respondeu Devon, lacónico.

Ao ver o rosto acusador de Kathleen, West estremeceu e aliviou o nó da gravata.

– A minha participação nesta discussão não é necessária, pois não?

– Sabia dos planos dele?

– Talvez – murmurou West.

– Então sim. Vai ficar e explicar porque não tentou convencê-lo a desistir desta ideia asquerosa.

– Quando é que consegui convencer algum dos dois a desistir de alguma coisa? – replicou ele, parecendo indignado.

Kathleen voltou-se para Devon com fúria no olhar.

– Se tenciona verdadeiramente fazer isto à Helen, é tão cruel como julguei inicialmente.

– Fazer o quê? Ajudá-la a garantir um casamento que lhe trará riqueza, estatuto na sociedade e a sua própria família? – replicou ele no mesmo tom.

– Estatuto nos círculos sociais dele, não nos nossos. Sabe muito bem que a aristocracia dirá que ela se rebaixou.

– As pessoas que o dirão são, na sua maioria, as mesmas que recusariam aproximar-se dela, caso a Helen decidisse participar na próxima temporada.

Devon aproximou-se da lareira e pousou as mãos na pedra de mármore. A luz das chamas desenhava-lhe sombras no rosto e no cabelo.

– Tenho consciência de que não se trata do casamento ideal para ela – disse bruscamente. – Mas o Winterborne não é tão indesejável como o pinta. Com o tempo, poderá chegar a gostar dele.

– Com tempo suficiente, a Helen consegue convencer-se a gostar de uma ratazana piolhosa ou de um leproso desdentado – replicou Kathleen, desdenhosa. – O que não significa que deva casar-se com nenhum deles.

– Tenho a certeza de que a Helen nunca se casaria com uma ratazana – replicou West.

Devon pegou num atiçador e reavivou as chamas, desencadeando uma tempestade de faúlhas em todas as direções.

– Até agora, a Helen nunca teve possibilidade de receber nenhuma proposta. O que a Kathleen não parece estar disposta a aceitar é o facto de nenhum cavalheiro de estatuto escolher um futuro de pobreza com uma rapariga por quem está apaixonado prescindindo da riqueza que terá com outra que simplesmente tolera – concluiu, olhando-a por cima do ombro, com expressão fatídica.

– Poderão existir tais cavalheiros.

Vendo o seu olhar trocista, corrigiu:

– Poderá existir um. Porque não podemos dar-lhe a oportunidade de o encontrar?

West interveio.

– Isso significaria abrir mão de qualquer possibilidade de se casar com o Winterborne. E se não obtiver outros pretendentes durante a temporada, a Helen ficará sem nada.

– Nesse caso, poderá viver comigo – declarou Kathleen. – Encontrarei uma casa no campo, onde ela e eu poderemos viver dos meus rendimentos.

Dando as costas à lareira, Devon olhou-a com desconfiança.

– Onde encaixo eu, nos seus planos para o futuro?

Seguiu-se um silêncio hostil.

– Não me parece que deva, de todo, estar aqui – comentou West, olhando para o teto.

– O conde pode cuidar de si próprio – declarou ela. – A Helen não. Não terá qualquer proteção contra o Winterborne, se ele a maltratar.

– Mas claro que terá. O West e eu protegê-la-emos sempre.

– Deviam estar a protegê-la agora.

West levantou-se e encaminhou-se para a porta em grandes passadas.

– É isto que é ter uma família? – perguntou, com irritação. – Discussões intermináveis e conversas sobre sentimentos do nascer ao pôr do Sol? Que raio! Quando é que poderei fazer o que me apetece sem ter de prestar contas a tanta gente?

– Quando viver sozinho numa ilha, na companhia de uma palmeira e um coco – atirou Kathleen. – E, ainda assim, tenho a certeza de que acusaria o coco de exigência desmedida.

West olhou para ambos com amargura.

– Estou farto. Se me dão licença, vou procurar uma taberna onde possa pagar a uma mulher parcamente vestida para se sentar ao meu colo e parecer muito satisfeita comigo enquanto bebo até cair.

Ao sair, fechou a porta do escritório com força desnecessária.

Cruzando os braços sobre o peito, Kathleen fitou Devon com olhar fulminante.

– A Helen nunca admitirá aquilo que quer. Passou a vida inteira a tentar não incomodar ninguém. Casar-se-ia com o próprio diabo, se acreditasse que tal ajudaria a família... E tem perfeita consciência do quanto beneficiaria Eversby Priory.

– Ela não é nenhuma criança. É uma mulher com vinte e um anos. Talvez não tenha reparado que, ainda agora, se comportou com muito mais compostura do que você ou eu. Por outro lado – acrescentou, desapiedadamente –, embora possa surpreendê-la, poderá não lhe ser assim tão apelativo passar o resto da vida sob a sua asa.

Kathleen ficou a olhar para ele, abrindo e fechando a boca na tentativa de encontrar palavras. Quando, por fim, foi capaz de responder, tinha a voz carregada de desprezo.

– Não acredito que o tenha deixado tocar-me.

Incapaz de permanecer na mesma divisão que ele durante mais um segundo, precipitou-se para fora do escritório, subindo a correr pelas escadas.

Kathleen e Helen ficaram a falar em tom sério durante mais de uma hora na pequena antessala contígua à sala de estar. Para consternação de Kathleen, Helen parecia, mais do que disposta a ser cortejada por um homem como Rhys Winterborne, decidida a fazê-lo.

– Ele não te quer pelas razões corretas – disse Kathleen, preocupada. – Deseja uma mulher que possa servir as suas ambições. Tu, para ele, és apenas a garantia de uma descendência aristocrática.

– Não é assim também que os homens da nossa classe avaliam o valor de uma mulher? – replicou Helen, com um leve sorriso.

– Helen! Tens de admitir que tu e ele são de mundos completamente diferentes! – exclamou Kathleen, com um suspiro de impaciência.

– Sim, ele e eu somos bastante diferentes – admitiu Helen. – É por essa razão que pretendo agir com cautela. Mas tenho motivos pessoais para aceitar ser cortejada. E, embora não deseje explicá-los todos, posso dizer-te que senti um momento de ligação com ele enquanto estive em Eversby Priory.

– Enquanto trataste dele durante a febre? Porque se é a isso que te referes, trata-se de piedade, não de afeto.

– Não, aconteceu depois.

Helen prosseguiu sem dar a Kathleen oportunidade para levantar mais objeções.

– Conheço-o muito pouco, mas gostaria de o conhecer melhor. – Pegou nas mãos de Kathleen, que apertou com força. – Por favor, de momento, não te oponhas. Por mim.

– Muito bem – acedeu Kathleen com relutância.

– E, acerca de Lord Trenear – atreveu-se a dizer Helen –, não deves culpá-lo por tentar...

– Helen – interrompeu Kathleen, decidida. – Perdoa-me, mas devo culpá-lo, por razões que desconheces por completo.

Na manhã seguinte, Devon acompanhou as Ravenel ao British Museum.

Kathleen teria preferido de longe a companhia de West, mas este ficara alojado no seu apartamento privado, que mantivera mesmo depois de se mudar para Eversby Priory.

Ainda indignada por ele a ter enganado e magoada com os comentários da noite anterior, Kathleen evitou dirigir-se a Devon mais do que o estritamente necessário. Naquela manhã, um e outro brandiam palavras educadas e sorrisos amarelos como se fossem armas.

Confrontadas com a enorme quantidade de exposições de arte patentes no museu, as irmãs Ravenel escolheram começar por visitar a galeria egípcia. Munindo-se de panfletos e de guias, passaram a maior parte da manhã a examinar um a um os objetos expostos: estátuas, sarcófagos, obeliscos, tábuas, animais embalsamados, adereços, armas, ferramentas e joias. Demoraram-se especialmente a observar a pedra de Roseta, maravilhadas com os hieróglifos gravados na sua superfície polida.

Enquanto Devon dava uma vista de olhos a uma exposição de armas, perto dali, Helen aproximou-se de Kathleen, que contemplava um expositor de vidro repleto de moedas antigas.

– Neste museu há tantas galerias que podíamos visitá-lo todos os dias durante um mês inteiro e, ainda assim, não ver tudo – comentou.

– A este ritmo, seguramente que não – devolveu Kathleen, observando Pandora e Cassandra, que tinham aberto os blocos de desenho e copiavam aturadamente alguns hieróglifos.

Seguindo o olhar da cunhada, Helen comentou:

– Elas estão a adorar. Eu também. Parece que todas ansiávamos por mais cultura e mais estímulos do que Eversby pode proporcionar.

– Londres tem enorme oferta de ambas as coisas – declarou Kathleen. Num tom que quis ligeiro, prosseguiu: – Suponho que Mr. Winterborne tenha isso a seu favor: nunca te aborrecerás.

– Pois não.

Helen fez uma pausa antes de perguntar, com cautela:

– Falando em Mr. Winterborne, poderíamos convidá-lo para jantar? Gostaria de lhe agradecer pessoalmente o envio da caixa de música.

Kathleen franziu o sobrolho.

– Sim. Lord Trenear convida-o, se o desejas. Contudo... Sabes bem quão desadequada é aquela caixa de música. É um presente encantador e generoso,

mas devíamos devolvê-lo.

– Não posso – sussurrou Helen, com a testa franzida. – Iria magoá-lo.

– Prejudicas a tua reputação.

– Ninguém precisa de saber, pois não? Não podemos considerar que é um presente para a família?

Antes de responder, Kathleen pensou em todas as regras que quebrara e nos pecados que cometera, alguns pequenos, outros bastante mais infames do que aceitar um presente inapropriado.

– Porque não? – devolveu, com uma expressão resignada, dando o braço a Helen. – Anda ajudar-me, querida. Parece que a Pandora está a tentar abrir um sarcófago.

*

Para consternação e entusiasmo de Helen, Winterborne aceitou um convite para jantar na noite seguinte. Desejava muito vê-lo; quase tanto como o temia.

Winterborne chegou pontualmente, sendo conduzido à sala de estar do primeiro piso, na qual se reunira a família Ravenel. Apesar da imponente figura, estava vestido com elegante simplicidade, de casaco preto, calças cinzentas e colete cinzento. Embora a perna ainda estivesse convalescente, o gesso fora retirado e caminhava com a ajuda de uma bengala de madeira. Era um homem que facilmente se distinguia entre a multidão, não só pela sua altura e corpulência, mas também pelo cabelo e olhos negros e cútis morena. O tom de pele, que se julgava advir da influência dos povos bascos de Espanha, não era considerado aristocrático... Mas Helen achava-o muito atraente e especial.

Quando ele olhou para ela, com aqueles olhos escuros e intensos emoldurados por negras pestanas, sentiu uma palpitação no peito. Mantendo a compostura, dirigiu-lhe um sorriso neutro, desejando ter confiança para dizer algo encantador ou sedutor. Para seu desalento, Pandora e Cassandra, três anos mais jovens do que ela, mostravam-se ambas muito mais confortáveis na presença de Winterborne. Entretiveram-no com disparates como perguntar-lhe se tinha uma espada escondida na bengala (lamentavelmente, não) ou descrever-lhe os cães mumificados que haviam visto na galeria egípcia.

Um momento de perplexidade acompanhou a entrada na sala de jantar,

quando o grupo constatou que as gémeas tinham escrito com hieróglifos os nomes nos cartões.

– Pensámos que cada um podia tentar adivinhar qual é o seu – informou Pandora.

– Felizmente, fico à cabeceira da mesa – confiou Devon.

– Este é o meu – avançou Winterborne, gesticulando para um dos cartões. – E julgo que Lady Helen está sentada ao meu lado.

– Como é que soube? – indagou Cassandra. – Está familiarizado com hieróglifos, Mr. Winterborne?

Ele sorriu.

– contei as letras. – Pegando no cartão, observou-o cuidadosamente. – Está muito bem desenhado. Especialmente o passarinho.

– Consegue identificar de que tipo de pássaro se trata? – perguntou Pandora, esperançosa.

– Um pinguim? – arriscou ele.

Cassandra voltou-se para a irmã com ar triunfante:

– Eu disse-te que parecia um pinguim.

– É uma codorniz – esclareceu Pandora, com um suspiro. – A minha caligrafia não é melhor em egípcio antigo do que em inglês.

Depois de todos se sentarem e de os lacaios começarem a servir o jantar, Helen virou-se para Winterborne determinada a vencer a sua timidez.

– Vejo que lhe tiraram o gesso, Mr. Winterborne. Confio que esteja a recuperar bem.

– Bastante bem, obrigado – replicou ele com um aceno contido.

– Não tenho palavras para lhe expressar o meu agradecimento pela caixa de música. É o presente mais bonito que recebi – prosseguiu ela, alisando repetidamente o guardanapo sobre o regaço.

– Esperava que fosse do seu agrado.

– E é.

Enquanto fitava os olhos dele, ocorreu-lhe que um dia aquele homem poderia ter direito a beijá-la... a abraçá-la intimamente... Fariam as coisas misteriosas que acontecem entre marido e mulher. Começou a corar

terrivelmente, da forma total e persistente que só ele parecia inspirar. Desesperada por travar aquela progressão, desceu o olhar para o colarinho da camisa dele e depois um pouco mais abaixo, seguindo a perfeita linha reta de uma costura feita à mão.

– Noto a influência de Mr. Quincy – ouviu-se dizer.

– Refere-se à camisa? – perguntou Winterborne. – Sim, o conteúdo dos meus armários, gavetas e baú encontra-se confiscado desde que ele chegou. Segundo me informa, é necessário um compartimento separado com a única finalidade de guardar e tratar da roupa.

– Como está Mr. Quincy? Já se adaptou a Londres?

– Demorou apenas um dia.

Winterborne dedicou-se a descrever o quanto o criado gostava da sua nova vida e o facto de estar mais familiarizado com os grandes armazéns do que alguns dos empregados que lá trabalhavam há alguns anos. Fizera vários amigos, com exceção da sua secretária particular, com a qual discutia constantemente; porém, Winterborne suspeitava que os dois, no fundo, desfrutavam daqueles intercâmbios.

Helen escutava atentamente, satisfeita por ser poupada à necessidade de falar. Pensou em abordar o tema dos livros, ou da música, mas receou que gerasse um conflito de opiniões. Gostaria de saber mais sobre o passado dele, mas talvez fosse uma área sensível, dada a sua ascendência galesa. Não. Era melhor ficar calada. Quando os seus sucintos comentários deixaram de promover a continuação da conversa, Winterborne foi envolvido num debate com West.

Receando que ele a considerasse aborrecida, Helen permaneceu num tormento silencioso, debicando a comida.

Winterborne acabou por se virar novamente para ela, quando os lacaios levantavam a mesa.

– Tocaré piano a seguir ao jantar? – perguntou.

– Gostaria, mas receio que não haja nenhum à disposição.

– Não existe nenhum piano em toda a casa? – exclamou ele, com um brilho matreiro nos olhos escuros.

– Por favor, não me compre nenhum – interrompeu apressadamente Helen.

O pedido provocou um sorriso repentino, um assomo de branco contra a pele cor de canela, tão cativante, que Helen sentiu uma onda de calor no

ventre.

– Tenho praticamente uma dúzia de pianos nos armazéns – explicou. – Alguns nunca foram tocados. Podia mandar trazer um, amanhã.

– Já foi demasiado generoso – devolveu Helen, com os olhos arregalados, ao pensar que pudessem existir tantos pianos num só local. – O maior presente que poderia dar-me é o prazer da sua companhia.

Ele olhou-a nos olhos.

– Quer isso dizer que decidiu permitir que a corteje? – perguntou ele, num sussurro. Ao receber o tímido aceno de Helen, Winterborne aproximou-se um pouco mais, escassos centímetros, o que, ainda assim, foi suficiente para a fazer sentir-se intimidada. – Então, estarei mais presente – murmurou ele. – Que outros presentes gostaria de receber?

– Mr. Winterborne, não há necessidade de... – replicou Helen, corando.

– Ainda estou a pensar no piano.

– Flores – apressou-se Helen a dizer. – Uma lata de doces ou um leque de papel. Pequenos gestos.

– É uma pena. Sou célebre pelos meus grandes gestos – declarou ele, com um sorriso.

Ao terminar o jantar, os cavalheiros continuaram à mesa e as senhoras retiraram-se para beber o chá.

– Estiveste tão calada durante o jantar, Helen – exclamou Pandora assim que entraram na sala.

– Pandora – admoestou suavemente Kathleen.

Cassandra correu em defesa da irmã.

– Mas é verdade. A Helen esteve muda como uma porta.

– Não sabia muito bem o que lhe dizer – admitiu Helen. – Não quis cometer erros.

– Fizeste muito bem – declarou Kathleen. – Conversar com estranhos não é fácil.

– É, se não te prenderes ao que dizes – aconselhou Pandora.

– Nem à opinião que possam ter de ti – acrescentou Cassandra.

Kathleen dirigiu a Helen um olhar fugaz de cómico desespero.

– Nunca estarão prontas para a temporada – sussurrou, ao que Helen reprimiu um sorriso.

No final da noite, quando Winterborne, no vestíbulo, colocava o chapéu e as luvas, Helen pegou impulsivamente no vaso da orquídea, que estava numa mesa da sala de estar, e estendeu-lho.

– Mr. Winterborne – disse vivamente –, gostaria muito que aceitasse isto.

Ele olhou-a com ar inquiridor quando Helen lhe colocou o vaso nas mãos.

– É uma orquídea Vanda azul – explicou.

– O que devo fazer com ela?

– Talvez deseje colocá-la num sítio onde possa vê-la com frequência. Lembre-se de que ela não gosta de estar fria ou húmida, nem quente ou seca. Sempre que é mudada para um novo ambiente, uma orquídea Vanda costuma ressentir-se, por isso não fique alarmado se alguma flor murchar e cair. De forma geral, é melhor não a deixar exposta a correntes de ar, nem a demasiado sol. E nunca a coloque ao lado de uma taça de fruta.

Dirigiu-lhe um olhar encorajador.

– Depois dou-lhe um tónico especial para a pulverizar.

Reparando que Winterborne fitava a exótica flor que lhe caíra nas mãos com relutância e perplexidade, Helen começou a arrepender-se daquele ato tão impulsivo. Ele não parecia desejar o presente, mas ela também não podia pedir-lhe que o devolvesse.

– As orquídeas dão-se muito bem no seu ambiente de origem – disse. – Só quando são movidas para um sítio novo é que têm dificuldade em se adaptar.

– Helen fez uma pausa ao constatar a expressão pensativa dele. – Não precisa de ficar com ela, se não a quiser. Eu compreendo...

– Quero. – Winterborne olhou-a nos olhos e sorriu levemente. – Obrigado.

Helen assentiu, e foi com ar esperançoso que o viu partir, segurando o vaso com firmeza.

– Deste-lhe a Vanda azul! – exclamou Pandora, perplexa, parando ao seu lado.

– Sim.

Cassandra colocou-se do outro lado.

– A orquídea mais diabolicamente temperamental de toda a tua coleção.

– Sim – suspirou Helen.

– Vai matá-la numa semana – afirmou categoricamente Kathleen. – Qualquer um de nós o faria.

– Sim.

– Então porque é que lha deste?

– Queria dar-lhe uma coisa especial – replicou ela, com a testa franzida, baixando os braços em desalento.

– Ele tem milhares de coisas especiais vindas do mundo inteiro – lembrou Pandora.

– Algo especial da minha parte – clarificou Helen com suavidade, e mais ninguém lhe fez pergunta alguma.

CAPÍTULO 30

— Esperei duas semanas para ver isto — declarou Pandora, entusiasmadíssima.

— Eu esperei a minha *vida inteira* — replicou Cassandra, quase aos pulos ao seu lado, na carruagem.

Tal como prometera, Winterborne tratara de tudo para que Kathleen e as irmãs Ravenel visitassem os grandes armazéns após o encerramento, permitindo-lhes fazer compras durante o tempo que quisessem. Dissera às vendedoras para deixarem fora dos expositores objetos que pudessem ser do agrado das jovens, tais como luvas, chapéus, alfinetes e todo o tipo de adornos. As Ravenel teriam liberdade para visitar praticamente todas as oitenta e cinco secções da loja, incluindo a livraria, a perfumaria e o restaurante.

— Quem me dera que o West estivesse aqui connosco — desabafou Pandora.

West regressara a Eversby Priory, depois de passar menos de uma semana em Londres. Admitira a Kathleen que nada em Londres lhe oferecia novidade.

Antigamente, dissera-lhe, fazia tudo o que valia a pena fazer, várias vezes. Agora não consigo deixar de pensar no que ficou por terminar na propriedade. É o único sítio onde posso ser útil a alguém.

Fora-lhe impossível ocultar o quanto desejava regressar ao Hampshire.

— Também tenho saudades dele — disse Cassandra.

— Oh, eu não tenho saudades dele — devolveu Pandora, com ar endiabrado. — Estava só a pensar que podíamos comprar mais coisas se ele estivesse aqui para ajudar a carregar os embrulhos.

— Colocamos de lado aquilo que escolheres — informou Devon — e pedimos

que enviem tudo para a Ravenel House amanhã.

– Quero que ambas se lembrem – advertiu Kathleen – que o prazer das compras dura até chegar o momento de pagar a conta.

– Mas nós não teremos de o fazer – assinalou Pandora com um sorriso matreiro. – As contas vão todas para Lord Trenear.

– Irei recordar esta conversa quando não houver dinheiro para comprar comida – replicou Devon, com um sorriso trocista.

– Pensa só, Helen – continuou Cassandra, com voz animada –, se te casares com Mr. Winterborne, terás o mesmo nome dos grandes armazéns!

Kathleen sabia que aquela perspetiva não agradava a Helen, que não desejava qualquer tipo de fama ou atenção.

– Ainda não pediu a mão da Helen – declarou, com voz inexpressiva.

– Vai fazê-lo – garantiu Pandora, com confiança. – Jantou connosco pelo menos três vezes, acompanhou-nos a um concerto e deixou-nos sentar no seu camarote particular. É óbvio que está a correr muito bem. – Fazendo uma pausa, acrescentou, com algum embaraço:

– Para o resto da família, pelo menos.

– Ele gosta da Helen – comentou Cassandra. – Olha para ela como uma raposa para uma galinha.

– Cassandra – repreendeu Kathleen, olhando para Helen, que olhava fixamente para as luvas.

Era difícil dizer se estava a correr bem ou não. No que tocava ao tema Winterborne, Helen parecia uma esfinge e não revelava nada sobre as conversas que tinham ou sobre os seus sentimentos. Até então, Kathleen nada notara na interação entre os dois que indicasse que pudessem gostar um do outro.

Evitara debater o assunto com Devon, sabendo que desembocariam numa nova e inútil discussão. Na verdade, nas duas últimas semanas, pouco falara com ele. Depois das excursões matinais em família, Devon geralmente ausentava-se para se encontrar com advogados, contabilistas ou executivos de companhias ferroviárias, ou então para participar na Câmara dos Lordes, que voltara ao ativo. Regressava tarde, na maior parte dos dias, cansado e, depois de passar o dia a socializar, pouco dado a conversas.

Só para si própria era capaz de admitir o quanto sentia a falta da intimidade partilhada. Ansiava pelas conversas aprazíveis e divertidas e a simpatia

reconfortante que ele lhe proporcionava. Agora, Devon mal a olhava nos olhos. A separação provocava-lhe quase um entorpecimento físico, como se o seu corpo não quisesse reagir. Parecia que jamais tornariam a encontrar prazer na companhia um do outro. Talvez fosse pelo melhor, pensou tristemente. Depois da frieza que mostrara quanto a uma possível gravidez (ainda não voltara a ter a menstruação), e da forma como ele a manipulara para o acompanhar a Londres, simplesmente como pretexto para empurrar Helen para cima de Winterborne, Kathleen não voltaria a confiar nele. Era um patife manipulador.

A carruagem chegou ao casario que ficava por detrás da Winterborne's, onde uma das entradas traseiras lhes permitiria aceder discretamente ao edifício. Depois de o laçao abrir a porta e colocar um degrau amovível no passeio, Devon ajudou as jovens a apear-se da carruagem. Kathleen foi a última a sair e segurou-lhe na mão enluvada apenas o tempo indispensável para descer. No pátio fechado contíguo, trabalhadores carregavam grades e caixas para a zona de carga.

– Por aqui – incitou Devon, conduzindo-as por uma entrada em arco.

Um porteiro de uniforme azul abriu uma grande porta de bronze, levando a mão ao chapéu.

– Bem-vindo à Winterborne's, senhor. Ao vosso serviço, senhoras.

Quando cruzaram a porta, entregou um pequeno livro a cada um deles. A capa, em azul e marfim, fora estampada com letras douradas que anunciavam: *Winterborne's* e, por baixo, *Índice de secções*.

– Mr. Winterborne aguarda no átrio central – anunciou o porteiro.

Kathleen reparou que, pela primeira vez, as gémeas estavam em perfeito silêncio, testemunho da sua admiração e entusiasmo.

A Winterborne's era uma catedral do prazer, uma gruta de Aladino concebida para deslumbrar os clientes, incentivando-os a entregarem-se sem pudores ao materialismo. O interior, sumptuosamente decorado com painéis de carvalho talhados, tetos trabalhados em gesso e soalhos de madeira com intrincados embutidos de mosaicos, era, ao contrário dos pequenos espaços fechados das lojas tradicionais, aberto e espaçoso, com amplas passagens em arco que permitiam aos clientes transitar de uma secção para a seguinte. Candelabros cintilantes iluminavam os intrigantes objetos que ocupavam os expositores de vidro enquanto diversos outros tesouros se encontravam dispostos com elegância sobre os balcões.

Num único dia de compras na Winterborne's era possível comprar tudo o que era necessário para uma casa, incluindo cristais e porcelanas, utensílios de cozinha, ferragens, mobília pesada, tecido para estofos, relógios, jarras, instrumentos musicais, obras de arte emolduradas, uma sela para o cavalo, um frigorífico de gelo de madeira e toda a comida que era possível armazenar dentro dele.

Aproximaram-se do átrio central circular, com seis pisos de altura, cada qual com o seu balcão de arabescos dourados, coroado por uma enorme claraboia adornada de volutas e rosetas, entre outros floreios. Winterborne, que deambulava entre os balcões de vidro laminado, vistoriando o seu conteúdo, levantou a cabeça ao senti-los aproximarem-se.

– Bem-vindos! – saudou, com um sorriso no olhar. – Corresponde ao que esperavam?

A pergunta foi dirigida ao grupo, mas o seu olhar pousara em Helen.

As gémeas logo se lançaram em alegres exclamações e louvores enquanto Helen sacudia a cabeça e sorria.

– É ainda mais grandioso do que tinha imaginado – disse.

– Viram pouco, ainda. Permita-me que vos faça uma visita guiada.

Dirigindo um olhar desafiador ao resto do grupo, Winterborne perguntou:

– Algum de vós gostaria de nos acompanhar? Ou talvez prefiram iniciar, desde já, as vossas compras? – desafiou, indicando uma pilha de cestos junto ao balcão.

As gémeas olharam uma para a outra, declarando, decididas:

– Compras!

Winterborne abriu um sorriso.

– A confeitaria e os livros ficam naquela direção. Os cosméticos e perfumes, ali. Atrás, encontram os chapéus, lenços, fitas e rendas...

Antes de poder concluir a frase, as gémeas já tinham agarrado cada uma no seu cesto, desaparecendo em seguida.

– Meninas... – principiou Kathleen, desconcertada com aquela selvajaria, mas elas não a conseguiam ouvir. Dirigindo um olhar pesaroso a Winterborne, advertiu: – Para sua própria segurança, tente não se atravessar à frente delas, ou será espezinhado.

– Devia ver como se comportaram as senhoras durante os meus primeiros

descontos semestrais – confidenciou Winterborne. – Violência. Gritos. Preferia voltar a ter o acidente de comboio.

Kathleen não pôde evitar sorrir.

Winterborne afastou-se da rotunda com Helen.

– Gostaria de ver os pianos? – ouviu-o perguntar.

A tímida resposta já não se ouviu.

Devon aproximou-se dela em silêncio.

Após um longo momento de desconforto, Kathleen perguntou:

– Quando olha para eles, vê alguma vez duas pessoas que sentem o menor interesse uma pela outra? Não existe à-vontade natural entre os dois, nenhum interesse partilhado. Falam como se fossem dois desconhecidos no mesmo autocarro.

– Vejo duas pessoas que ainda não baixaram a guarda uma com a outra – respondeu ele simplesmente.

Kathleen afastou-se do balcão para deambular até uma elegante mostra de artigos de papelaria, situada noutra zona do átrio central. Uma bandeja repleta de frasquinhos de cheiro ocupava o balcão. Segundo o pequeno letreiro emoldurado, os frasquinhos eram destinados especificamente às senhoras que desejavam aromatizar a sua correspondência com fragrâncias que não manchavam o papel nem desbotavam a tinta.

Silenciosamente, Devon colocou-se atrás dela, pousando as mãos no balcão, uma de cada lado de Kathleen. Ela inspirou profundamente. Encurralada pelo seu corpo quente e forte, não conseguiu mover-se quando sentiu a boca dele no seu pescoço. Fechou os olhos, os seus sentidos perfeitamente inebriados com a força masculina e vital que emanava dele. A sua respiração quente agitou uma madeixa de cabelo contra a sua pele, numa sensação tão deliciosa que a fez estremecer.

– Volte-se – sussurrou Devon.

Kathleen abanou a cabeça sem dizer nada, com o coração aos pulos.

– Tenho saudades suas – declarou ele, acariciando-lhe a nuca com erótica leveza. – Esta noite, quero entrar na sua cama. Nem que seja só para a ter nos braços.

– Não acredito que tenha algum problema em encontrar uma mulher desejosa de partilhar a cama consigo – devolveu ela, em tom amargo.

Devon encostou-se a Kathleen, fazendo roçar o seu rosto no dela. A fricção do queixo barbeado parecia a língua de um gato.

– Só a quero a si.

O prazer de o sentir a envolvê-la deixou-a tensa.

– Não devia dizer isso até descobrirmos se estou ou não grávida. Embora nenhuma das situações vá compor as coisas entre nós.

Um beijo suave e áspero de lado no pescoço provocou-lhe um arrepio.

– Peço perdão – voltou ele, com voz de veludo. – Não devia ter reagido assim. Oxalá pudesse retirar tudo o que disse. A culpa não foi sua; pouca experiência tem no ato amoroso. Eu sei melhor do que ninguém o quão difícil é retirarmo-nos no preciso momento em que mais desejamos estar perto de alguém.

Atónita com o pedido de desculpas, Kathleen persistiu em não se virar para ele. Detestava a sensação de vulnerabilidade que a invadira, a avalanche de solidão e de desejo que a impelia a lançar-se nos seus braços e começar a chorar.

Antes de conseguir formular uma resposta coerente, ouviu o sonoro palavrear das gémeas, acompanhado pelo chocalhar inconfundível de diversos objetos. Devon afastou-se dela com uma imprecação nos lábios.

– Precisamos de mais cestos – declarou Pandora, triunfante, invadindo a secção.

As gémeas, que se divertiam à grande e à francesa, exibiam uma indumentária grotesca. Cassandra apresentava-se com uma capa de gala de cor verde e uma pluma adornada com pedras preciosas presa no cabelo. Pandora trazia uma sombrinha de renda azul-clara debaixo de um braço e um par de raquetes de ténis debaixo do outro. Na cabeça, um diadema com motivos de flores escorregava-lhe sobre um olho.

– Eu diria que já fizeram compras suficientes – sentenciou Kathleen.

Cassandra fez uma expressão preocupada.

– Oh, não.... Ainda temos pelo menos oitenta secções para visitar.

Kathleen não pôde evitar olhar para Devon, o qual tentava, sem sucesso, conter um sorriso. Era a primeira vez em vários dias que ela o via sorrir.

Entusiasmadas, as raparigas arrastaram os cestos até junto dela e começaram a dispor objetos desordenadamente em cima do balcão: sabonetes

perfumados, pós, pomadas, meias, livros, atilhos para corpetes, alfinetes de cabelo, flores artificiais, latas de biscoitos, pastilhas de alcaçuz, rebuçados de cevada, um filtro para chá de rede metálico, meias enfiadas em saquinhos de rede, um conjunto de lápis de cor, uma garrafinha minúscula de vidro cheia de um líquido vermelho-vivo e um pote de vidro com tampa dourada.

– O que é isto? – perguntou Kathleen, pegando na garrafa e observando-a com ar desconfiado.

– É um cosmético – explicou Pandora.

– «Botão de Rosa» – informou Cassandra.

Kathleen arquejou ao dar-se conta do que era.

– É *rouge*.

Nunca tivera um frasco de *rouge* nas mãos. Pousando-o no balcão, anunciou com firmeza:

– Não.

– Mas... Kathleen...

– «Não» ao *rouge* – repetiu, com firmeza –, agora e sempre.

– Precisamos de aprimorar o nosso aspeto – protestou Pandora.

– Não fará mal nenhum – reforçou Cassandra. – A garrafa diz que o Botão de Rosa é «delicado e inofensivo». Está aqui escrito, vês?

– Se utilizassem *rouge* em público, os comentários que receberiam não seriam nem delicados nem inofensivos. Deixariam as pessoas a pensar que são umas perdidas. Ou, pior ainda, atrizes.

Pandora voltou-se para Devon.

– Lord Trenear, o que acha?

– Esta é uma das alturas em que é melhor um homem não ter opinião – declarou este, sem mais.

– Bolas! – devolveu Cassandra.

Pegou num frasco de vidro de cor branca e tampa dourada e estendeu-o a Kathleen.

– Encontrámos isto para ti. É pomada de lírio; para as tuas rugas.

– Eu não tenho rugas – ripostou Kathleen com alguma irritação.

– Ainda não – concedeu Pandora. – Mas um dia vais ter.

Devon sorriu quando as gêmeas agarraram nos cestos vazios e bateram em retirada para prosseguirem com as compras.

– As minhas rugas, quando aparecerem – replicou Kathleen, com ar pesaroso –, terão tido estas duas como causadoras.

– Esse dia ainda está muito longe – comentou Devon, olhando-a e segurando-lhe o rosto com as mãos. – Mas quando chegar, será ainda mais bela.

Sob o toque suave dos seus dedos, a pele de Kathleen incendiou-se com um ardor mais vivo do que qualquer *rouge* poderia provocar. Desesperada, tratou de se obrigar a afastar-se, mas o toque paralisara-a.

A mão deslizou-lhe até à nuca, segurando-a enquanto ele cobria a boca dela com a sua. Foi invadida por um calor violento e sentiu-se débil, como se o chão se tivesse inclinado, qual convés de navio. Devon rodeou-a com um braço e apertou-a contra o seu corpo, e aquela força natural deixou-a aturdida. *Sou sua*, obrigara-a a dizer na cocheira enquanto a atormentara com um prazer sensual. Era verdade. Seria sempre dele, independentemente de para onde fosse ou daquilo que fizesse.

Escapou-se dela um suave gemido de desespero, mas o beijo dele absorveu qualquer som e qualquer alento, deleitando-se com uma avidez controlada, voltando a cabeça para aproximar ainda mais as suas bocas. A língua dele tocando a sua clamava a reação do seu corpo, num beijo instigante. Tomada por um desejo avassalador, não conseguia sequer absorver as sensações daquele prazer incontrollável. Por baixo do vestuário volumoso, a sua zona íntima, expectante, começara a palpitar, e os músculos minúsculos contraíam-se e soltavam-se.

De repente, ele recuou, separando os corpos. Ela gemeu e esticou cegamente os braços.

– Vem aí alguém – replicou Devon em voz baixa.

Encostando-se ao balcão em busca de apoio, Kathleen alisou apressadamente o vestido e tentou controlar a respiração.

Helen e Winterborne regressavam ao átrio central. Ela sorria como se tivesse os lábios presos por alfinetes, mas algo na sua postura fez Kathleen pensar numa criança perdida que era devolvida à mãe.

O seu olhar apreensivo foi atraído por um brilho na mão esquerda de Helen. Estarrecida, percebeu o que era, e todo o sensual calor lhe abandonou o corpo.

Um anel.

Depois de umas míseras duas semanas de corte, aquele canalha pedia-a em casamento.

CAPÍTULO 31

Querida Kathleen,

Acabo de regressar da quinta dos Lufton depois de indagar sobre o estado do inquilino mais recente. Por favor, comunique a todas as partes interessadas que o Hamlet está satisfeitíssimo com o seu curral, o qual, devo acrescentar, foi construído segundo os mais elevados padrões porcinos. Parece entusiasmado com a companhia do seu harém de porcas. Aventurar-me-ia a dizer que um varrão de prazeres simples não poderia ansiar nada mais.

As restantes notícias da propriedade prendem-se com valas de drenagem e percalços com a canalização, nenhuns dos quais agradáveis de relatar.

Estou ansioso por saber como tem encarado o compromisso entre a Helen e o Winterborne. Rogo-lhe que escreva em breve para debelar a minha preocupação fraternal, mesmo que tal seja a confirmação de um possível homicídio.

Carinhosamente,

West

Kathleen pegou numa caneta para redigir a resposta, constatando que sentia mais saudades dele do que poderia ter imaginado. Que curioso, aquele bêbedo devasso que se instalara em Eversby Priory há tantos meses ter-se tornado uma presença tão reconfortante na sua vida.

Querido West,

Confesso-lhe que, na semana passada, aquando do pedido de casamento, o homicídio não esteve fora de questão. Percebi, porém, que, se me livrasse do Winterborne, teria de o fazer igualmente com o seu irmão, o que não estaria bem. Talvez um homicídio pudesse justificar-se nestas circunstâncias, mas dois seria excessivo.

A Helen mostra-se calada e reservada, não sendo o que se espera de uma rapariga que acaba de ficar noiva. É óbvio que detesta o anel de noivado, mas recusa-se a pedir ao Winterborne que o troque. Ontem, ele decidiu encarregar-se de todos preparativos e despesas do casamento, portanto nem nisso ela terá uma palavra a dizer.

O Winterborne domina sem parecer, sequer, ter consciência disso. É como uma grande árvore que projeta uma sombra na qual as árvores mais pequenas não conseguem desenvolver-se.

Apesar de tudo, o casamento parece inevitável.

Estou resignada com a situação. Pelo menos, tento.

Agradeço do coração a sua preocupação fraternal, que devolvo com igual medida de afeto.

Sua,

Kathleen

Nesse dia, Devon regressou a casa tarde e cansado, mas satisfeito.

O contrato de arrendamento com a London Ironstone fora assinado por ambas as partes.

Durante a semana anterior, Severin convertera as negociações num jogo do gato e do rato. Ele tivera de se munir de uma disciplina sobre-humana e de uma enorme reserva de energia para enfrentar as acelerações, atrasos, surpresas e retificações de Severin. Por diversas ocasiões, os advogados remeteram-se ao silêncio enquanto os dois se digladiavam. Finalmente, Devon conseguira impor as condições que desejava, não sem colocar a possibilidade de saltar por cima da mesa e estrangular o amigo. O mais enfurecedor era saber que Severin, ao contrário de todos os demais, não podia

estar mais divertido.

O amigo adorava o alvoroço, o conflito, algo que alimentasse a sua mente voraz. Embora as pessoas se sentissem atraídas por Severin e ele fosse convidado para todo o lado, era difícil tolerar a sua energia febril por um longo período. Passar tempo com ele era como assistir a um espetáculo de fogo de artifício: durante algum tempo era agradável, mas tornava-se fatigante caso se prolongasse demasiado.

Depois de entregar o casaco, chapéu e luvas ao mordomo, Devon dirigiu-se para o escritório, desejoso de tomar uma bebida. Ao passar pelas escadas, ouviu risos e conversas provenientes da sala de estar do piso de cima, acompanhados pela melodia alegre da caixa de música.

O escritório encontrava-se iluminado somente por um candeeiro de mesa e pelo fogo da lareira. Viu o vulto delgado de Kathleen, aninhada na fofa poltrona, com um copo de vinho vazio entre os dedos. Foi com prazer que constatou que ela trazia o xaile colorido que lhe dera de presente. Olhava pensativa para o fogo cujas chamas dançavam na linha delicada do seu perfil.

Não estava a sós com Kathleen desde que Helen e Winterborne tinham ficado noivos. Ela mostrara-se reservada, nada disposta a conversar, seguramente fruto do seu descontentamento com a situação. Além disso, durante a semana anterior, a negociação com a London Ironstone exigira toda a atenção de Devon. Era demasiado importante para a propriedade: não pudera arriscar-se a perdê-lo.

Agora que o contrato estava assinado, trataria de colocar a casa em ordem.

Quando Devon entrou, Kathleen ergueu a cabeça com uma expressão cuidadosamente neutra.

– Olá. Como correu a reunião?

– O contrato de arrendamento está assinado – disse, aproximando-se do aparador para se servir de um copo de vinho.

– Ele concordou com as suas condições?

– Com as mais importantes.

– Parabéns – devolveu ela, com sinceridade. – Não tinha dúvidas de que conseguiria.

Devon sorriu.

– Eu tinha, e bastantes. O Severin tem muitíssimo mais experiência do que eu a fazer negócios. Mas tentei compensá-lo com uma teimosia inabalável.

Indicando a garrafa de vinho, dirigiu-lhe um olhar interrogador.

– Obrigada, mas já bebi o suficiente.

Acenou com a cabeça na direção da secretária do canto.

– Chegou um telegrama para si, mesmo antes do jantar. Está em cima da bandeja de prata.

Devon aproximou-se da mesa, pegou-lhe a abriu-o, desfazendo o lacre.

– É do West – declarou, olhando para a mensagem com ar intrigado.

TEM À PROPRIEDADE SEM DEMORA.

–*W.R.*

– Quer que vá imediatamente ao Hampshire – comunicou, baralhado. – Não diz porquê.

Kathleen olhou imediatamente para ele

– Espero que não sejam más notícias. Acha que sofreu algum acidente? Ou que alguém estará doente?

– Não poderá ser muito má, senão teria incluído uma explicação – replicou, franzindo a testa. – Terei de apanhar o primeiro comboio, amanhã de manhã.

Pousando o copo vazio, Kathleen levantou-se e alisou a saia. Ele notou-lhe o aspeto cansado, mas ficava lindíssima àquela luz, mau grado a ruga de preocupação que lhe sulcava a testa. Falou sem o fitar.

– Tenho a certeza de que ficará aliviado por saber que me veio a menstruação. Não estou grávida.

Devon contemplou-a em silêncio.

Estranhamente, o alívio que esperara sentir não se manifestou. Apenas uma espécie de vaga ambivalência, o que era, por si só, assaz desconcertante. Devia estar a ajoelhar-se de gratidão.

– Sente-se aliviada? – perguntou.

– Naturalmente. Queria ter um filho tanto como você.

Algo no seu tom calmo e sensato não batia certo.

Quando Devon deu um passo na sua direção, todo o seu corpo se contraiu

numa rejeição silenciosa.

– Kathleen – disse ele, procurando conter a sua exasperação –, estou cansado desta distância entre nós os dois. Farei o que for necessário...

– Por favor. Agora não. Hoje não.

A única coisa que o impediu de a puxar para os seus braços e a beijar como se não houvesse amanhã foi a nota de vulnerabilidade da sua voz. Fechou os olhos por um instante, procurando paciência. Como não conseguiu, levou o copo aos lábios e terminou de o beber em três tragos.

– Quando eu voltar, vamos ter uma longa conversa. Sozinhos – concluiu.

Ao ouvir o tom severo, Kathleen comprimiu os lábios.

– Terei escolha?

– Sim. Escolherá se vamos para a cama antes ou depois da conversa.

Kathleen abandonou o escritório com um suspiro de indignação, deixando Devon a olhar para a porta, com o copo vazio na mão.

CAPÍTULO 32

Assim que se apeou do comboio na estação de Alton, Devon deparou com o irmão, que ostentava um casaco poeirento, calças e botas enlameadas, e uma expressão frenética no olhar.

– West? – perguntou Devon, alarmado e preocupado. – Que diabo...?

– Assinaste o contrato de arrendamento? – interrompeu o irmão, esticando os braços como se fosse agarrá-lo pelas lapelas mas desistindo. Manifestamente impaciente, balançava-se nos calcanhares como um colegial.

– O contrato com a London Ironstone. *Assinaste-o?*

– Ontem.

West soltou uma imprecação tão sonora que arrancou vários olhares reprovadores da multidão.

– E os direitos sobre o minério?

– Os direitos sobre o minério da terra que vamos arrendar à companhia ferroviária?

– Sim. Cedeste-os ao Severin? Cedeste *algum*?

– Mantive-os todos.

– Tens a certeza absoluta? – reagiu West, sem pestanejar.

– Tenho, claro. O Severin atormentou-me durante três dias à conta dos direitos sobre o minério. Quanto mais debatíamos, mais exasperado eu ficava. Finalmente disse-lhe que fosse para o diabo, que não lhe dava sequer uma pilha de esterco de Eversby Priory e saí da sala. Quando cheguei à rua, ele enfiou a cabeça pela janela do quinto andar e gritou que desistia e que eu voltasse.

West deu um salto em frente como se fosse beijá-lo, mas parou a meio, agarrou na mão de Devon e sacudiu-a vigorosamente, dando-lhe, então, uma palmada nas costas com um entusiasmo violento.

– Deus meu! Como te adoro, seu estupor teimoso!

– Que diabo se passa contigo? – exclamou Devon.

– Já te mostro. Vamos.

– Tenho de esperar pelo Sutton. Vem nas carruagens de trás.

– Não precisamos do Sutton.

– Ele não pode ir a pé de Alton até Eversby – disse o irmão, cuja irritação se converteu numa gargalhada. – Raios, West, não paras de saltar? Parece que te alguém te enfiou um ninho de vespas pel...

– Ali está ele! – exclamou o irmão, gesticulando ao criado para que se apressasse.

Por insistência de West, a carruagem prosseguiu não para o solar, mas rumo ao limite oriental de Eversby Priory, acessível apenas por caminhos de terra batida. Devon constatou que se dirigiam para a área que acabara de arrendar a Severin.

O veículo deteve-se junto de um campo delimitado por um riacho e uma fileira de faias. Pela janela da carruagem, Devon viu que os campos e colinas agrestes fervilhavam de atividade: pelo menos uma dúzia de homens atarefavam-se com equipamento topográfico, pás, picaretas, carrinhos de mão e um motor a vapor.

– O que estão a fazer? – perguntou Devon, perplexo. – São homens do Severin? Não podem estar já a nivelar a terra. O contrato só foi assinado ontem.

– Não, fui eu quem os contratou.

West abriu a porta da carruagem, tirando a vez ao cocheiro. Saltou para o chão.

– Anda.

– Senhor – protestou Sutton, quando Devon fez menção de o seguir. – Não está vestido para um terreno tão agreste. Todas estas pedras e argila... Os seus sapatos, as suas calças... – argumentou, contemplando angustiado as bainhas imaculadas das calças cinzentas de lã angora de Devon.

– Pode aguardar na carruagem – disse Devon ao criado.

– Sim, senhor.

Uma brisa de nevoeiro soprou contra o rosto de Devon enquanto acompanhava West até uma vala recentemente escavada demarcada com bandeiras. O cheiro a terra, juncos e turfa molhados envolvia-os, aromas frescos e familiares do Hampshire.

À sua passagem, um homem que transportava um carrinho de mão parou e tirou o chapéu, inclinando respeitosamente a cabeça.

– Vossa senhoria.

Devon respondeu com um sorriso e um aceno breves.

Quando alcançaram a vala, West inclinou-se para pegar numa pedra pequena, que entregou a Devon.

A pedra, que mais parecia um seixo, era inesperadamente pesada para o tamanho que tinha. Devon raspou a terra com o polegar, revelado uma superfície rugosa com umas tiras de vermelho-vivo.

– Minério? – avançou, examinando de perto a pedra.

– Minério de hematite de qualidade superior.

O tom de voz de West denotava um entusiasmo controlado.

– Produz o melhor aço e tem o preço mais elevado do mercado.

– Continua – disse Devon, olhando-o com crescente interesse.

– Parece que, enquanto estive fora – retomou West –, os topógrafos do Severin andaram a fazer perfurações de teste nesta zona. Um dos rendeiros, Mr. Wooten, ouviu as máquinas e veio ver o que se passava. É evidente que os topógrafos não lhe disseram nada. Mas, assim que soube, contratei um geólogo e um topógrafo de minas para efetuarem testes para nós. Estiveram aqui durante três dias com uma máquina de perfurar pedra, a recolher amostras destas, umas atrás das outras – explicou, indicando a hematite que Devon segurava.

Começando a compreender, Devon fechou os dedos em redor do pesado seixo de minério.

– Quanta há?

– Ainda estão a avaliar. Mas um e outro afirmam que existe um filão gigantesco de hematite riscada a vermelho próximo da superfície, mesmo por baixo de uma camada de argila e pedra calcária. Pelo que observaram até agora, em alguns sítios tem uma altura de dois metros e meio, noutros de

quase sete metros, e estende-se pelo menos por seis hectares. Tudo terra tua. O geólogo diz que nunca viu um depósito como este a sul de Cumberland. – Completou com voz rouca: – Vale facilmente meio milhão de libras, Devon.

Embora não se tivesse mexido, Devon teve a sensação de cair para trás. Era demasiado. Olhou em volta sem realmente ver, enquanto o seu cérebro se esforçava por abarcar todas as implicações.

O fardo esmagador da dívida que o assombrava desde que herdara a propriedade... desaparecera. Eversby Priory ficaria em segurança. As irmãs de Theo teriam dotes capazes de atrair qualquer homem que escolhessem. Haveria trabalho para os homens de Eversby e negócio para a vila.

– Então? – perguntou West, expectante, face ao silêncio prolongado do irmão.

– Só posso acreditar na realidade disto – disse Devon, com dificuldade – quando souber mais.

– Podes acreditar. Cem mil toneladas de pedra não vão desaparecer de baixo dos nossos pés.

Um sorriso lento tomou conta do rosto de Devon.

– Agora compreendo porque é que o Severin insistiu tanto nos direitos sobre o minério.

– Graças a Deus que és tão teimoso.

– É a primeira vez que me dizes isso – comentou Devon com uma risada.

– E a última – garantiu West.

Dando meia-volta para olhar em redor, Devon olhou para os bosques a sul com ar mais sério.

– Não poderemos deixar que deitem abaixo as árvores da propriedade para alimentar fornos e forjas.

– Não será necessário perfurar nem fundir. O minério de hematite é tão puro que só precisamos de o extrair. Pode ser transportado de imediato.

Completando o círculo, Devon avistou um homem e um rapazinho a andar à volta da perfuradora, observando-a com grande interesse.

– Primeiro um ducado – comentava o irmão –, depois o contrato de arrendamento com a companhia ferroviária. Agora isto. Creio que poderás ser o estupor mais afortunado de Inglaterra.

– Quem é aquele? – perguntou Devon, cuja atenção se mantinha no homem e no rapazinho.

– Ah! É Mr. Wooten – respondeu o irmão, seguindo-lhe o olhar. – Trouxe um dos filhos para ver a máquina.

Wooten curvou-se, com o tronco paralelo ao chão, ao que o rapazinho lhe trepou para as costas. Segurando as pernas do filho com os braços, o jovem agricultor endireitou-se e seguiu pelo campo com ele. O rapaz agarrou-se aos ombros do pai, a rir-se.

Devon ficou a vê-los afastarem-se.

Ver a criança trouxe-lhe à mente uma imagem... O olhar inexpressivo de Kathleen, iluminada pelo brilho da lareira, quando lhe disse que não estava grávida.

A única coisa que ele sentira fora uma desconcertante falta de alívio, um sentimento de vazio.

Só no instante presente é que Devon compreendia que presumira que ela estaria grávida, o que não lhe teria deixado outra opção senão casar-se com ela. Depois de conviver com aquela ideia durante duas semanas, habituara-se a ela.

Não... Não era bem isso.

Consternado, Devon obrigou-se finalmente a constatar a verdade.

Desejara-o.

Desejara ter uma desculpa para a fazer sua em todos os sentidos. Queria o filho dele no seu ventre. Queria a aliança dele no seu dedo, assim como todos os direitos matrimoniais que este conferia.

Queria dividir com ela todos os dias do resto da sua vida.

– O que te preocupa? – ouviu o irmão perguntar.

Devon, que tentava refazer os passos que o haviam levado a distanciar-se tanto do que ele sempre julgara ser, demorou a responder.

– Antes de herdar o título – disse, aturdido –, não teria confiado a nenhum de nós nem um peixinho dourado, quanto mais uma propriedade de oito mil hectares. Sempre rejeitei qualquer tipo de responsabilidade por julgar que não seria capaz de arcar com ela. Sou um tratante estouvado como o nosso pai. Quando me disseste que eu não fazia a menor ideia de como administrar uma propriedade e que iria deitar tudo a perder...

– Foi um monte de baboseiras – afirmou categoricamente West.

– Disseste algumas coisas interessantes – replicou Devon depois de um breve sorriso, fazendo girar distraidamente a hematite entre as mãos. – Mas, contra tudo o que era de prever, parece que tu e eu conseguimos tomar um número suficiente de decisões acertadas...

– Não – interrompeu West. – Não aceito crédito algum. Foste tu sozinho quem decidiu aceitar o encargo da propriedade. Foste tu quem tomou as decisões que conduziram à negociação do contrato de arrendamento e à descoberta dos jazigos de ferro. Já te ocorreu que, se algum dos anteriores condes se tivesse dado ao trabalho de fazer os melhoramentos necessários, a hematite há décadas que teria sido descoberta? Tê-la-ias encontrado, sem dúvida, quando mandasses escavar as valas de drenagem mais fundas. Como vês, Eversby Priory está em boas mãos: *as tuas*. Mudaste centenas de vidas para melhor, incluindo a minha. Seja qual for a palavra mais indiciada para designar um homem assim, não é «tratante», com certeza.

West fez uma pausa.

– Valha-me Deus! Sinto a sinceridade a subir-me à boca como se fosse um problema digestivo. Tenho de parar. Vamos a casa pôr umas botas de campo? Depois podemos regressar para falar com os topógrafos e dar uma volta.

Ponderando, Devon enfiou o seixo no bolso e olhou de frente para o irmão.

Um pensamento se impunha: nada daquilo fazia sentido sem Kathleen. Tinha de ir ter com ela, o mais rapidamente possível, e dar tudo por tudo para a fazer compreender que nos últimos meses mudara sem sequer dar por isso.

Tornara-se um homem capaz de amar.

E como a amava, por Deus!

Mas tinha de encontrar uma forma de a convencer, o que não seria fácil.

Por outro lado... Não era homem de recuar face um desafio.

Já não.

Olhou para o irmão e disse, com uma voz não completamente firme:

– Não posso ficar. Devo regressar a Londres.

Na manhã da partida de Devon, Helen não desceu para o pequeno-almoço,

mandando dizer que estava com dores de cabeça e que ficaria na cama. Incapaz de se recordar da última vez em que Helen se tivesse sentido indisposta, Kathleen ficou profundamente preocupada. Depois de subir ao segundo piso para lhe dar uma dose de cordial *Godfrey's*, para aliviar a dor, aplicou-lhe compressas frias na testa e atendeu a que o quarto fosse mantido às escuras e em silêncio.

Pelo menos uma vez por hora, enquanto Helen dormia, Kathleen ou uma das gêmeas ia em pontas de pés até à porta do quarto para ver como ela estava. Helen não acordou durante nenhuma das visitas, mas remexia-se nos lençóis, parecendo debater-se com sonhos nada agradáveis.

– É bom sinal ela não ter febre, não é? – perguntou Pandora durante a tarde.

– Sim – respondeu Kathleen com firmeza. – Creio que precisará de descansar, depois de toda a comoção da última semana.

– Não me parece que seja isso – disse Cassandra.

Empoleirara-se no sofá com uma escova, uma embalagem de ganchos e uma revista de moda no colo, a fazer experiências com o cabelo de Pandora. Tentavam copiar uma das últimas modas, um penteado elaborado que consistia em prender madeixas de cabelo enrolado no alto da cabeça, finalizando com uma trança dupla que caía sobre as costas, algo solta. Infelizmente, o cabelo cor de chocolate de Pandora era tão pesado e sedoso que não aceitava a prisão dos ganchos, deslizando livremente e impossibilitando o penteado.

– Sê persistente – incentivava. – Usa mais pomada. O meu cabelo só responde à força bruta.

– Devíamos ter comprado mais na Winterborne's – devolveu Cassandra com um suspiro. – Já gastámos metade d...

– Espera! – disse Kathleen, olhando para Cassandra. – O que acabaste de dizer? Não me refiro à pomada, mas àquilo que disseste sobre a Helen.

Continuando a passar a escova num punhado de cabelo de Pandora, ela respondeu:

– Não me parece que precise de descanso por ter tido demasiada agitação. Julgo que... – Fez uma pausa. – Kathleen, é muito mau contar uma coisa sobre outra pessoa que é privada e que eu sei que essa pessoa não gostaria que se soubesse?

– Sim. A não ser que seja sobre a Helen e a estejas a contar a mim.

Continua.

– Ontem, quando Mr. Winterborne veio cá a casa, ele e a Helen ficaram na sala de baixo com a porta fechada. Fui buscar um livro que tinha deixado no parapeito da janela, mas ouvi as vozes deles.

Fez uma pausa.

– Tu estavas com a governanta a rever o inventário, por isso não me pareceu que valesse a pena incomodar-te.

– Sim, sim... *E?*

– Pelo pouco que consegui ouvir, estavam a discutir acerca de alguma coisa. Talvez não devesse chamar-lhe uma discussão, porque a Helen não levantou a voz, mas parecia perturbada.

– Provavelmente estavam a discutir sobre o casamento – avançou Kathleen.
– Foi nessa altura que Mr. Winterborne lhe disse que queria ser ele a organizá-lo.

– Não creio que estivessem a discutir por isso. Quem me dera ter ouvido mais.

– Devias ter usado o meu truque do copo – replicou Pandora com impaciência. – Se fosse eu, seria capaz de relatar todas as palavras.

– Subi as escadas – prosseguiu Cassandra – e, quando cheguei lá acima, vi Mr. Winterborne a sair. A Helen subiu uns minutos depois e tinha a cara muito vermelha, como se tivesse estado a chorar.

– Disse alguma coisa sobre o que aconteceu? – perguntou Kathleen.

– Nem uma palavra.

Pandora fez uma careta e levou a mão à cabeça. Tocando levemente a parte que Cassandra prendera com os ganchos, comentou:

– Não parecem nada rolos de cabelo, mas sim centopeias gigantescas.

Um sorriso assomou aos lábios de Kathleen por um instante. Como adorava aquelas duas! Embora não tivesse idade nem sabedoria suficiente para ser sua mãe, era a única que podia proporcionar-lhes alguma orientação materna. Que Deus as ajudasse.

– Vou espreitar a Helen – disse, levantando-se.

Parou para pegar numa das madeixas de Pandora e separar uma das centopeias em dois rolos, usando um dos ganchos de Cassandra para os

prender.

– O que vais fazer se ela te disser que discutiu com o Winterborne? – perguntou Cassandra.

– Digo-lhe que deve discutir mais – afirmou Kathleen. – Não podemos fazer sempre a vontade aos homens.

Deteve-se, pensativa.

– Uma vez, Lord Berwick disse-me que quando um cavalo puxa pelas rédeas, o cavaleiro nunca deve fazer o mesmo. Deve, sim, soltá-las. Mas nunca mais do que dois centímetros.

Quando Kathleen entrou no quarto de Helen, ouviu um choro abafado.

– O que se passa, querida? – perguntou com doçura, aproximando-se de imediato da cabeceira. – Estás com dores? O que posso fazer?

Helen abanou a cabeça, fungando, e secou os olhos com a manga da camisa de noite.

Kathleen serviu um copo de água do jarro da mesinha de cabeceira e levou-lho. Colocando cuidadosamente uma almofada debaixo da cabeça de Helen, entregou-lhe um lenço limpo e compôs os lençóis.

– A cabeça continua a doer-te?

– Horivelmente – sussurrou Helen. – Até a pele me dói.

Puxando uma cadeira para a cabeceira da cama, Kathleen sentou-se e contemplou com preocupação a figura comprida e esguia.

– O que causou isto? – atreveu-se a perguntar, após uma pausa prolongada. – Aconteceu alguma coisa durante a visita de Mr. Winterborne? Discutiram por alguma razão, além dos preparativos para o casamento?

Helen assentiu com um ligeiríssimo aceno de cabeça, o maxilar trémulo.

Kathleen dava voltas à cabeça, perguntando-se como poderia ajudar Helen, que parecia prestes a desabar. Não a via tão prostrada desde a morte de Theo.

– Gostaria que me contasses – desabafou, por fim. – A minha imaginação não me deixa em paz. O que é o que Winterborne te disse para te deixar tão infeliz?

– Não posso dizer – sussurrou Helen.

– Forçou-te a alguma coisa?

Seguiu-se um longo silêncio.

– Não sei – replicou Helen com voz infeliz. – Ele queria... Não sei o que ele queria. Eu nunca...

Helen parou e assoou o nariz com o lenço.

– Magoou-te? – Kathleen obrigou-se a perguntar-lhe, sentindo-se tomar pela raiva e pelo medo.

– Não. Mas dava-me um beijo atrás do outro e não parava e... eu não gostei. Não foi, de todo, como imaginei que seria beijar alguém. E ele pôs a mão... num sítio que não devia. Quando o empurrei, ele parecia irritado e disse algo como... eu julgar que era demasiado boa para ele. Também disse outras coisas, mas com muito galês à mistura. Eu não sabia o que fazer. Comecei a chorar e ele saiu sem dizer mais nada. – Seguiram-se alguns soluços. – Não compreendo o que fiz de mal.

– Não fizeste nada de mal.

– Fiz. Só posso ter feito.

Helen levou os dedos à testa, pressionando ligeiramente o pano que a cobria.

Winterborne, seu cabeça de nabo, pensou Kathleen, furiosa. É assim tão difícil ser delicado com uma rapariga tímida da primeira vez que a beija?

– É óbvio que ele não faz a menor ideia de como deve comportar-se com uma rapariga inocente – disse Kathleen, com voz tranquila.

– Por favor, não digas a ninguém. Eu morreria. Promete-me, *por favor*.

– Prometo.

– Tenho de conseguir fazer Mr. Winterborne compreender que não queria irritá-lo.

– Claro que não. Ele deveria sabê-lo.

Kathleen hesitou.

– Antes de darem seguimento aos planos para o casamento... talvez fosse melhor dar algum tempo para pensar melhor no noivado.

– Não sei – disse Helen, com uma careta e um gemido. – Tenho a cabeça a

latejar. Neste momento, sinto que não quero voltar a vê-lo. Por favor, dá-me mais um pouco de cordial?

– Sim, mas primeiro tens de comer alguma coisa. A cozinheira está a fazer sopa e manjar branco. Estarão prontos dentro de pouco tempo. Queres que te deixe sozinha? Parece-me que a minha conversa está a piorar-te a enxaqueca.

– Não. Quero companhia.

– Então eu fico. Descansa a tua pobre cabeça.

Helen obedeceu, parecendo apaziguada. Instantes depois, ouviu-se fungar baixinho.

– Estou tão desiludida – sussurrou. – Com os beijos.

– Oh, querida... Ainda não foste beijada devidamente. É diferente com o homem certo.

– Não vejo como possa ser. Julguei... Julguei que seria como ouvir uma bela melodia ou... ou ver o nascer do Sol numa manhã clara. Mas, afinal...

– Afinal?

Helen hesitou e emitiu um pequeno som de repugnância.

– Ele queria que eu afastasse os lábios. *Durante*.

– Oh.

– Será por ser galês?

Helen oscilou entre a compaixão e o divertimento.

– Não creio que essa forma de beijar se limite aos galeses, querida – respondeu com naturalidade. – Talvez não te pareça muito apetecível, ao princípio. Mas se tentares uma vez ou duas, poderá ser que gostes.

– Como? Como poderia alguém gostar?

– Existem muitos tipos de beijos – explicou Kathleen. – Se Mr. Winterborne te tivesse iniciado pouco a pouco, talvez te tivesses sentido mais inclinada a gostar.

– Creio que não gosto nada de beijos.

Kathleen humedeceu um novo pano, dobrou-o e colocou-o na testa de Helen.

– Vais gostar. Com o homem certo, beijar é maravilhoso. É como entregarmo-nos a um sonho doce e lento. Vais ver.

– Não me parece – sussurrou Helen, puxando pela colcha com dedos agitados.

À cabeceira, Kathleen observou como ela se descontraía e caía no sono.

Sabia que seria necessário tratar da origem dos problemas de Helen para que a sua condição melhorasse verdadeiramente. Tendo sofrido ela própria de angústia nervosa nas semanas que se seguiram à morte de Theo, Kathleen era capaz de reconhecer os sinais noutra pessoa. Sentia um aperto no coração ao ver a natureza doce e alegre de Helen sucumbir ao peso da ansiedade.

Caso se prolongasse durante demasiado tempo, Kathleen receava que a jovem se afundasse numa melancolia profunda.

Tinha de fazer alguma coisa. Impelida por uma preocupação intensa, abandonou a cabeceira de Helen e foi chamar Clara.

Assim que a criada chegou ao seu quarto, Kathleen indicou energicamente:

– Preciso de um par de botas, um véu e a minha capa com capuz. Tenho de ir fazer um recado e preciso que me acompanhes.

Clara ficou desorientada:

– Eu posso fazer o recado, senhora, se me disser o que precisa.

– Obrigada, mas só eu posso fazê-lo.

– Digo ao mordomo para mandar preparar a carruagem?

Kathleen abanou a cabeça.

– Será muito mais simples e fácil ir a pé. É uma distância pequena, menos de um quilómetro. Estaríamos de volta antes que eles terminassem de preparar os cavalos.

– Quase um quilómetro? – devolveu Clara, que não gostava de andar, parecendo horrorizada. – Em Londres, à noite?

– Lá fora ainda há luz. Atravessaremos alguns jardins e uma alameda. – Despacha-te. – *Antes que eu perca a coragem*, pensou.

O recado teria de ser cumprido com toda a rapidez, para não dar tempo a ninguém de se opor ou de as atrasar. Com alguma sorte, estariam de regresso antes do jantar.

Quando já estava agasalhada e pronta para partir, Kathleen dirigiu-se à sala de cima, onde Cassandra lia e Pandora cortava imagens de jornais e as colava num livro de recortes.

– Aonde vais? – perguntou Cassandra, com ar surpreendido.

– Fazer um recado, com a Clara. Voltamos em breve.

– Sim, mas...

– Entretanto, gostaria muito que uma das duas se certificasse de que levam o jantar à Helen. Sentem-se junto a ela e vejam se come alguma coisa. Mas não façam perguntas. É melhor ficarem sossegadas, a não ser que ela queira falar.

– Mas... e tu? – perguntou Pandora, franzindo a testa. – Que recado é este e quando voltarás?

– Não é nada com que devam preocupar-se.

– Sempre que alguém diz isso, significa exatamente o contrário – replicou Pandora. – Como quando se diz que é só um arranhão ou que há coisas piores.

– Ou então «vou só dar uma volta» – acrescentou Clara, com ar sombrio.

Com uma caminhada enérgica, acompanhando o habitual fluxo de peões da cidade, sendo arrastadas pelo seu ritmo, chegaram rapidamente à Cork Street.

– A Winterborne's! – exclamou Clara, com animação no rosto. – Não sabia que vínhamos às compras, senhora.

– Infelizmente não é o caso.

Kathleen caminhou até ao fundo das fachadas enfileiradas, parando diante de uma casa imponente cuja estética se conjugava, com elegância, com a dos grandes armazéns.

– Clara, diriges-te à porta e dizes que Lady Trenear deseja falar com Mr. Winterborne?

A rapariga obedeceu, relutante, contrariada com a obrigação de desempenhar uma tarefa habitualmente entregue aos lacaios.

Enquanto Kathleen aguardava no primeiro degrau, Clara deu uma volta à campainha mecânica e bateu com a ornamentada aldraba até a porta se abrir. Um mordomo de semblante sério olhou para as duas mulheres, trocou algumas palavras com Clara e tornou a fechar a porta.

Voltando-se para Kathleen, Clara informou, com uma expressão sofrida:

– Vai ver se Mr. Winterborne está em casa.

Kathleen assentiu e cruzou os braços à frente do peito. Ignorando os olhares de curiosidade de alguns transeuntes, aguardou, determinada a ser paciente.

Um homem baixo e corpulento de cabelo branco desceu os degraus, parando de olhos fixos na criada com atenção indevida.

– Clara? – perguntou, com ar desconcertado.

A jovem arregalou os olhos de satisfação e alívio.

– Mr. Quincy!

Então, o criado voltou-se para Kathleen, reconhecendo-a apesar do véu que lhe cobria o rosto.

– Lady Trenear – disse, com reverência. – O que está a fazer aqui fora?

– É bom vê-lo, Quincy – afirmou Kathleen, sorrindo. – Vim falar com Mr. Winterborne a respeito de um assunto pessoal. O mordomo disse que ia verificar se estava em casa.

– Se Mr. Winterborne não estiver em casa, está com certeza nos armazéns. Eu localizo-o.

Estalando a língua, Quincy convidou-a a subir as escadas e Clara seguiu-os.

– Deixar Lady Trenear à espera na rua... – murmurou, com incredulidade. – Vou dar tal raspanete àquele mordomo que ele não o esquecerá tão cedo.

Depois de abrir a porta com uma chave presa por uma corrente de ouro, o criado fê-las entrar. A casa era moderna e elegante e cheirava a tinta fresca e a gesso, e a madeira polida com óleo de noz.

Solícito, Quincy conduziu Kathleen até uma sala de leitura ampla, de pé-direito alto, convidando-a a aguardar naquele espaço, conduzindo, então, Clara à sala dos criados.

– Quer que mande trazerem-lhe um chá, enquanto procuro Mr. Winterborne?

Kathleen afastou o véu, satisfeita por poder prescindir daquele filtro negro.

– É muito amável, mas não é necessário.

Quincy hesitou, claramente desejoso de conhecer a razão daquela visita tão pouco ortodoxa. Optou por perguntar:

– Estão todos bem de saúde, na Ravenel House, espero?

– Sim, estão todos bem. Lady Helen está com enxaqueca, mas tenho a certeza de que recuperará brevemente.

Ele assentiu, e as alvas sobrancelhas tocaram-se sobre os óculos.

– Vou procurar Mr. Winterborne – disse, absorto, saindo com Clara no seu encalço.

Enquanto aguardava, Kathleen deambulou pela sala, continuando a notar o cheiro a novo, a par de uma certa estagnação do ar. A casa parecia inacabada. Desocupada. Um ou outro quadro ou objeto decorativo adornavam a sala como se alguém se tivesse lembrado, à última hora, de os colocar. A mobília parecia nunca ter sido usada e a maior parte das prateleiras estavam vazias, salvo uns quantos títulos ecléticos que, apostava Kathleen, tinham sido trazidos ao acaso da livraria e colocados lá.

Com a simples apreciação daquela sala, Kathleen sabia que aquela não era uma casa onde Helen encontrasse a felicidade, nem um homem capaz de lhe dar.

Passou um quarto de hora, durante o qual ponderou o que dizer a Winterborne. Infelizmente, não havia uma maneira diplomática de comunicar a um homem que, entre outras coisas, fizera com que a noiva ficasse de cama.

Winterborne entrou na divisão e a sua presença pareceu ocupar todo o espaço disponível.

– Lady Trenear. Que prazer inesperado.

Executou uma vénia superficial, com uma expressão que transmitia tudo menos prazer pela visita dela.

Kathleen sabia que os colocava a ambos numa posição difícil. Procurar assim um homem solteiro sem ter mais ninguém presente era terrivelmente pouco ortodoxo, e ela lamentava-o. No entanto, não tivera escolha.

– Peço-lhe que me desculpe estar a incomodá-lo, Mr. Winterborne. Não me demorarei.

– Alguém sabe que está aqui? – perguntou ele, secamente.

– Não.

– Diga o que tem a dizer, então, e seja expedita.

– Muito bem. Eu...

– Mas se tem algo que ver com Lady Helen – interrompeu ele –, então pode ir. Ela própria pode procurar-me, caso seja necessário discutir alguma coisa.

– Receio que a Helen não possa deslocar-se a lado nenhum, neste momento. Passou o dia inteiro na cama, com os nervos alterados.

Viu surgir uma emoção insondável nos olhos negros e vivazes de Winterborne.

– Com os nervos alterados – repetiu ele, com voz gélida de desdém. – Parece ser algo muito frequente entre as damas da aristocracia. Um dia gostaria de saber o que as torna a todas tão nervosas.

Kathleen esperara que ele reagisse com alguma compaixão ou palavras de preocupação para com a mulher com quem se comprometera.

– Receio que seja o senhor a causa da aflição da Helen – afirmou, sem rodeios. – A sua visita de ontem deixou-a muito angustiada.

Winterborne ficou silencioso, os olhos negros com um brilho penetrante.

– Ela falou-me apenas um pouco daquilo que aconteceu – retomou Kathleen –, mas para mim é evidente que existem diversas coisas que não compreende acerca da Helen. Os pais do meu falecido esposo mantinham as três filhas muito isoladas do mundo. Mais do que seria desejável para o seu bem. Como consequência, são as três muito inocentes para a idade que têm. A Helen já fez vinte e um anos, mas não teve as mesmas experiências, nem a mesma preparação, que as jovens da sua idade. Não sabe nada do mundo fora de Eversby Priory. Tudo é novo para ela. *Tudo*. Os únicos homens com quem conviveu foram alguns parentes próximos, os criados e algum que aparecesse de visita à quinta. A maior parte do seu conhecimento advém-lhe de livros e de contos de fadas.

– Não pode haver ninguém assim tão protegido – afirmou Winterborne, com voz inexpressiva.

– No seu mundo não, mas numa propriedade como Eversby Priory é completamente possível.

Kathleen fez uma pausa.

– Na minha opinião, é demasiado cedo para a Helen se casar seja com quem for, mas quando o fizer... precisará de um marido com um temperamento plácido. Alguém que lhe permita desenvolver-se ao seu próprio ritmo.

– E presume que eu não o seria.

Winterborne fez uma afirmação e não uma pergunta.

– Julgo que trataria de orientar e administrar a sua mulher como faz com qualquer outro bem. Não acredito que a maltratasse fisicamente, mas

procuraria forçá-la a encaixar-se na sua vida, o que a tornaria profundamente infeliz. Este ambiente... Londres, a multidão de gente, os grandes armazéns... é tão inadequado à natureza dela que murcharia como uma flor transplantada. Receio que me seja impossível suportar a possibilidade de um casamento entre si e a Helen.

Fazendo uma pausa, Kathleen inspirou longamente antes de concluir:

– Julgo que é do melhor interesse dela anular o noivado.

Seguiu-se um pesado silêncio.

– É isso que ela quer?

– Há pouco disse que não deseja voltar a vê-lo.

Durante o seu discurso, Winterborne mantivera-se de rosto virado como se mal lhe prestasse atenção. Após esta última frase, porém, Kathleen sentiu-se alvo de um olhar fulminante.

Talvez fosse melhor partir sem demora, pensou.

Winterborne aproximou-se de Kathleen, que permanecia junto às estantes.

– Diga-lhe que está livre, então – anunciou Winterborne, com ar de desprezo, encostando a bengala a uma prateleira e pousando a mão larga na estante. – Se alguns beijos são o suficiente para a atirar para a cama, duvido que sobreviva à primeira noite como minha mulher.

Sabendo que ele tentava perturbá-la, Kathleen devolveu-lhe o olhar sem pestanejar.

– Farei com que o anel seja devolvido o mais rápido possível.

– Ela pode ficar com ele como compensação pelo tempo perdido.

Kathleen sentiu os nervos à flor da pele quando ele pousou a mão livre do outro lado da estante, encurralando-a sem lhe tocar. Deus, o homem era grande, facilmente do tamanho de Devon, ou até ligeiramente maior. Não via nada para lá do seu vulto.

Winterborne olhou-a dos pés à cabeça com ar insolente.

– Talvez fique consigo em vez dela – disse, para assombro de Kathleen. – Tem sangue azul. Supõe-se que seja uma senhora. E mesmo assim pequena, parece ser muito mais resistente do que Lady Helen.

– Não tem nada a ganhar troçando de mim – devolveu ela com frieza.

– Não acredita que falo a sério? – replicou ele, inclinando a cabeça, fixado

nela como um falcão a voar sobre uma andorinha.

– Quero lá saber se fala a sério ou não – disparou ela. – Não estou interessada em nada que possa oferecer.

Winterborne sorriu, parecendo genuinamente divertido mas nada amigável.

Era um homem muito moreno, com um nome que evocava frio intenso e gelo... Bastante apropriado.

Quando Kathleen fez menção de partir, ele moveu-se com ligeireza para a impedir.

Ela ficou paralisada, sentindo-se invadir pelo medo.

– Nunca presume saber qual será a proposta de alguém. Devia, pelo menos, ouvir a minha antes de a recusar. – Winterborne inclinou-se para aproximar o rosto do dela. Aquele pequeno movimento transmitia pelo menos meia dúzia de ameaças distintas, qualquer uma das quais suficientes para a acobardar. – Inclui casamento, que é mais do que conseguirá do Trenear.

Um brilho de desprezo surgiu-lhe no olhar ao ver a expressão de surpresa de Kathleen.

– Não, ele não me disse que estavam a entender-se, mas era evidente quando estive no Hampshire. Irá cansar-se rapidamente de si, se não aconteceu já. O Trenear só quer novidade. Quanto a mim, quero chegar aonde não sou bem-vindo e, para tal, necessito de me casar com uma senhora bem-nascida. Não é relevante que não seja virgem.

– É uma sorte – Kathleen não conseguiu resistir a dizer –, pois as virgens não parecem ser o seu forte.

Kathleen arrependeu-se do comentário assim que lhe saiu dos lábios.

Novamente o sorriso gélido e perturbador.

– Claro. A Helen não passava de uma virgem sacrificada, para benefício de Eversby Priory e dos restantes membros da família. – Percorreu-lhe descaradamente com um dedo a costura do ombro do vestido. – Não faria o mesmo por eles? Por ela?

Ela resistiu a estremecer, embora o toque lhe provocasse calafrios.

– Não é necessário que o faça. Lord Trenear cuidará de todos.

– E quem tomará conta do Trenear? Terá uma vida de esquemas, trabalhos e contas para evitar que a propriedade se arruine. Mas basta uma pequena fração da minha fortuna... – Winterborne estalou os dedos diante do rosto de

Kathleen – ...e todas as dívidas desaparecerão. A casa será restaurada e as terras prósperas. Um final feliz para todos.

– Exceto para a mulher que o desposar – declarou Kathleen com desdém.

O sorriso de Winterborne era um rasgo de crueldade.

– Há mulheres que gostam do meu tratamento. Cheguei a satisfazer uma ou duas senhoras de qualidade que estavam cansadas de cavalheiros pálidos de mãos suaves. – Deu um passo em frente, fazendo-a recuar contra a estante. – Podia fazer o mesmo por si – rematou, com uma nota de lascívia.

Kathleen não sabia o que ele tencionava fazer-lhe, até onde iria no esforço de a intimidar.

Mas tão-pouco viria a descobri-lo pois, antes que pudesse responder, uma voz assustadora soou à entrada:

– Afasta-te, ou desfaço-te todo.

CAPÍTULO 33

Winterborne levantou as mãos da estante mantendo-as no ar como quem está diante de uma arma, numa atitude trocista. Arquejando de alívio, Kathleen escapuliu-se para junto de Devon, mas deteve-se ao ver a sua expressão.

Ao que tudo indicava, não era garantido que conservasse a sensatez. Os seus olhos cintilavam com violência e o rosto estremecia de tensão. O mau génio, infame maldição dos Ravenel, começara a calcinar todas as camadas de civilidade, como as páginas de um livro lançado à fogueira.

– Senhor – disse, ofegante, tentando aplacar a implacável tensão –, julguei que tinha ido ao Hampshire.

– E fui. – O olhar colérico de Devon pousou nela. – Acabo de regressar à Ravenel House e as gémeas disseram que poderia estar aqui.

– Pareceu-me necessário falar com Mr. Winterborne sobre a Helen...

– Devia ter-me deixado isso a mim – devolveu Devon, com os dentes cerrados. – O simples facto de se encontrar aqui sozinha com o Winterborne pode provocar um escândalo que a perseguirá para o resto da vida.

– Pouco importa.

A expressão dele endureceu-se ainda mais.

– Desde o primeiro momento em que a vi fui torturado, assim como todos os outros, com imposições de decoro. E agora *pouco importa*? – continuou, com um olhar sinistro. – Voltou-se para Winterborne. – Devias ter-lhe barrado a entrada, seu canalha! Só ainda não os estrangulei a ambos porque não consigo decidir por qual dos dois começar.

– Começa por mim – desafiou solicitamente Winterborne.

O ar ficou carregado de hostilidade masculina.

– Depois – declarou Devon com vingativa assertividade. – Para já, vou levá-la para casa. Mas não te atraveses no meu caminho, pois se te ponho a vista em cima acabas enfiado num caixão.

Olhando para Kathleen, indicou a porta.

Ela não gostava de receber ordens como se fosse um caniche desobediente. Contudo, dado o estado em que ele estava, pareceu-lhe por bem não o provocar. Relutante, fez menção de avançar.

– Espere! – ordenou Winterborne, com brusquidão.

Aproximou-se de uma mesa situada junto de uma janela e pegou num objeto. Era a orquídea de Helen. Kathleen não reparara.

– Leve isto daqui – disse ele, entregando-lhe o vaso. – Finalmente vejo-me livre dela.

Depois de Devon e Kathleen partirem, Rhys pôs-se a olhar pela janela. O vapor que saía das narinas dos cavalos das carruagens alugadas. A luz mortiça que iluminava os transeuntes ávidos por espreitar as montras dos grandes armazéns.

Ouviu os passos firmes de Quincy, que se aproximava.

– Não era necessário assustar Lady Trenear – disse, instantes depois, o criado, em tom de reprovação.

Rhys voltou a cabeça com um olhar cortante. Era a primeira vez que Quincy se atrevia a dirigir-se a ele de forma tão imprudente. Já despedira homens mais valiosos por comentários bem menos ousados.

Contudo, optou por cruzar os braços e olhar a rua, detestando o mundo e todos os que o povoavam.

– Sim, era – devolveu com malícia. – Fiquei a sentir-me melhor.

Embora Devon não dissesse uma palavra durante a curta e sombria viagem de regresso à Ravenel House, a força da sua raiva parecia esgotar todo o espaço e espalmar Kathleen contra o banco da carruagem. Clara seguia

aninhada a um canto, como se procurasse tornar-se invisível.

Oscilando entre a culpa e a rebeldia, Kathleen pensou que Devon se comportava como se tivesse direitos sobre ela, o que não era o caso. Agia como se ela tivesse feito algo para o atacar pessoalmente, coisa que não era verdade. A situação era culpa *dele*. Fora ele quem incentivara Winterborne a cortejar Helen e este manipulara-a para aceitar o noivado.

Sentiu-se profundamente aliviada quando chegaram e pôde escapar ao confinamento da carruagem.

Assim que entrou na Ravenel House, descobriu que se instalara um silêncio sepulcral durante a sua ausência. Mais tarde, descobriria pela boca das gémeas que Devon ficara tão alterado quando a soubera desaparecida que todos, por prudência, haviam feito o mesmo.

Pousando a orquídea numa mesa, aguardou que Clara recolhesse a capa e as luvas.

– Leva a orquídea para a sala de cima, por favor – murmurou à criada – e depois vem ao meu quarto.

– Esta noite não precisará dela – anunciou bruscamente Devon, indicando à criada que se retirasse com um aceno de cabeça.

– Perdão? – devolveu Kathleen, indignada, ainda antes de assimilar totalmente as suas palavras.

Devon aguardou que Clara começasse a subir as escadas e falou com perigosa suavidade.

– Espere por mim no meu quarto. Vou ter consigo depois de tomar uma bebida.

– Ficou louco? – perguntou Kathleen, arregalando os olhos, num sussurro.

Devon acreditaria mesmo que podia ordenar-lhe que esperasse no quarto dele, como se ela fosse uma pega a quem pagasse para ser servido? Buscaria refúgio no seu próprio quarto, trancando a porta. Estavam numa casa respeitável. Nem mesmo Devon se atreveria a fazer uma cena se os seus atos fossem testemunhados por criados, assim como Helen, as gémeas e...

– Não há fechadura que possa deter-me – disse ele, lendo-lhe os pensamentos com espantosa precisão. – Mas tente, se quiser.

A forma como o disse, aquela espécie de descomprometida cortesia, fê-la ruborizar-se.

- Quero ver como está a Helen.
- As gêmeas estão a cuidar dela.

Tentou outra tática:

- Ainda não jantei.
- Nem eu.

Com um olhar imperioso, Devon apontou para as escadas.

Kathleen adoraria dizimá-lo com um comentário mordaz, mas a sua mente estava em branco. Empertigando-se, deu meia-volta e subiu as escadas sem olhar para trás.

Sentiu-se observada durante todo o trajeto.

Tinha a cabeça às voltas de incerteza. Talvez depois de uma bebida Devon ficasse mais calmo e voltasse ao seu antigo eu.

Ou talvez tivesse mais do que um eu... vários eus... e a procurasse tal como Theo fizera, bêbedo e determinado a ter aquilo que queria.

Relutante, entrou no quarto de Devon, pensando que seria mais fácil tentar evitá-lo e engendrar um cenário absurdo. Cruzou a porta e fechou-a, sentindo a pele a esquentar e um frio gélido nas entranhas.

O quarto era grande e imponente, com o chão coberto por um tapete espesso. A cama, pesada e ancestral, era ainda maior do que a de Eversby Priory, com uma cabeceira que subia até ao teto e colunas desproporcionadamente grandes com intrincados entalhes e entrançados. Uma colcha ricamente bordada com paisagens florestais estilizadas cobria o interminável colchão. Tratava-se de uma cama destinada à procriação de gerações de Ravenel.

Parou junto da lareira, que estava acesa, e esticou os dedos frios ao radiante calor.

Poucos minutos depois, a porta abriu-se e Devon entrou.

O coração começou a bater-lhe com tanta força que sentia o peito a vibrar.

Se a bebida acalmara Devon, não havia mostras disso. O seu rosto adquirira um rubor mais forte e movia-se demasiado conscientemente, como se, relaxando, pudesse desencadear uma tempestade de violência mal contida. Quando fitou Kathleen, esta sentiu-se impelida a quebrar o silêncio.

- O que aconteceu no Hampshire... – principiou.

– Falamos sobre isso depois.

Devon tirou o casaco e atirou-o para um canto com tal falta de cuidado que teria feito chorar o seu criado de quarto.

– Primeiro vamos falar do delírio que a fez correr um risco como o desta noite.

– Não havia qualquer risco. O Winterborne não me teria maltratado. É seu amigo.

– É assim tão inocente?

Devon tirou o colete com uma expressão feroz, atirando-o com tal força que Kathleen ouviu os botões bater no chão.

– Apareceu na casa de um homem sem ser convidada e ficou sozinha a falar com ele. Sabe que a maior parte dos homens o interpretaria como um convite a fazer o que quisesse consigo. Maldição! Se nem sequer se atreveu a visitar o Theo quando ele era seu noivo!

– Fi-lo pela Helen.

– Devia ter falado comigo primeiro.

– Não me pareceu que fosse ouvir-me, ou que concordasse com o que eu tinha para dizer.

– Ouço sempre, mesmo que nem sempre concorde. – Devon puxou pelo nó da gravata e arrancou o colarinho, de tirar e pôr, da camisa. – Ouça-me bem, Kathleen: Não torne a colocar-se numa posição destas. Ver o Winterborne a inclinar-se sobre si... Meu Deus, aquele estupor não sabe quão perto estive de o mandar desta para melhor.

– Pare de fazer isto – gritou ela. – Vai deixar-me louca. Quer agir como se eu lhe pertencesse, mas não pertenço nem nunca pertencerei. O seu pior pesadelo é ser marido e pai, portanto parece determinado a estabelecer um relacionamento de tipo inferior que eu não desejo. Mesmo que estivesse grávida e se julgasse obrigado a pedir-me em casamento, eu continuaria a recusar, porque sei que o faria tão infeliz quanto a mim.

A intensidade de Devon não esmoreceu, mas a sua raiva converteu-se noutra coisa. Fitou-a com olhos azuis anelantes.

– E se eu dissesse que a amo? – perguntou, num sussurro.

A pergunta foi como um punhal no peito de Kathleen e os seus olhos encheram-se de lágrimas amargas.

– Não é o tipo de homem que o dissesse com significado.

– Não era – contrapôs ele, com voz tranquila e firme. – Mas sou agora. Foi a Kathleen quem me converteu.

Durante pelo menos meio minuto, o único som que se ouviu no quarto foi o crepitar do fogo na lareira.

Ela não conseguia discernir o que ele pensava ou sentia verdadeiramente, mas, fossem quais fossem as suas palavras, seria louca se acreditasse nelas.

– Devon – acabou por dizer, com voz trémula –, em questões de amor... nem eu nem o senhor podemos confiar nas suas promessas.

Kathleen mal conseguia ver através da triste película que lhe toldava o olhar, mas percebeu que ele deu alguns passos e se debruçou para pegar no casaco que atirara para o chão, procurando algo.

Aproximou-se dela, segurando-a gentilmente pelo braço e conduzindo-a até à cama. O colchão era tão alto que teve de a segurar pela cintura e erguê-la para que ela se sentasse. Pousou-lhe algo no colo.

– O que é isto? – perguntou Kathleen, olhando para a pequena caixa de madeira.

– Um presente para si – respondeu ele, com expressão indecifrável.

A língua afiada de Kathleen levou a melhor sobre ela:

– Um presente de despedida?

Devon fez uma careta.

– Abra-a.

Obediente, Kathleen levantou a tampa. A caixa estava forrada de veludo vermelho. Afastou o paninho que protegia o conteúdo, revelando um minúsculo relógio de bolso de ouro com uma longa corrente e motivos de flores e folhas delicadamente lavrados. A superfície envidraçada da tampa revelava um mostrador esmaltado e negros ponteiros das horas e minutos.

– Pertencia à minha mãe – ouviu a voz de Devon. – É a única lembrança que tenho dela. Nunca andava com ele. – Acrescentou, com uma nota de ironia: – Não dava importância ao tempo.

Kathleen levantou fugazmente os olhos para ele, em desespero, entreabrindo os lábios para falar, mas os dedos dele silenciaram-na docemente.

– O meu presente é o tempo – declarou ele, segurando-lhe no queixo, incitando-a a fitá-lo. – Só há uma forma de lhe provar que a amarei e lhe serei fiel durante o resto da minha vida e esta consiste em amá-la e ser-lhe fiel durante o resto da minha vida. Mesmo que não me queira. Mesmo que não escolha ficar comigo. Estou a dar-lhe todo o tempo que me resta. Juro-lhe que, deste momento em diante, nunca tocarei noutra mulher nem entregarei o meu coração a ninguém exceto a si. Se tiver de esperar sessenta anos, não considerarei perdido nenhum minuto, pois tê-los-ei passado a todos a amá-la.

Kathleen ficou a olhar para ele, maravilhada, enquanto um perigoso calor ia crescendo dentro de si até os seus olhos se encherem novamente de lágrimas.

Devon, segurando-lhe o rosto com ambas as mãos, roçou-lhe os lábios num beijo delicado e ardente.

– Dito isto, espero que decida casar-se comigo o quanto antes. – Um novo beijo, lento e devastador. – Porque a desejo, Kathleen, meu amor. Quero dormir consigo todas as noites e acordar ao seu lado todas as manhãs. – Os seus lábios acariciaram-na com uma pressão cada vez maior, até ela o abraçar. – E quero ter filhos consigo. Rapidamente.

A verdade estava ali, na voz dele, nos seus olhos, nos seus lábios.

Percorreu-a um arrepio de assombro ao compreender que, de alguma forma, nos últimos meses, ele mudara realmente e se tornara o homem que o destino lhe o fadara ser, o homem que era de verdade. Um homem que assumia compromissos e aceitava as suas responsabilidades, e, sobretudo, dava tudo por amor.

Sessenta anos? Alguém assim não devia esperar sequer sessenta segundos.

Segurando, algo desajeitadamente, na corrente do relógio, Kathleen colocou-o ao pescoço. O ouro cintilante ficou pousado sobre o seu coração. Olhou para ele com olhos rasos de água.

– Amo-o, Devon. Sim, caso-me consigo. Sim, *sim*...

Segurando-a nos braços, Devon beijou-a sem reservas. E continuou a beijá-la avidamente enquanto a despia, pousando lábios ternos e ardentes em cada centímetro de pele exposta. Tirou tudo, mantendo o pequeno relógio de ouro a pedido de Kathleen.

– Devon – disse esta, arquejante, quando se encontravam ambos nus e ele se deitara a seu lado. – Devo confessar uma pequena prevaricação.

– Sim? – perguntou ele com os lábios colados à sua garganta e uma das

coxas entre as dela.

– Até há pouco não tinha verificado no calendário para ter a certeza de que con... – parou quando ele lhe roçou delicadamente os dentes na pele do pescoço – ...de que contei devidamente os dias. E já estava decidida a assumir a completa responsabilidade por... – a língua dele demorava-se na base do seu pescoço – ...o que aconteceu naquela manhã. Depois do pequeno-almoço. Lembra-se?

– Lembro-me – afirmou ele, descendo-lhe até aos seios com beijos.

Kathleen viu-se obrigada a segurar-lhe a cabeça entre as mãos, para o incitar a olhá-la e a prestar-lhe atenção.

– Devon. O que estou a tentar dizer é que posso tê-lo induzido em erro, ontem à noite... – Kathleen engoliu em seco e obrigou-se a terminar. – ...quando disse que me tinha vindo a menstruação.

Ele ficou muito quieto e fitou-a com o rosto desprovido de expressão.

– Não veio?

Ela abanou ligeiramente a cabeça, procurando ansiosamente o olhar dele.

– Na verdade, está bastante atrasada.

Devon levou-lhe uma mão ao rosto, os dedos compridos trémulos.

– Poderá estar grávida? – perguntou, com voz rouca.

Ela mal conseguiu ter fôlego para lhe responder.

– Tenho quase a certeza de que sim.

Devon contemplou-a, aturdido, com o rosto imediatamente ruborizado.

– Minha vida, meu amor, meu anjo!

Sem desviar o olhar, percorreu-lhe o corpo com beijos, acariciando-lhe docemente o ventre.

– Meu Deus. Está decidido: sou o estupor mais afortunado de Inglaterra – exclamou, rindo silenciosamente, acariciando-a com reverente ternura. – Também tenho boas notícias para dar, mas são insignificantes em comparação com as suas.

– Que notícias? – perguntou ela, brincando com o cabelo dele.

Ele preparava-se para responder quando pareceu ocorrer-lhe um novo pensamento. O seu sorriso esmoreceu numa expressão de perplexidade.

Mudando de posição para poder olhá-la diretamente nos olhos, disse:

– Não demoraria muito a notar-se o seu estado. O que iria fazer? Quando iria dizer-me?

Ela olhou-o com expressão envergonhada.

– Tinha pensado na hipótese de... ir para algum lado... antes que o descobrisse.

– Ir para algum lado? – repetiu, perplexo. – De me *deixar*?

– Não tinha decidido nada... – principiou Kathleen, em tom contrito.

Um grunhido grave interrompeu-a, não deixando qualquer dúvida quanto ao seu apreço por aquela ideia. Inclinou-se sobre ela, irradiando um calor atroz.

– Tê-la-ia encontrado. Nunca estará a salvo de mim.

– Nem quero estar... – principiou Kathleen, e teria dito mais, não fora ele reclamar a sua boca num beijo profundo e agressivo.

Devon agarrou-lhe nos pulsos e encostou-os ao colchão, acima da cabeça dela, por baixo de si. Segurando-a com o peso do seu corpo, penetrou-a com uma única estocada. A sensação daquele membro duro provocou em Kathleen um arrepio de prazer. Ele investiu mais profundamente, uma vez e outra, e ela mal conseguia respirar, mercê dos gemidos que lhe queimavam a garganta, as palavras semiformadas. Separou mais as pernas para tentar acolher o mais possível dele.

Ele reivindicava-a, tomando-a lentamente, parando quase impercetivelmente antes de cada investida para lhe permitir preparar-se para ele. Com os dedos entrelaçados nos dela, cobria-a vorazmente de beijos. O prazer avolumava-se em ondas crescentes, repetidas, que a faziam contorcer-se até deixar de conseguir articular-se com o seu ritmo.

Devon largou-lhe as mãos colocando-as sobre as ancas dela, imobilizando-a com firmeza contra a cama, não lhe permitindo qualquer movimento. Kathleen gemia, recebendo cada investida sem conseguir devolvê-la, enquanto a sua zona mais íntima se agitava convulsivamente como se procurasse compensar a imobilidade exterior.

Ele susteve a respiração quando a sentiu atingir o clímax, em estremecimentos de puro prazer que a elevavam com tal desespero que o seu corpo esguio quase soerguia o dele. Com um grunhido, Devon penetrou-a profundamente e estacou, inundando-a com o seu calor, enquanto ela se agarrava a ele com tudo o que tinha, deleitando-se com os seus espasmos.

Muito depois, de pernas e braços entrelaçados, falavam com vozes sonolentas, quando Devon murmurou:

– Amanhã diz à Helen que já não tem de se casar com o Winterborne?

– Sim, se o desejar.

– Ótimo. Há um limite para a quantidade de conversas sobre noivados que um homem consegue aguentar num dia.

Pegando no relógio de ouro, que continuava pendurado no pescoço de Kathleen, Devon desenhrou-lhe um rastro ocioso sobre o peito.

– Ainda lhe falta pedir-me em casamento – declarou ela, fazendo beicinho.

Ele não conseguiu resistir a segurar o lábio entre os dele e puxá-lo suavemente.

– Já o fiz.

– Quer dizer, como é devido, com um anel.

O relógio ascendeu pela curva do seu seio e o ouro, quente da sua pele, roçou-lhe o botão intumescido.

– Então, amanhã irei ao joalheiro. – Devon fez um sorriso rasgado ao ver o brilho de expectativa do olhar dela. – Agrada-lhe?

Kathleen assentiu, rodeando-lhe o pescoço com os braços.

– Adoro os seus presentes – confessou. – Nunca ninguém me ofereceu prendas tão bonitas.

– Meu doce – murmurou Devon, passando ao de leve os lábios sobre os dela. – Vou cobri-la de tesouros.

Deixando o relógio repousar entre os seus seios, acariciou-lhe o rosto e prosseguiu, em tom irónico:

– Suponho que queira um verdadeiro pedido de casamento, com joelho no chão e tudo.

Ela assentiu, com um sorriso divertido.

– Só porque adoro ouvi-lo dizer «por favor».

Os olhos dele cintilaram, risonhos.

– Então suponho que sejamos um par ideal. – Cobrindo intimamente o corpo dela com o seu, sussurrou: – Porque eu adoro ouvi-la dizer que sim.

EPÍLOGO

*N*ovamente a salvo, pensou Helen, deambulando sem destino pelas divisões do primeiro andar da Ravenel House. Após a conversa que tivera naquela mesma manhã com Kathleen, sabia que deveria sentir-se aliviada por já não se encontrar comprometida com Rhys Winterborne. No entanto, sentia-se assombrada e desorientada.

Não parecia ter ocorrido nem a Kathleen nem a Devon que a decisão quanto à sua relação com Rhys Winterborne devia ter sido dela. Compreendia que o haviam feito por amor e preocupação. Mas, ainda assim...

Fazia-a sentir-se tão sufocada como o seu noivo.

Quando disse que não tinha vontade de voltar a ver Mr. Winterborne, dissera, desgostosa, a Kathleen, era como me sentia no momento. Doía-me tremendamente a cabeça e estava muito desorientada. Mas não disse que não desejava tornar a vê-lo nunca mais.

Kathleen, radiante como estava, não pareceu apreciar a distinção.

– Bom, está feito, e tudo voltou a ser como devia. Podes tirar esse anel detestável, e mandamo-lo devolver de imediato.

Contudo, Helen ainda não retirara o anel. Olhou para a mão esquerda, vendo a luz das janelas da sala incidir no enorme diamante em corte rosa. Era pesadíssimo e estava constantemente a deslizar-lhe à volta do dedo, dificultando as tarefas mais simples. Até parecia que andava com um puxador de porta no dedo.

Oh, ter um piano!, pensou, desejosa de tocar uma música enérgica. Beethoven... ou Vivaldi.

O seu noivado terminara, sem que ninguém lhe perguntasse o que desejava.

Nem sequer Winterborne.

Tudo voltaria a ser como dantes. Deixara de ter o que a intimidar ou desafiar. Nenhum pretendente de olhos negros que desejava coisas que ela não sabia dar. Porém, não sentia o alívio esperado: a sensação de aperto que lhe oprimia o peito estava pior do que nunca.

Quanto mais pensava na última vez que vira Winterborne... Na impaciência dele, nos beijos insistentes, nas suas palavras amargas... Mais pensava que deviam ter falado sobre o que acontecera.

Ela, pelo menos, gostaria de ter tentado.

Mas provavelmente seria tudo pelo melhor. Ela e Winterborne não tinham sido capazes de encontrar um chão comum. Ele deixava-a nervosa e Helen tinha a certeza de que o aborrecia e não sabia como encontrar um lugar para si no mundo dele.

Contudo, gostava do som da sua voz, e da forma como ele a olhava. E da sensação que lhe proporcionava estar na iminência de descobrir algo novo e assustador, maravilhoso e perigoso. Sentiria a falta disso. Preocupava-a que ele pudesse ter sido ferido no seu orgulho e era possível que ele se sentisse perdido e só, tal como ela.

Enquanto se inquietava, de um lado para o outro, na sala, o seu olhar recaiu distraidamente sobre um objeto pousado em cima da mesa que dava para a janela. Arregalou os olhos ao constatar que se tratava da Vanda azul que lhe oferecera. A orquídea que ele não desejara, mas que levava consigo. Devolvera-a.

Apressadamente, aproximou-se da flor, perguntando-se em que estado estaria.

O brilho ténue do sol da manhã incidia sobre a mesa, fazendo cintilar partículas de pó em redor das folhas azul-claras. Profundamente desconcertada, constatou que as flores estavam radiantes, as folhas ovais estavam limpas e brilhantes e as raízes visíveis cuidadosamente podadas e humedecidas entre os pedaços de argila que as sustinham.

A Vanda azul não adoecera sob os cuidados de Winterborne... Pelo contrário, prosperara.

Helen inclinou-se sobre a orquídea para tocar no belo arco da haste com a ponta de um dedo. Abanando a cabeça de assombro, sentiu uma cócega no queixo e só percebeu que era uma lágrima quando a viu cair sobre umas das folhas da Vanda.

– Oh, Mr. Winterborne – sussurrou, levando as mãos às faces molhadas. – Rhys. Houve um engano.